



**Maria Gabriela
Benedeti**

Inter Gera Ação
**Um documentário sobre a criação intergeracional,
colaborativa e tecnologicamente mediada de um
guião**



**Maria Gabriela
Benedeti**

Inter Gera Ação
**Um documentário sobre a criação intergeracional,
colaborativa e tecnologicamente mediada de um
guião**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Carla Miguéis Amaro Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte, da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Professora Doutora Ana Isabel Barreto Furtado Franco de Albuquerque Veloso

Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Professora Doutora Anabela Dinis Branco de Oliveira

Professora Auxiliar da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro(Arguente)

Professora Doutora Ana Carla Miguéis Amaro

Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (Orientadora)

agradecimentos

Nada é mais valioso do que a interação entre as pessoas, pois nos permite transformar o mundo em que estamos e avançar. Deixo a minha gratidão sincera a todos que possibilitaram, o desenvolvimento deste projeto. Começando pela copa da árvore, agradeço a minha orientadora Professora Dr^a. Ana Carla Amaro, inicialmente pelo interesse científico do qual trata com carinho e seriedade e pela condução que me prestou ao longo deste projeto. A professora Dr^a. Lídia Oliveira que facilitou a minha aproximação com o grupo de estudo deste projeto. A Sandra Romano, diretora do Patronato de Nossa Senhora de Fátima, que acolheu a investigação com entusiasmo, fornecendo ajuda e transporte aos seniores do centro-de-dia. A Ana Janela, assistente social do centro-de-dia, que providenciou a participação dos seniores em todos os encontros, organizando a logística entre o centro e a UA. Ao Senhor Veiga, por ter me ajudado diversas vezes na iluminação da sala e montagem de equipamentos. Agradeço, feliz por tê-los tido como parceiros, aos participantes deste projeto, ao António, Clara, Maria, Madalena, Francisco, Bernardo, Salomé, Carolina, Raquel, Mariana e Ângela. Aos tantos amigos que configuram o tronco sólido, robusto e saudável desta árvore, que me guiaram e entusiasmaram com palavras de fé, sorriso e samba, à Nildoca Gama, minha hermana amada, extensão dos meus ouvidos e símbolo de resiliência, Mari Maciel, que sempre diz que tudo o que a gente quer se torna realidade, ao Jonny Vilnei, por tanto encorajamento e inspiração; à Alice Pumbaca, que acredita fielmente na Vida; à Telma, minha amiguinha eterna; JuJu Lobo, que contribuiu intelectual e emocionalmente para este projeto; ao meu Yglû Machado, por todos os ensinamentos que me transmitiu, sobre o audiovisual, mas, sobretudo, da Vida; à minha Likinha Kallas, irmã de constelações e de conversações; ao porto seguro que em tantos momentos me protegeu Celeste, Jonny, Vere, Paulo, Cristina; à minha Sarita Almeida, protetora dos bichinhos e das amigas; à minha Florita Queiroga, companheira da Vida que corrigiu os meus erros ortográficos; ao Klaas, meu querido clown, que atravessou tantas portas comigo. Deixo alegremente minha consideração por todos os meus amigos mais velhos que me emprestaram seus olhos e ouvidos para eu poder explicar e compreender as situações da vida: ao Andrew, Raquel, Carmo, Betão, Israel, Orlando, Elsa, António Luís, vocês também são responsáveis por isso! Agora que estamos no subsolo, sinto-me feliz por poder agradecer ao meu Bonitão Vitor Soares, que alimenta os meus sonhos, com amor e dedicação. A tua bondade floresce a cada dia e sou eternamente grata por ser o jardim onde repousas sob a luz da Lua. Gratidão meu Amor, por todos os passos dados, juntos, em direção ao amadurecimento e aprendizado espiritual. Aos meus sogros queridos Teresa e Álvaro, que me acolheram de braços abertos. Aos avós Albertina e José guardiões da bondade e que contribuíram imensamente para a realização deste trabalho durante o estudo piloto. Aos meus queridos e tantos irmãos que me ensinam e me motivam a viver, Pati, João, Guto, Paulo e Leo. Por fim, agradeço às raízes mais profundas da minha existência, gratidão eterna por minha mãe amada, guerreira, bruxinha do amor, que mesmo com o coração apertado pela distância, sempre me incentivou e me lançou para o espaço e além. Por fim, ao meu pai, querido amigo, coração sereno e alma pacífica, que me ensinou a beleza do silêncio, a importância do aprendizado e das "pequenas" coisas desse mundo.

Palavras Chave

relações intergeracionais, novos medias, guião colaborativo, documentário metalinguagem

Resumo

Portugal vivencia, atualmente, o paradoxo do envelhecimento, fenómeno provocado pelo paralelismo entre o aumento do envelhecimento populacional e a diminuição da população jovem ativa. O cenário se agrava mediante análise dos indicadores relacionados ao acesso às tecnologias da comunicação e literacia digital. Estes revelam que, a utilização destes dispositivos é comum, principalmente, e quase que restritamente aos jovens e aos adultos mais novos. O escalão etário acima dos 65 anos é o que tem menor representatividade quanto à apropriação dos novos media. Estes dois fatores exigem reestruturação, principalmente, a nível social e tecnológico, de forma a fomentar as relações entre os indivíduos, nomeadamente entre aqueles que se encontram na base do problema, os jovens e os seniores, a fim de minimizar o distanciamento entre estas gerações. Diante do cenário atual, a presente investigação tem como principal objetivo a produção de um documentário que enfatize as limitações e potencialidades, dado o contexto tecnológico atual, aferidos no relacionamento entre jovens e seniores. Desse modo, a investigação preocupa-se em compreender qual estratégia colaborativa deve ser adotada no desenvolvimento de um guião para um documentário, sobre o impacto das tecnologias e dos medias digitais nas relações intergeracionais. A investigação recorreu à abordagem metodológica qualitativa e de natureza descritiva, e apresenta como objetivo primeiro a produção de um documentário sobre o processo de criação de um guião, por um grupo de jovens entre os 15 e 17 anos de idade e seniores a cima dos 84 anos de idade, executado de forma colaborativa e tecnologicamente mediada. De acordo com a proposta do projeto foi selecionado, por conveniência, um grupo intergeracional que dispunham dos critérios de seleção estipulados. O enfoque da pesquisa concentrou-se na metodologia exploratória e de investigação-ação. A estratégia desenhada para a componente empírica permitiu a realização do documentário, bem como a elaboração colaborativa do guião, facilitando a compreensão sobre as características comportamentais dos indivíduos mediante as relações estabelecidas entre eles e os dispositivos da comunicação.

Key words

intergenerational relationship, new media, collaborative script, documentary metalanguage

Abstract

Portugal is experiencing the paradox of aging, a phenomenon caused by the parallelism between the increase of the population aging and the decrease of the active young population. The scenario is aggravated by analyzing the indicators related to access to communication technologies and digital literacy. These reveal that the use of these devices is mainly common and almost exclusively restricted to younger and younger adults. The age group above the age of 65 is the one that has less representation regarding the appropriation of the new media. These two factors require restructuring, especially at the social and technological level, in order to foster relations between individuals, especially those at the root of the problem, young people and seniors, in order to minimize the gap between these generations. In view of the current scenario, the main objective of the present research is the production of a documentary that emphasizes the limitations and potentialities, given the current technological context, as measured in the relationship between youth and seniors. Thus, research is concerned with understanding which collaborative strategy should be adopted in the development of a documentary script, on the impact of digital technologies and media on intergenerational relations. The research was based on a qualitative and descriptive approach, with the first objective being the production of a documentary about the process of creating a script by a group of young people between the ages of 15 and 17 and seniors above 84 years of age, executed in a collaborative and technologically mediated way. According to the project proposal, an intergenerational group was selected that had the required selection criteria. The research focus was on exploratory and action-research methodology. The strategy designed for the empirical component allowed the realization of the documentary as well as the collaborative elaboration of the script, facilitating the understanding about the behavioral characteristics of the individuals through the relations established between them and the communication devices.

Índice

Introdução	1
1 Das Gerações e seus Modos de Vida às Relações Intergeneracionais Mediadas pelas Tecnologias e Novos Media	7
1.1 As Gerações e os seus Modos de Vida: Breve Caracterização Demográfica e Socioeconómica da População Portuguesa	7
1.2 Panorama sobre as Relações Intergeneracionais não Parentais	9
1.3 Dos Velhos aos Novos Media: Alterações nos Paradigmas Comunicacionais . .	11
1.4 As diferentes gerações e a Utilização dos Novos Media	15
1.5 O Impacto dos Programas Intergeneracionais e das Tecnologias da Comunicação nas Relações Entre Gerações	17
2 O Documentário: Conceptualização Teórica e Prática	21
2.1 Breve Abordagem Diacrónica	21
2.1.1 Definição Dicotómica do Documentário	23
2.2 O Documentário Contemporâneo e o seu Contributo Sociocultural	25
2.2.1 Documentário Colaborativo	27
2.2.2 Metalinguagem no Documentário	29
2.3 Processo Criativo do Documentário	30
2.3.1 Pré Produção	30
2.3.2 Produção	32
2.3.3 Pós Produção	33
3 Investigação Empírica: dos Parâmetros Metodológicos à Execução do Estudo	35
3.1 Caracterização e Etapas da Investigação	35
3.1.1 Modelo de Análises	35
3.1.2 Caracterização da Investigação	38
3.1.3 Etapas da investigação e cronograma	40
Técnicas e Instrumentos para a Recolha de Dados	45
3.2 "Em volta de uma Conversa- O Estudo Piloto	46
3.2.1 Descrição do Estudo Piloto	46
3.2.2 Aspectos metodológicos do Estudo Piloto	47
O Grupo de Estudo	47
3.2.3 A Validação dos Instrumentos de Recolha de Dados	47
3.2.4 Apresentação dos Resultados das Entrevistas Semiestruturadas	49

3.2.5	O Documentário: Etapas de Produção	51
3.2.6	Considerações Finais Sobre o Estudo Piloto	53
3.3	Luzes, Câmeras, Ação – o Grupo de Estudo e a Estratégia Colaborativa . . .	55
3.3.1	O Grupo de Estudo	55
3.3.2	A Estratégia Colaborativa Adotada	56
1º	Encontro	58
2º	Encontro	60
3º	Encontro	62
4º	Encontro	65
5º	Encontro	66
4	Apresentação dos Dados e Análise dos Resultados: da Estratégia Colabo-	
	rativa ao Comportamento Intergeracional	69
4.1	Inquérito por Entrevista Semiestruturada	69
4.1.1	Aspetos de Socialização	70
4.1.2	Aspetos Tecnológicos	73
4.2	Diário de Campo	79
4.3	Análise de Conteúdo	87
4.3.1	O Guião – Conversas Entre Gerações	87
4.3.2	O Documentário	95
4.4	Considerações Finais sobre os Resultados Obtidos	100
5	Inter Gera Ação – Etapas de Produção do Documentário	105
5.1	Pré Produção	105
5.2	Diretrizes Iniciais	106
5.2.1	A Proposta	106
5.2.2	Pesquisa Literária	106
5.2.3	Filmografia	107
5.2.4	Seleção dos Indivíduos e Entrevistas	108
5.2.5	Locação e Equipamentos	108
5.3	O Guião	109
5.3.1	Guião literário	110
5.3.2	Guião técnico	110
5.4	Produção	111
5.5	Pós Produção	116
5.5.1	Edições Pontuais	116
5.5.2	Edição Final	119
	Conclusões	123
A	Transcrição das Entrevistas Semiestruturadas	127
A.1	António Ferreira Costa – 99 anos	127
A.2	Ângela Gaspar Carvalho – 16 anos	128
A.3	Bernardo Salgado Marques - 16 anos	131
A.4	Carolina Casqueira Carvalhosa - 16 anos	134
A.5	Maria Clara Gamelo Silva – 85 anos	137
A.6	Filipa Salomé Félix- 15 anos	139

A.7	Francisco Martins e Silva – 84 anos	141
A.8	Maria Madalena Maia Duarte - 85 anos	143
A.9	Mariana Reis Venâncio - 17 anos	146
A.10	Raquel Ruela - 17 anos	148

Lista de Figuras

1	Em Volta de uma Conversa - Plano da GoPro	52
2	Em Volta de uma Conversa - José a tocar teclado	52
3	Mesa Redonda	58
4	Púlpito	59
5	Estrelas - Grupo <i>Facebook</i>	60
6	Partilha Digital	61
7	Batata Quente	62
8	Teste de Produção	62
9	Produção 1	64
10	Produção 2	64
11	Entrevista com Francisco	74
12	Raquel a auxiliar Clara	80
13	Bernardo, Clara, Salomé e a <i>Tablet</i>	81
14	Mariana e António a interagir com <i>smartphone</i>	82
15	António e o seu telemóvel	82
16	Ângela a descobrir Francisco	83
17	Salomé a auxiliar António	83
18	<i>Selfie</i> Mariana, Clara e Raquel	84
19	<i>Selfie</i> Bernardo, António e Salomé	85
20	<i>Selfie</i> Carolina, Francisco e Ângela	85
21	Palete de Cores - Conversas entre Gerações	90
22	1ª Cena	91
23	2ª Cena	92
24	3ª Cena	92
25	4ª Cena	92
26	5ª Cena	93
27	6ª Cena	93
28	7ª Cena	93
29	8ª Cena	94
30	9ª Cena	94
31	10ª Cena	94
32	11ª Cena	95
33	12ª Cena	95
34	Visita da Clara ao grupo Estrelas	104
35	Palete de Cores - Inter Gera Ação	114

36	Edição Pontual - Produção 1	118
37	Edição Pontual - Produção 2	118
38	Edição Pontual - Produção 3	119
39	Edição Pontual - Produção 4	119
40	Correção de Cor	120

Lista de Tabelas

3.1	Tabela de índices	36
3.2	Continuação da tabela de índices	37
3.3	Cronograma	44
3.4	Nomes dos participantes do grupo de estudo	55

Introdução

A presente investigação está inserida no Mestrado de Comunicação Multimédia no ramo Audiovisual Digital, da Universidade de Aveiro e, modela-se, tendo em conta as principais alterações demográficas, sociais e tecnológicas e suas consequências à nível micro e macro sociológico.

O envelhecimento populacional configura-se, no contexto demográfico, como um dos fenómenos mais preocupantes do século XXI, pois, provoca reflexos "de âmbito sócio-económico com impacto no desenho das políticas sociais e de sustentabilidade, bem como alterações de índole individual através da adoção de novos estilos de vida"(INE, 2011). Nos últimos anos foram acentuadas as modificações demográficas que posiciona o continente Europeu, atualmente, com um dos mais envelhecidos. Assim, Portugal, em harmonia com os de mais países europeus, assinala o envelhecimento populacional com indicadores exorbitantes (Petrella et al., 2014).

O cenário demográfico contemporâneo leva a mudanças sociais ,entre as gerações, que são evidentes, por exemplo, na redução de espaços para a troca de afeto e de conhecimento. Esta situação gera um distanciamento entre as faixas etárias, principalmente, mediante aos mitos e estereótipos construídos por ambos os grupos (Beltrán & Gómez, 2013). A solidariedade advinda da relação entre gerações pode transformar o cenário do preconceito etário além de contribuir como exaltação da qualidade de vida, tanto para jovens como seniores (França et al., 2010).

O fenómeno demográfico em questão exige uma readaptação constante e dinâmica das políticas públicas, voltadas para os diversos setores sociais, que assegurem, de forma equitativa e de uma forma geral a qualidade de vida. Algumas investigações da área, apontam que os programas e as investigações voltadas para intergeracionalidade potencializam “o resgate da autoestima, a atualização frente os padrões, normas morais e sociais, a reciclagem frente aos novos conhecimentos e a continuidade das pessoas mais velhas como seres participativos da sociedade” (França et al., 2010, p.523).

Assim, "reposicionar o idoso no conjunto do sistema de relações intergeracionais constitui um imperativo democrático e um desafio político que as sociedades envelhecidas enfrentam"(Villaverde et al., 2013, p. 13).

Por outro lado, a emergência dos novos media, suportados pelas tecnologias da comunicação, modificam a estrutura social em diversos parâmetros. O indivíduo contemporâneo vivência os efeitos da reorganização da experiência, uma vez que as relações sociais, mesmo as que ocorrem em ambiente físico, são mediadas por dispositivos tecnológicos (Ferreira, 2004, p. 211).

Apesar de o aprendizado intergeracional ser frequentemente contemplado em programas educacionais e/ou digitais, muitos estão voltados para intergeracionalidade familiar, limitando-se ao ensinamento de leituras ou das tecnologias da informação e comunicação

(TIC), entre os membros de uma família, não promovendo a cidadania ativa e a solidariedade social (Watts, 2017).

Portanto, fomentar e facilitar a interação social e a dinâmica de aprendizagem e troca de conhecimento entre diferentes gerações, que não estabeleçam laços familiares, se faz elementar para minimizar as barreiras ao acesso e domínio digital, que possa contribuir a curto, médio e longo prazo para toda a comunidade, extrapolando o espaço familiar e promovendo a integração social comunitária. “O convívio intergeracional é um dos mais valiosos instrumentos para a quebra de preconceitos, para a passagem de conhecimentos, ajuda mútua, solidariedade e amizade” (França et al., 2010, p. 523).

Diversos programas intergeracionais, desenvolvidos com o intuito de minimizar os preconceitos relacionados a idade e valorizar a interação entre gerações, asseguram os benefícios acrescentados na vida dos indivíduos participantes. De uma forma geral, estes programas são eficazes na redução de estereótipos etários e na maximização de bem-estar dos membros das gerações mais velhas e mais novas (Lou & Dai, 2017).

Portanto, considerando as questões demográficas e sociotecnológicas, brevemente apontadas a cima e, mediante a área científica a qual enquadra-se esta dissertação, o principal objetivo da presente investigação é a produção de um documentário sobre o processo de criação, colaborativo, intergeracional e tecnologicamente mediado, de um guião.

Acredita-se que o documentário, enquanto artefacto audiovisual, mediante algumas características presentes no modo reflexivo de produção, configura-se como uma opção relevante para a documentação do processo de criação do guião, primeiro por constituir em sua essência a representação do real, mesmo que este fragmento da realidade esteja associada ao universo e a percepção do documentarista e, em segundo lugar, por contribuir enquanto conteúdo, votado para os novos media, que sensibilize o espetador às questões referentes a problemática das relações entre as gerações dado o contexto tecnológico atual.

Dessa forma, efetuou-se o desenho do programa intergeracional, a partir de uma estratégia para o desenvolvimento do guião que procurou estabelecer as tecnologias da comunicação, como as ferramentas utilizadas para a construção do guião, em suporte digital, a partir da colaboração entre indivíduos jovens e seniores.

Motivação

A principal motivação para o desenvolvimento da temática em questão, proposta pela coordenação de Mestrado em Comunicação Multimédia, da Universidade de Aveiro, foi, sobretudo, a possibilidade de produção e realização de um documentário, assente na metalinguagem, que evidenciasse e, conseqüentemente, contribuisse para as questões intergeracionais, não familiares, através de um processo colaborativo, que envolvesse jovens, seniores e as tecnologias da comunicação.

Mediante a estratégia prevista para tal efeito, seria possível aperfeiçoar os procedimentos pessoais de criação de um guião, bem como testar o método criativo, ao qual procuro me basear, através da colaboração intergeracional.

Com o documentário, e os artefactos audiovisuais provenientes da componente empírica da investigação, pretendia-se contribuir como conteúdo, voltado para os novos media, que pudesse suscitar a reflexão, sobre a problemática envolvente, através da ação e, por conseguinte, promover, tanto para os indivíduos participantes do grupo quanto para os espetadores do documentário, a minimização de barreiras que distanciam os diferentes grupos etários, e que

dificultam o acesso às TIC, principalmente aos seniores.

Questões de Investigação

Mediante as necessidades emergentes devido às alterações demográficas e a introdução e apropriação das TIC na rede social contemporânea, o objetivo primeiro desta investigação é a produção de um documentário, assente na metalinguagem, que evidencie o processo de construção criativo e colaborativo, entre jovens e seniores, de um guião facilitado pelas novas tecnologias da comunicação e dos novos media.

Quivy e Campenhoudt, afirmam que uma verdadeira pergunta de investigação deve apresentar qualidades de clareza, exequibilidade e pertinência. Partindo do princípio de que é a pergunta de investigação o fio condutor de todo o projeto, é necessário construí-la de forma a evidenciar aquilo que se pretende compreender e elucidar (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Assim, de acordo com as características apontadas pelos autores referidos, e a fim de alcançar o objetivo proposto, foram elaboradas as perguntas de partida para esta investigação:

- ☞ Que estratégia colaborativa, intergeracional, deve ser adotada na construção de um guião para um documentário, sobre o impacto das tecnologias da comunicação e dos novos media nas relações entre seniores e jovens?

Devido à natureza da pergunta estabelecida a resposta seria obtida progressivamente durante as etapa de pré produção do documentário, portanto, durante o planeamento dos encontros (destinados a construção do guião colaborativo) com os integrantes do grupo de estudo, que facilitou o desenvolvimento da investigação presente, como no decorrer dos encontros (processo descrito na componente empírica da investigação), uma vez que trata-se de um processo de investigação cíclico, flexível às necessidade emergentes.

Porém, a compreensão totalizadora sobre a eficiência da estratégia desenvolvida e aplicada seria obtida após análise do guião final desenvolvido pelo grupo. Assim, a segunda pergunta de partida desta investigação está relacionada à problematização da investigação, e configura-se em:

- ☞ Como se relacionam jovens e seniores, através da mediação das tecnologias da comunicação, em um processo de criação colaborativo de um guião?

Portanto, durante o processo criativo do guião procurou-se explorar de que forma o relacionamento era estabelecido entre os participantes do estudo mediante o acesso, utilização e partilha de dispositivos móveis de comunicação, bem como perceber quais os aspetos subjetivos de cada indivíduo relacionados à problemática.

Metodologia

A fim de assegurar, adequadamente, os fatores necessários para compreensão da problemática em questão a presente investigação é baseada na abordagem metodológica qualitativa e de natureza descritiva e o enfoque da pesquisa concentra-se na metodologia exploratória, investigação-ação e documentário interpretativo.

A investigação concretizou-se através de um grupo de estudo selecionado não aleatoriamente, por conveniência, representado por 6 jovens, entre os 15 e 17 anos, e quatro seniores, entre 84 e 99 anos, que se disponibilizaram a participar do estudo e apresentaram os critérios necessários, definidos durante o enquadramento metodológico da pesquisa, assegurados mediante a um inquérito por entrevista.

Vale ressaltar que, as limitações do desenho metodológico, adotado no desenvolvimento desta investigação, estão associadas à seleção do grupo de estudo, não aleatório, o que, reduz a generalização dos resultados, uma vez que não apresenta a mesma possibilidade de participação na investigação para todos os indivíduos da população, além do tempo de execução necessário para desenvolver a abordagem metodológica proposta.

Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em cinco capítulos, parte introdutória e conclusões, de forma a contemplar os elementos essenciais de uma investigação científica.

A dissertação inicia-se com a introdução da investigação, evidenciando as motivações pessoais da investigadora, as questões de investigação do presente estudo, as diretrizes metodológicas e, por fim, na presente sessão, as estrutura da dissertação.

Os primeiros dois capítulos, dedicam-se à descrição, a partir da exploração bibliográfica, dos conceitos/temas, bem como os domínios de interesse, as componentes, quando aplicáveis, e os indicadores orientadores da investigação. Portanto, os capítulos 1 e 2 são dedicados, respetivamente, às relações intergeracionais no contexto das TIC e ao conceito de documentário bem como a posição que este assume, como artefacto audiovisual, na contemporaneidade.

O primeiro capítulo está organizado em cinco secções, a primeira secção, compreende os aspetos demográficos, económicos e sociais dos jovens e dos seniores da sociedade portuguesa, traz uma perspectiva das gerações e seus modos de vida, bem como das relações intergeracionais no contexto tecnológico contemporâneo. A segunda secção refere-se às relações intergeracionais e viabiliza a reflexão sobre as motivações e necessidade no relacionamento entre jovens e seniores, bem como a emergência de políticas públicas centradas na união destas duas gerações. A terceira secção aborda desde o desenvolvimentos a introdução dos meios de comunicação na sociedade portuguesa e os paradigmas que acompanham tal evolução. A quarta secção decorre sobre como e de que forma as gerações de jovens e seniores apropriam-se e utilizam os novos media. A quinta e última secção deste capítulo transcorre sobre o impacto provocado pelas tecnologias da comunicação no contexto intergeracional não familiar, bem como os programas visam tal interação.

O segundo capítulo, debruça-se sobre o documentário em três secções. Na primeira faz uma abordagem diacrónica sobre a evolução do documentário como modo de produção fílmica e apresenta a discussão dicotómica em volta do conceito. A seguir, na segunda secção traz reflexões sobre o documentário contemporâneo, que abre discussão para conceitos como a colaboratividade e a metalinguagem nas produções documentaristas e, finaliza com a terceira secção sobre o processo criativo de produção de um documentário.

A segunda parte da dissertação foi desenvolvida em 3 capítulos e decorre sobre os procedimentos metodológicos definidos para a investigação e o estudo piloto, bem como a execução prática do estudo, a apresentação dos dados e análise de resultados e a descrição das etapas de produção do Inter Geração Ação, documentário produzido durante a componente empírica.

O terceiro capítulo é composto por 3 secções. A primeira aborda os parâmetros meto-

dológicos da investigação e apresenta o modelo de análise efetuado para a compreensão dos conceitos, a natureza e os enfoque metodológico, as etapas de investigação descritas pormenorizadamente, bem como, as técnicas e recolhas de dados definidas para o desenvolvimento empírico do estudo. A segunda secção decorre sobre o estudo piloto nomeado "Em volta de uma conversa", realizado em Angra do Heroísmo, Açores, a fim de, principalmente, aplicar, testar e validar os instrumentos de recolha de dados efetuados para a investigação em questão. A terceira secção têm por finalidade apresentar o grupo de estudo, que participou da presente investigação através das informações obtidas mediante a entrevista semiestruturada, e, apresentar, demoradamente, a estratégia colaborativa desenhada e aplicada na componente empírica do projeto, para a construção colaborativa do guião, descrita mediante os dias dos encontros.

O capítulo quatro apresenta-se em três secções, cuja primeira refere-se a apresentação dos dados obtidos a partir das três técnicas de recolha de dados definidos para a investigação, a segunda às análises efetuadas mediante a informação recolhida e, por fim, a terceira secção decorre sobre as considerações finais do capítulo, procurando avaliar as hipóteses, anteriormente elaboradas, mediante os resultados obtidos.

Por fim, o quinto capítulo desta parte e, portanto, o capítulo final da presente dissertação, procura transcrever, minuciosamente, as etapas do processo criativo do Inter Gera Ação, documentário resultante da investigação, portanto, divide-se em três secções, respetivamente, pré-produção, produção e pós produção.

A dissertação é finalizada com as conclusões, onde procurou-se 1-) rever, de forma breve, o processo de construção da investigação presente, abordando a contribuição de cada capítulo, bem como os objetivos alcançados e as respostas obtidas mediante as perguntas de investigação; 2-) apresentar, resumidamente, as limitações encontradas durante o percurso de investigação; 3-) mencionar os contributos científicos, no que diz respeito as relações intergeracionais e a interação digital, bem como à produção de um documentário colaborativo, assente na metalinguagem; 4-) expor perspectivas para futuras investigações enquadradas na mesma área de estudo.

Faz-se uma ressalva como tentativa de intensificar e consolidar a experiência do leitor, no que diz respeito a estratégia colaborativa, desenhada e aplicada, no projeto intergeracional, aqui descrito. Assim, para que se tenha uma absorção íntegra e coerente de todos os elementos que foram desenhados para a execução do projeto que viabilizou a construção do guião, recomenda-se a leitura seguida das seguintes partes: A subsecção 3.3.2 - A Estratégia Colaborativa Adotada, a secção 4.2 - Diário de Campo e, por fim a secção 5.4 destinada a Produção do documentário Inter Gera Ação.

Capítulo 1

Das Gerações e seus Modos de Vida às Relações Intergeracionais Mediadas pelas Tecnologias e Novos Media

Este capítulo, tem por finalidade a descrição dos modos de vida de cada geração de interesse para este estudo, bem como a caracterização das relações intergeracionais. Ainda conta com a análise e reflexão do desenvolvimento, introdução e acessibilidade dos novos media na sociedade portuguesa contemporânea, bem como as alterações subjetivas paradigmáticas, sentidas há nível individual e coletivo. Destina-se também a evidenciar aspetos de utilização e apropriação das novas tecnologias por parte dos jovens e dos seniores portugueses. Por fim, decorre-se sobre as relações intergeracionais não familiares e o impacto que a utilização das tecnologias da comunicação e dos novos media, podem acarretar na integração entre gerações e tecnologias digitais.

1.1 As Gerações e os seus Modos de Vida: Breve Caracterização Demográfica e Socioeconómica da População Portuguesa

Em Portugal, as alterações demográficas, causadas pelo envelhecimento populacional, já são objeto de estudo em diversas áreas científicas. Este fenómeno pode ser observado por dois tipos diferentes de envelhecimento, o envelhecimento na base, quando há uma diminuição da importância dos jovens em dada sociedade, ou seja, quando há uma diminuição da população jovem relativamente à outras classes etárias e, o envelhecimento no topo, quando se verifica um aumento da importância dos idosos em determinada sociedade. (Fernandes, 1997, p. 14).

Estas duas variações, em que se consolida o envelhecimento, estão associadas entre si: “foi a diminuição da importância quantitativa dos jovens que provocou o aumento da população idosa” (Fernandes, 1997, p. 14).

Esta relação de causalidade pode ser observada nas transformações populacionais ocorridas em Portugal. Recorremos há alguns indicadores estatísticos fundamentais para uma compreensão do estado de vida dos escalões etários, que representam o âmago desta inves-

tigação - em relação as situações demográfica e socioeconómica atual. Vale lembrar que a presente investigação tem como população alvo jovens, compreendidos entre os 15 e os 30 anos de idade, e seniores, acima dos 65 anos de idade. Os jovens, compreendidos entre os 15 e os 30 anos, correspondem a 16.1% da população total portuguesa e os seniores, com idade superior aos 65 anos, representam 26.9% (INE2016, 2016b). O indicador da população residente em risco de pobreza e exclusão social aponta para 26.6% do total da população jovem, e 27.3% do total da população sénior (INE, 2016c).

Verificou-se uma diminuição de 2.5% do índice de dependência total dos jovens nos últimos 15 anos, fenómeno consequente da diminuição do número de indivíduos deste grupo etário. Por outro lado, houve um aumento expressivo de 7.4% da dependência total dos idosos entre os anos de 2000 e 2015 (PORDATA, 2016).

Relativamente a taxa de risco de pobreza, de acordo com o grupo etário, o ano de 2015 registou que os indivíduos até 17 anos representam 22.4% de risco de pobreza, os indivíduos entre 18-64 anos representam 18.2% e, por fim, os seniores, acima de 65 anos representam 18.3% (INE, 2017).

O índice de sustentabilidade potencial, relação existente entre os indivíduos em idade ativa (15 -64 anos) e a população idosa (acima dos 65 anos), apurado nos Censos de 2011 era de 3,4 indivíduos ativos por casa idoso (INE, 2016b).

A situação demográfica atual decorre de uma combinação de diversos fenómenos, como os fluxos migratórios e os adventos realizados pela humanidade, à nível social, económico e biomédico (Villaverde et al., 2013). Entretanto, de acordo com Fernandes (1997), o fator natural mais expressivo, que contribuiu para este cenário, em Portugal, foi o declínio acentuado da fecundidade, além do aumento da esperança de vida possibilitado pelo equilíbrio entre natalidade e mortalidade.

Dessa forma, atualmente, contamos com uma pirâmide etária em desarmonia, uma vez que, a cada ano, notoriamente, concentra-se um maior número de pessoas no topo da pirâmide, ou seja, nas classes acima dos 65 anos e uma dispersão dos indivíduos na base ou nas classes abaixo dos 65 anos (INE, 2016b).

Assim, diante de uma população envelhecida, muitas questões referentes à inclusão social e à equidade económica devem ser repensadas e reestruturadas, a partir de intervenções políticas multifacetadas, a fim de suprir as necessidades emergentes. Afinal, o envelhecimento acentua os riscos, quer em relação à saúde, quer em relação à segurança social, portanto, é irrefutável uma reelaboração dos pilares do sistema, considerando a importância da "equidade das relações intergeracionais, em termos de transferências financeiras, da competição nos mercados de trabalho e do apoio mútuo de todas as ordens que devem supostamente existir entre as diferentes gerações" (Villaverde et al., 2013, p. 14).

Ora, se por um lado, o avançar da idade acarreta necessidades específicas em relação a saúde, mobilidade e socialização, que podem, por ventura, fragilizar a significação e importância social deste grupo de indivíduos, por outro lado, o sistema e os meios de comunicação, de uma forma geral, colaboram para uma construção social negativa em relação aos indivíduos fora de atividade.

Vale ressaltar que os problemas sociais caracterizam-se pela dificuldade de resolução, uma vez que direcionam o objeto do problema para uma parcela da população, em específico, e não para o sistema social em si (Britto & Motta, 2010).

1.2 Panorama sobre as Relações Intergeracionais não Parentais

Inicialmente, vale destacar que o conceito e a discussão atrelada ao termo geração, para então, orientar a reflexão, proposta para esta secção, sobre as relações intergeracionais na contemporaneidade, evidenciando as motivações e os interesses, a nível individual e coletivo, bem como as necessidades de políticas públicas voltadas para a aproximação intergeracional.

O conceito de geração vem sendo discutido desde os princípios da sociologia e ainda hoje, é relevante a dificuldade encontrada em delimitar o conceito, já que se trata de um termo polissêmico e de variabilidade constante em relação a posição geracional e etária dos indivíduos ao longo do tempo (Britto & Motta, 2010).

De acordo com Goldani, geração remete às “relações familiares aos grupos de idade e às coortes”, assim, o autor destaca quatro termos, utilizados pelas ciências sociais e políticas e com base nos estudos desenvolvidos por Bengston (1993), para a definição de geração: a) geração definida por indivíduos nascidos no mesmo intervalo de tempo, entre cinco a dez anos, portanto referente a um coorte de idade; b) geração caracterizada pela descendência parental portanto, operacionalizada a partir de uma linha cronológica que situa os membros da família em diferentes gerações; c) geração enquanto histórica; d) geração definida por escalões de idade ou grupos etários (Goldani, 2004, pp. 225-226).

De acordo com Britto & Motta (2010), geração abrange o sentido macrossociológico, e designa um coletivo de indivíduos que vivem em um mesmo período de tempo e “têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal” (Britto & Motta, 2010, pp. 128–129).

Em um sentido amplo o conceito de geração representa o ponto de ocupação e atuação do sujeito em um grupo de idade ou ainda em um grupo de socialização. Essa posição se altera e se modifica com o avançar da idade, implicando um conceito dinâmico e flexível. Mediante os interesses e objetivos estipulados no estudo decorrente, o conceito de geração, acima apresentado, se faz pertinente e satisfatório uma vez que os participantes da investigação não apresentam laços familiares e ocupam posições em grupos de idade e, conseqüentemente, em grupos sociais bastante distintos. Assim, relações intergeracionais podem ser compreendidas como o elo de ligação entre indivíduos de diferentes idades que possibilita a troca de experiências, entretanto, a forma como cada um se envolve na relação é fator determinante para o “crescimento físico, social e emocional de ambos, provocando um impacto enorme no seu desenvolvimento, relacionamento e conhecimento pelas gerações mais novas ou mais velhas” (Oliveira, 2011, p. 7).

Uma das abordagens que faz referência ao conceito de geração é a teoria sociológica da estratificação por idade, “tradicionalmente utilizada nas análises do vínculo entre as relações intergeracionais e o bem-estar” (Goldani, 2004, p. 226). É a partir desta abordagem que se retiram os fundamentos do modelo de equidade intergeracional, que, de acordo com a autora, “assume que as divergências entre os grupos de idade são marcantes e que os mais jovens, os adultos e os idosos competem por recursos escassos” (Goldani, 2004, p. 227).

O modelo de equidade intergeracional apontam os valores de reciprocidade e equidade entre às gerações como fatores essenciais às políticas sociais, porém, o modelo, como na maioria dos modelos económicos ortodoxos, tende a designar os idosos como um grupo homogéneo e improdutivo ao reforçar a imagem de desequilíbrio entre os gastos públicos destinados aos seniores em contra partida aos gastos efetuados com as crianças. Assim, corrobora para a

ideia de conflito entre gerações (Goldani, 2004).

A autora afirma que mesmo mediante a tendência de maiores gastos direcionados aos idosos, “não se observam medidas ou evidências qualitativas sobre tensões ou conflitos entre idosos e crianças” (Goldani, 2004, p. 232), e ressalta a ideia de que o interesse pelo conflito de gerações acontece devido à limitação do cenário em uma imagem estática dos indicadores de desigualdade do país, imagem sustentada pelos fundamentos do modelo acima referido. Por outro lado, alega que a assimilação negativa sobre o envelhecimento populacional, principalmente a nível económico, já que o aumento da população idosa representa um maior gasto público em previdência social, conduz a um pessimismo generalizado (Goldani, 2004, p. 232).

A representação social de um grupo de indivíduos na sociedade contemporânea conduz, de uma forma generalizada, a comportamentos sociais capazes de, por um lado, quando a representação é positiva, incluir os cidadãos nos núcleos sociais, permitindo aos indivíduos voz ativa e participação plena nos direitos cívicos e na construção de cidadania, como, por outro lado, quando a representação é depreciativa, pode reforçar a exclusão destes indivíduos rejeitados pela sociedade, caracterizando em um problema individual e coletivo.

Historicamente as sociedades se desenvolveram em dois critérios essenciais à organização e integração social, a idade e o sexo. Entretanto, foi construído, paralelamente, outras formas de organização que contribuíram e reforçaram a marginalização e exclusão de indivíduos mediante sua idade e sexo, assim, os princípios sociais atuais, estão assentes em sexismo (preconceito de género) e etarismo (preconceito de idade) (Britto & Motta, 2010).

Por outro lado, Xiberras afirma que as formas de exclusão mais perceptíveis são consequência de uma rejeição por aqueles que rompem os limites da normalização social, portanto, diante de um modelo social, dominante, baseado no desenvolvimento económico, “todos aqueles que recusam ou são incapazes de participar no mercado serão logo percebidos como excluídos” (Xiberras, 1993, p. 28).

Segundo o autor, este tipo de exclusão está assente na descontinuidade do laço social tanto do indivíduo para os outros atores sociais, como do indivíduo para o universo em comum de representações, partilhado por ele e pelos outros indivíduos, colocando em causa o reconhecimento de si próprio. Entretanto, ressalta que existem mecanismos de exclusão dissimulados, que podem ser entendidas como a suspensão de laços simbólicos, “isto é, do vínculo de adesão que liga os atores sociais a valores ou, mais simplesmente, uma rutura que procede por quebra de sentido” (Xiberras, 1993, p. 33).

De fato, a revisão de literatura, revela que os fatores que corroboram o preconceito, o idadismo, direcionado aos seniores, são, por um lado, o rótulo, de carácter económico, de improdutividade e incapacidade, reforçada pelo afastamento do sénior do mercado de trabalho e a atribuição da reforma, associada aos gastos públicos, e, por outro viés, o rótulo de carácter social, atribuído com a alteração no comportamento social, provocada pelas necessidades física e emocional que emergem com o avançar da idade.

O fenómeno do envelhecimento leva a mudanças sociais entre as gerações, que são evidentes, por exemplo, na perda de espaços para a troca de afeto e de conhecimento. Esta situação gera um distanciamento entre as faixas etárias, principalmente, mediante aos mitos e estereótipos construídos por ambos os grupos (Beltrán & Gómez, 2013). Portanto, com as transformações provocadas pelo envelhecimento populacional se faz relevante a formulação de políticas voltadas para a convergência dos diferentes grupos etários.

Fernandes salienta que as políticas públicas desenvolvidas, mais recentemente, para atender a problemática demográfica são estruturadas tendo como finalidade promover assistência aos seniores, entretanto, acabam por reforçar a segregação dos indivíduos “ao agregarem as

peças acima de uma categoria de idades fixa em torno de práticas e consumos que lhes são restritas” (Fernandes, 1997, p. 9).

Mesmo diante de ambientes públicos coletivos, destinados ao convívio social, em que os idosos e outros atores sociais poderiam interagir e se relacionar entre eles e com outras gerações, mesmo estes espaços promovem a exclusão social, quando não cobrem as necessidades destes indivíduos Serrão (2008).

Vale enfatizar a necessidade de promover ligações entre as pessoas mais velhas e mais jovens, a fim de promover o intercâmbio de solidariedade e de prazer, providenciando meios para que, por um lado, os jovens possam receber orientação, experiência, conselhos e sabedoria, e, sobretudo que possam se sensibilizar sobre o processo de envelhecimento e o ciclo de vida e mudar formas negativas de pensamento para não contribuir com o fortalecimento do estigma que a sociedade cria em relação a esta fase da vida.

Por outro lado, os encontros intergeracionais, possibilitam aos seniores uma interação sobre os hábitos contemporâneos, nomeadamente, modificados pela introdução das novas tecnologias da comunicação e, conseqüentemente, dos novos media, além de reforçar a aspetos fundamentais da qualidade de vida, promovendo o bem-estar social, físico e mental (Beltrán & Gómez, 2013). O envelhecimento evidencia riscos de estigmatização, “seja a discriminação excludente ou o preconceito paternalista, condescendente e menorizante em relação aos chamados “velhos” (Villaverde et al., 2013, p. 13). Portanto, “reposicionar o idoso no conjunto do sistema de relações intergeracionais constitui um imperativo democrático e um desafio político que as sociedades envelhecidas enfrentam” (Villaverde et al., 2013, p. 13).

Assim, destaca-se a importância de encontros intergeracionais que promovam e facilitem a solidariedade interpessoal, a assistência mútua entre os idosos e os jovens. Para tanto, é fundamental a disponibilização de espaços, adaptados a todos os indivíduos, para que a colaboração intergeracional seja efetivada, através de conversas e encontros entre diferentes gerações. Estudos recentes mostram que ainda não existem, de forma suficiente, oportunidades de ação coletiva entre as gerações, não há possibilidade de encontros para que jovens e seniores possam, em um processo de interação, trabalharem conjuntamente em projetos (Beltrán & Gómez, 2013).

Portanto, é fundamental formular políticas sociais de forma a orientar e apoiar as iniciativas de fortalecimento das relações intergeracionais, tanto há nível familiar, como comunitário (Beltrán & Gómez, 2013), capazes de combater e reverter a imagem do sênior na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que promove verdadeiramente equilíbrio económico, político e social entre os indivíduos da sociedade, através de programas que incentivem e possibilitem o encontro e a produção intergeracional.

1.3 Dos Velhos aos Novos Media: Alterações nos Paradigmas Comunicacionais

Antes de recorrer ao desenvolvimento e surgimentos dos meios de comunicação de massa, abordar-se-á, brevemente, o conceito de comunicação, sob à perspectiva de Adriano Duarte Rodrigues que utiliza a definição de Randall Collins para explicar sobre os elementos que compõe o conceito.

Collins parte da ideia de que comunicação é “a atividade social em que nos envolvemos sempre que encontramos pessoas que reconhecemos, mútua e reciprocamente, como parceiros de interação, pessoas que estão presentes no mesmo ambiente e que tem a sua atenção focada

no mesmo ponto de atenção” (Rodrigues, 2001, p. 4).

Rodrigues reconhece o encontro como o elemento primeiro do processo comunicacional e afirma “o encontro que se dá face a face, no mundo constituído pela linguagem tem a propriedade de jogar com todas as dimensões possíveis da atividade comunicacional” (Rodrigues, 2016a, p. 4). O autor refere que os encontros ocorrem no segundo elemento: o ambiente. Este pode ser, físico, o que suscita emoções intensas, ou ambientes mediados por dispositivos, que só proporcionam a mesma intensidade emocional, quando possibilita a perceção do outro (Rodrigues, 1990, p. 9).

O terceiro elemento é o reconhecimento mútuo e recíproco; fundamental para que haja de fato um encontro. Não basta estar no mesmo ambiente, seja este físico ou mediático, é necessário reconhecer os parceiros comunicacionais, é preciso que, e somente se, a atenção destes parceiros estiver sobre o mesmo foco de atenção, para que, então se inicie a atividade comunicacional (Rodrigues, 1990).

Mediante a natureza do homem em estabelecer práticas de interação social e, com o desenvolvimento da linguagem, em diversos domínios, deu-se o desenvolvimento de dispositivos mediáticos “no sentido de um aumento da representação corporal das pessoas nos ambientes que eles criam, tornando-a cada vez mais próxima da perceção da presença corporal nos ambientes físicos”(Rodrigues, 2001, p. 7).

Portanto, de acordo com Bourdon, para iniciarmos o entendimento sobre o que são os media, é preciso considerar quatro dimensões, sob as quais todos os media estão estruturados: técnica, organização, conteúdo e público (Bourdon, 1997). A técnica, mencionada pelo autor, é perceptível quando se trata da evolução e aperfeiçoamento de determinado media. O jornal, por exemplo, mesmo existindo desde o século XV e tendo alguma quantidade de publicação relevante, foi somente no início do século XIX que o prelo de madeira foi mecanizado, possibilitando a produção massiva dos jornais. Entretanto, há um equívoco relacionado aos nomes das técnicas, que por vezes, é utilizado para designar as entidades organizacionais que gerem determinado media (Bourdon, 1997).

A segunda dimensão referida por Bourdon, diz respeito à organização. O autor afirma que “os media correspondem também a um novo tipo de organização, uma categoria particular no seio da sociedade industrial” (Bourdon, 1997, p. 8). Esta nova organização corresponde as entidades, de natureza privado ou público, que contribuem na produção e disseminação dos media, como as empresas de imprensa, o organismo televisivo, as sociedades produtoras de cinema, entre outros (Bourdon, 1997).

Uma das características da sociedade moderna, de acordo com o autor, se revela diante do consumo da terceira dimensão dos media, o conteúdo. Assim, a informação, quer disponibilizada em texto, quer em imagens fixas, em movimento ou em áudio, é a contribuição decisiva dos media (Bourdon, 1997).

Por fim, o autor decorre sobre o público para finalizar as dimensões que compõe o universo dos media e alerta ao fato de que o poder destes meios de comunicação, está associado, “a amplitude da difusão que se visa, que receia ou se almeja utilizar” (Bourdon, 1997, p. 9).

Considerando a definição, sugerida por Rodrigues (2016b, p. 15), de Tecnologias da Informação e Comunicação como sendo o conjunto de tecnologias que assegurem "a produção, o acesso e a propagação de informações, assim como tecnologias, que permitiram a comunicação entre pessoas", e, dispensando atenção aos domínios dos media, acima mencionados, façamos uma revisão evolutiva, breve, do desenvolvimento das tais «tecnologias intelectuais», como referido por Carr (2012).

A intensificação dos media de massas se deu no início do século XIX e ao longo destes

dois séculos, presenciamos a existência da imprensa, possibilitada pela linguagem escrita, a fotografia, reprodução de imagem estática, o cinema, reprodução de imagem em movimento, o rádio, a transmissão simultânea do som, e a televisão, transmissão simultânea de som e imagem (Bourdon, 1997).

De acordo com McLuhan, “a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência, ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (McLuhan, 2011, p. 22).

A evolução dos dispositivos mediáticos aconteceu mediante a reciclagem e a transformação de cada médium anterior (Bourdon, 1997). A imprensa escrita inicia-se a partir dos folhetins de romances e é introduzida no ocidente por Gutenberg durante o século XV. O primeiro periódico mensal impresso em Portugal assinalou o ano de 1641 (Rodrigues, 1999a).

Com o advento da *Internet* e a apropriação dos novos media por parte da população portuguesa, sobretudo jovens e adultos mais novos, é fundamental para a sobrevivência dos órgãos de imprensa que estes consigam estar presentes nestes novos meios de comunicação e informação e disponibilizar o conteúdo através dos medias digitais.

“Historicamente, a fotografia e, posteriormente, o cinema das primeiras décadas eram tratados como possibilidade de reprodução do real” (Baltar, 2004, p. 150). Com o passar dos anos a fotografia tornou-se um meio para a “fixação da memória de momentos notáveis, tanto da vida coletiva como da vida individual” (Rodrigues, 1999a, p. 83). O aprimoramento da técnica e a industrialização dos dispositivos fotográficos induziram a apropriação das máquinas por diversas entidades tanto individuais quanto coletivas.

Assim, em pouco tempo assistimos a uma generalização da captação fotográfica para variados fins, como propaganda política, registos de investigações sociais, documentos judiciais, mas, sobretudo, com finalidade jornalística; a partir de então, surge o foto-jornalismo, datado oficialmente em 1928 por Erich Salomon (Rodrigues, 1999a, pp. 81–82).

De acordo com Susan Sontag, “a subsequente industrialização da tecnologia da câmara apenas concretizou uma promessa inerente à fotografia desde os seus primórdios: a democratização de todas as experiências através da sua tradução em imagens” (Sontag, 1981, p. 8).

Atualmente a fotografia é possibilitada até mesmo por dispositivos destinados inicialmente para outros fins, como é o caso dos telemóveis e está inserida não somente em todas as casas e eventos familiares, mas também em todos os contextos sociais, praticada amplamente por multidões, “o que significa que como toda manifestação artística de massa, ela não é praticada pela maioria das pessoas como arte” e sim, “sobretudo como rito social, defesa contra a ansiedade e instrumento de poder” (Sontag, 1981, p. 8).

O cinema e a televisão buscaram inspiração, sobretudo, na arte teatral enquanto o rádio e ainda a televisão, alimentaram-se das músicas clássicas, do circo e do cabaré (Bourdon, 1997).

O cinema surge no final do século XIX, com as projeções dos primeiros vídeos gravados pelos irmãos Lumière (da Silva & Lira, 2011). A televisão surge em Portugal em meados da década de 1950 e passa a transmitir conteúdos a cores com o surgimento de empresas privadas em 1980. Logo, os televisores tornam-se predominantes nos lares portugueses e, por isso, passa a ser transversal a todas as gerações (Pereira, 2011).

De acordo com Rodrigues, “a omnipresença dos media acentuou-se ainda mais, durante os anos 90, com a rápida generalização da telemática e dos multimédias” (Rodrigues, 1999a, p. 1).

O surgimento dos novos media acontece à medida do desenvolvimento da infraestrutura básica de suporte dos dispositivos, a *Internet*; desenvolvida a fins militares e instalada na

década de 70 do século passado. Castells refere-se à *Internet* como sendo “simultaneamente o instrumento chave e o símbolo deste novo sistema tecnológico” (Castells et al., 2000, p. 20).

A *Internet* pode ser entendida como uma rede interligada por linguagem informática que possibilita não somente a comunicação entre qualquer ponto territorial, até mesmo em tempo real, como o acesso a qualquer tipo de informação digital; “é um meio de comunicação livre e interativo” (Castells et al., 2000, p. 20).

Em *Os Superficiais*, o autor faz referencia a quatro categorias de tecnologia, sendo a quarta uma apropriação, nomeada por Jack Goody e Daniel Bell, como as «tecnologias intelectuais», que, por sua vez, representam “um poder maior e mais duradouro sobre o que, e como, pensamos” (Carr, 2012, p. 64).

“A designação de novos media contempla os vários meios de comunicação que permitem a interação entre utilizadores” (Pereira, 2011, p. 15), e, representam um modo de vida onde todas as representações audiovisuais estão ligadas à realidade material, simbólica e artificial (Sekhar, 2016, p. 5).

De fato, “uma das grandes potencialidades dos novos media passa pelo afastamento da passividade do utilizador, este concentra em si capacidades que lhe permitem assumir um papel mais ativo e determinante no que respeita ao uso e consumo dos novos media” (Pereira, 2011, p. 15). Talvez seja este o fator de maior alteração atrelado ao processo comunicacional, pois revela a possibilidade a autonomia no processo construtivo de conhecimento e comunicação.

Assim, os novos media, podem ser entendidos como “meios mediadores da comunicação que introduzem novidade, ao incorporarem novas dimensões tecnológicas e ao colaborarem sobre uma mesma plataforma tecnológica, de forma inédita, dimensões de comunicação interpessoal e de mass media” (Ferreira, 2004, p. 211).

Tal definição ainda compreende os novos media como “indutores de mudança organizacional e de novas formas de gestão do tempo” uma vez que, a partir das novas formas de produção e transmissão, suscitam uma reconstituição social (Ferreira, 2004, p. 212).

Portanto, após estabelecer a definição sobre os novos media adequada às necessidade do presente estudo, procuraremos conhecer quais as alterações provocadas pela utilização destes meios de comunicação nas esferas individual e coletiva. Existe uma conformidade entre os autores das diversas áreas, cujo interesse intersecta o universo dos meios de comunicação, à respeito das alterações e modificações provocadas pelos dispositivos da informação e comunicação, no indivíduo e nas sociedades hipermediatizadas, que podem ser caracterizados de forma positiva e/ou negativa.

Mesmo diante das investigações científicas publicadas há mais de uma década, ou seja, período prévio à generalização massiva destes dispositivos, já se mostrava evidente o processo de transformação do indivíduo, do meio e das relações sociais, sujeitos à mediação das Novas Tecnologias da Comunicação (NTC).

Em um estudo, desenvolvido no último ano do século passado, intitulado *O Futuro da Internet*, nos deparamos com a ideia de que a comunicação humana sempre esteve estruturada em rede, entretanto, com a emergência das Redes e Serviços Telemáticos, possibilitado pela convergência das tecnologias da informática e telecomunicações, as redes tornaram-se complexas e transformaram a interação entre os indivíduos “que passaram a ter a possibilidade alargada de estabelecer redes intersubjetivas independente dos constrangimentos espaço-temporais dos seus parceiros de interação” (da Silva, 1999, p. 54).

Em uma perspectiva, mais recente e que sugere uma observação do indivíduo para o coletivo, Carr, afirma que as “tecnologias intelectuais” tem a capacidade de alterar “concretamente

o modo como falamos e ouvimos ou como lemos e escrevemos. Elas podem aumentar ou diminuir o nosso vocabulário, modificar as normas de dicção ou a ordem das palavras, ou encorajar sintaxe mais ou menos complexa" (Carr, 2012, p. 71).

"A tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência, modificando-os" (Ferreira, 2004, p. 213).

Também há uma perspectiva mais alargada, focada nas mutações provocadas no modo de produção subjetivo e que gera alterações à nível psicológicas e sociais devido "a dinâmica dos processos tecnológicos e igualmente pela instauração de novos níveis de reflexão e de exercício crítico – associados a dinâmicas diferentes entre produção/recepção discursiva" (Ferreira, 2004, p. 214).

Em certo ponto, as novas tecnologias da informação permitiram alterações vantajosas, como nova forma de gestão e de cultura, novas formas de experiência, redução do espaço-tempo, constituição de ambientes virtuais e de anonimato, e dispersão de fronteiras, o que contribuíram com a reflexão sobre como pensar e se relacionar ao possibilitar contacto imediato com outros povos (Castells et al., 2000; Ferreira, 2004; Rodrigues, 1999b).

Por outro lado, a estas novas tecnologias está associado uma série de transformações danosas, visto que a democratização tanto dos próprios dispositivos mediadores como da literacia necessária para a apropriação da infocomunicação, ainda não é uma realidade global generalizada independente da classe social, gênero, idade e origem natural.

Como salientado por Castells, "também surgiram novos problemas sociais e novas formas de reivindicação e mobilização da cidadania, uma vez que nem só de tecnologia vivem as pessoas" e reforça a ideia de que a modernidade informática não elimina os problemas de natureza social ou político, pelo contrário, em algumas circunstâncias, estes problemas podem ser acentuados (Castells et al., 2000, p. 21).

Portanto, parte-se para uma análise das duas gerações que configuram o cerne desta investigação, sobre como utilizam e se apropriam dos novos media, para então, prosseguir com uma análise direcionado aos impactos provocados pelos novos media nas relações intergeracionais.

1.4 As diferentes gerações e a Utilização dos Novos Media

Partindo do princípio da não democratização do acesso aos novos media e a fim de caracterizar a utilização e apropriação destes por parte da população portuguesa, nomeadamente entre os jovens e seniores, segue um panorama inicial, através de indicadores estatísticos sobre a sociedade da informação e tecnologia.

A seguir, apresenta-se uma reflexão sobre o conhecimento quantitativo e, primordialmente, qualitativo, construído por algumas das investigações, que configuram o estado da arte desta pesquisa e, que apresentam, pelo menos parcialmente, os mesmos interesses de pesquisa.

O acesso à *Internet* e, conseqüentemente, o uso dos novos media é um comportamento cada vez mais frequente no dia-a-dia dos portugueses, que superam, em determinados indicadores a média da União Europeia.

De acordo com o Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias, divulgado recentemente pelo INE, as famílias, utilizam, principalmente, os telemóveis (78%) e os computadores portáteis (73%) para aceder à *Internet* (INE, 2016a).

O inquérito traz resultados interessantes do ponto de vista da generalização das novas tecnologias da comunicação. Aponta que 74% das famílias têm acesso à *Internet* em casa e

a maioria o faz por banda larga. Também 74% dos indivíduos entre os 16 e os 74 anos, já utilizaram *Internet*, e procuram, principalmente, por conteúdos de vídeo (82%), por pesquisas na web (62%) e, por programas de televisão (60%). Registou um acréscimo, significativo, de utilização da *Internet* entre os indivíduos dos 45 aos 54 anos (INE, 2016a).

Ainda de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016a), o acesso à *Internet* em mobilidade aumentou de 35%, em 2012, para 72% em 2016, este valor iguala a média da União Europeia em 2015. Em relação à participação nas redes sociais, Portugal destaca-se por 8 p.p. comparado à UE, registando um valor de 74% em 2016.

Entretanto, diante dos dados organizados por escalões etários, o cenário é menos favorável. A percentagem de utilizadores de computador do total da população jovem, entre 16-24 anos é de 99.3% e os jovens entre 25-34 anos é de 97.2%, contudo, a percentagem entre os seniores acima dos 65 anos é 28.4% (Gustavo et al., 2015). Apesar de esta percentagem ter aumentado em quase 26 p.p., ainda se trata de números tímidos, comparativamente à percentagem de jovens.

Em relação à utilização de *Internet* a discrepância não se modifica. Em 2014 registou 99.4% de jovens entre os 16-24 anos e 94.7% de jovens entre os 25-34 anos, porém, somente 23.1% dos seniores utilizaram *Internet* (Gustavo et al., 2015).

Algumas investigações, inseridas na área da ciências sociais, comunicação e tecnologia, levantadas durante o estado da arte, apresentaram resultados coerentes aos do Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias e permitem ter uma maior compreensão, à nível qualitativo, de como as diferentes gerações utilizam e se apropriam dos novos media.

No estudo realizado por Lopes (Lopes, 2015), que procurou compreender de que forma diferentes grupos geracionais (jovens, adultos e seniores) se apropriam dos meios de comunicação de massa, nomeadamente, jornal, rádio, televisão, *Internet* e telemóvel, foi possível compreender que tanto os jovens como os adultos são fluentes na utilização de todos os meios de comunicação evidenciados. Entretanto, os seniores preferem a televisão e declaram não saber utilizar a *Internet* e algumas funções dos telemóveis, mas, demonstraram-se interessados na aprendizagem e utilização desses meios.

Relativamente aos resultados obtidos em uma investigação sobre os usos e motivações da *Internet*, bem como de dispositivos que acedam à *Internet*, realizado em Lisboa (2008-2010), verificou-se que em relação à utilização de computadores e telemóveis, as variáveis significativamente correlacionadas são idade e nível de instrução, assim, “quanto mais velhos e quanto menor o nível de instrução dos inquiridos, menos probabilidade tinham de usar estas duas tecnologias” (Neves & Amaro, 2015, p. 5).

A investigação Novos Medias e Relacionamentos Inter-geracionais abordou as principais afetações dos novos media nas relações tradicionais entre as gerações familiares. Constatou uma significação maior relativamente ao comportamento colaborativo ao conflituoso e registou a partilha de informação e conhecimento dos mais jovens para os mais velhos na orientação de usabilidade dos novos media (Pereira, 2011).

Foi também destacado que “as gerações mais novas têm a perceção de “mais” saber em relação às gerações dos pais no que toca ao trabalho e às tecnologias”, entretanto, que estes não evitam ou desistem de conversar com os pais e/ou avós sobre assuntos referentes às novas tecnologias (Pereira, 2011, p. 108).

Os estudos apresentados estabelecem uma relação de causalidade mediante os resultados encontrados. Se por um lado há evidência do espírito de colaboração e partilha de informação, dos mais jovens, cujo nível de literacia mediática é maior, para os seniores, cujo nível o

é drasticamente menor, mas, devido ao fator de interesse em obtenção de literacia digital, declarado por estes indivíduos, há uma facilitação no envolvimento entre estes dois perfis de indivíduos.

Ora, a partir dos resultados obtidos nos estudos aqui apresentados, especificamente a existência de um consumo exponencial de dispositivos da comunicação e dos novos media, bem como o entusiasmo colaborativo, por parte dos jovens, aliado há uma vontade/necessidade de literacia infocomunicacional, por parte dos seniores, determina-se um caminho possível para o estabelecimento de atividades comunicacionais, voltadas tanto para a resolução do problema ou redução da exclusão infocomunicacional, como para o fomento às relações intergeracionais.

Afinal, e de uma forma generalizada, os indivíduos que utilizam as novas tecnologias da comunicação e informação são seres, essencialmente sociais, que procuram contribuir e usufruir de um coletivo através da produção, absorção e transformação da informação. Esta interação em rede depende do “seu enraizamento pessoal a nível local e a nível ciberespacial” (da Silva, 1999, p. 59), e normalmente, recorre-se às «tecnologias intelectuais» com objetivo de moldar a identidade pessoal e coletiva, além de estabelecer relações com o outro (Carr, 2012).

1.5 O Impacto dos Programas Intergeracionais e das Tecnologias da Comunicação nas Relações Entre Gerações

Para proceder a uma reflexão sobre como as tecnologias da comunicação impactam as relações intergeracionais é preciso considerar alguns fatores pertinentes para o que se pretende para esta sessão.

O primeiro fator diz respeito a abordagem, quase que exclusiva, dos programas intergeracionais voltados aos núcleos familiares. Parte significativa da literatura científica está restrita ao entendimento e à exploração de relacionamentos intergeracionais parentais, limitando-se ao ensinamento de leituras ou TIC, por parte dos netos ou filhos, não promovendo a cidadania ativa e a solidariedade social (Watts, 2017), evidenciando, desta forma, a lacuna científica existente sobre os relacionamentos intergeracionais não familiares ou comunitários e as NTC, reforçando a importância da presente investigação.

Depois deve-se considerar, a partir dos estudos apresentados anteriormente, os novos media como o meio de comunicação mais utilizado, atualmente, pelos jovens (alvo de investigação deste estudo) e, por sua vez, o meio de comunicação menos procurado pelos seniores (alvo de investigação deste estudo).

Esta situação caracteriza-se como conflitual mediante a problemática apresentada; se por um lado os jovens, onde o idadismo é mais intensificado, representam a parcela da população com maior nível de literacia, bem como um maior índice de utilização de *Internet* e tecnologias da comunicação, por outro ângulo, têm-se a população sénior que é alvo do preconceito etário e, que representa a parcela da população portuguesa com menor nível de literacia, assinalando indicadores tímidos sobre a utilização de *Internet* e tecnologias da comunicação. Ora, tais evidências podem contribuir de forma negativa reforçando o preconceito existente contra os idosos, afinal, existe uma falsa associação do idoso ao ser incapacitado e debilitado.

Entretanto, salienta-se que os novos media colaboram para uma alteração na forma contemporânea de agir e interpretar o mundo social, já que os novos dispositivos da comunicação estabelecem a interação comunicacional de forma instintiva e cada vez mais natural, seguindo o modelo de comunicação tradicional (Ferreira, 2004).

A apropriação e utilização dos novos media acontece de forma transversal aos contextos sociais, mas também às relações, seja entre indivíduos da mesma geração ou entre gerações distintas (Melro & Oliveira, 2016). Inúmeras pesquisas mostram o impacto positivo da utilização da *Internet* e, conseqüentemente dos novos media, em relação à sociabilidade, bem-estar e capital social (Lou & Dai, 2017), "o que pode ter uma influência positiva no envelhecimento ativo e saudável" (Neves & Amaro, 2015, p. 4).

As diversas transformações provenientes, sobretudo, das NTC e da terceira fase da globalização, afetam significativamente as relações intergeracionais. Apesar de as diferenças entre as gerações terem sido sempre referidas, independentemente da época e das transformações associadas ao período, o empoderamento e a atribuição de aspetos soberbos relacionados à figura do jovem paralelamente à debilitação concedida à figura sénior intensificam o distanciamento intergeracional (Borges & Magalhães, 2011).

"O vínculo intergeracional contemporâneo, de uma forma geral, configura-se por meio de uma tensão decorrente da conciliação da ideia de diferença e homogeneização intergeracional" (Borges & Magalhães, 2011, p. 176). As autoras enfatizam que as transformações sociais e ou culturais sempre permearam o sentido de igualdade e desigualdade entre as gerações, uma vez que, qualquer que seja o período de tempo, a contemporaneidade é feita a partir da existência de diversas gerações coabitando e passando pelas transformações ditadas pelo momento, mas, a interpretação das situações e alterações no contexto social ocorre, e são percebidas, de forma particular e individualizada. Portanto, a interação social e a dinâmica de aprendizagem, ou troca de conhecimento, entre diferentes gerações, se faz elementar para que haja uma interação digital, que possa contribuir a curto, médio e longo prazo para toda a comunidade.

De acordo com o artigo apresentado por Lou & Dai (2017), os programas voltados para as relações entre gerações não familiares contribuem para a minimização dos preconceitos associados a idade e aumentam o bem-estar, sobretudo, dos adultos mais velhos. Apesar de a revisão ter sido efetuada mediante os programas intergeracionais asiáticos, sete das quatorze publicações revisitadas relataram que os programas de intergeração foram eficazes na redução dos estereótipos de idade e a efetividade no aumento do bem-estar dos participantes mais velhos; uma em cada sete publicações relatou efetividade o aumento do bem-estar dos jovens. Apenas três publicações apresentaram resultados neutros sobre mudanças de atitude ou satisfação intergeracional (Lou & Dai, 2017).

Uma das constatações efetivadas em Novos Media e Relações Inter-geracionais, foi que a utilização das tecnologias promoveu uma nova dinâmica entre as gerações familiares, uma vez que em todas as famílias entrevistadas foi destacado o uso das TIC e o desenrolar das conversas em volta dos dispositivos digitais. Não foi validada a afirmação de falta de autoridade nas relações de pais para filhos – estes alegaram que o respeito existe em qualquer circunstância (Pereira, 2011).

No estudo, referido anteriormente, realizado em Lisboa sobre a utilização da *Internet* pelos idosos, obtiveram resultados interessantes do ponto de vista da utilização de telemóveis, assinalando que estes dispositivos estão "associados à proximidade familiar, conveniência e diminuição do isolamento social e da solidão" e os computadores, por sua vez, estão associados à aprendizagem e à interação social (Neves & Amaro, 2015, p. 9).

Foram obtidas noções positivas e negativas relacionadas aos novos dispositivos da comunicação e à *Internet*. Os autores afirmam que os aspetos positivos são influência dos netos e, que por outro lado, os aspetos negativos são reforçados pelos media (Neves & Amaro, 2015).

Na investigação "Gerações de ecrã em meio rural" as autoras obtiveram resultados in-

interessantes relativamente a resolução de problemas, encontrados pelos avós, com os novos media (televisão, computador, *Internet*, telemóvel). O estudo revela a participação essencial no processo de aprendizagem dos avós por parte dos filhos e netos.

De fato, a comunicação e a interação social e familiar, nomeadamente com os netos, estão entre as principais motivações para o uso de TIC por idosos. A tecnologia e a media social podem desempenhar um papel importante no suporte à comunicação intergeracional (Amaro et al., 2016).

As autoras afirmam, mediante a revisão de literatura, que os dispositivos móveis da comunicação são ferramentas eficientes na integração geracional no contexto digital, devido à sensibilidade dos ecrãs, que permitem acionar funcionalidades através do toque, facilitando o manuseio mediante as possíveis fragilidades que os indivíduos envolvidos podem vir a apresentar (Amaro et al., 2016).

De fato, o estudo realizado por Delello & McWhorter (2015), conjectura a afirmação a cima, evidenciando os dispositivos *tablets*, especificamente o *iPad*, como sendo uma das ferramentas favorável na aprendizagem das TIC por parte dos seniores, devido à facilidade de interação, proporcionado pelos avanços tecnológicos a nível de interface e usabilidade. Os participantes do estudo reconheceram a vantagem da interação proporcionada pelo *iPad* e, mediante a análise dos dados, os autores afirmam que estes dispositivos têm o potencial de reduzir o isolamento social ao conectar adultos mais velhos a comunidades on-line, renovando relacionamentos anteriores e melhorando a comunicação com as famílias (Delello & McWhorter, 2015).

Os resultados deste estudo, desenvolvido por Delello & McWhorter (2015), que procurou avaliar a contribuição da tecnologia *iPad* na qualidade de vida dos seniores em diferentes aspetos, como a introdução de novos conhecimentos, conexão com membros familiares e com a sociedade, ajudam a compreender, em certa medida, os impactos positivos consequentes das NTC e novos media nas relações intergeracionais, se considerarmos que a qualidade das relações depende da qualidade de cada indivíduo envolvente na relação. Assim, ao proporcionar o desenvolvimento educacional, a inclusão digital e os direitos de cidadania aos indivíduos seniores da sociedade, as TIC e, conseqüentemente os novos media, promove, de forma positiva, caminhos para a interação entre diferentes gerações.

Mesmo no meio organizacional, os programas intergeracionais, voltados para a otimização do trabalho em equipa, através da partilha de conhecimento e experiência de ambas gerações. O estudo desenvolvido por Bjursell, permitiu perceber que a partilha de experiências e conhecimentos entre as gerações de jovens e seniores contribui para fortalecer e desenvolver as capacidades de ambas gerações. Por um lado, os jovens alunos que apresentavam um nível de literacia considerável, aprenderam a aplica-lo de forma estratégica através dos novos media. Por outro lado, os seniores empresários obtiveram noções significativas, principalmente no meio empresarial, sobre as TIs (Bjursell, 2015).

Para que haja uma contribuição significativa dos novos media sobre as relações intergeracionais, por exemplo em potencializar o laço afetivo entre as gerações e fortalecer estas relações, “é necessária uma constante reinvenção dos vínculos e das relações sociais e familiares que promovam as ligações intergeracionais” (Melro & Oliveira, 2016, p. 1193).

Mediante o papel dos novos media na formação e construção da consciência e identidade individual e coletiva, é de suma importância estabelecer estratégias mediáticas, honestas e bem-intencionadas, que promovam a interação sociotecnológica por diferentes gerações e que não disseminem valores depreciativos no contexto intergeracional.

Também se faz necessário estimular o censo crítico, a noção de respeito, bem como a

sensibilização para o envelhecimento como um processo natural da vida, aos jovens que são os indivíduos que consomem conteúdo dos novos media (portanto, estão expostos a estratégias de manipulação de massas e a conteúdos pejorativos e depreciativos à imagem dos sênior) e produzem conteúdos para os novos media (portanto, podem colaborar para reforçar estereótipos).

A importância e os estereótipos presentes na vida dos indivíduos, de uma dada sociedade, são refletidos nos media sociais. Assim os aspetos que caracterizam as relações intergeracionais contemporâneas, devem ser transmitidas efetivamente por uma abordagem mais mútua da aprendizagem intergeracional em um contexto reflexivo (Watts, 2017).

Capítulo 2

O Documentário: Conceptualização Teórica e Prática

Este capítulo divide-se em quatro secções que procuram descrever e analisar o documentário enquanto um produto mediático de valor sociocultural. Assim a primeira secção decorre sobre a evolução do documentário ao longo do tempo, e reporta os modelos de documentários sugeridos por Bill Nichols (2010), a fim de estabelecer as diretrizes adequadas para a produção do documentário desta investigação. A subsecção decorre sobre a natureza dicotómica do documentário e faz uma reflexão sobre as duas abordagens existentes em relação ao conceito.

O segundo momento deste capítulo busca compreender as características do documentário produzido na contemporaneidade e quais as contribuições no contexto sociocultural. Assim, destacam-se, em duas subsecções, dois elementos do documentário contemporâneo, que serão incorporados na produção desta investigação, o documentário colaborativo e a metalinguagem no documentário.

A terceira e última secção aborda as três etapas do processo criativo do documentário, portanto, trás algumas considerações sobre pré produção, produção e pós produção. Tais considerações foram relevantes, principalmente, para a compreensão sobre o procedimento de elaboração da pré produção de um documentário, uma vez que o documento proposto para a construção colaborativa, nesta investigação, o guião, enquadra-se nesta fase.

2.1 Breve Abordagem Diacrónica

Foi no último mês de 1895, final do século XIX, que foi projetado publicamente o primeiro filme em movimento da vida quotidiana. As primeiras imagens em movimento, obtidas através de uma câmara, registaram cenas da vida real em um único plano de curta duração, como a saída dos trabalhadores das fábricas Lumière ou a chegada de um comboio à estação (da Silva & Lira, 2011).

Pode se dizer que estes primeiros registos não estavam inseridos, apesar de configurarem o ponto de partida para o desenvolvimento do cinema atual, em uma linguagem cinematográfica, pois não apresentavam narrativa e nem esboçavam preocupação lógica sequencial. Foi George Méliés, em 1902, com a produção de Viagem a Lua, o primeiro a contribuir para a linguagem do cinema (da Silva & Lira, 2011). Vale ressaltar que o aparecimento e desenvolvimento do audiovisual se deu mediante a evolução tecnológica dos equipamentos de captação de imagem e áudio, aos interesses, sobretudo económicos, e, “do desejo, objetivo e subjetivo, de registrar

o espaço e simular o tempo da realidade” (Franco, 2010, p. 37).

A evolução da indústria cinematográfica, nomeadamente após o surgimento de Hollywood, permitiu a diferenciação dos filmes diante dos conteúdos abordados, promovendo os diversos géneros do cinema, atualmente conhecidos (da Silva & Lira, 2011).

De acordo com da Silva & Lira (2011), o documentário surgiu em 1922 com a exibição do filme *Nanook of the North*, de Robert J. Flaherty, momento em que se inicia a antítese entre o que é real e o que não é. Vale lembrar que em 1918 Dziga Vertov, pai fundador do Cinema Verdade, produziu *O Homem da Câmara*, documentário assente em uma abordagem diferente da desenvolvida por Robert J. Flaherty, cuja intenção era a captação da vida cotidiana das pessoas sem nenhuma interferência por parte da produção e da realização (Zandonade & Fagundes, 2003).

Entretanto, apesar de Flaherty e Vertov serem os pioneiros da história do documentário as definições foram elaboradas posteriormente (Zandonade & Fagundes, 2003) e o documentário, enquanto género cinematográfico, é sugerido em 1926 por John Grierson, um dos principais pensadores da área (Baltar, 2004).

Bill Nichols diferencia o documentário em seis modos distintos ao longo do século XX e, apesar de os identificar, quase todos, em uma ordem cronológica, vale ressaltar que os modos reflexivos e performativos são evidenciados desde o início das produções e, ressalva o antes e depois dos anos 1960 como uma divisão bastante marcada em relação ao modo de se fazer documentário, devido ao advento de sincronização e portabilidade dos gravadores de áudio e de câmeras de 16 mm (Nichols, 2010).

O modo poético surge no início da história do documentário e caracteriza-se por retratar a realidade dando ênfase à estética através de fragmentos pouco associados à linearidade, tempo, espaço e atores sociais (Nichols, 2010).

O modo expositivo utiliza uma linguagem já bastante difundida pelos noticiários e é caracterizado pela utilização de argumentos narrativos, com perspectivas bem suportadas, maioritariamente executados a partir de *voz over*, direcionados diretamente ao espectador, atribuindo-lhe um sentido didático e enfatizando a objetividade (Nichols, 2010).

O modo observativo surge na década de 1960 e procura expor os acontecimentos através da observação mediada por câmeras, normalmente, fixas e sem participação direta do cineasta ou explicação sobre o que está sendo retratado (Nichols, 2010). Este modo de documentário propõe a não interferência nos acontecimentos captados como uma tentativa de se apresentar fiel e verdadeiro ao espectador (Vazão, 2015).

O modo participativo, que também surge a partir de 1960, envolve o cineasta como um personagem e o torna parte da narrativa, normalmente através de entrevistas (Nichols, 2010), “o realizador realiza as entrevistas e interage com os entrevistados, tornando assim o ponto de vista a ser transmitido mais evidente para o espectador” (Vazão, 2015, p. 55).

O modo reflexivo foi sugerido por Dziga Vertov em *The Man with a Movie Camera* mas, ganhou notoriedade nos anos 80 do século XX. Apresenta-se de forma abstrata e provocativa aos modos tradicionais de se fazer documentário (Vazão, 2015). Sugere uma análise reflexiva ao espectador sobre o processo de produção, como uma metalinguagem do cinema documentarista (as cited in da Silva & Lira, 2011, p. 5). O modo reflexivo surge como um acordo entre o documentarista e o espectador, mostrando não somente parte do contexto subjetivo, como o próprio processo de construção e de representação do real, proporcionando um nível intensificado de elementos reflexivos sobre o contexto real que o distingue dos outros modos de documentários (Nichols, 2010).

Por fim, o modo performático assemelha-se ao modo poético e pode também ser catego-

rizado como autobiográfico, evidenciando a subjetividade da experiência e da memória, do ponto de vista emocional, do cineasta (Nichols, 2010). “É uma combinação livre do real e do imaginário ocasionando um desvio do realismo no documentário para licenças mais poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas” (da Silva & Lira, 2011, p. 6).

Diante de tal abordagem, o presente projeto, enquadra-se clara e fundamentalmente no modo reflexivo, ao propor a produção de um documentário sobre o processo criativo e colaborativo na pré produção para um outro documentário.

A metalinguagem evidenciada na investigação, aqui presente, revela-se não somente em relação a linguagem cinematográfica, ao produzir um documentário sobre o processo de construção de parte de um documentário, como também pelo objeto a ser reportado, ou seja o motivo primeiro que justifica a produção do artefacto audiovisual, as relações intergeracionais intermediadas pelos novos media.

Entretanto, o projeto apropria-se de características presentes em outros modelos, como o observativo, ao recorrer às câmeras fixas pelo set de filmagens e o modelo participativo, ao trazer em cena a realizadora atuando como investigadora e interagindo diretamente com o grupo de estudo.

2.1.1 Definição Dicotômica do Documentário

Voltaremos nossa atenção a duas questões, pouco consonantes na bibliografia, mas que para esta investigação se faz de extrema relevância, a definição e a natureza fílmica do documentário.

No dicionário crítico sobre filmes e televisão o conceito documentário é descrito como o ato de captar e transmitir eventos da vida real configurando-se em um dos primeiros triunfos do cinema, televisão e vídeo, respetivamente (Pearson & Simpson, 2001).

De acordo com Manuela Penafria qualquer tentativa de definição de documentário é inadequada, uma vez que as definições se alteram ao longo do tempo e “nenhuma seria capaz de abarcar a totalidade dos filmes, pois estes diferem entre si” (2005, p. 8).

A definição do conceito documentário se torna complexa, já que ao tentar encontrar uma definição sensata para documentário, deve-se se recorrer a dicotomia ficção versus não ficção, “é sempre um conceito comparativo e relativo, pois não existem limites rígidos entre o que é considerado filme de ficção e filme de não ficção” (Vazão, 2015, p. 41)».

A construção teórica sobre documentário divide-se em duas abordagens: uma que o identifica como representação do real, porque parte do pressuposto de que “a imagem documental seria conferida de uma autenticidade específica que a autorizaria a significar a realidade” e outra que o reconhece como ficção (Baltar, 2004, p. 152).

Manuela Penafria refere-se que considerar o documentário como o único responsável pela representação da realidade seria retirar parte essencial dos outros filmes, “seria relegar a componente documental presente nos outros filmes” e por outro lado retirar do próprio documentário a componente documental “é retirar sua capacidade de olhar o mundo através do cinema” (2005, p. 6).

Para Bill Nichols, qualquer tipo de filme é um documentário, pois é possível retirar de qualquer produção cinematográfica, referências capazes de documentar aspetos culturais de uma sociedade em determinada época (Nichols, 2010).

Em contra partida, uma outra perspectiva, aquando da natureza dos filmes, enquadra-se na linha de pensamento de que todas as manifestações cinematográficas são ficção, mesmo

aquelas inseridas no gênero documentário (Odin, 2012).

Tal abordagem é justificada pela ideia de que qualquer tipo de filme pode desconstruir a realidade com a introdução de técnicas de filmagens, elementos sonoros e cênicos; e revela não a realidade em si, mas a representação do real. No caso dos filmes de ficção é perceptível esta representação a partir de símbolos e elementos do imaginário. Entretanto, mediante os chamados documentários, que supostamente abordam os factos reais, a leitura dos factos é feita a partir, e, estritamente, dos realizadores do filme (Odin, 2012).

Por exemplo, da Silva & Lira (2011), em considerações sobre os documentários *Jogo de Cena* e *Santiago*, dirigidos por Eduardo Coutinho, afirmam que:

“em qualquer que seja o gênero sempre há ficção seja ela por uma interpretação do personagem diante da câmera, seja pela manipulação das imagens através da montagem, fazendo com que o diretor conte sua história da forma que achar melhor, por vezes manipulando o telespectador, fazendo-o acreditar na objetividade do narrador” (2011, p. 12).

Para Ramos (2010) o documentário manifesta-se, inicialmente, analogamente aos filmes ficcionais, recorrendo à elaboração de guiões, utilização de estúdios para as filmagens e, sobretudo, a partir de formas distintas de encenação, diferenciadas em três tipos: a encenação-construída, encenação-locação e encenação direta, também chamada de encenação. De acordo com o autor, a encenação construída é elaborada integralmente para a câmera, feita através de atores não profissionais, sob a infraestrutura de estúdios de filmagens (Ramos, 2010, pp. 75-77). O segundo tipo de encenação, em locação, comporta a intensidade da tomada de cena e se difere da encenação construída “ao explorar efeitos próprios às circunstâncias de mundo, onde o sujeito filmado vive a vida” (Ramos, 2010, pp. 77-79).

Por fim, a encenação, que surge na década de 1960, caracteriza-se principalmente pelo papel do sujeito que opera a câmera, contribuindo decisivamente para o espectro a ser salientado nas narrativas. Esse estilo documentarista, também nomeado de Cinema Direto/Verdade não permite, dentro de uma conceção ética, a repetição de cenas. Entretanto, vale ressaltar que a encenação sugerida por esta tipologia acontece mediante ao conhecimento prévio de que o ser humano procura fazer interpretações da sua própria pessoa em todos os contextos ao qual se expõe, assim, o mesmo decorre diante da presença da câmera (Ramos, 2010, pp. 79-84).

Entretanto, vale ressaltar que o desenvolvimento da linguagem utilizada em documentário se deu com o intuito de aprimorar o sentido de veracidade sob o qual os filmes não ficcionais devem estar assentes e transmitir ao público, “afirmando um pacto silencioso de realidade” (Oliveira, 2014b, p. 173).

Mariana Baltar parte da linha de pensamento de Bill Nichols (1991) sobre o domínio do documentário e expõe sua reflexão sobre três elementos identificados em qualquer produção de documentário, a equipa de realizadores, o corpus textual do filme e os espectadores (2004).

Sobre o controle exercido pelos realizadores afirma que os documentaristas tem tanto controle como qualquer outro cineasta, mas que o exercem de forma distinta e que no fim o que determina e articula os significados incorporados ao discurso fílmico, seja documentário ou ficção, é a montagem do filme (Baltar, 2004).

Em relação ao corpus textual, que é todo o material fílmico, evidencia a importância de alguns elementos, como a montagem, os planos escolhidos, os enquadramentos conseguidos e até o tratamento do áudio, como responsáveis pela veracidade de captação e representação da realidade. É a partir da representação estética que se pode diferenciar um documentário de uma ficção e assim, definir o domínio do documentário (Baltar, 2004).

Por outro lado, os espetadores consideram o documentário como um indício de mundo, portanto, o recebe como uma verdade e tentam absorver o argumento envolvido, o espetador

é “a testemunha do mundo, do devir da História ou do acontecimento de interação entre realizador e realidade” (Baltar, 2004, p. 156).

O fato de maior relevância para este estudo reside em considerar e reconhecer o documentário enquanto um meio de representação do real (mesmo que este elemento do real esteja restrito à perspectiva do indivíduo que o idealiza), comportando-se, portanto, como uma ferramenta sociocultural concebido inicialmente, para representar e transportar o encontro entre o realizador e as personagens em questão caracterizado em um espaço e em determinado período de tempo, seja para outros círculos sociais, que vivenciam em outro tempo e espaço, seja como ferramenta de proteção ambiental, social e/ou cultural ou ainda para fins educacional ou político.

A utilização das imagens não ficcionais como registros do mundo e do dia-a-dia das pessoas, produzidas desde os irmãos Lumière até os dias de hoje, e a significação destas imagens por parte da sociedade é o que de fato contribui para a posição que o documentário ocupa atualmente, “ tal lugar elegeu, para o documentário, certa autoridade em ser discurso sobre o mundo e a realidade” (Baltar, 2004, p. 158).

2.2 O Documentário Contemporâneo e o seu Contributo Sociocultural

O documentário contemporâneo é demarcado por uma relação de causalidade em relação aos avanços e melhorias tecnológicas, nomeadamente os novos media, os equipamentos de filmagens e as formas distintas de expressão cinematográfica.

Cadé afirma que devido a emergência das novas tecnologias e novos media, surgem, a cada dia, formas distintas de expressão e criação artística (2014), principalmente em relação ao processo construtivo do cinema (Lobo, 2013).

De fato, as novas tecnologias da comunicação, afetam a produção, o consumo e a distribuição de conteúdo audiovisual, e portanto, constituem fator fulcral na expressão cinematográfica além de minimizar o orçamento do projeto (Lobo, 2013).

Com o desenvolvimento e a acessibilidade à *Internet*, surge o que se chama de documentários não lineares, produzidos para os medias digitais e que podem ser acedidos através de computadores e dispositivos móveis (Spinelli, 2014). Estes documentários recebem diversas denominações, uma vez que são caracterizados pela interatividade, hipertextualidade e a convergência dos meios. Assim, são nomeados como “webdocumentário, documentário interativo, transmidiático, crossmedia docs, documentário participativo, colaborativo, docu-fragmentário, dependendo de como exploram as potencialidades da web e interagem com o usuário” (Spinelli, 2014, p. 84). Spinelli apresenta uma relação, cronológica, entre os seis modos de documentário linear (para cinema e televisão), propostos por Bill Nichols, e não linear (para os novos media) a partir no nível de interação do espectador possibilitado pela evolução tecnológica (2014).

Diante do modo poético autor verifica a enfatização de narrativas fragmentadas nos documentários não lineares, o que desperta o interesse do espetador para uma compreensão mais consistente da narrativa, culminando em processos colaborativos. Muitos evocam a sensação poética quando combinam fatores documentais, hipertextuais e experimentais (Spinelli, 2014).

O modo expositivo de documentário para a *Internet*, são em essência, o próprio documentário linear disponibilizado em plataformas digitais. Este modo, não linear, surge no

princípio da “veiculação de documentário na internet, quando a tecnologia apenas permitia o uso da rede como exibidora de documentários, realizados para as mídias tradicionais” (Spinelli, 2014, p. 87). São denominados por alguns autores como *crossmedia*, ou seja, a transmissão de conteúdo em várias plataformas distintas. Este modo não linear de fazer documentário, caracteriza-se pela falta de interatividade do espectador, que atua passivamente como em narrativas lineares tradicionais, observando os argumentos e os elementos organizados pelos documentaristas (Spinelli, 2014).

O modo observativo de documentários na *Internet* correspondem à utilização de ferramentas de hipertexto que permite a ampliação e uma nova dinâmica da narrativa. São, normalmente denominados como *webdocumentários* ou documentários interativos (*i-docs*) e apresentam conectividade entre os conteúdos disponibilizados em diversos formatos, como fotografia, vídeo e texto. Entretanto, a interação é fechada, visto que não se pode agregar e/ou modificar o conteúdo (Spinelli, 2014).

Spinelli afirma que o modo participativo, estendido ao documentário na *Internet*, caracterizado por possibilitar a participação direta do espectador, permitindo a alteração e/ou criação de conteúdo, posicionando a audiência em um processo de coautoria, portanto, colaborativo (2014).

O modo reflexivo apresenta-se em diversos projetos de documentários para a *Internet*, com o objetivo de ampliar a percepção e, conseqüentemente, aumentar a consciência do espectador, assim, recorrem à intermediação de outros media, como livro, TV, cinema, aplicativos para dispositivos móveis, entre outros. Portanto, são denominados como documentários transmidiáticos, pois distribuem a narrativa, ou seja, a experiência do espectador, em diversas plataformas digitais, sugerindo a convergência como um caminho para a totalidade da experiência (Spinelli, 2014).

Por fim, o modo performático de documentário, permite, através dos media sociais, e do significado de existência suscitado por qualquer indivíduo, posicionar o espectador como um dos personagens da narrativa, incluindo a audiência em momentos específicos para a construção de parte da história (Spinelli, 2014).

Apesar das alterações, ao longo dos tempos, em diversos patamares do documentário, principalmente devido à evolução tecnológica, a essência do Documentário caracteriza-se primordialmente pela imagem em movimento e nos discursos verbais que captam a essência da vida no decorrer do tempo. Parte significativa da produção de filmes documentários tem como objetivo o homem, seu significado social e a forma como vive (Oliveira, 2014a).

Boa parte da produção de documentários “tem, em muito, servido como veículo de transmissão ideológica” (Penafria, 2005, p. 118), mas, por ser documentário, portanto composto por imagens, mostra-se como um caminho de questionamento e de confronto com o mundo do espectador, assim, oferece a possibilidade de percepção das ideias apresentadas pelas próprias imagens e não pelo que existe fora da imagem, pois “à imagem dotada de capacidade representativas acrescenta-se a sua própria autonomia enquanto imagem” (Penafria, 2005, p. 123).

Assim, apesar da contribuição significativa dos documentários na transmissão direta de ideias, comportamentos e posições ideológicas, ainda mais relevante é o seu papel na indução do exercício de questionamento, de reflexão e de construção do conhecimento.

Partindo deste pressuposto e considerando a vertente real na produção documentarista, pode-se perceber, de forma clara, a contribuição sociocultural dos documentários, tanto nas produções iniciais da história do documentário, quanto nas produções atuais.

O documentário pode ser diferenciado em clássico e moderno (Zandonade & Fagundes,

2003) ou lineares e não lineares (Spinelli, 2014). Os clássicos ou lineares, que surgem com John Grierson na década de 1920 eram baseados “em ilustrações e narrações construídas com finalidades, na maioria das vezes, institucionais” (Zandonade & Fagundes, 2003, p. 17).

De acordo com Penafria (2005), Grierson acreditava na capacidade do documentário em provocar alterações na sociedade e, portanto, deveriam, acima de tudo, revelar os problemas económicos e sociais apresentando soluções ou direções plausíveis para tal. “Grierson encontrou no documentário princípios que lhe permitiram explorá-lo como instrumento de utilidade pública” (Zandonade & Fagundes, 2003, p. 43).

Entretanto, apesar da contribuição a nível sociocultural eminente nos documentários clássicos, a diferenciação, sugerida por Spinelli (2014), entre os documentários lineares ou clássicos e não lineares ou modernos, acentua a capacidade dos novos media em contribuir para a expansão da perceção do espetador (que neste caso é um colaborador em potencial) sobre a realidade.

De acordo com Spinelli (2014, p. 93) os documentários lineares “trazem uma contextualização sobre um tema e o espetador toma conhecimento de assuntos que desconhecia sem ter um envolvimento direto com o fato”. Já o documentário moderno ou não linear “busca uma interação com o público-alvo, de modo a lhes despertar o senso crítico e permitir interpretações variadas, de acordo com a realidade de cada espectador” (Zandonade & Fagundes, 2003, p. 17).

Spinelli (2014, p. 93), afirma que os documentários não lineares, produzidos para, e muitas vezes, através da *Internet*, “tem a intenção de abordar questões sociais e desencadear um processo que desenvolve um diálogo com as pessoas retratadas nos projetos com o potencial de promover o contacto face a face e aprofundar o enraizamento no local”. Tal interação pode envolver uma audiência amplificada configurando-se em um espaço de reflexão e atuação coletiva (Spinelli, 2014).

Vale ressaltar a abordagem sugerida por Salles em relação as produções atuais de documentários. O autor afirma que há uma tendência em mostrar o contato da equipa de produção com o objeto de interesse, ou seja, o encontro entre documentarista e as personagens, alterando a fórmula de “ eu falo sobre ele para nós” para “eu e ele falamos de nós para vocês” (Salles, 2004, p. 13).

Dessa forma, evidencia-se dois dos elementos que serão abordados na produção do documentário desta investigação, a colaboração na produção documentarista, possibilitada pelo que Spinelli (2014), referiu como documentários não lineares, e, a metalinguagem em documentários, observado por Salles (2004), ao descrever a tendência atual em reportar o encontro entre documentarista e personagens. Devido a proposta desta investigação de construção colaborativa de um guião, entre seniores e jovens, o próximo quadro é dedicado ao conceito de documentário colaborativo.

2.2.1 Documentário Colaborativo

Com a revisão de literatura foi possível verificar que em relação ao conceito documentário colaborativo existem controvérsias e desentendimentos, embora parte-se do princípio de que a colaboração representa a divisão de tarefas inseridas em um processo (Cadé, 2014).

De acordo com Lobo (2013, p.71), “colaborar é, sobretudo, trabalhar cooperativamente com várias pessoas no intuito de criar um determinado conteúdo/produto, comumente relacionados aos produtos culturais”.

O processo colaborativo ou *crowdsourcing* é uma tendência recente, promovida pelos avanços tecnológicos e pela possibilidade de partilha de conteúdo digital, facilitados pelos sites e redes sociais como *wikis*, *blogs*, fóruns de discussão, entre outros (Lobo, 2013).

Vale mencionar que de acordo com Jeff Howe (2008), *crowdsourcing* designa interatividade em processos de produção, possibilitada devido aos avanços tecnológicos que não somente permitem novos mecanismos de atividades colaborativas, como intensificam qualquer atividade construída através da partilha de conhecimento (Cadé, 2014, as cited in).

Lobo (2013, p. 59), afirma que cinema colaborativo é um termo recente que remete “ao uso das novas tecnologias e dos recursos provenientes do ciberespaço nas produções audiovisuais”, mas, por ser o cinema uma produção artística, a sua realização e finalização sempre dependeu de um número exorbitante de pessoas exercendo diversas e necessárias funções. Com a afirmação acima, percebe-se que a linha de pensamento atual voltada para a colaboração nas produções cinematográficas, está direcionada para, e inteiramente relacionada, ao espaço virtual e às novas formas de colaboração provenientes do desenvolvimento de ferramentas de partilha.

Entretanto, “por ser, essencialmente, uma experiência de grupo, o processo colaborativo no cinema podia ser observado nas etapas de pré-produção, produção e pós-produção, onde sempre existiu a atuação de várias pessoas” (Lobo, 2013, p. 59).

De acordo com o objetivo desta investigação, desde já, considera-se relevante tanto a abordagem atual sobre documentário colaborativo, que nos remete aos recursos tecnológicos de partilha de conteúdo, - uma vez que o conceito de novos media é um dos conceitos orientadores desta investigação e será introduzido durante a produção do documentário aqui proposto - como a abordagem incutida no ato de fazer documentário - que conta com um processo colaborativo sistemático, uma vez que envolve a participação direta e indireta de profissionais e/ou amadores (nas etapas de pré produção, produção e pós produção), atores sociais e espetadores - colaboração indispensável para a realização do artefacto audiovisual desta investigação.

Diante da possibilidade de partilha digital o processo de produção audiovisual passou a incluir a participação do público, reconhecido como a geração WEB 2.0, “que se caracteriza pela formação de integrantes inclinados à colaboração em rede, com o objetivo de buscar a criação de alternativas de expressão cultural livre” (Lobo, 2013, p. 60).

A autora refere que a colaboração na produção audiovisual sempre existiu, quer na coautoria, quer na partilha do cargo de realização, mas, a colaboração do espetador torna-se real a partir da nova idade industrial (Lobo, 2013).

Ao analisar um artigo publicado em Collabdocs - site dedicado à documentários colaborativos - o autor sugere quatro categorias de documentário colaborativo, que envolvem a colaboração do espetador e que serão descritas, brevemente abaixo, sem recurso à tradução dos nomes.

"The Creative Crowd" é o primeiro modelo identificado. Abrange o trabalho de vários participantes que contribuem com fragmentos para consolidar um todo. As unidades de conteúdo podem não fazer muito sentido por conta própria, mas o valor e o significado se acumulam à medida que se aproximam, produzindo uma estética distinta, recorrendo à repetição. O autor faz referência ao The Johnny Cash Project que, apesar de não ser um documentário, é um excelente exemplo dessa categoria (Collabdocs, 2011).

No segundo modelo, "The Participant Observers" recorre-se à contribuição de diversos cineastas (profissionais ou não) e evidencia uma preocupação em mostrar o contraste de experiências vividas em um determinado local ou espaço temporal. Os participantes decidem

quando e o que eles filmarão e que história querem contar, mas seu papel na contextualização final desse conteúdo pode variar dramaticamente. Os participantes podem contribuir para um conjunto linear, mas que será editado por alguém, como em *Life in a Day*, ou produzir um filme autônomo para uma estrutura interativa como *Mapping Main Street*. Os observadores trazem o potencial para o "conhecimento" documental que está fundamentado na experiência. Esta categoria é toda sobre a multiplicidade, e mesmo a exibição pode ser feita de forma a permitir a experiência interativa do espectador (Collabdocs, 2011).

O terceiro modo "The Community of Purpose" resume-se à um grupo de participantes que colabora em produções que rodeiam a mudança social, com um objetivo em comum, como o próprio nome sugere. Eles podem estar envolvidos na criação de conteúdo ou em outras atividades do processo, como fazem os especialistas do projeto *A Short History of Highrise*. Projetos inseridos nesta categoria tendem a ser iterativos ao invés de ter uma trajetória fixa. *Global Lives* e *One Day on Earth* são bons exemplos desta categoria. Para o autor o elemento fascinante deste modelo é que o processo colaborativo - o diálogo e as experiências envolvidas na produção - começa a ser tão importante quanto o produto (Collabdocs, 2011).

A quarta e última categoria apresentada pelo autor chama-se "The Traces of the Multitude" e está relacionada com o "Documentário Semântico- trabalho que está emergindo como o spinoff de *Highrise* e *18DaysinEgypt*. Esses projetos introduzem um novo aspecto para a colaboração com base no conteúdo de media social - ligando a uma infinidade de contribuintes potencialmente anônimos. Vê-se o documentário continuamente ao vivo e atualizado, ligado a dados da web em tempo real (Collabdocs, 2011).

Em relação as categorias apresentadas e referidas acima, vale ressaltar que o documentário a ser produzido para esta investigação apresenta características tanto da categoria "The Participant Observers", ao propor a recolha de experiências individuais, através do vídeo, diante de uma construção coletiva da temática em questão, como características da categoria "The Community of Purpose" ao sugerir uma mudança social no que diz respeito as relações intergeracionais mediadas pelos novos media.

Dessa forma, e a partir do direcionamento encontrado para o caminho de colaboração na construção do trabalho sugerido, recorre-se a uma análise de documentários que utilizaram a metalinguagem para a construção de narrativas.

2.2.2 Metalinguagem no Documentário

Apesar de esta secção estar inserida em documentário contemporâneo, a utilização de recursos metalinguísticos na linguagem fílmica, é utilizada desde os primórdios do cinema até os dias de hoje, como referido na primeira secção deste capítulo, o elemento de metalinguagem é associado a categoria reflexiva sugerida por Nichols (2010)

De acordo com Barbosa (2000, p. 276), a linguagem cinematográfica dispõe de capacidade significativa de autorreflexão e por isso, a metalinguagem "aparece como estratégia de auto-referência, seja na ênfase quase alcoviteira de falar sobre seus personagens, seja na explicitação dos códigos da linguagem ou na referência à sua própria estrutura". Assim, sabe-se que os dois tipos de filmes inseridos nesta estratégia são "os filmes que se referem ao universo cinematográfico através da temática (...) e os filmes que explicitam o discurso cinematográfico, ou seja, o filme dentro do filme" (Barbosa, 2000, p. 276), sendo que no último caso a metalinguagem apresenta-se como elemento crucial da trama.

A metalinguagem cria uma aproximação e identificação com o espectador, pois permite à audiência o reconhecimento dos recursos da linguagem, posicionando-a, de forma vantajosa,

como cúmplice de um segredo. De acordo com Barbosa os truques de produção e pós edição, quando revelados ao espectador, confere um sentido de entusiasmo “que torna cada um de nós um pouco mágicos, um pouco cineastas, um pouco mais próximos da vida” (Barbosa, 2000, p. 276).

Um exemplo relevante no cinema que recorre ao documentário assente na metalinguagem é Quando Paris alucina de Richard Quine, 1964. Apesar de se tratar de um filme de ficção, retrata o processo de criação de um documentário, intitulado, A garota que roubou a torre Eiffel, assim, encontra-se elementos de metalinguagem tanto na linguagem cinematográfica, como na narrativa (Carreiro, 2006).

Posteriormente recorreremos à uma análise crítica de documentários assentes na metalinguagem, como por exemplo, Moscou de Eduardo Coutinho, 2007.

2.3 Processo Criativo do Documentário

Toda produção audiovisual, independente do género, formato ou meio em que será disponibilizado, envolve três etapas fundamentais, que suportam a totalidade do processo construtivo de criação, resumem-se em pré produção, produção e pós produção.

O desenvolvimento de cada fase envolve alguns elementos essenciais como coordenação, execução e trabalho em equipa (Wolsky, 2005), dessa forma, segue uma abordagem descritiva sobre os elementos e procedimentos efetuados em cada uma das etapas, abordando as produções de ficção, mas com algumas intervenções sobre as etapas na produção de documentário.

2.3.1 Pré Produção

A etapa de pré produção passa por várias fases e pode variar de acordo com tipo de produção, entretanto, as existem etapas aplicáveis a todas as produções (Wolsky, 2005), que serão em breve descritas. De acordo com Soares (2007, p. 90), o guião, documento final que contempla todas as etapas da pré-produção, é constituído, principalmente, por cinco etapas: ideia, *sinopse*/argumento, tratamento/escaleta, roteiro literário e roteiro técnico. Wolsky (2005) enfatiza que a conexão emocional entre o vídeo e o público começa na pré-produção, nomeadamente com a ideia e o script, e prossegue em todas as etapas seguintes.

Vale ressaltar que, de acordo com Puccini (2009, p. 186), o documentário pode ser construído a partir de uma série de diferentes registos, como os “registos originais”, os “materiais de arquivo” e os “materiais obtidos através de recursos gráficos”. Uma vez que o documentário desta investigação propõe a produção a partir de registos originais, e possivelmente a inserção de imagens gráficas, será feita uma abordagem sucinta sobre estas formas de conteúdo.

Os registos originais são “todo e qualquer registo de imagens obtidos pelo próprio documentarista para a construção de seu filme” e podem ser divididos em dois tipos: registos de eventos autónomos e registos de eventos integrados (Puccini, 2009, p. 187) O primeiro abrange todos os eventos que não são controlados pela produção do filme, como manifestações, festividades populares, catástrofes naturais, entre outros. Já a forma de registos de eventos integrados abrange “ocorrem por força da produção do filme, são organizados e integrados ao filme” (Puccini, 2009, p. 187).

O registo gráfico é toda e qualquer imagem proveniente de recursos gráficos, como animação, número, escala, gráficos, informação textual, entre outros (Puccini, 2009).

Visto as possibilidades de constituição de um documentário e tendo enquadrado o artefacto audiovisual proposto para este trabalho na captação de registos originais e gráficos, segue a

descrição das etapas que configuram, de uma forma generalizada, a pré-produção dos filmes.

Assim, o surgimento do filme se dá a partir de uma ideia, desenvolve-se um conceito e estrutura-se o guião para então, planejar a etapa de produção (Wolsky, 2005).

A ideia deve ser bem estruturada, portanto, é preciso fazer uma reflexão a fim de delimitar o caminho a seguir, portanto, é fundamental estabelecer sobre o que aborda o filme, qual a história e o contexto a contar, quem são as personagens e qual o público-alvo (Wolsky, 2005).

Ainda como elemento da ideia desenvolve-se o conceito, que normalmente é utilizado como suporte para apresentações em forma de *pitch* (Wolsky, 2005) e, em seguida, efetua-se a pré-entrevista, que, de acordo com Soares, é o elemento que determina o primeiro contato entre o documentarista e os personagens do documentário e, consiste em uma ferramenta de recolha de informação e/ou aprofundamento de dados já coletados, portanto, útil para “avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera” (Soares, 2007, p. 87).

O passo seguinte é a elaboração do argumento que consiste em um resumo da história, com início, o desenvolvimento do conflito e o desfecho, além de que é nesta etapa que “ficam estabelecidos personagens principais, ação dramática, tempo e lugar dessa ação e os eventos principais que irão compor essa história” (Soares, 2007, p. 93). De acordo com o autor, o argumento deve responder a seis perguntas essenciais: “o que?” “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “porquê?” (Soares, 2007, p. 93).

O tratamento deve servir para transmitir o conteúdo da história em cenas dramáticas (que compõe os três atos descritos textualmente na fase do argumento,) de forma a estruturar o guião e a ordem das cenas (Puccini, 2009). Wolsky (2005), refere-se à descrição dos três momentos da narrativa como a história em três atos e sugere que no Ato I é apresentado o conflito básico, no Ato II surge verdadeiramente o conflito e se aproxima do clímax e o Ato III, normalmente é composto por clímax, resolução e desfecho da história.

Os documentários são, como qualquer outra produção, baseados em pesquisas, se faz necessário saber o máximo sobre o assunto antes de começar a escrever o guião, pois, em produções de documentários, estes podem não ir muito além da etapa de tratamento, portanto, se faz necessária uma pesquisa robusta, não apenas, sobre o tema em si, mas também sobre os requisitos de produção (Wolsky, 2005). O próximo documento a ser providenciado é o guião que, especificamente feito para documentários, seguem um layout tradicional utilizado para programas de rádio. No guião cada cena é totalmente desenvolvida com definições dos diálogos, ação e até mesmo algumas direções da câmera (Wolsky, 2005).

Soares(2007), divide o guião em literário e técnico, assim o guião literário é onde se trabalha, com maior detalhe, as cenas do filme, normalmente, contém informações sobre quem compõe a cena, qual o movimento dos personagens, quais os diálogos, conflitos, duração da cena, enfim, informações sobre os locais e personagens apresentadas de forma minuciosa. O guião técnico, por sua vez, trás informações sobre movimentos de câmera, planos, ângulos, enquadramentos, banda sonora, de fato, especificações técnicas das filmagens (Soares, 2007).

Com o guião finalizado dá-se início ao planeamento da produção que envolve a solução de muitos requisitos elementares para as gravações (Wolsky, 2005). De acordo com Wolsky (2005) o documentário pode começar de um guião finalizado e bem constituído, ou a partir de um guião semiestruturado ou, até mesmo, sem nenhum guião de orientação, assim, por apresentarem uma forma de existência quase que independente dos guiões a parte fundamental da criação está sob o produtor, diretor e operador de câmera e áudio e, em seguida, pela equipa de pós edição.

Embora existam, de fato, documentários, produzidos ao longo da história cinematográfica,

que exemplificam estas três formas de produção de documentário, relativamente à elaboração do guião, como as produções de Flaherty que ilustram a produção de documentários sem a estruturação de um guião, ou, por outro lado Aruanda, filme de Linduarte Noronha, totalmente baseado no guião preestabelecido, Puccini afirma que:

“Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso” (Puccini, 2009, p. 177).

Assim, partindo do ponto de visto a cima mencionado, conclui-se que por menor que seja a preparação efetuada para a produção do documentário, ainda assim, acredita-se na produção de qualquer documentário, como um processo de construção baseado em diferentes etapas. Portanto, segue uma descrição sobre as etapas de produção e pós-produção.

2.3.2 Produção

É a etapa central da criação de um vídeo e é nesta fase em que todos os envolvidos se encontram, personagens, artistas e técnicos. É na produção em que as gravações vão ser efetuadas, portanto, posicionam-se os equipamentos e procura-se seguir o guião, entretanto, normalmente, as condições externas e pessoais dos indivíduos envolvidos determinam novos direcionamentos de produção alterando os elementos do guião (Wolsky, 2005).

A fase de produção é, frequentemente, a fase mais curta do processo, embora seja a etapa mais essencial entre as três. Inúmeros fatores colaboram para o sucesso ou insucesso da produção, principalmente as decisões que foram estabelecidas na etapa de tratamento, em pré-produção, pois é a partir de então, que se define todo o plano de filmagens (Soares, 2007).

Vale ressaltar que mesmo as produções efetuadas mediante um planeamento, ou seja, através da execução de uma pré-produção, mas, principalmente, as que não são orientadas por um guião, enfrentam situações delicadas, não planeadas, que podem implicar constrangimento, e, por isso, os documentaristas devem estar preparados para perceber estas situações e atuarem, da melhor forma possível, conduzindo a um desfecho para a questão. Isso “faz com que a experiência de filmagem se transforme em um processo de criação instantânea, de construção de um repertório de imagens marcada por uma interpretação de mundo feita pelo cinegrafista” (Soares, 2007, p. 161).

Em uma entrevista Eduardo Coutinho afirma “O acaso, a surpresa e a incerteza do resultado é que me interessam. Eu acho que as relações dão certo quando não são pergunta e resposta, mas um ato colaborativo” (as cited in Frochtengarten, 2009, p. 130).

Coutinho diz que o momento de encontro e de cumplicidade entre o documentarista e o personagem é caracterizado pelo ato único e impossível de se reproduzir. “O ato de filmagem é assim: a pessoa me diz alguma coisa que nunca vai repetir, nunca disse antes ou dirá depois. Surge naquele momento” (as cited in Frochtengarten, 2009, p. 130).

Diversos fatores influenciam a linguagem do documentário “escolhas aparentemente menos importantes, como o local de uma entrevista ou o posicionamento do entrevistado diante da câmara, são decisivas para a leitura do documentário” (Soares, 2007, p. 137).

Relativamente à utilização da entrevista, como um recurso para a obtenção do registo original, o autor sugere que o enquadramento esteja entre plano médio e um *close-up*, já que em plano geral a pessoa ocuparia um espaço muito reduzido, e, que a utilização ou não do tripé depende da situação em que acontecerá a entrevista (Soares, 2007).

O diretor durante as entrevistas deve se preocupar em direcionar, adequadamente o olhar do entrevistado, pois esta direção afeta a exposição do seu olhar, “quanto mais o olhar estiver em direção à câmera, mais frontal será a exposição do entrevistado (...) quanto mais o olhar se afastar da direção da câmera, maior será a tendência a uma exposição de perfil” (Soares, 2007, p. 140).

O local em que as entrevistas decorrem, locação ou estúdio, também se faz relevante, uma vez que põe em jogo o comportamento dos entrevistados, interferindo na espontaneidade do discurso. O autor afirma também que quando as entrevistas são feitas em estúdio, por um lado, os equipamentos expostos podem contribuir para uma inibição dos entrevistados, mas, por outro, por dispor de equipamentos de iluminação e captação de áudio e vídeo, adequados, contribui para a qualidade do material (Soares, 2007).

Os planos de filmagem são definidos pelo enquadramento da câmera sobre o espaço cinematográfico e constituem diversos pontos de vista responsáveis por descrever a ação da história através da variação destes planos (Soares, 2007). É preciso também definir o posicionamento e o trabalho da câmera, já que são elementos fundamentais para a construção da estética do documentário e da relação desejável com o espectador.

Uma vez que a maioria dos documentários têm enquanto cenário um espaço real, enquadrado no mundo das personagens do filme, onde a câmera não têm domínio total, reagindo às manifestações vivenciadas, isto gerou diferentes formas expressivas no ato de filmar, e a primeira consequência é a “valorização do plano-sequência como principal recurso da tomada” (Soares, 2007, p. 155).

Em relação à produção de documentário sob a perspectiva da representação, Oliveira 2014a, afirma que esta não depende somente dos documentaristas, mas também dos representados que quando filmados fantasiam representações de si mesmos.

Soares (2007, p143), ao analisar a obra de Eduardo Coutinho, afirma que “a preocupação de Coutinho é com a verdade que nasce durante a filmagem, de um personagem que se constrói diante dele”. Eduardo Coutinho refere que suas produções são feitas a partir e exclusivamente de entrevistas, o equipamento de filmagem não se desloca durante as gravações e não há cortes ou interrupções de cena, mas que a presença da câmera diante das pessoas provoca “o “efeito câmera”: a pessoa sabe que tem uma câmera, eu não escondo, mas de fato você nunca sabe exatamente quando ela está consciente da câmera ou não está” (as cited in Frochtengarten, 2009, pp. 129-130).

Em relação ao planos e as tomadas de filmagens, mediante a proposta sugerida para esta investigação, não serão repetidas as cenas, uma vez que não seguiremos um guião robusto, devido à natureza do documentário em explorar um processo criativo e colaborativo. Portanto, as câmeras estarão fixadas em pontos estratégicos da sala, que consigam captar em planos médios e *close-up* a dinâmica dos indivíduos e, por se tratar de um documentário do modo reflexivo, a parafernália técnica poderá servir como elemento do cenário, uma vez que procura-se a incidi sobre a metalinguagem do documentário.

2.3.3 Pós Produção

A pós-produção é a fase final do projeto, onde o material deve ser editado de acordo com um guião de montagem, que orienta as sequências do filme e desenha o discurso final, o trabalho de edição é também um trabalho de guionismo (Soares, 2007, p. 174). A edição é o coração da produção de vídeo, é o momento em que todas as peças serão reunidas a partir de um ritmo (Wolsky, 2005).

Comparativamente aos filmes de ficção, os documentários possuem um maior tempo de execução, mas por outro lado, maior autonomia na etapa de pós produção no sentido criativo do processo, uma vez que muitos detalhes, elementos discursivo e explicativo, escapam durante a produção e, possivelmente, nem tenham sido previstas pela pré-produção, a edição se responsabiliza, a partir da introdução destes elementos e do ajuste de tempo e ritmo da narrativa (Soares, 2007).

O processo de pós produção se inicia com a análise do material captado, tanto em áudio como em vídeo que dará origem ao guião de edição, utilizado para a montagem do filme e que pode, diferentemente do que em ficção, se distanciar das previsões e critérios estabelecidos no tratamento em pré-produção, podendo assim, ter a história reorganizada pelo diretor durante esta etapa (Soares, 2007).

Assim, para a obtenção de um guião de edição, começa-se por eliminar os planos que apresentam fragilidades técnicas e parte-se para a transcrição das entrevistas no papel, recomendado para uma interação totalizadora do material disponível, e decupagem das sequências de ação (Soares, 2007).

A associação entre os planos não está obrigatoriamente inserida em uma narrativa lógica, “nem sempre necessita preservar a continuidade de uma ação. De fato, a montagem de documentário não está presa às mesmas regras de continuidade que regem a montagem do filme de ficção” (Soares, 2007, pp. 178–179).

Muito importante para a estruturação do filme em pós-produção, são as sequências inicial (como introduzir o assunto) e final, que devido à quantidade de material captado, normalmente dificulta a decisão (Soares, 2007).

Em relação aos planos-sequência, estes podem ser preservados pelo editor, mas normalmente, são cortados e remontados de acordo com a ideia do diretor. O autor afirma que “esse recurso de montagem quebra a continuidade do plano obtido na tomada, propiciando uma nova dinâmica na visualização da cena pela inserção outros pontos de vista (Soares, 2007, p. 200).

A pós-produção será, em grande parte, regida por um software de edição de vídeo que, por norma, todos dispõe dos mesmos conjuntos de ferramentas. Muitas das soluções de pós-produção orientadas por e para computador agora vão muito além da edição de material de vídeo digital e incluem cada vez mais sofisticados efeitos especiais e ferramentas de animação e interação (Wolsky, 2005).

Capítulo 3

Investigação Empírica: dos Parâmetros Metodológicos à Execução do Estudo

Este capítulo está estruturado em três secções. A primeira secção, Caracterização e Etapas da Investigação, conta com a descrição do desenho metodológico desenvolvido para a obtenção dos dados necessários para atingir os objetivos e finalidades traçados na parte teórica da pesquisa, a caracterização da investigação, de forma generalizada, contendo elementos introdutórios e essenciais para a compreensão das decisões tomadas a respeito da metodologia, como a abordagem, natureza e enfoque metodológico e, finalizando a primeira secção, encontram-se as etapas decorridas da investigação e os métodos e técnicas utilizadas para a recolha de dados, que são descritos em três subsecções associadas aos instrumentos de obtenção de dados.

A segunda secção destina-se à descrever, detalhadamente, os procedimentos executados para o desenvolvimento do estudo piloto, "Em volta de uma conversa". Portanto, inicia-se com a descrição genérica do estudo, os aspetos metodológicos que suportaram o estudo, descrição do grupo de estudo, validação dos instrumentos de recolha de dados, apresentação, breve, dos resultados obtidos, as etapas de produção do documentário e, para finalizar, as considerações finais sobre o estudo piloto.

A terceira e última secção deste capítulo, refere-se a execução empírica da investigação, portanto, em duas subsecções, apresentar-se-á o grupo de estudo mediante os aspetos sociais e tecnológicos, averiguados na entrevistas semiestruturadas e a estratégia colaborativa elaborada e aplicada, primeiramente para dar suporte ao processo de criação colaborativo do guião, e posteriormente, para dar respostas às perguntas de partida, anteriormente elaboradas.

3.1 Caracterização e Etapas da Investigação

3.1.1 Modelo de Análises

Esta parte da investigação dedica-se à apresentação descritiva do modelo de análise composta pelos elementos essenciais à investigação. Assim, o modelo permitirá um maior entendimento sobre os conceitos orientadores da problemática em questão, bem como os domínios de interesse, os componentes, quando aplicável, e, por fim, os indicadores que permitem a carac-

terização do conceito/tema, além da formulação de hipóteses de investigação que respondam, de forma provisória, a pergunta de partida.

De acordo com a definição de Quivy & Campenhoudt (1998, p. 115), o modelo de análise é “composto por conceitos e hipóteses articulados entre si” . A conceptualização, que pode ser compreendida como a elaboração dos conceitos, exprime a realidade essencial do ponto de vista do pesquisador além de constituir “uma das dimensões principais da construção do modelo de análise”(Quivy & Campenhoudt, 1998).

A tabela a seguir, mostra de forma descritiva, os conceitos, dimensões e indicadores sugeridos no Manual de Investigação em Ciências Sociais, como elementos imprescindíveis na construção do modelo de análise. Vale ressaltar que os conceitos elaborados enquadram-se nos “conceitos operatórios isolados”, que são construídos empiricamente, através da revisão de literatura e fases exploratórias (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Conceito	Dimensões	Indicadores
Relação Intergeracional	Demográfica	População residente por grupo etário
		Índice de envelhecimento
	Social	Índice de envelhecimento
		Índice de risco de pobreza ou exclusão
	Económica	Índice de dependência
		Índice de risco de pobreza ou exclusão
		Índice de sustentabilidade potencial
	Psicossociológica	Representação social
Teorias da exclusão		
NTC e Novos Medias	Tipologia	Abordagens e teoria dos media
	Literacia	Índice de conhecimento infocomunicacional
		Índice de risco de pobreza ou exclusão
	Usabilidade	Índice de uso da internet
		Índice de uso de dispositivos móveis
	Acessibilidade	Motivo da utilização
		Teorias da exclusão
		Formato do conteúdo mais absorvido

Tabela 3.1: Tabela de índices

Conceito	Dimensões	Indicadores	
Documentário	Tipologia	Evolução do gênero	
		Modos de produção de documentários	
	Contemporânea	Características de produção do documentário	
		Modos de divulgação e exibição	
		Objeto de análise do documentário	
	Processo Criativo	Pré Produção	
		Produção	
		Pós Produção	
	Colaborativa	Definição	
		Etapas de colaboração	
		Ambiente de colaboração	
		Partilha de tarefas	
			Construção de conhecimento

Tabela 3.2: Continuação da tabela de índices

Após definição dos conceitos e elementos que os descrevem, recorreu-se a elaboração das hipóteses, que são, normalmente, formuladas diante da pergunta de investigação e correspondem as respostas, ainda, indefinidas, mas, que permitirão o esclarecimento da problemática a ser trabalhada e guiarão as etapas de recolha e análise de dados (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Vale lembrar que para a primeira pergunta de investigação não recorreremos a elaboração de modelo de análise e portanto, não se construiu um modelo hipotético, pois, a estrutura da pergunta, que estratégia colaborativa adotar na construção de um guião, bem como a elaboração do enquadramento teórico permitiram o entendimento sobre os elementos essenciais a serem considerados na planificação da estratégia a adotar.

Portanto, a presente investigação estabeleceu as seguintes hipóteses, relativamente a segunda pergunta de investigação: *como se relacionam jovens e seniores, através da mediação das novas tecnologias da comunicação e novos media, em um processo de criação colaborativa para o desenvolvimento de um guião?*

H1: O relacionamento intergeracional acontece de forma respeitosa e dinâmica, uma vez que há interação de dois grupos etários que demonstram interesse pela proposta.

H2: Os jovens comportam-se de forma mais ativa, uma vez que envolve a mediação de dispositivos da comunicação, bem como o acesso aos novos media. Os seniores, demonstram-se interessados e curiosos, colaborando de forma ativa na partilha de conhecimento e reflexão coletiva, porém, mais cautelosos em relação às tecnologias.

H3: Tanto os jovens que possuem ligação afetiva e contato com os avós, bem como os seniores que possuem ligação afetiva e contato com os netos, apresentam maior entusiasmo em estabelecer relação mútua e recíproca com os indivíduos das gerações “opostas”, bem como no manuseio e na interação das novas tecnologias.

H4: As novas tecnologias da comunicação e conseqüentemente os novos media viabiliza um caminho de interação e partilha entre as gerações, promovendo a criação colaborativa e a minimização de estereótipos tanto a nível etário quanto tecnológico.

3.1.2 Caraterização da Investigação

A fim de assegurar, adequadamente, os fatores necessários para compreensão da problemática em questão, a presente investigação é baseada na abordagem metodológica qualitativa, que pode ser tida com uma estratégia de pesquisa que procura enfatizar palavras, de uma forma, contrariamente à quantitativa, que prioriza à quantificação dos dados seguindo uma linha dedutiva (Bryman, 2012, p.36).

A natureza da presente investigação é, essencialmente, descritiva, no entanto, como destacado por Bryman (2012), como prática comum nas investigações qualitativas, os pesquisadores não procuram unicamente descrever os resultados dos seus projetos, estão preocupados também na explanação dos dados obtidos e, procuram descobrir o "como" e o "porque" da problemática em questão. Assim, considera-se a influência da natureza explanatória na presente investigação, na medida em que, a segunda pergunta de partida desta pesquisa, foi estruturada de forma a compreender como se comportam jovens e seniores em um processo de criação colaborativa de um guião, através das NTC e novos media.

Apesar de os estudos qualitativos que recorrem a natureza descritiva serem compostos por, aparentemente, detalhes triviais, esses detalhes são frequentemente importantes para a investigação, uma vez que os detalhes fornecem uma descrição do contexto dentro do qual as pessoas e o comportamento ocorre. Um dos principais motivos para a utilização da ênfase descritiva é que muitas vezes é precisamente essa compilação de detalhes que fornece o entendimento sobre o comportamento investigado Bryman (2012).

De acordo com a proposta da investigação em produzir um documentário sobre o processo de construção de um guião, de forma colaborativa, foi preciso selecionar, não aleatoriamente, por conveniência o grupo de estudo. Vale ressaltar que, as limitações do desenho metodológico adotado no desenvolvimento desta investigação, estão associadas, primeiramente, ao fato de ser um grupo de estudo, constituído de forma não aleatória, o que reduz a generalização dos resultados, uma vez que não apresenta a mesma possibilidade de participação na investigação para todos os indivíduos da população (Martins, 2016, p. 29)

O enfoque da pesquisa concentra-se na metodologia exploratória e em uma fusão de investigação-ação e documentário interpretativo. A metodologia exploratória está inserida na primeira parte do processo empírico, embora recorra-se a este procedimento durante todo o processo investigativo, e é executada a partir da investigação documental, portanto, a leitura, que proverá "a qualidade de informação acerca do objeto estudado"(Quivy & Campenhoudt, 1998, p.85), e conduzirá as próximas etapas. Constitui em um processo crítico portanto de avaliação dos conceitos e dos significados da investigação, mediante à informação absorvida, e como disponibiliza-los no documento de comunicação (Bryman, 2012).

A análise documental, feita a partir da revisão da literatura, permitiu um maior entendimento dos conceitos/temas envolvidos na problemática em questão, quais as lacunas

existentes na área de conhecimento e qual o caminho a seguir. Mesmo diante da limitação que a investigação-ação pode trazer relativamente ao tempo de execução necessários para obtenção das informações pertinentes, optou-se por recorrer a este enfoque metodológico, uma vez que o objeto de estudo é a produção de um documentário colaborativo sobre a relação intergeracional mediante às novas tecnologias da comunicação e dos media digitais. dos media digitais.

De acordo com Bryman (2012), existem diferentes tipos de investigação-ação, mas, de forma geral, está associada a uma abordagem na qual a ação, o(s) pesquisador(es) e os membros de um ambiente social colaboram, entre si, na identificação de um problema e na procura por soluções. Neste tipo de abordagem metodológica, o investigador torna-se parte do campo de estudo e a coleta de dados por ser feita quantitativa ou qualitativamente.

A investigação ação, apesar de ser mais utilizada em áreas de ciências sociais mais ligadas a pesquisa empresarial e de gestão e política social Bryman (2012), de acordo com Engel Engel (2000, p. 3), esta, “pode ser aplicada em qualquer ambiente de interação social que se caracterize por um problema, no qual estão envolvidos pessoas, tarefas e procedimentos”.

Assim, teríamos os indivíduos jovens e seniores, como as pessoas que vão colaborar e que formam o grupo de estudo, ou seja, o perfil de pessoas envolvidas no problema evidenciado na análise documental; as tarefas de colaboração, atribuídas a todos os indivíduos, no desenvolvimento do guião; e os procedimentos categorizados em pré produção, produção e pós produção do documentário.

Se por um lado este tipo de enfoque metodológico é menosprezado, e visto com pouco rigor, por alguns académicos, por outro lado, é defendida em função do compromisso de envolver pessoas na identificação e solução de problemas Bryman (2012).

Vale ressaltar que,

“A pesquisa-ação é auto-avaliativa, isto é, as modificações introduzidas na prática são constantemente avaliadas no decorrer do processo de intervenção e o feedback obtido do monitoramento da prática é traduzido em modificações, mudanças de direção e redefinições, conforme necessário, trazendo benefícios para o próprio processo, isto é, para a prática, sem ter em vista, em primeira linha, o benefício de situações futuras”
(Engel, 2000, pp. 184-185)

Por outro lado, procurou-se trazer, enquanto instrumentos para a análise dos dados, o documentário que é o resultado empírico desta investigação. Assim, e exclusivamente, por este fator, recorre-se ao método documentário interpretativo. A parte essencial deste método consiste em considerar e relacionar diversas esferas da vida cultural “penetrando o máximo em direção à totalidade fundamental, através da possibilidade de entendimento das interconexões dos vários ramos dos estudos culturais” (Weller et al., 2002, p. 382).

Entretanto, tal procedimento implica, em uma “análise temporal longitudinal”, ou seja, a experiência histórica em questão não se explica sozinha, mas requer para sua compreensão uma sobreposição de temporalidades e, para tanto, um sistema de conceitos deve ser invocado” (Weller et al., 2002, p. 392).

Por isso, sugere-se uma adaptação deste método aliado ao da investigação-ação, já que os dois apresentam características fundamentais que envolvem e possibilitam a compreensão para este estudo, mas, não no seu contexto totalizador. Assim, a presente investigação será desenhada de forma a contemplar os elementos primordiais de ambos enfoques metodológicos.

O método de documentário interpretativo pode ser operacionalizado por diferentes formas, como imagens fotográficas, documentos, vídeos e observação participante, o que pode provocar a triangulação de métodos, beneficiando e qualificando a análise dos resultados (Tavares, 2012).

De acordo com Bryman (2012), triangulação implica o uso de mais de um método ou fonte de dados no estudo dos fenómenos sociais. O termo faz referência a uma abordagem que recorre a diversas formas de observação, perspectivas, fontes de dados e metodologias, e que pode ser utilizada quer em abordagem quantitativa, como qualitativa ou ainda, na fusão entre as duas linhas metodológicas.

Em uma visão mais prática do documentário interpretativo, (Tavares, 2012), menciona a importância de o investigador manter-se atento aos elementos expressivos durante as conversas estabelecidas entre os indivíduos do estudo e o investigador, principalmente quando "se pretende documentar as representações coletivas", pois os gestos, expressões verbais e faciais, revelam aspetos interessantes e valiosos na construção de conhecimento a respeito dos indivíduos. "A observação desses múltiplos aspectos expressivos (...) permitirá ao pesquisador uma visão mais abrangente da ação social"(Tavares, 2012, p.591), o que se torna significativo em uma análise documentária, que envolva a compreensão e a intenção dos atores sociais.

Destaca-se que "os métodos devem ser escolhidos e utilizados com flexibilidade, em função dos seus objetivos próprios, do seu modelo de análise e das suas hipóteses"(Quivy & Campenhoudt, 1998, p.233). Os autores afirmam que não existe um método ideal e sublinham que cada um dos métodos podem conduzir a investigação de forma adequada, desde que sejam escolhidos com sensatez (Quivy & Campenhoudt, 1998).

As técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados foram inquirido por entrevista semiestruturada, que possibilitou um maior entendimento do grupo selecionado, observação participativa com preenchimento de diário de campo e análise de conteúdo do guião e do documentário produzidos durante a fase empírica do projeto.

3.1.3 Etapas da investigação e cronograma

De uma forma geral, para a concretização da presente investigação seguiu-se as etapas sugeridas por Bryman (2012): 1-) escolher a área de investigação; 2-) formular as perguntas de investigação; 3-)escolher os métodos; 4-)formular o desenho da investigação e as técnicas e instrumentos para recolhas de dados; 5-)implementar o método de recolha de dados; 6-) analisar os dados; 7-) interpretar os dados obtidos; 8-) concluir.

Numa primeira etapa, fez-se o levantamento do estado da arte tanto para a componente teórica, procurando compreender os conceitos envolvidos e os indicadores essenciais ao aprofundamento do corpo teórico desta pesquisa, quanto para artefacto audiovisual, através de plataformas audiovisuais gratuitas, como o *Youtube* e o *Vimeo*.

Recorreu-se ao modelo de análise, descrito na subsecção a cima, uma vez que este instrumento comporta-se como um elemento intermediário entre a problemática estabelecida como área de investigação e a "elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso"(Quivy & Campenhoudt, 1998, p.109).

Os resultados desta primeira parte da investigação foram apresentados de forma sistemática no enquadramento teórico. Esta fase facilitou o desenho metodológico necessário para a obtenção dos objetivos propostos, bem como a elaboração das técnicas e instrumentos para recolha de dados.

A recolha de dados ocupou a segunda etapa desta investigação e contou com três fases: a

instrumentalização e validação, ou seja, a elaboração definitiva dos instrumentos de recolha de dados e a validação dos mesmos, descritos no próximo quadro; a seleção do grupo de estudos, que deve corresponder aos critérios elaborados, descritos com maiores detalhes no próximo quadro; e finalmente, as sessões coletivas e colaborativas com o grupo de estudo que permitiu a execução íntegra desta etapa ao facilitar a aplicação dos instrumentos desenvolvidos.

Por fim, após obtenção dos dados, efetuou-se análise dos mesmos através de técnicas qualitativas de interpretação.

São apresentadas as três etapas que constituem o projeto desta investigação:

☞ Estado da arte

- ☞ Revisão da literatura
- ☞ Revisão do artefato audiovisual

☞ Recolha de Dados

- ☞ Instrumentalização (elaboração das técnicas e instrumentos de recolha de dados)
- ☞ Seleção do grupo de estudo
- ☞ Reuniões com grupo de estudos para a recolha de dados

☞ Análise dos Dados

- ☞ Análise das entrevistas
- ☞ Análise do diário de campo
- ☞ Análise do material obtido durante a produção do documentário e do guião, produzido pelos participantes

Para contemplar as etapas da investigação de forma pormenorizada, segue-se o cronograma, na tabela 3.3, desenhado em meados de dezembro de 2016 e que, ao longo dos meses do ano de 2017, sofreu ajustes ao nível, principalmente, dos encontros com o grupo de estudo e pós produção do documentário. As atividades cuja outras pessoas estão envolvidas requer maior esforço na conciliação de agendas, uma vez que envolve diversos desencontros.

As atividades foram divididas em componente teórica e componente empírica. Iniciou-se, portanto, com o levantamento do estado da arte, tanto para estudos cuja conceptualização assemelhava-se à proposta presente, portanto estado da arte teórico, quanto para o artefato audiovisual, onde procurou-se avaliar os conteúdos que faziam referência à mesma problemática.

A atividade seguinte foi a revisão da literatura, feita sistematicamente entre os meses de novembro à fevereiro e, mais tarde, nos meses de maio e junho. Inicialmente a revisão de literatura promoveu o desenvolvimento do plano de investigação e, o fortalecimento da linha científica seguida.

O plano de investigação foi redigido nos meses inteiros de novembro e dezembro e parcialmente no mês de janeiro. Data em se apresentou e, conseqüentemente, avaliou o plano da presente investigação.

Entramos na componente empírica. Destaca-se que nem todas são de fato atividades práticas, nem todas as atividades presentes nesta componente envolve a prática realmente, porém, são todas voltadas para a realização dos encontros com o grupo de estudo. Assim,

decidiu-se por esta divisão e procurou-se, através de cores diferenciadas, agregar as atividades da componente empírica de acordo com a semelhança que aprestam em relação à sua natureza

Portanto, o primeiro grupo desta parte está destacado com a cor roxa e representa as três atividades que são consequência da revisão de literatura e que fazem o intermédio com os encontros efetuados. Assim, estabeleceu-se os critérios de seleção no mês de dezembro e desenvolveu-se a estratégia colaborativa, aplicada para a construção do guião, no mês de janeiro com intervalo em fevereiro, devido ao estudo piloto, e retomada no mês de março. Como a estratégia é suportada por um procedimento cíclico, esta, esteve em desenvolvimento até o último dia do encontro, portanto, até o mês de maio. Ainda fez-se a apresentação do plano de investigação, avaliado em janeiro.

O próximo grupo está sinalizado com a cor laranja e representa as atividades que tornaram a seleção do grupo e a execução da investigação tangíveis. Assim, em fevereiro deu-se início à instrumentalização, portanto a criação, adaptação e validação das técnicas e instrumentos de recolhas de dados definidas para esta investigação. Esta atividade esteve em execução até finais de março.

O estudo piloto, enquadra-se na instrumentalização acima descrita, já que o objetivo fulcral do piloto foi a validação dos instrumentos de recolha de dados. A pré produção e a produção ocorreram em fevereiro e a pós produção do documentário "Em volta de uma Conversa" se deu no mês de março. Por fim, deu-se à seleção do grupo de estudo durante o mês de março.

O terceiro e último grupo que caracteriza a componente empírica é de facto a parte prática da investigação, onde os encontros acontecem, a estratégia é executada, os dados são gerados e analisados e então, pode-se concluir sobre o estudo desenvolvido.

Assim, seguimos com a aplicação da entrevista semiestruturada, que decorreu em meados de março e princípio de abril. Os encontros com o grupo decorreram nos meses de abril e maio (as datas podem ser conferidas na descrição da estratégia, ainda neste capítulo). A produção do documentário aconteceu no mesmo período de tempo que os encontros, uma vez que a proposta era registar o processo criativo do guião e portanto, pode-se dizer que a etapa de produção é a mesma dos encontros com o grupo.

A análise dos dados escritos e no formato audiovisual, iniciaram-se ao mesmo tempo em que se deu o primeiro contacto com os integrantes do grupo, uma vez que um dos instrumentos recolhidos foi a observação direta. Entretanto mesmo os outros instrumentos utilizados, providenciaram conteúdo para que a análise pudesse ser iniciada, como as entrevistas semiestruturadas, por exemplo. Dessa forma esta atividade decorreu ao longo dos meses de março, abril e maio.

A pós produção do documentário chamado Inter Gera Ação, aconteceu de forma sistemática nos meses de maio e junho, poré, deram início no mês de abril, juntamente com os encontros, uma vez que, como mencionado posteriormente, estipulou-se algumas edições pontuais ao longo dos encontros.

Por fim, finaliza-se a componente empírica através das conclusões, elaborada no mês de junho obtidas mediante os instrumentos elaborados, os dados gerados e a análise efetuada, tendo em conta a revisão de literatura e todo o processo científico suportado por esta investigação.

A parte final do cronograma, portanto, da própria investigação, é composta pela redação que foi elaborada durante todos os meses, contemplados pelo cronograma, e pela entrega final da dissertação, onde o documento provisório foi entregue no dia 09 de junho e constitui o documento escrito, e todo o conteúdo audiovisual editado: o documentário consequente do

estudo piloto Em volta de uma Conversa, o documentário resultante do estudo principal Inter Gera Ação e o guião, fruto da estratégia colaborativa, Conversas entre Gerações.

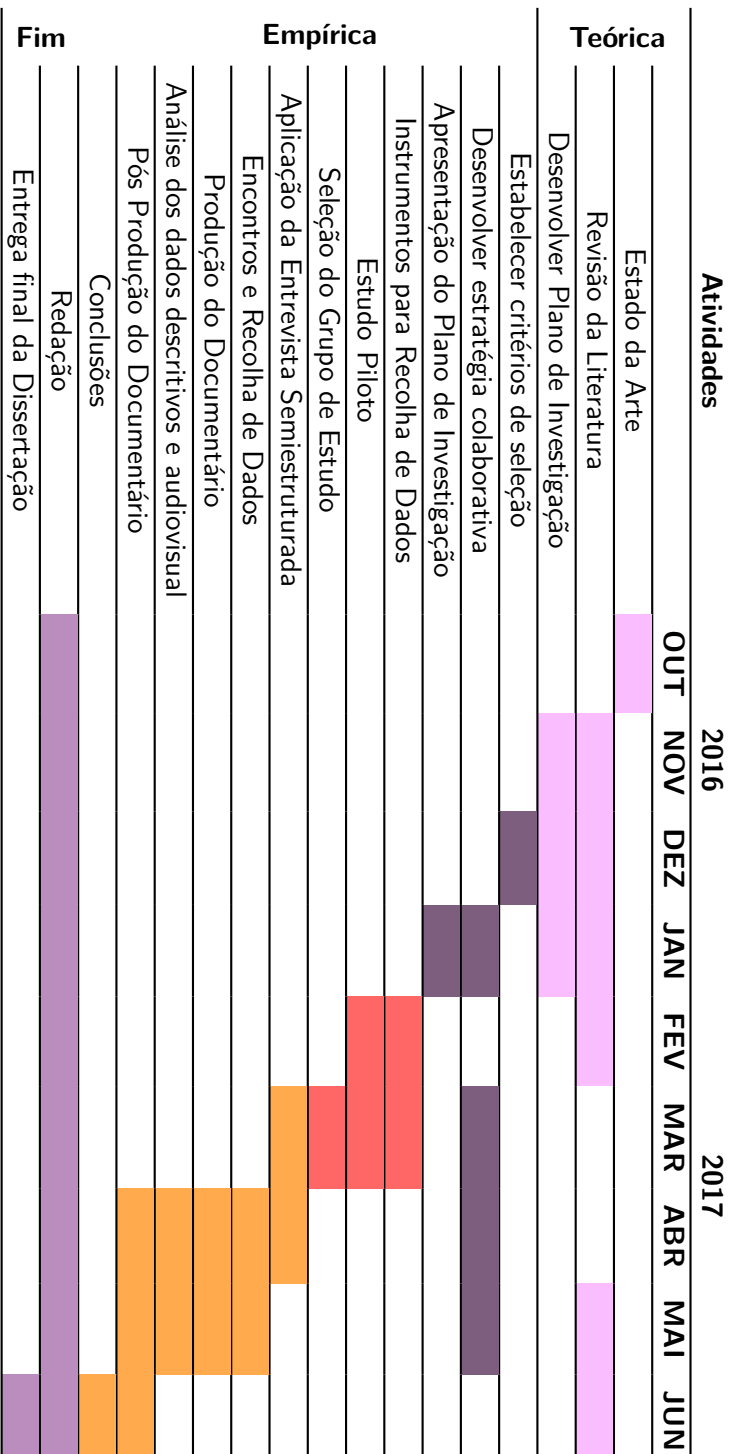


Tabela 3.3: Cronograma

Técnicas e Instrumentos para a Recolha de Dados

A fim de obter informações adequadas à pergunta de partida desenvolvida para esta investigação, e, mediante a natureza e abordagem metodológica definidas para a parte empírica da pesquisa, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados serão descritos, respetivamente, a seguir.

Vale lembrar que, "os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos e das hipóteses de trabalho"(Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 185).

Semiestruturada

O inquérito por entrevista semiestruturada foi elaborado a fim de se obter informações pessoais e de contexto social e mediático. As principais vantagens desta abordagem resumem-se ao nível de profundidade dos elementos em análise, além da flexibilidade de dispositivos (Bryman, 2012; Quivy & Campenhoudt, 1998).

A entrevista semiestruturada ou semidirigida, é o instrumento mais utilizado em investigações de natureza social e é, normalmente elaborada, a partir de perguntas guias, que não precisam ser reveladas na ordem em que se anotou, por ventura, pode vir a provocar o surgimento de outras questões, mediante o rumo da entrevista (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Normalmente, as investigações que estabelecem a entrevista semiestruturada como via para obtenção de dados, têm objetivos associados à informação que necessitam e por isso optam pelo instrumento adequado à recolha de informações, alguns destes objetivos, que se enquadram na investigação presente, estão relacionados a análise de problemas específicos e do sentido que os indivíduos envolventes dão aos acontecimentos inseridos na problemática em questão (Quivy & Campenhoudt, 1998).

As principais vantagens relaciona-se "grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos" e "a flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência"(Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 194).

Diário de Campo

Em seguida, utilizou-se a observação participativa com o preenchimento de diário de campo, aplicado à nível coletivo, a fim de analisar, de forma espontânea, a relação comportamental entre os indivíduos do grupo e o comportamento dos participantes diante da dinâmica proposta e a partir da introdução de dispositivos tecnológicos, mas também com observações à nível individual, a fim de especular a relação de cada um com determinado dispositivo ou em determinada função de produção.

Neste tipo de instrumento para recolha de dados o investigador é o instrumento elementar na observação, "o investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa"(Lessard-Hébert et al., 1990, p. 155). Ainda de acordo com os autores acima, a observação participativa é adequada à situações que envolve a compreensão de um contexto social, pois integra o investigador progressivamente no meio específico (Lessard-Hébert et al., 1990).

As principais vantagens são a própria análise efetuada no momento em que os comportamentos são produzidos e a autenticidade dos dados, entretanto, por outro lado, a observação

participativa revela-se frágil principalmente em relação à interpretação das observações (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Levou-se em consideração a experiência vivenciada no estudo piloto, em que as ferramentas de anotação, em alguns momentos desviaram a atenção dos indivíduos. Assim, optou-se por fazer uma revisão dos pontos a serem observados antes de dar início aos encontros, dessa forma, as observações foram transcritas imediatamente após finalização das sessões.

Análise de Conteúdo

Por fim, recorreu-se à análise de conteúdo a partir do guião construído colaborativamente e do conteúdo do documentário produzido durante a fase empírica (aplicado à nível coletivo, a fim de examinar e interpretar os resultados obtidos na criação colaborativa de um guião e de um documentário, através das enunciações acometidas por cada participante).

A análise de conteúdo pode ser feita sob em diferentes formatos de conteúdos, como jornais, atas de reuniões, obras literárias programas audiovisual e "os métodos de análise de conteúdo implicam a aplicação de processos técnicos relativamente precisos (como, por exemplo, o cálculo das frequências relativas ou das co-ocorrências dos termos utilizados)" (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 226).

As vantagens desse instrumento de recolha de dados, relacionam-se ao controle da informação posteriormente ao trabalho de coleta, uma vez que, a fonte da informação, normalmente está disponível em um documento escrito ou audiovisual, a captação do conteúdo implícito, a liberdade do investigador no processo criativo (Quivy & Campenhoudt, 1998).

3.2 "Em volta de uma Conversa- O Estudo Piloto

Antes de mais, deve-se destacar que o estudo piloto foi desenvolvido como forma de, aplicar e avaliar os instrumentos de recolha de dados, até então, desenvolvidos para o projeto de dissertação em questão, além da obter conhecimentos prévios necessários para fortalecer o desenvolvimento da produção final do documentário, minimizando os fatores de risco que pudessem contribuir para o enviesamento ou insucesso da investigação.

3.2.1 Descrição do Estudo Piloto

O estudo foi realizado em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, no dia 03.03.2017 e, inicialmente foi estruturado para que em uma roda de conversa, jovens e seniores refletissem sobre as alterações de hábitos e costumes evidenciadas na comemoração do Carnaval da Terceira. Partindo da forma como as comemorações estão, e sempre foram, estruturadas e com a novidade introduzida no ano de 2017 do aplicativo para *smartphones* "Carnaval da Terceira", pretendia-se explorar as variações de costumes e aproveitar o lançamento do aplicativo para promover um momento de interação entre os jovens, os seniores e as tecnologias da comunicação.

Assim, a proposta inicial era que no momento em que se falasse sobre o aplicativo lançado este ano, os jovens pudessem providenciar o *download* da aplicação (app) e interagir convidando os seniores à partilhar o ecrã. Depois desse momento de interação inicial entre jovens seniores e as tecnologias da comunicação, seria proposto a elaboração de um tema para um bailinho do carnaval da Terceira, e durante a partilha de ideias para o tema até o momento da decisão do tema (caso houvesse a participação dos integrantes e mais de uma ideia lançada) seria pedido que o registo audiovisual fosse efetuado entre eles, determinando um caminho para a interação e para a partilha de conhecimento sobre as TIC. A seleção dos participantes

foi feita de forma não aleatória por conveniência, uma semana antes da reunião ser efetivada. Entretanto, das oito pessoas que se disponibilizaram a participar no estudo, apenas quatro compareceram. Devido às circunstâncias pessoais da minha estadia, o estudo foi realizado na casa dos avós de um dos participantes, pois, além de cederem o espaço, seria através deles o contato com os outros seniores.

Diante da necessidade de alteração do rumo exigido pelas circunstâncias, anteriormente mencionadas, e, diante do envolvimento e o interesse dos participantes expostos antes de começar a gravar, foi decidido, que a conversa seria alterada para os hábitos de diversão e ócio, pois, algumas informações que haviam referido e/ou era sabido pela entrevistadora que todos, exceto a Albertina, procuram na música e em instrumentos musicais, um momento de relaxamento, prazer e ócio produtivo. Flora, gosta de cantar, Vitor toca, principalmente, instrumentos de corda e Jacinto toca teclado. Pensando ser um motivo para conseguir propor uma produção coletiva e colaborativa o tema da conversa desenvolveu-se por este caminho. Entretanto, devido à insuficiência energética do equipamento, não foi possível concluir o estudo, portanto, não se conseguiu propor a criação colaborativa. Entretanto, mesmo sem o registo audiovisual, após à conversa e a declaração da intermediadora sobre as condições do equipamento de filmagem, presenciamos um momento de ócio musical, quando o José toca o teclado e Flora acompanha cantando um tema de samba.

3.2.2 Aspetos metodológicos do Estudo Piloto

O Grupo de Estudo

O grupo de estudo foi selecionado de forma não aleatória e por conveniência, como dito anteriormente, assim, a forma de seleção utilizada acarreta limitações quanto à generalização dos dados obtidos.

O único critério de seleção definido foi a idade dos participantes, pois devido as circunstâncias em que o estudo se desenvolveria, não seria possível garantir a participação exclusiva de participantes que não tivessem laços familiares. É importante referir que três dos indivíduos que faltaram assinalavam entre 65 e 70 anos e portanto, garantiam uma maior heterogeneização e dinâmica do grupo.

Assim, os participantes representaram as duas gerações de interesse para o projeto, portanto, dois indivíduos jovens, uma mulher de 28 anos e um homem de 29 anos e, dois indivíduos seniores, uma mulher de 85 anos e um homem de 87 anos. Vale ressaltar que os dois indivíduos seniores são um casal, ligados matrimonialmente, e são avós do jovem participante. Todos os três açorianos. Por outro lado, a jovem integrante não apresenta ligação familiar com nenhum dos outros indivíduos e tem nacionalidade brasileira. Entretanto, como o objetivo principal do estudo piloto foi o teste efetuado sobre as técnicas e instrumentos de recolha de dados, a preocupação aqui, não é em definitivo, apresentar e analisar os dados para enquadrá-los teoricamente e sim, apresentar o esboço inicial de cada instrumento elaborado e a sua conseqüente alteração, depois da aplicação, dos mesmos, no estudo piloto.

3.2.3 A Validação dos Instrumentos de Recolha de Dados

Entrevista Semiestruturada

Em volta de uma conversa foi uma oportunidade para aplicação do inquérito por entrevista semiestruturada previsto e elaborado para o projeto de dissertação, estruturado com a finalidade de recolher informações relacionadas às formas de socialização, bem como a relação

com as tecnologias da comunicação e novos media. Através das entrevistas foi possível construir uma segunda versão do guião utilizado no trabalho final, mas também, contribui para algumas considerações a serem feitas na secção dos resultados obtidos. Além da entrevista semiestruturada, as técnicas e instrumentos para recolhas de dados também utilizados no estudo piloto resumem-se em observação participativa através de diário de campo e análise de conteúdo através do documentário produzido.

Para assegurar que "as perguntas serão bem compreendidas e as respostas corresponderão, de facto, às informações procuradas é imperioso testar as perguntas", o que consiste em "apresentá-las a um pequeno número de pessoas pertencentes às diferentes categorias de indivíduos que compõe a amostra"(Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 182).

A entrevista semiestruturada, foi construída de forma a obter conhecimento sobre os aspetos sociais (especificamente sobre relações intergeracionais) e aspetos tecnológicos do indivíduo. Foi aplicada à Albertina, José, Flor e Vitor, momentos antes da conversa começar. Estas foram orientadas, unicamente, de acordo com a segunda parte do guião previamente estabelecido, que faz referência à utilização e literacia digital, mediante ao objetivo do estudo.

Algumas perguntas foram elaboradas mediante algumas situações impostas pela dinâmica das entrevistas, tanto pela entrevistadora como pela reação e explanação dos indivíduos.

De acordo com as respostas da Albertina e do José, as questões se direcionaram mais para o uso de chamadas dos telemóveis, assim, foi possível explorar o sentimento e a relação estabelecida por cada um deles mediante o uso deste dispositivo e, conseqüentemente com os indivíduos com os quais estabelecem relação. Portanto, e como descrito na tabela 2, a 2ª versão do guião para a entrevista inclui perguntas orientadoras para casos em que as funções básicas do telemóvel sejam as mais utilizadas.

Constatou-se, também que tanto Albertina quanto José, explanavam mais sobre a pergunta feita relativamente à Flora, que se conteve, muitas vezes em dar respostas afirmativas ou negativas. Possivelmente, a forma como a entrevista foi orientada tenha contribuído para, a inversão do instrumento de análise em questão, tirando características da entrevista semiestruturada e evidenciando características de uma entrevista estruturada ou fechada. Assim, considera-se importante um reposicionamento estratégico de intervenção por parte da entrevistadora, principalmente na forma como expõe os questionamentos e no controle da euforia, para dar atenção à escuta, elemento fundamental na relação entrevistador/entrevistado.

Assim, apresenta-se as perguntas correspondentes ao guião estabelecido antes do estudo piloto, portanto, aplicadas aos integrantes do estudo piloto.

- Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade?
- Já acedeu à *Internet* alguma vez?

– SIM

- * Por qual dispositivo tens acesso à *Internet*?
- * O dispositivo é teu ou de algum familiar?
- * Quais os motivos que o fazem aceder à *Internet*?
- * O que procuras na *Internet*?
- * Participas de alguma rede social? Se sim, qual a idade média, aproximada, dos contactos que tens na rede?
- * Qual a importância da *Internet* em teu dia a dia?
- * Qual tua visão/ consideração sobre os que não utilizam *Internet*?

– NÃO

- * Por qual motivo nunca acedeu à *Internet*?
- * Tens vontade de usar e aprender?
- * Tens acesso aos dispositivos que permitam aceder à *Internet*?

Vale destacar que diante da experiência obtida, decidiu-se que as entrevistas para o projeto final seriam feitas através do pedido de que o entrevistado comentasse sobre determinado assunto de interesse. Portanto, ao invés de conduzir questões, com intenções interrogativas, o entrevistador passará a propor momentos de diálogos mais demorados.

A segunda versão, portanto, definiu-se de acordo com as necessidades encontradas mediante as condições do estudo e conta com as seguintes alterações:

- a exclusão da pergunta “O dispositivo é seu ou de algum familiar?”
- a modificação da pergunta “Participas de alguma rede social? Se sim, qual a idade média, aproximada, dos contatos que tens na rede?”
- a introdução do interesse por “outros meios de comunicação”, suscitado pelo depoimento da Albertina sobre a diferença do impacto em se comunicar por carta ou por telemóvel.
- Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade? Qual a importância do telemóvel em seu dia a dia?
- Tens outros meios de comunicação? Quais? Qual meio de comunicação prefere?
- Já acedeu à *Internet* alguma vez?

– SIM

- * Por qual dispositivo tens acesso à *Internet*?
- * Quais os motivos que o fazem aceder à *Internet*? O que procuras na *Internet*?
- * Participas de alguma rede social? Com quem se relaciona?
- * Qual a importância da *Internet* em seu dia a dia?
- * Qual sua visão/ consideração sobre os que não utilizam *Internet*?

– NÃO

- * Por qual motivo nunca acedeu à *Internet*?
- * Tens vontade de usar e aprender?
- * Tens acesso aos dispositivos que permitam aceder à *Internet*?
- * Gostaria de aprender alguma coisa especificamente?

3.2.4 Apresentação dos Resultados das Entrevistas Semiestruturadas

Albertina, 85

- Utiliza telefone fixo e telemóvel. Fala com as vizinhas, filhos, netos e nora. De uma forma geral, com familiares em Portugal continental, Açores e Brasil.

- Tem estima pelo telemóvel e considera-o muito importante em seu dia-a-dia e declara que não sai de casa sem o dispositivo. Referiu que antes de ter o telemóvel acreditava não ser necessário, uma vez que sempre utilizou o telefone de casa, mas, desde que ganhou um telemóvel não andava sem ele por perto. Referiu a possibilidade de matar a saudade dos netos e acentuou a vantagem da função de chamadas do telemóvel, relativamente as cartas, em possibilitar um nível de interação e de presença maior com os netos.
- Quando a pergunta foi sobre a utilização da *Internet*, a resposta da Albertina foi: “*Não, nunca entrei, nem percebo nada nada da internet*”.
- Acrescenta afirmando que não sabe se o seu telemóvel permite o acesso à *Internet*, mas, supõe que não.

José, 87

- Utiliza telefone fixo e telemóvel, mas quem gere os procedimentos telefónicos em casa é a sua esposa, Albertina, sendo seu comportamento passivo como evidencia a declaração abaixo: “*é muito raro! Quem fala por mim... não é por não saber! Quem fala ... é ... quem atende o telefone é a minha mulher (...).*”
- Declara que normalmente os netos, quando ligam para os avós pedem para falar com o José e é então, que eles se comunicam.
- Refere os telefones possibilitados pelos carteiros há anos atrás.

Flora, 28

- Possui telemóvel com acesso à *Internet* e o que mais utiliza é o aplicativo whatsapp onde estabelece, principalmente, contacto com os familiares no Brasil.
- Tem acesso à *Internet* através do computador .
- Afirma que as relações online que têm com pessoas de outras gerações se resumem à integrantes familiares, mas que têm relações com outras gerações de uma forma geral, tendo amigos entre os 45 e os 55 anos, aproximadamente.

Vitor, 29

- Possui telemóvel com acesso à *Internet* mas utiliza este meio para pesquisa de conteúdos, dando preferência à rede de telemóvel tradicional para contacto com a família.
- Tem acesso à *Internet* através do computador, que por vezes é deixado de parte pela facilidade de acesso no dispositivo móvel.
- Refere o poder da experiência social possível de ter na *Internet* tendo usufruído antes da democratização das redes sociais, em canais de *chat* públicos.

O Diário de Campo

O diário de campo foi preenchido durante o encontro, o que afetou parcialmente a atenção dos indivíduos e da própria investigadora. As linhas orientadoras, que haviam sido preestabelecidas para direcionar o olhar da investigadora, sob a ação decorrida, estavam organizadas a fim de, promover a percepção de como acontece a interação intergeracional, como se expressam individualmente, como e quando partilham informações, como trabalham em equipa,

como interagem com os dispositivos móveis da comunicação e, por fim, como se comportam mediante as câmeras.

Diante da impossibilidade de executar o estudo, tal qual como havia sido definido, portanto, sem a interação tecnológica e digital, o diário de campo só pode ser aplicado parcialmente, nomeadamente, no que diz respeito à integração intergeracional, de forma sucinta, a partilha de informações e conhecimento e o comportamento em frente às câmeras.

Imediatamente a aplicação deste instrumento durante o estudo piloto, providenciou algumas recomendações relevantes e que foram levadas em consideração durante a aplicação prática da investigação, como não recorrer as anotações de campo e sim, preencher o diário no fim dos encontros, para que não interrompa a dinâmica do dia e, nem desconcentre os indivíduos.

Entretanto, vale lembrar que, mesmo não tendo sido totalmente aplicado e testado no estudo piloto, o diário de campo anteriormente elaborado foi aplicado na parte empírica da investigação final e gerou, uma série de informações significativas e relevantes que contribuiu para a análise dos dados, contribuindo para as respostas à pergunta de partida desta investigação.

Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo foi feita às entrevistas semiestruturadas e o conteúdo audiovisual produzido durante a conversa estabelecida.

Apesar de não ser o objetivo deste estudo efetuar a análise sistemática dos resultados, também devido as alterações abruptas efetuadas sobre o projeto inicial do estudo piloto, sublinha-se que as entrevistas semiestruturadas, permitiram corroborar algumas informações encontradas na literatura científica da área, como:

- ☞ a utilização generalizada dos telemóveis tanto por jovens como seniores.
- ☞ o dispositivo telemóvel associado à aproximação familiar, tanto por jovens como seniores.
- ☞ a maximização da experiência sensorial oferecida pelo telemóvel, relativamente aos outros meios de comunicação mais antigos, como as cartas.
- ☞ a utilização frequente da *Internet* por jovens e inexistente por parte dos seniores (acima dos 85 anos).

durante a análise do documentário, percebeu-se que seria plausível ter mantido a proposta inicial do estudo, a exploração das diferenças culturais do Carnaval da Terceira. Tal conclusão pode ser validada ao passo em que de uma forma mais ou menos direta, Albertina, José e Vitor, em algum momento da conversa, mencionaram episódios decorridos no âmbito das celebrações carnavalescas.

3.2.5 O Documentário: Etapas de Produção

A pré produção do documentário foi efetuada nos dez dias anteriores ao encontro coletivo e resumiu-se à obtenção dos recursos audiovisual, seleção dos participantes, elaboração do guião para orientar o encontro e, por fim, a preparação da sala que sediou a reunião.

A produção iniciou durante a preparação da sala, portanto, durante os preparativos necessários a câmara principal esteve a gravar em alguns momentos. Entretanto, devido à capacidade de energia do equipamento, deu-se prioridade ao encontro em si. As filmagens

foram feitas com uma Rollei actioncam 415 posicionada no canto superior esquerdo da sala, como ilustra a imagem 1 e uma Canon EOS 1200D, posicionada no centro da sala, entre os quatro participantes. Recorreu-se a gravação de áudio a partir de dois *smartphones*, já que não foi possível a obtenção de um equipamento profissional. Estes estiveram posicionados entre cada par de indivíduos.



Imagem 1: Em Volta de uma Conversa - Plano da GoPro

De acordo com Wolsky (2005), durante a produção procura-se seguir o guião, entretanto, normalmente, as condições externas e pessoais dos indivíduos envolvidos determinam novos direcionamentos de produção alterando os elementos do guião.

Tal situação foi experimentada durante o estudo piloto, pois, com a ausência dos outros quatro integrantes, o guião foi alterado drasticamente, prejudicando, sobretudo, a desenvoltura e a segurança da investigadora.

Vale evidenciar que a bateria esgotou antes do encerramento do encontro e não permitiu o registo de alguns momentos genuínos de interação entre os participantes, como quando o José começou a tocar teclado, como ilustra a imagem 2, portanto o equipamento ainda tinha bateria, e incentivou a Flora a cantar, momento não registado em audiovisual.

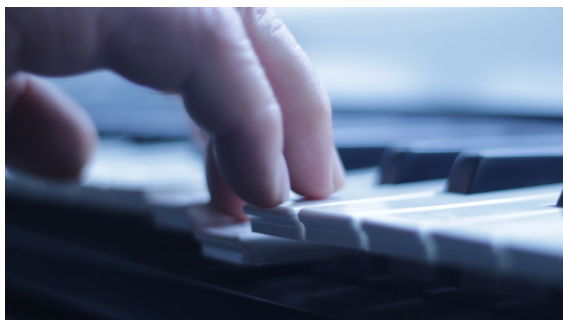


Imagem 2: Em Volta de uma Conversa - José a tocar teclado

A pós-produção é a fase final do projeto, onde o material deve ser editado de acordo com um guião de montagem, que orienta as sequências do filme e desenha o discurso final, o trabalho de edição é também um trabalho de guionismo (Soares, 2007). Assim, a edição foi finalizada no fim do mês de março e levou em consideração as características elementares do modo reflexivo de produção. Em Volta de uma Conversa têm aproximadamente 30 minutos e pode ser acedido no canal do *Vimeo*, intitulado Inter Gera Ação. Não houve alterações

ou correções de cor, uma vez que as configurações manuais estipuladas para a gravação, permitiram uma boa estética da imagem.

3.2.6 Considerações Finais Sobre o Estudo Piloto

O estudo piloto revelou-se de extrema importância, pois permitiu a compreensão das fragilidades assentes no desenho metodológico, a validação das técnicas de recolha de dados, a elaboração de novas versões para os instrumentos de recolha de dados, nomeadamente, entrevista semiestruturada e diário de campo, amadurecer a didática e dinâmica de grupo, precaver as situações de constrangimento a nível do artefacto audiovisual.

Quanto à validação da instrumentalização é um aspeto positivo e vantajoso na medida em que previne situações, como as que decorreram no presente estudo, cujo objetivo não foi totalizado, portanto de consequências extremas devido à necessidade de improvisação estratégica e a falta de controlo da situação. Verificou-se a necessidade de voltar a entrevistar mais dois indivíduos (jovem e sénior) e garantir um pré teste do segundo guião da entrevista semiestruturada, superficialmente alterado pós o estudo piloto.

Acentuou-se a necessidade de um diário de campo melhor estruturado e organizado; obtenção de equipamentos profissionais e de maior qualidade, principalmente de áudio, bem como ter um telemóvel disponível para filmar eventuais acontecimentos inesperados fora de contexto; e por fim, a preparação de uma estratégia de operacionalização emergencial, alternativa e sólida, caso as circunstâncias não permitam o desenvolvimento do guião inicial.

3.3 Luzes, Câmeras, Ação – o Grupo de Estudo e a Estratégia Colaborativa

3.3.1 O Grupo de Estudo

Como referido anteriormente, o grupo de estudo que possibilitou a realização deste projeto foi selecionado pelo método de seleção não probabilística, especificamente por conveniência. Durante a avaliação do plano de investigação em questão, tomou-se conhecimento de um grupo de jovens que se haviam voluntariado para fazer visitas ao Centro-de-Dia e ao lar do Patronato de Nossa Senhora de Fátima (PNSF), em Vilar, Aveiro.

Confirmando-se, previamente, que os jovens e os seniores se enquadravam nos critérios de seleção para o projeto, foi estabelecido, quer com os jovens, quer com a instituição/seniores, um primeiro contacto, para compreender se existia disponibilidade e interesse em participarem.

Os critérios de seleção estiveram relacionados ao local de residência dos integrantes, que por facilidade deveria ser a cidade de Aveiro e idade dos indivíduos, portanto os jovens deveriam ter entre 15 e 30 anos e os seniores deveriam ter a cima dos 65. Lembrando que estes escalões etários foram definidos de acordo com o perfil de maior e menor representatividade no uso e na apropriação das TIC.

Assim, constituiu-se um grupo composto por 6 indivíduos jovens, entre os 15 e 17 anos de idade, e 4 indivíduos seniores, entre os 84 e os 99 anos de idade. O grupo poderia ter contado com 5 integrantes seniores, porém, Maria, por motivos de saúde, compareceu apenas ao primeiro encontro, assim, apesar de a edição final do documentário trazer momentos protagonizados por Maria, considera-se 10 indivíduos no grupo de estudo.

Segue-se a apresentação dos integrantes por nome e idade, por grupo de jovens e grupo de seniores.

Nome	Idade
Ângela Gaspar Carvalho	16
Bernardo Salgado Marques	16
Carolina Casqueira Carvalhosa	16
Mariana Venâncio	17
Raquel Ruela	17
Filipa Salomé Oliveira Félix	15
António Ferreira Costa	99
Francisco Martins e Silva	84
Maria Clara Gamelas	85
Maria Madalena Duarte	85

Tabela 3.4: Nomes dos participantes do grupo de estudo

3.3.2 A Estratégia Colaborativa Adotada

De acordo com Lima (2007, p.53), alguns fatores são necessários para que a interação entre gerações, previstas para os programas intergeracionais seja efetivamente significativa. O tempo de convivência deve ser suficiente para provocar transformações comportamentais. Os deveres e direitos devem ser os mesmos para todos os indivíduos, a fim de fomentar o sentido de igualdade. As atividades deve proporcionar momentos de contato que facilitem a intimidade entre os integrantes e, devem compreender algum nível de complexidade que seja transversal as gerações. Por fim, ressalta que os programas devem ser direcionados para ações colaborativas.

Outros investigadores da área, afirmam que a elaboração de programas intergeracionais, que visam a literacia digital, deve priorizar o planejamento e a reflexão de forma a providenciar não somente a aprendizagem entre as gerações, mas sim, fortalecer os valores associados à cooperação e respeito mútuo (Roberto et al., 2014).

De acordo com a teoria de Allport (as cited in Lou & Dai, 2017, p.144) sobre a eficácia dos programas de integração entre as gerações, deve contar com (a) igualdade de status no grupo, portanto, cada participante deve desempenhar funções e atividades; (b) metas em comum para todo o grupo, a fim de incentivar a diversão, o esforço e o trabalho em equipa, dividindo tarefas; (c) cooperação entre os elementos do grupo, de forma a evitar concorrência; (d) providenciar momentos que fomentem a familiaridade e relacionamentos que se desenvolvem com contato regular; (e) apoio institucional, o que significa que há suporte externo para a interação derivada de autoridade, alfândega ou leis.

A autoras, a cima mencionadas, fizeram uma revisão de literatura sistemática sobre os programas intergeracionais não familiares, no este da Ásia, a fim de perceber como estes programas podem minimizar os estereótipos relacionados a idade e intensificar o bem-estar das gerações envolvidas. Revisitaram 14 publicações e, perceberam que, pelo menos na metade das publicações avaliadas os idosos desempenharam um papel dominante na liderança da intervenção e a geração mais nova atuou como auxiliares para facilitar o programa, juntamente com os coordenadores dos programas, como pesquisadores, professores ou terapeutas (Lou & Dai, 2017).

Ainda de acordo com a revisão de literatura, a cima referida, foram destacados dois tipos principais de intervenção, um orientado para a arte e outro de herança cultural. Metade das publicações enfatizaram as intervenções de arte, como desenho, pintura, narração de histórias, esculturas de argila, apresentações dramáticas, jogos e terapia hortícola, para iniciar a atividade e manter de forma flexível a interação entre os sexos (Lou & Dai, 2017).

Relativamente às características descritas na Teoria de Allport, as autoras evidenciaram que pelo menos 6 das publicações revisitadas, não conseguiram atender a exigência formulada na alínea (a), portanto, não garantiram o status de igualdade entre o grupo durante a intervenção. Na verdade, os participantes mais velhos ou mais jovens geralmente agiam como mentores, contribuindo com seus conhecimentos e habilidades para seus alunos com base no design da intervenção (Lou & Dai, 2017).

Assim, para viabilizar a produção do documentário e paralelamente a construção do guião de forma colaborativa, entre um grupo de jovens e seniores, a fim de encontrar respostas para as perguntas de investigação, as hipóteses e os objetivos delineados para esta investigação, a estratégia colaborativa para o desenvolvimento do guião, foi elaborada, tendo em consideração os fatores mencionados a cima e de forma gradual, em um processo cíclico, durante as semanas que intermediaram os 5 encontros com o grupo de estudo.

O primeiro esboço de estratégia foi desenhado antes das sessões iniciarem, e estava direcionado para a transmissão de conhecimentos teóricos sobre guionismo, com recurso a projetores multimédia, e conhecimentos práticos, através dos dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*. Entretanto, cada um dos encontros possibilitou uma reestruturação direcionada às necessidades verificadas, e, conseqüentemente, mais eficiente.

Uma das primeiras necessidades verificadas, e a mais significativa no que diz respeito as alterações efetuadas, percebida mediante as entrevistas semiestruturada, foi a capacidade reduzida de audição do António e de visão da Clara e do Francisco, que exigiu uma alternativa à transmissão de conhecimento teórico sobre guionismo inicialmente estipulada. Portanto, a descrição da estratégia apresentada a seguir é estruturada de acordo com a estratégia efetivada, com indicações pontuais das alterações decorridas ao longo dos encontros. O esquema de filmagens elaborado para cada sessão está descrito no capítulo 6, na secção de Produção.

Destaca-se que as necessidades referidas acima conduziram a decisão de produzir o guião em suporte digital, assim, as sessões foram desenhadas e planificadas tendo esta questão em consideração. Portanto, idealizou-se que através da prática obtida em realizar pequenas produções conseguiria-se transmitir as necessidades dos elementos, essenciais, exigidos na elaboração de um guião, seja ele para ficção ou para documentário, como as características, das câmeras, aparato de iluminação, disposição do gravador de áudio, personagens em cena, narrativa das personagens, entre outros.

Os 5 encontros aconteceram no estúdio audiovisual do Departamento de Comunicação e Artes, da Universidade de Aveiro, entre os dias 07.04 à 19.05 de 2017. O PNSF, de Vilar, providenciou o meio de transporte para o deslocamento dos seniores. A escolha do local foi uma decisão cautelosa, pois, temia-se que a dimensão da sala e o aparato audiovisual disponível pudesse intimidar, principalmente os participantes seniores. Entretanto, em reunião com a dirigente e assistente social do PNSF, Sandra Romano e Ana Janela, respetivamente, percebeu-se que os seniores alegam-se em realizar atividades em outros locais, uma vez que passam boa parte dos dias da semana no Centro de Dia de Vilar. Assim, reservou-se o estúdio e os equipamentos necessários para os dias predefinidos.

A sucessão de feriados ao longo dos meses de abril e maio prejudicaram parcialmente o andamento do projeto, quer pela ausência de alguns participantes devido as férias familiares, quer no envolvimento do projeto, principalmente para os seniores que mencionaram a dificuldade em memorizar como um obstáculo para aprendizagem. O ideal seriam encontros semanais, entretanto, entre o 1º e o 2º encontro e o 4º e o 5º encontro, houve um distanciamento quinzenal. O 2º, 3º e 4º encontro decorreram semanalmente.

Cogitou-se a possibilidade de redução dos encontros para 3 dias, a fim de realizar o projeto sem a interferência dos feriados, entretanto, mediante os objetivos do estudo não seria conveniente. Ainda assim, ter executado a estratégia em 5 dias determinou a superficialidade dos conceitos transmitidos.

Os conhecimentos sobre guionismo foram introduzidos ao longo das sessões e não foram estruturados de forma linear, apesar de o resultado final, como descrito no próximo capítulo, contemplar todas as devidas etapas, sugeridas por (Soares, 2007), ideia, tratamento e estrutura, guião literário, guião técnico, *storyboard*. Estas etapas serão detalhadamente descritas no capítulo seguinte, especificamente na análise de conteúdos através do guião.

Vale lembrar a recomendação de leitura feita na Estrutura da Dissertação para uma experiência e compreensão mais sólida e íntegra da totalidade da estratégia de operacionalização utilizada na construção colaborativa e intergeracional do guião. Portanto sugere que o leitor siga as seguintes partes: a subsecção presente, sobre a estratégia colaborativa adotada, a sec-

ção 4.2, onde encontra-se as anotações do Diário de Campo e, por fim a secção 5.4 destinada a Produção do documentário Inter Gera Ação.

1º Encontro

☞ Data: 07.04.2017

☞ Duração: 2h30min

☞ Participantes: Raquel, Mariana, Bernardo, Clara, Madalena, Maria, Francisco, António.

Objetivos

- ☞ Apresentação do projeto
- ☞ Transmitir o conceito de guião
- ☞ Transmitir e finalizar a 1ª etapa do guionismo, a ideia para o argumento.

Obs: Esta foi a única sessão que tivemos a presença da Maria, pois esta sofreu uma queda, dias depois, e esteve em recuperação durante todas as outras semanas.

1º Momento: Mesa Redonda

Esta atividade foi elaborada para a apresentação do projeto de uma forma mais generalizada. Os participantes e a investigadora estiveram sentados em círculo e foi explicado em que consistia o projeto, como demonstrado na imagem 3.

A fim de perceber o entendimento que os indivíduos detinham acerca do guião, ou seja, do produto que eles desenvolveriam num futuro próximo foram questionados sobre o conceito o que também permitiu a transmissão das primeiras noções sobre guionismo. Ainda nesse momento foi falado sobre os equipamentos do estúdio audiovisual que serviu de palco para os encontros. Foram mencionados brevemente o aparato de iluminação e os espaços de cenário, como o *chroma-key*, com intenção de promover intimidade entre os indivíduos, o espaço e os equipamentos, a medida em que os equipamentos vão sendo revelados e deixam de ser constrangimentos.



Imagem 3: Mesa Redonda

2º Momento: Púlpito

A 2ª atividade foi pensada de forma a, primeiramente, obter conhecimento sobre a expectativa dos participantes diante do projeto, uma vez que já sabiam no que consistia o estudo e, mesmo que superficialmente, em que consiste um guião. Foi solicitado que cada indivíduo se posicionasse no espaço decretado como “púlpito”, no *chroma-key*, e que falasse sobre quais eram suas expectativas para o projeto, estimulando a circulação pelo estúdio e a ocupação dos locais mais descontextualizado, como o *chroma-key*.

De forma flexível, foi solicitado voluntários para fiscalizar as câmeras de vídeo, que já estavam a gravar e a iluminação, já preparada, enquanto decorriam os relatos no púlpito, a fim de perceber o nível de interesse ou curiosidade ou ainda de passividade dos integrantes. A imagem 4, ilustra a atividade proposta.



Imagem 4: Púlpito

3º Momento: Mesa Redonda

A 3ª atividade assumiu o formato da 1ª, portanto, com os indivíduos sentados em círculo foi proposto uma conversa sobre as expectativas partilhadas no “púlpito”, a fim de perceber as convergências e/ou divergências das informações partilhadas.

A seguir foi transmitida a 1ª etapa do guionismo, a Ideia. Inicialmente, pensou-se em abordar a totalidade dos conceitos que integram a 1ª etapa do guionismo, portanto, Ideia, Storyline e Sinopse. Entretanto, como não trabalharíamos apenas uma ideia e sim cada ideia lançada pelos integrantes e, mediante a decisão de não utilizar projetor, devido às limitações sensoriais, antes referidas, e ainda devido ao distanciamento de idade entre os participantes jovens e seniores, optou-se por simplificar a transmissão de conhecimento teórico de cada etapa do guionismo, privilegiando, dessa forma, o conhecimento prático, como pode ser observado a partir do 2º encontro.

Por fim solicitou-se que cada participante, a partir da discussão sobre as expectativas partilhadas, formulasse mentalmente uma ideia para o guião. As ideias foram registadas em audiovisual e antes do encerramento do encontro foi mencionado a existência de uma página do grupo criada no *Facebook*, intitulada “Estrelas” para dar suporte ao envio de arquivos e partilha de momentos coletivos. Abaixo, na imagem 5 encontra-se a página do grupo com a última imagem adicionada à capa, que inclusive, é a paleta de cores definida para o documentário *Inter Gera Ação*, como poderá ser melhor esclarecido no capítulo 6.



Imagem 5: Estrelas - Grupo *Facebook*

2º Encontro

- ☞ Data: 21.04.2017
- ☞ Duração: 1h30min
- ☞ Participantes: António, Francisco, Clara, Salomé, Raquel, Mariana, Ângela e Bernardo.

Objetivos

- ☞ promover a interação com os novos dispositivos da comunicação
- ☞ iniciar o processo de familiarização com o grupo do *Facebook* e com as ferramentas audiovisuais dos dispositivos móveis
- ☞ estimular a manipulação das tecnologias da comunicação

Obs: Como referido anteriormente, este encontro aconteceu com intervalo de 15 dias em relação ao anterior, o que provocou uma retomada caótica em relação aos horários de chegada e de saída. Assim, este foi o encontro com menor duração.

1º Momento: Partilha Digital

A Partilha Digital foi desenhada a fim de proporcionar a interação entre os participantes do grupo e as tecnologias da comunicação, como *smartphones* e *tablets*, com o objetivo de analisar o comportamento destes indivíduos, levando em consideração a geração a qual pertencem, mediante a partilha do ecrã e de conhecimentos a serem transmitidos ou absorvidos.

Os indivíduos dividiram-se em 3 grupos (Clara, Salomé e Bernardo; Francisco e Ângela; António, Mariana e Raquel, que também esteve ao lado do Francisco) um sénior e um dispositivo por grupo, sentados em círculo, com suporte à mesa. A primeira orientação foi para que acessem ao grupo do *Facebook*, onde encontrariam 3 vídeos referentes ao encontro passado, cujas edições foram feitas previamente ao 2º encontro; os vídeos receberam os seguintes nomes: Participantes, Episódio: A Internet, Guião: A Ideia.

Vale mencionar que durante o 1º encontro Madalena e Francisco comentaram a dificuldade em memorizar, assim, decidiu-se editar pequenos vídeos a fim de permitir a retomada dos encontros anteriores e estimulá-los com o andamento do projeto. Foi solicitado para que houvesse orientação coletiva, nomeadamente ao acesso ao grupo "Estrelas" e nos aplicativos audiovisuais disponíveis nos *smartphones* e *tablets*.

A segunda etapa deste momento foi destinada à exploração das ferramentas audiovisuais dos dispositivos, como câmera para fotografia, vídeo ou qualquer outro formato, ou gravadores de áudio. Foi solicitado que percorressem o seguinte procedimento: 1-) encontrar o ícone da câmera; 2-) acionar e fazer algum registo; 3-) fazer *upload* dos arquivos para o grupo “Estrelas”. A imagem 6 mostra o cenário e a disposição dos integrantes.



Imagem 6: Partilha Digital

2º Momento: Teste de Produção

O Teste de Produção foi elaborado para que, primeiramente, de forma quase que instintiva e recorrendo aos conhecimentos que cada um detinha, os integrantes ousassem manipular os equipamentos necessários que usariam para a construção geral do guião, e, depois, para que começassem a adquirir noções de todos os elementos necessários a ter conhecimento para o desenvolvimento de um guião.

Assim, como ilustra a imagem 7 foi proposto um jogo, adaptado do clássico “batata quente” para a definição das funções, cada integrante recebeu uma bolinha colorida e durante o momento em que a investigadora, de costas para o círculo, cantarolava a cantiga, os integrantes passavam, repetidamente, a bolinha para o vizinho, até a “batata queimar”. Quando o jogo foi interrompido, cada participante tinha uma bolinha de determinada cor em mãos, e orientados por uma relação, pré- estabelecida, entre a cor e a função, organizaram-se em equipas: operadores de câmeras (cor verde), áudio (cor laranja), equipa da iluminação (cor rosa) e, por fim, os personagens (cores variadas padrão em nó). Segue as especificações das equipas por funções e pessoas, estabelecida para a atividade Teste de Produção.

- ☞ Operadores de Câmera: António e Bernardo
- ☞ Operador de Áudio: Mariana
- ☞ Iluminação: Ângela e Salomé
- ☞ Personagens: Clara, Raquel (entrevistadas) e Francisco (entrevistador).

Auxiliados pela investigadora e facilitado pela disposição do aparato de iluminação superior, construiu-se o *set* de filmagens no *chroma-key*, posicionaram as personagens em palco e o entrevistador próximo a elas, câmeras e gravador a captar seus respectivos elementos e ao vibrar da claquete com o bater de palmas, adentrou-se em mais uma camada da metalinguagem: os dispositivos de filmagens utilizados para a produção do documentário Inter Gera

Ação a captar a gravação feita através das tecnologias da comunicação para a produção do guião Conversas Entre Gerações.

Ainda pode-se ponderar o fato de que o Teste de Produção e as outras atividades que proporcionaram uma breve produção com o objetivo de angariar material para estudar e avaliar os elementos de um guião, são, em suma o próprio guião e, como estruturado em formato digital, pode-se dizer que constitui-se também no próprio documentário. A imagem 8 revela parte da equipa em ação.



Imagem 7: Batata Quente



Imagem 8: Teste de Produção

3º Momento: Reflexão do Dia

Ao finalizar o Teste de Produção, todos sentaram, alguns no chão, outros em cadeiras, próximos uns aos outros e discutiram sobre o que haviam falhado. Naquele instante surgiu o que se chamou de Reflexão do Dia, cuja finalidade era cada um falar sobre a sua perceção do encontro decorrido. A partir de então esta prática ficou estabelecida como um ritual que se voltaria a fazer a cada desfecho.

3º Encontro

☞ Data: 28.04.2017

☞ Duração: 2h

☞ Participantes: António, Francisco, Clara, Salomé, Raquel, Carolina, Mariana, Ângela e Bernardo.

Objetivos

- ☞ promover a interação com os novos dispositivos da comunicação
- ☞ insistir na familiarização com o grupo do *Facebook* e com as ferramentas audiovisuais dos dispositivos móveis
- ☞ estimular a manipulação das tecnologias da comunicação
- ☞ transmitir conhecimentos sobre guionismo relativamente as etapas de tratamento (organizando as ideias), guião literário (com improvisação de narrativas) e técnico (com instruções sobre planos e ângulos, esquema de iluminação, captação de áudio)
- ☞ perceber como se comportam mediante o trabalho em equipa

1º Momento: Partilha Digital

A Partilha Digital do 3º encontro seguiu as mesmas coordenadas utilizadas no 2º encontro, portanto, baseou-se no acesso ao grupo “Estrelas” e na visualização das 3 edições publicadas, Reflexão do Dia, Guião: Teste de Produção e Episódio: Por outros Olhos. Foi também solicitado que tirassem uma *selfie* e postassem no grupo do *Facebook*.

2º Momento: Produções

O objetivo das Produções foi produzir material bruto de onde, posteriormente pudéssemos retirar os elementos para compor o guião final, além da introdução de conhecimentos sobre os elementos gerais contidos em um guião para documentário.

O 2º momento contou com duas produções, orientadas, como no Teste de Produção, através do jogo da “batata quente”, que implicava na aleatoriedade na definição das funções. Segue a descrição de equipas e funções:

- ☞ Operadores de Câmera: Francisco, Raquel, Salomé
- ☞ Operador de Áudio: Ângela e Clara
- ☞ Iluminação: António, Bernardo e Carolina
- ☞ Personagens: Mariana

Entretanto, diferentemente do encontro anterior, foi estipulado um atelier, cada qual sinalizado com um placar em papel, para abrigar cada equipa, portanto cada função: câmeras, áudio, iluminação e personagens e as respetivas instruções e informações teórico-prática.

Portanto, no espaço da equipa de câmara havia visualmente disponíveis diferentes planos de câmara e diferentes ângulos. Foi pedido para que eles observassem as imagens e definissem que plano e ângulo cada uma das câmeras captaria. O mesmo aconteceu com a equipa de iluminação. Através de diversas imagens e esquemas de iluminação, foi pedido para que decidissem uma para executar.

A equipa do áudio deveria escolher o melhor local para posicionar o gravador (telemóvel), além de captar o *room tone*¹. Por fim, a única personagem escolheu um, dos 3 locais disponíveis

¹room tone pode ser entendido como o som ambiente captado para dar solidez ao som geral e, utilizado também para fazer transições entre uma cena e outra com o mesmo ruído sonoro.

para o *set* de filmagens e a narrativa a apresentar. A imagem 9 ilustra o cenário da primeira produção. Mariana, Francisco e Carolina posicionam-se e orientam suas respectivas funções.



Imagem 9: Produção 1

Ao fim da primeira Produção voltamos ao jogo da “batata quente” para fazer a partilha de funções novamente e então começar a próxima Produção. Segue a descrição de equipas e funções e a imagem 10 que ilustra parte da equipa em ação.

- ☞ Operadores de Câmera: António, Clara, Raquel
- ☞ Operador de Áudio: Francisco
- ☞ Iluminação: Bernardo, Carolina e Salomé
- ☞ Personagens: Ângela (entrevistada) e Mariana (entrevistadora)



Imagem 10: Produção 2

3º Momento: Reflexão do Dia

A Reflexão do Dia aconteceu no fim da 2ª Produção, entretanto, diferente da 1ª Reflexão no encontro anterior em que a câmera acompanhou os indivíduos onde eles estavam, dessa vez foi solicitado para que cada um viesse para o *chroma-key* para relatar sua percepção. Vale ressaltar que as edições também serviram como uma lição de escuta e de reconhecimento à medida que percebia alguns equívocos ao interromper o pensamento ou a fala dos indivíduos, assim, durante a reflexão do dia 3, estive atenta a este fator.

4º Encontro

- ☞ Data: 05.05.2017
- ☞ Duração: 2h30min
- ☞ Participantes: António, Francisco, Clara, Madalena, Salomé, Carolina, Mariana, Ângela e Bernardo.
- ☞ Objetivos
 - ☞ Estimular a manipulação das tecnologias da comunicação
 - ☞ Perceber como se comportam mediante o trabalho em equipa
 - ☞ Promover interação com os novos dispositivos da comunicação
 - ☞ Incentivar o acesso à *Internet* e partilha do ecrã
 - ☞ Reforçar conhecimentos sobre guionismo relativamente ao guião literário e técnico, e definir alguns elementos como sonoplastia, estética e grafismo
 - ☞ incentivar a tomada de decisões coletivas

1º Momento: Produção

O 4º encontro iniciou com o que seria a última Produção, portanto a última oportunidade para captação de diferentes ângulos, planos, narrativa e esquema de iluminação. Vale ressaltar a falha em precaver a recolha do material audiovisual feito a partir dos dispositivos móveis dos seniores, uma vez que o tempo dos encontros não permitia a transferência de arquivos por cabo nem pela *Internet*. Entretanto, devido à proximidade do centro-de-dia de Vilar, foi possível fazer-lhes uma visita e transferir os conteúdos para o computador.

Dessa vez, procurou-se saber quem ainda não havia passado por determinadas funções, uma vez que o objetivo era que todos executassem, ao menos uma vez, cada uma das funções existentes. Assim, organizaram-se e iniciaram a Produção, segue a relação de equipas por integrantes:

- ☞ Operadores de Câmera: Ângela, Madalena e Mariana
- ☞ Operador de Áudio: Francisco
- ☞ Iluminação: Clara, Carolina e Salomé
- ☞ Personagens: António (entrevistado) e Bernardo (entrevistador)

2º Momento: Partilha Digital

O momento de Partilha Digital aconteceu de forma diferente das outras sessões. Esta foi desenhada fundamentalmente para a definição dos elementos sonoro, estético e gráfico que caracterizariam o guião. Assim, através do jogo da “batata quente”, dividiram-se em 3 grupos: Francisco, Carolina e Ângela responsáveis pela banda sonora e sonoplastia; António Salomé e Bernardo para definirem a fotografia e a paleta de cores; Clara, Madalena e Mariana responsáveis pelos tipos de letras e sugestões para o nome do guião. Cada grupo dispunha de um dispositivo móvel com acesso à *Internet*. Depois de encerrar as escolhas feitas, cada

grupo deveria postar o material no arquivo de conteúdos do projeto "Estrelas". Dois dos integrantes jovens tiveram que sair antecipadamente, portanto, foi convocado que todos se reunissem para dar início a votação dos nomes sugeridos para o guião

3º Momento: Reflexão do Dia

A Reflexão do dia 4 foi feito no mesmo local que os participantes ocupavam, a orientação da câmera indicava de quem era a palavra.

5º Encontro

☞ Data: 19.05.2017

☞ Duração: 3h

☞ Participantes: António, Francisco, Clara, Madalena, Salomé, Carolina, Mariana, Ângela e Bernardo.

Objetivos

- ☞ Sistematizar todo o conhecimento transmitido ao longo dos encontros através das edições feitas a partir das Produções do grupo
- ☞ Esclarecer o processo prático realizado nos encontros anteriores
- ☞ Organizar a estrutura do guião
- ☞ Decidir os elementos para compor o *storyboard*
- ☞ Finalizar o *storyboard*
- ☞ Perceber qual a percepção dos participantes sobre o projeto como um todo
- ☞ Perceber qual função preferiram realizar nas atividades de Produção

1º Momento: Análise do Material

O 1º momento do último encontro foi dedicado à análise do material produzido pelo grupo. Assim, juntos, assistiram às 4 Produções que realizaram. O Teste de Produção foi inserido no material bruto, assim, somam-se 4 Produções no total. Cada uma das edições apresenta os elementos sonoro, gráfico e estético definidos no encontro anterior, além de informações sobre os planos e ângulos da câmera, a captação do áudio e o esquema de iluminação, formato dos vídeos, extração do *chroma-key*. O objetivo deste momento foi disponibilizar algum conhecimento teórico sobre os elementos de guionismo através do material produzido por eles próprios, facilitando a percepção do conhecimento, além de dar suporte visual as decisões finais sobre os elementos a inserirem no *storyboard*. Após assistirem os vídeos, reuniram-se em círculo e foi pedido para que coletivamente procurassem compreender o que mais agradou e/ou desagradou a cada um deles dentro de todas as informações que as edições salientavam. Assim, definiram:

☞ Câmera1 – plano médio, ângulo normal, centralizada.

☞ Câmera2 – plano *cut-in*, ângulo picado.

☞ Câmera3 – plano *close-up*, ângulo normal, diagonal.

☞ Esquema de iluminação – difusa.

☞ Áudio – posicionado no set de filmagens.

De acordo com as ideias sugeridas no 1º encontro foi desenhado um jogo para compor a narrativa, ou seja, parte do guião literário, que daria vida ao *storyboard* do guião. Portanto, e com a condição de que todos deveriam construir o set de filmagens integralmente, e todos passariam pelas 3 câmeras disponíveis, também todos deveriam improvisar diante das câmeras.

2º Momento: Produção Final – O Guião

O set de filmagens excedeu o tempo previsto para ser construído, entretanto, após finalização as instruções para o jogo da narrativa foram transmitidas e o *storyboard* começou a ser desenhado. O jogo consistia na interação entre os integrantes jovens e seniores, através de perguntas variadas, de diferentes temáticas, elaboradas de acordo com as ideias sugeridas por eles no 1º encontro, como com o conhecimento prévio que se obteve de cada integrante ao longo das sessões. A narrativa foi idealizada, a fim de fomentar a partilha de conhecimento entre as gerações, o exercício de escuta, e suscitar a curiosidade de uns para os outros. A narrativa começa com uma jovem no cenário, sentada em um banco grande, então, um dos seniores recebeu orientação para entrar em cena, sentar-se ao lado da jovem e fazer-lhe determinada pergunta, revelada para o sujeito que questiona segundos antes de entrar em ação. A seguir apresenta-se a relação de perguntas e personagens em cena:

1. Francisco pergunta à Raquel: O que preferes fazer, fotografia ou vídeo? Por quê?
2. Bernardo pergunta à Francisco: Fala sobre o seu envolvimento com a fotografia!
3. Clara pergunta ao Bernardo: Explica-me o teu projeto no Youtube!
4. Mariana pergunta à Clara: O que mais gostava de ensinar para os miúdos quando dava aulas?
5. António pergunta à Mariana: Qual tecnologia mais antiga que se lembra?
6. Ângela pergunta ao António: Conta-me sobre o surgimento do cinema!
7. Madalena pergunta Ângela: Qual a motivação que tens para fazer voluntariado?
8. Carolina pergunta à Madalena: O que você aprende ao visitar acamados?
9. Clara pergunta a Carolina: O que mais gostas de fazer na *Internet*?
10. Salomé pergunta a Clara: Fala-me sobre os jogos que você tem na *tablet*!
11. António pergunta a Salomé: Qual género de livro gostas de ler?
12. Raquel pergunta a António: O que você aprendeu com os livros?

Vale lembrar que todos estiveram na operação das 3 câmeras posicionadas para a captação das imagens do *storyboard*.

3º Momento: Reflexão do Dia – Bolinhas

A Reflexão do Dia foi feita no *chroma-key*, onde todos se posicionaram para registrar o momento em uma fotografia. Depois cada um falou sobre a sua percepção do projeto total e a seguir com as bolinhas coloridas foi questionado sobre qual função cada um preferiu executar e assim, as bolinhas foram dadas e distribuídas de acordo com a função mencionada. Vale ressaltar que desde o 2º encontro, portanto, a 1ª vez em que se fez a Reflexão do Dia, um dos jovens, quando todos haviam terminado suas reflexões assumia a câmera e concedia-me a vez para a reflexão. Foi bastante proveitoso, uma vez que serviu para fazer observações partilháveis sobre aspectos técnicos, o que contribuiu de uma forma geral para a aproximação entre a investigadora e os integrantes, bem como para algumas anotações úteis para a compilação das observações, enquanto instrumento de recolha de dados. Entretanto, devido ao tempo excedido não foi possível fazer a reflexão final do último encontro.

A estratégia possibilitou o desenvolvimento do guião e conseqüentemente a produção do documentário, bem como o entendimento sobre como se relacionam os indivíduos de diferentes gerações mediante o envolvimento com as tecnologias da comunicação e novos media.

Capítulo 4

Apresentação dos Dados e Análise dos Resultados: da Estratégia Colaborativa ao Comportamento Intergeracional

O presente capítulo apresenta-se em quatro secções e tem por finalidade a apresentação e análise dos dados obtidos através de cada técnica e instrumento definidos para a viabilização da presente dissertação. A primeira refere-se a apresentação dos dados obtidos a partir da entrevista semiestruturada,efetuada com cada um dos participantes do grupo e, divide-se em aspetos de socialização e aspetos tecnológicos. A segunda secção decorre sobre as anotações feitas para o preenchimento do diário de campo, assim, esta secção é apresentada por dias de encontros. A terceira descreve a análise de conteúdo efetuada sobre o guião, construído colaborativamente pelo grupo de estudo e sobre o documentário, produzido pela investigadora em questão, sobre o processo de criação do guião. Por fim, a quarta secção decorre sobre as considerações finais do capítulo, procurando avaliar as hipóteses, anteriormente elaboradas, mediante os resultados obtidos.

4.1 Inquérito por Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi aplicada, semanas antes dos encontros começarem, e foi direcionada a cada indivíduo do grupo de estudo. As entrevistas feitas com os seniores decorreram no Centro de Dia do PNSF no dia 28.03.2017. As entrevistas aplicadas aos jovens, foram feitas no jardim público do Centro Comercial Fórum de Aveiro, em dois dias, devido as agendas dos integrantes, assim, no dia 03.04.2017 foram feitas as entrevistas da Ângela, Carolina, Bernardo e Salomé e no dia 06.04.2017, foi recolhido-se informações da Mariana e da Raquel. O instrumento para recolha de dados foi elaborado de forma a obter conhecimento, relativamente ao estado de socialização em que cada participante se encontra atualmente, acentuando as relações de amizade não parentais e intergeracionais e, por outro, lado, perceber aspetos tecnológicos quanto à utilização e apropriação das tecnologias, bem como opiniões referentes ao contexto tecnológico atual e as respetivas consequências.

É importante referir que a entrevista é semiestruturada,

“no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista.(...) O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado deles se afastar” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192)

Segue a descrição dos dados obtidos através das perguntas-guias, apresentadas, abaixo, como propósitos.

4.1.1 Aspetos de Socialização

Todos os participantes nasceram e/ou foram criados no Distrito de Aveiro. Em relação aos participantes seniores, com exceção da Clara, todos foram casados e tiveram filhos e netos. Francisco e António vivem na casa dos filhos. Madalena vive sozinha e Clara vive, há vinte anos, no PNSF. Os jovens vivem com, pelo menos, o núcleo básico familiar, pais e irmãos. Bernardo e Ângela são os únicos que dividem casa com um ou dois avós, entretanto todos os outros tem uma relação próxima com os seus.

Propósito: perceber fatores de socialização, nomeadamente sobre as relações de amizade.

Em relação aos seniores percebe-se que as relações mais íntimas atuais, são de fato com seus familiares e com as pessoas do Centro de Dia, especialmente para a Clara, que vive na Estrutura Residencial para Idosos (ERPI)¹, do PNSF. O que de certa forma torna-se positivo, uma vez que a equipa de funcionários e voluntariados do centro-de-dia são jovens e adultos. Entretanto, como referiu Francisco:

“Amizade agora é só mais com a filha e com o filho. Assim, tinha muitas amizades, muitos amigos. Agora foi tudo ao ar”.

Madalena é a única que demonstrou ter relações pontuais e de mais proximidade a muitas pessoas, uma vez que dedica-se a visitar doentes e solitários, como dito por ela:

“Sim, tenho muita relação com pessoas idosas acamadas, que estão em casa e não podem andar”.

Em relação aos jovens percebe-se a mesma dimensão de rede social, na medida em que estabelecem primordialmente relações de amizade entre familiares e com pessoas do contexto escolar, portanto, maioritariamente pessoas da mesma faixa etária, como referido por todos eles. Apesar de esta pergunta ter sido feita de forma geral, Ângela foi a única que mencionou relação de amizade com pessoas de idade superior à ela, ao tentar descrever a facilidade que tem em se relacionar com toda a gente,

¹Alojamento coletivo, temporário ou permanente para seniores do Patronato Nossa Senhora de Fátima, localizado em Vilar, junto a estrutura do Centro de Dia.

“É uma coisa engraçada porque dou-me muito bem com as amigas da minha mãe, apesar delas serem mais velhas eu consigo ter uma conversa muito boa com elas” (Ângela).

Propósito: Perceber se os amigos são de diferentes gerações.

A maioria dos seniores demonstraram conhecer pessoas mais novas, mas cujo encontro acontece de forma casual. Clara foi bastante incisiva ao dizer que,

“agora, a mocidade não têm nada connosco, não quer nada connosco”.

Mas relata que dificilmente sai do PNSF. Madalena diz que tem facilidade em se relacionar com qualquer idade e menciona seu percurso de vida e profissional como fatores que contribuíram para esta flexibilidade, mas, refere que as relações entre gerações não é algo trivial,

“É preciso muita técnica pra essas coisas, sabe? Isso é, claro que com a experiência nós vamos ver, percebe?”.

Clara e Madalena foram educadoras de crianças, no PNSF. Esse fator colabora para ampliação da comunicação intergeracional se houver oportunidade. António refere-se ao passado e relata que sempre teve amizade com todas as pessoas e nunca teve inimizades. Francisco também revela situações de outras épocas em que trabalhava nos caminhos-de-ferro e portanto estava sempre a viajar com amigos, entretanto, da mesma faixa etária.

Percebe-se ainda que todos os seniores, apesar de estarem inseridos em uma rede social quase que exclusivamente familiar, e com pessoas maioritariamente da mesma geração, apresentam, quer por características pessoais, quer por circunstâncias profissionais, pré disposição em se comunicar e travar relacionamento com os indivíduos de uma forma geral.

Quanto aos jovens todos referem alguma instituição ou mobilização que lhes coloquem em contato com pessoas de outras gerações. Bernardo mencionou os Escoteiros e a Carolina falou sobre os encontros da Juventude Feminina de Schoenstatt. Mariana e Ângela mencionaram ter algum contato com os amigos dos avós e da mãe, respetivamente. As pessoas de outras gerações mencionadas por Bernardo, Carolina e Ângela, têm uma diferença de no máximo 30 anos.

Raquel, Salomé e Ângela foram as únicas que mencionaram o contacto com os seniores do Centro de Dia de Vilar, a propósito do voluntariado a qual se dedicam. O que de certa forma soma-se as referências feitas por Bernardo e Carolina sobre a intermediação das instituições e/ou mobilizações, à medida que trata-se de um programa de voluntariado destinado à visitação dos integrantes do Centro-de-Dia de Nossa Senhora de Fátima.

Através destas declarações, nota-se a importância dos espaços, instituições e programas voltados para a integração intergeracional. Afinal, “programas intergeracionais nas comunidades, escolas e organizações podem beneficiar mutuamente os jovens e os idosos, independentemente dos laços familiares” (França et al., 2010).

Propósito: Perceber as considerações que têm sobre as relações intergeracionais, numa escala pessoal ou generalizada.

De uma forma geral, os seniores relataram aspetos positivos nas relações entre gerações, Clara e Madalena demonstraram alegria em poder ter relações com pessoas mais novas. Madalena disse que,

“são relações que eu não posso esquecer e sinto me muito feliz com estas relações que eu tenho”

Os jovens todos também relataram considerações positivas, afirmando a importância destas relações na troca de conhecimento, no resgate de histórias e na integração geracional, quer em contextos familiares ou relações não parentais. Bernardo menciona o respeito pelos mais velhos e demonstra consciência e aceitação do ciclo natural da vida, por suas palavras:

“também devemos respeitar os mais velhos e devemos saber que somos parte ... Eles são parte de nós, nós somos parte deles (...)”

Salomé apresenta a mesma ideia ao afirmar que

“não vale a pena ver grupos separados”.

Raquel evidencia a importância da transmissão cultural:

“há sempre coisas que se transmitem entre as gerações que são muito importantes, tipo, histórias”.

Mariana refere-se a importância de se ter contato com outras realidades:

“Porque com eles aprendemos muito e assim temos uma, temos uma percepção do mundo diferente e que nos ajuda”.

Carolina também menciona:

“acho que é uma coisa fundamental nós sentirmos à vontade para falar com pessoas de outras idades, porque que outra maneira poderíamos aprender”.

Ângela demonstra ter noção da importância das visitas aos idosos ao mencionar que

“daqui uns anos na altura deles eu gostava de ter alguém como eu que estivesse lá e que me fizesse sorrir por pouco que seja”.

4.1.2 Aspetos Tecnológicos

Todos os participantes seniores possuem telemóvel. Com exceção do Francisco, são todos modelos antigos não suportados por sistema operativo. Todos declararam utilizar o telemóvel pela função básica do aparelho, fazer e receber chamadas. Francisco é o único que utiliza o telemóvel para se divertir através de jogos e ferramentas audiovisuais. A Clara diz que não enxerga e que por isso precisa de alguém para fazer as chamadas. Os participantes jovens declararam utilizar o telemóvel com bastante frequência.

Com exceção do António, todos os outros integrantes seniores, já acederam à *Internet* e ainda o fazem, como a Clara que entra no *Facebook* através da sua *tablet* ou o Francisco que aciona o GPS através do seu telemóvel. Os jovens todos utilizam frequentemente.

Todos os jovens afirmaram ter computadores em casa, mas a maioria mencionou utilizar o computador para trabalhos escolares, excepcionalmente. Raquel e Salomé falaram que também utilizam *tablet*. Raquel aponta que utiliza a *tablet* principalmente para ver filmes ou séries e para aceder às redes sociais.

Clara e Madalena são as únicas que possuem perfil no *Facebook*. Em contrapartida, todos os jovens mencionaram pelo menos duas redes sociais que estão associados *Instagram* e *Facebook*. Quando foi pedido que fizessem uma análise entre os amigos da vida real e os amigos da rede, todos os jovens, sem exceção, mencionaram que “amigo” não seria a melhor definição, uma vez que, como referido por Salomé: “*Não se pode dizer bem amizades, por vezes nem se conhece muito bem as pessoas*”.

Os indivíduos seniores, sem exceção, mencionaram as alterações tecnológicas entre as diferentes épocas, porém, todos fizeram declarações positivas e disseram considerar importante e vantajosas as modificações vivenciadas. Clara considera que será um bom caminho a seguir, por suas palavras,

“Bem eu acho que isso tem, tem bom procedimento para o futuro”.

Madalena mencionou as vantagens da partilha de eventos no *Facebook*, através de fotografias e vídeos. António diz,

“Eu acho que hoje o mundo é muito muito muito muito melhor”.

Francisco afirma,

“Quer dizer, acho isso mais evoluído”.

Já os jovens mencionam a importância na facilitação da comunicação, principalmente com os pais e no acesso ao conhecimento como um ponto fulcral do contexto tecnológico atual.

Propósito: Perceber se têm telemóvel e qual a relação de utilização estabelecida.

Todos os participantes seniores possuem telemóvel. Francisco e António dizem já ter telemóvel há muitos anos. A dificuldade de visão da Clara impossibilita a autonomia na

utilização do telemóvel uma vez que encontra severas dificuldades em identificar as teclas ou mesmo as mensagens recebidas. Todos declararam utilizar o telemóvel pela função básica do aparelho, fazer e receber chamadas. Como dito por Madalena:

“Olha só pra falar com as pessoas amigas e receber mensagens . . . receber mensagens nem por isso (. . .)”

Francisco declara:

“utilizo pra falar com a família e com os amigos. Tenho amigos que já não os vejo há muito, mas tenho o número de telefone e falo com eles”.

Estas declarações refletem a associação do telemóvel à tecnologia de comunicação, que como tal permite a aproximação de pessoas distantes geograficamente, utilizada por eles.

De fato, no estudo mencionado no capítulo 1, os autores constataram que os telemóveis estão associados à proximidade no contexto familiar; à conveniência e à redução do isolamento a nível social (Neves & Amaro, 2015).

Com exceção do Francisco, são todos modelos antigos não suportados por sistema operativo. António afirma: O meu telemóvel é muito velho, é dos primeiros, não é daqueles que tem, tira fotografias e tal, é a bem dizer é só pra falar”. Francisco é o único que utiliza o telemóvel para se divertir através de jogos e ferramentas audiovisuais.

“Gosto assim de tirar as fotografias e filmar. Eu filmo também, tenho aqui gravações”(Francisco).

Neste momento ele me mostrou algumas fotografias e vídeos que havia feito no último evento ocorrido no centro-de-dia, como ilustra a imagem 11

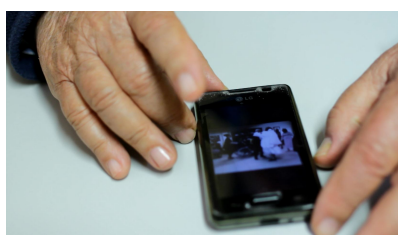


Imagem 11: Entrevista com Francisco

Os participantes jovens declararam utilizar o telemóvel com bastante frequência. Após a pergunta dirigida ao Bernardo, este riu e mencionou: eu utilizo quase sempre, todos os dias. Por acaso é uma coisa é uma das poucas coisas que eu não saio de casa sem, eu trago sempre comigo, mesmo que esteja com pouca bateria”. A Raquel e a Ângela afirmaram em um tom negativo a utilização frequente que fazem do dispositivo, por exemplo, quando Raquel fala:

“Ai eu uso tanto o meu telemóvel. Às vezes acho que uso de mais”.

Entretanto, todos mencionaram a utilização do telemóvel e o acesso à *Internet* para o envolvimento nas redes sociais, comunicação com os membros familiares e amigos e por fim, em situações do contexto escolar.

Bem, a utilização generalizada dos telemóveis por parte de todos os integrantes, tanto jovens como seniores, realça a afirmação feita por Isabel Dias, “o uso do telemóvel conhece uma certa transversalidade nos diferentes escalões etários (...) é uma das tecnologias mais generalizadas em Portugal, à qual os próprios idosos também aderiram” (2012, p. 60).

De uma forma geral, as declarações nos remetem as afirmações apresentadas ao longo do corpo teórico, uma vez que todos os participantes do grupo utilizam o telemóvel. No caso dos jovens com bastante frequência afirmando, sobre si próprios, uma certa dependência do dispositivo em questão. No caso dos seniores, utilizam também com frequência, apesar de uso se limitar as chamadas efetuadas e recebidas, exceto pelo Francisco que o utiliza também para entretenimento.

Propósito: Perceber se já acederam à *Internet* e qual a relação de utilização estabelecida.

Esta pergunta foi direcionada exclusivamente para os integrantes seniores, uma vez que a pergunta anterior possibilitou compreender, mesmo que brevemente, a relação de uso da *internet* pelos jovens.

Com exceção do António, todos os outros integrantes seniores, já acederam à *Internet* e ainda o fazem, como a Clara que entra no *Facebook* através da sua *tablet* ou o Francisco que aciona o *GPS* através do seu telemóvel. A Clara demonstrou bastante entusiasmo em todos os momentos cujo assunto era tecnologias e *Internet* e relata que o Centro-de-Dia dispõe de diversos computadores o que possibilitou, outrora, uma atividade de literacia digital, por suas palavras:

“Tivemos aqui uma rapariga que esteve a estagiar e depois ensinou. Ainda aprendi umas coisitas, depois esqueceu, pronto (...) Mas tive pena. Andávamos lá à ginástica neste salão onde estão os computadores e eu, apetecia-me ir para os computadores e todas as minhas colegas também, eram poucas eram só 5, mas gostava”.

Curiosamente Clara é a única integrante sénior que, apesar de ter sobrinhos próximos e íntimos, não têm filhos nem netos e, ainda assim, envolve-se prazerosamente com os dispositivos da comunicação e novos media que permitem superar a insuficiência visual, como acontece com a *tablet*.

De acordo com Rego (2013), a participação por parte dos netos e filhos no processo de aprendizagem digital e mediático dos avós é elementar e tal afirmação pode ser constata neste estudo se considerarmos, ao invés de aprendizagem a interação, mesmo que indireta, com as tecnologias da informação e comunicação.

A ajuda com os novos media, proveniente dos filhos e netos é evidente para os avós, e principalmente significativa quando relacionada à televisão e ao telemóvel, “não deixando, no entanto, de se verificar no caso do computador e da *Internet*, estes com valores mais baixos devido à frequência de utilização”(Melro & Oliveira, 2016, p.1194).

António pede informações precisas aos netos, como a previsão meteorológica, diz que não tem necessidade de mexer na *Internet* porque se ele precisar de qualquer coisa pode pedir

informação aos netos ou aos filhos, Francisco por vezes necessita de acessória técnica que consegue com um dos filhos. Madalena pede ao neto para aceder o perfil no *Facebook*.

Como referido por Dias (2012), os seniores mais velhos utilizam a *Internet*, sobretudo, para obtenção de informação, comunicação, entretenimento, e interação intergeracional (filhos e netos). Enfim, todos os integrantes que possuem netos comentaram o apoio dos filhos e dos netos na obtenção da informação necessária proveniente do acesso à *Internet*. Como dito por António:

“Olha, é uma coisa que eu não tenho, que eu nem mexo. Porque meus filhos têm, meus netos têm, se eu precisar de alguma coisa eles vão ver” e ressalta que “nem sei mexer, não estou preocupado agora com isso, já não estou em idade de aprender. Na minha idade eu devia ensinar (risos)”.

De qualquer forma foi possível verificar que mesmo com utilização pouco frequente ou quase nula por parte dos seniores em relação aos computadores ou a *Internet*, “em geral, têm consciência da sua utilidade em vários domínios, inclusive ao nível do incremento das relações intergeracionais” (Dias, 2012, p. 69).

Propósito: Perceber quais são os dispositivos pelos quais acedem à *Internet*.

A Clara diz aceder a *Internet* através da *tablet*,

“ (...) os meus sobrinhos deram uma Tablet e eu lá também vou, também jogo, também vou ao Facebook” - “Gosto, muito” - “Uso, todos os dias”.

Relata que consegue ver bem através do ecrã da *tablet*, e diz que gosta de jogar, diversos jogos como sopa de letras ou *Candy Crush*. Comenta que gostaria de aprender outras funcionalidades na *tablet*.

Francisco atualmente acede à *Internet* através do seu telemóvel, especificamente para acionar o GPS (*Global Positioning System*), mas comenta que foi um dos primeiros a utilizar computadores nas estações ferroviárias, devido ao cargo que assumia. Francisco alega já não ter interesse em computadores, através da seguinte declaração,

“Até tem computador lá em casa mas eu não, não uso. Só o filho ou a filha é que usam o computador eu já nem quero mexer naquilo”.

António também menciona ter acesso ao computador, mas já não ter interesse:

“não preciso estar a mexer naquilo pra nada e aquilo é um bocado complicado pra idade que eu tenho, de forma que eu ahmm, até tenho lá um portátil, nem mexo”.

Dias refere que os seniores devem aprender a nova linguagem tecnológica para introduzi-las em suas práticas sociais, mas, que é preciso considerar que “a predisposição para a aprendizagem não é indiferente às condições biológicas, sociais e psicológicas em que cada idoso se encontra” (2012, p. 60).

Propósito: perceber se está associado à alguma rede social e qual as relações de contatos estabelecidas na rede.

Clara e Madalena são as únicas, dos integrantes seniores, que possuem perfil no *Facebook*. Em contra partida, todos os jovens mencionaram pelo menos duas redes sociais que estão associados *Instagram* e *Facebook*, sendo que todos preferem o *Instagram*. Raquel, Bernardo e Carolina falaram no *Twitter*. Quando foi pedido que fizessem uma análise entre os amigos e os amigos da rede virtual, todos os jovens, sem exceção, mencionaram que “amigo” não seria a melhor definição, Bernardo diz que

“nem metade dos meus amigos da rede social eu conheço pessoalmente”.

Mariana afirma,

“eu prefiro fazer relações cara a cara com a pessoa”.

Ângela comenta

“se calhar são pessoas que me seguem e que eu sigo a eles”.

Salomé refere que

“não se pode dizer bem amizades, por vezes nem se conhece muito bem as pessoas”.

Por fim, Carolina relata,

“Eu penso que os amigos são aqueles que nós estamos sem ser nas redes sociais”.

Propósito: Perceber o que consideram sobre o contexto tecnológico atual.

Todos os participantes seniores mencionaram as alterações entre uma e outra época, evidenciando as diferenças no cenário atual. De uma forma geral os comentários foram otimistas e disseram considerar importante e vantajosas as alterações vivenciadas.

Clara considera que será um bom caminho para seguir, “bem eu acho que isso tem, tem bom procedimento para o futuro”. Madalena mencionou as vantagens da partilha de eventos no *Facebook*, através de fotografias e vídeos. António diz:

“Eu acho que hoje o mundo é muito muito muito muito melhor”.

Francisco diz:

“Quer dizer, acho isso mais evoluído”.

Já os jovens mencionam a importância na facilitação da comunicação, principalmente com os pais e a margem de liberdade que este fator proporciona. Como dito por Raquel,

“acho que é uma coisa muito boa nesse sentido, porque aproxima muito as pessoas que já estão mais longe”

ou ainda como menciona a Salomé,

“é importante para nos mantermos em contato”.

Também referem ao acesso ao conhecimento como um ponto fulcral do contexto tecnológico atual, como ilustram as palavras ditas por Mariana,

“são importantes porque temos mais informação, nós conseguimos ter acesso à praticamente tudo. Nas escola é mais fácil pra mim pesquisar na internet do que ir à um livro, por exemplo”.

Propósito: Perceber o que consideram a respeito da utilização reduzida ou menos frequente das tecnologias da comunicação.

Achou-se conveniente limitar esta pergunta aos integrantes jovens, devido à intensidade de relação existente entre eles e os novos dispositivos da comunicação. Muitos consideram uma vantagem hábitos menos dependentes do dispositivo móvel, como mencionado abaixo:

“Acho que são pessoas sortudas porque não tem aquele vício” (Raquel).

“Eu acho que essas pessoas fazem muito bem e eu se calhar, não agora mais daqui uns tempos se eu conseguir também gostava” (Ângela).

A Mariana e a Salomé, comentam sobre a limitação do envolvimento com algumas informações, notícias ou conhecimento, mas paralelamente, reconhecem que por não estarem frequentemente conectados podem vivenciar outras experiências e conseqüentemente aprender com estas outras vivências. Bernardo menciona que não é um problema e deve ser entendido de forma natural como uma opção de cada um.

Carolina concorda com a questão da vantagem da não dependência, mas comenta achar necessário a literacia digital, por suas palavras,

“Acho que era bom toda a gente ter um mínimo de conhecimento da Internet, porque acho que é uma coisa que enriquece as pessoas, o saber aceder o computador, ir ao browser, ou se tiverem uma dúvida sobre alguma coisa ir pesquisar à Internet (...).”

4.2 Diário de Campo

O método de observação direto é o único que capta "os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a medição de um documento ou de um testemunho" (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.196).

Assim, foram predefinidas linhas orientadoras para a prática da observação, levando em consideração o aprendizado adquirido no estudo piloto, bem como as necessidades de investigação da presente dissertação, delimitado na conceção do Modelo de Análise. Dessa forma, atentou-se para a facilidade/dificuldade em:

- ☞ Interagir com os outros participantes;
- ☞ Expressar as ideias e os pensamentos;
- ☞ Partilhar informações, conhecimento e vontade;
- ☞ Trabalhar em equipa;
- ☞ Interagir com os dispositivos de comunicação;
- ☞ Procurar por conteúdos nos novos media;
- ☞ Estar em frente ao aparato fílmico.

A seguir, apresentar-se-á as observações efetuadas mediante os dias dos encontros.

1º Encontro

No caminho percorrido pelos seniores, entre a entrada do departamento até o estúdio Audiovisual, percebeu-se que todos os jovens que se encontravam pelo corredor, demonstraram interesse em cumprimentá-los e trocar algumas palavras. Quando entraram no estúdio já lá estavam a Raquel, a Mariana e o Bernardo que os receberam com bastante alegria e entusiasmo.

Foram questionados sobre o conceito do guião e os seniores reagiram imediatamente partilhando sugestões sobre o que seria. A Madalena acreditava ser uma pessoa. O senhor António percebeu que a conversa se tratava de um leão e pôs-se a explicar o que constituía. Os jovens deram risada e repetiram a palavra mais algumas vezes.

Em determinado momento, foi pedido para que as pessoas se voluntariassem para operar a câmara e as luzes do estúdio. Imediatamente, ao invés de se voluntariarem, sugeriam pessoas para o fazer. Por exemplo, a 1ª vez que pedi para alguém manobrar a câmara, a Raquel e a Mariana sugeriram que o Bernardo fosse até lá, uma vez que ele já tinha intimidade com fotografia e vídeo e de fato, lhe interessa esta área, como declarou em conversas dizendo que pensa em tirar um curso superior de fotografia. Nesse momento senti vontade de evidenciar que eu procurava por voluntários. De qualquer forma, tivemos o Bernardo como 1º voluntário.

A seguir, quando foi questionado por alguém para os focos de luz, a Clara e a Raquel se voluntariaram para ajudar. Esta foi a 1ª interação colaborativa entre um participante jovem e um sénior. Começamos as gravações no *chroma-key* com alguns dos integrantes a se familiarizar com o equipamento de filmagem. Todos estiveram ali e falaram suas perspetivas sobre as relações intergeracionais. Todos os outros ouviram atentamente. A Maria era a única que dispersava a conversa mantendo conversas paralelas.

Foi possível observar uma relação de cuidado dos jovens para com os seniores, por exemplo quando a Clara foi para o *chroma-key* e a Raquel, que auxiliava o foco de luz, imediatamente se dispôs para acompanhar a Clara até o local, como ilustra a imagem 12. Em outro momento, foi sugerido à Clara para pegar uma das câmeras, ela aceitou a sugestão e atentamente ouviu as instruções. Fez uma gravação por algum tempo, até sentir o peso do equipamento e pedir para passar. Com isso, pode-se desde já perceber a fragilidade no manuseio de certos equipamentos por parte dos seniores. Outros encontros evidenciaram situações semelhantes, como descritas a seguir.



Imagem 12: Raquel a auxiliar Clara

O encontro possibilitou perceber que por um lado os jovens gostam de ouvir as histórias de vida dos seniores e por outro, os seniores, questionam muito as alterações entre as gerações, em diversas questões. Principalmente a educação, familiar e institucional, que foi a alteração mais mencionada pelos participantes. A conversa atingiu um ponto máximo quando mencionado a introdução das tecnologias da comunicação como uma ferramenta de auto educação. Nesse momento, pela primeira vez as vozes se sobrepuseram com toda gente a falar e partilhar o seu ponto de vista. Maria que ainda não havia realizado a entrevista semiestruturada, pois inseriu-se no grupo dias antes do 1º encontro acontecer, revelou um sentimento negativo pela *Internet*, por suas palavras:

“essas coisas da Internet, essas coisas assim é uma péssima coisa”.

Nesse momento todos contestaram dizendo que há coisas boas e há coisas más, como em qualquer outra questão. Mencionaram alguns aspetos positivos, como ressaltado por Madalena e Bernardo a possibilidade de se trabalhar através da *Internet* ou de se comunicar mais facilmente com familiares distantes. De qualquer forma, Maria pareceu irredutível e afirmou que não gostava da *Internet*, por suas palavras,

“ é a coisa que mais detesto, é a Internet”.

Vale ressaltar que este momento foi editado e recebeu o nome de “Episódio: A *Internet*” e que Maria não voltou em nenhum dos outros encontros devido a queda sofrida e a consequente recuperação.

2º Encontro

Na Partilha Digital a atividade foi desenhada para que inicialmente os jovens indicassem/ensinassem aos seniores como aceder ao grupo no *Facebook* e como assistir aos vídeos que são partilhados ao longo da semana. Depois, ainda na Partilha Digital, a interação seria mediada pelas ferramentas audiovisuais disponíveis nas tecnologias da comunicação. Assim, foi proposto que todos procurassem perceber como aceder a câmara dos telemóveis, gravar e fotografar.

Um dos grupos foi constituído por Clara, Bernardo e a Salomé e preferiram utilizar a *tablet* disponível, como ilustra a imagem 13. A Clara, já na entrevista havia comentado que tem dificuldade visual, portanto a *tablet* é o dispositivo mais adequado, devido ao tamanho do ecrã. Entretanto a Clara parecia desanimada neste dia, normalmente é a mais entusiasmada para as questões das tecnologias e *Internet*, mas foram poucos os estímulos de interação presenciados. Entretanto, com paciência, Salomé e Bernardo interagiram com ela. O encontro seguinte abriu margem para refletir sobre o desânimo da Clara neste encontro, portanto no encontro 2. No primeiro encontro Clara havia dito que traria a sua *tablet* e foi estimulada para tal, mas, devido ao feriado que separou por 15 dias os encontros 1 e 2, ela se esqueceu de levar a *tablet*, como cogitado. Acredita-se que tenha sido um dos fatores que colaborou no humor da integrante.



Imagem 13: Bernardo, Clara, Salomé e a *Tablet*

Levaram-na no grupo do *Facebook* e assistiram a todos os vídeos juntos. Depois procuram aceder diretamente do perfil da Clara, mas esta não se lembrava da sua senha. Entretanto através do perfil do Bernardo conseguiram encontrar a página da Clara. Em relação as ferramentas audiovisuais, Salomé, Clara e Bernardo fizeram algumas fotografias. Ensinarão o conceito de *time-lapse*² para a Clara e fizeram um vídeo da mesa redonda. As produções desta partilha podem ser vistas na edição “Episódio: Por Outos Olhos”, alojado no canal do *Vimeo*.

O António esteve auxiliado pela Mariana e por Raquel. Estas utilizaram um *smartphone* para interagirem com o António. Como ele não tem perfil no *Facebook*, as meninas acederam ao grupo através de suas páginas. Mostram-lhe todos os vídeos e desafiaram-no a reconhecer as pessoas. Diferente da Clara, que apesar de ter o equipamento posicionado em sua direção e próximo, António esteve com o equipamento em mãos durante quase toda atividade, como

² técnica de filmagem onde diversas fotografias são capturadas de forma independentes, em ações lentas, e dispostas em um período de tempo reduzido relativamente ao tempo de captação, promovendo, dessa forma, um efeito acelerado da ação (Cambridge Advanced Learner’s Dictionary & Thesaurus, 2017)

ilustra a imagem 14. As meninas orientaram-no com comandos para abrir arquivos e aumentar as fotografias.

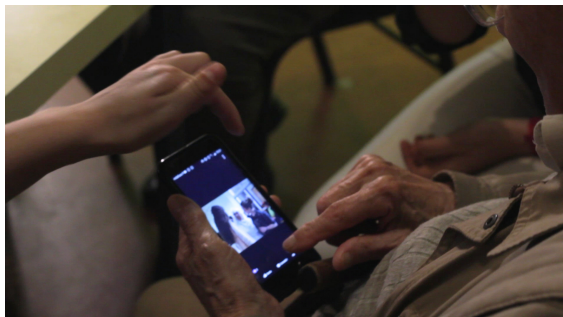


Imagem 14: Mariana e António a interagir com *smartphone*

Fizeram uma *selfie* os três juntos. Percebeu-se dificuldade em decifrar alguns vocabulários associados a utilização das tecnologias da comunicação e *Internet*, como “clicar”. Tal situação foi percebida no momento em que Mariana orienta António, para acionar determinada imagem, através do termo “clicar” e António, por sua vez, não reage a orientação por não saber do que se trata. A imagem 14, mostra exatamente o momento em que Mariana insiste na palavra clicar e mediante a passividade de António, decide mostrar o local onde ele deveria posicionar o dedo. Vale destacar que tal conclusão pode ser tomada mesmo diante do problema de audição do António, visto que a Mariana insistiu diversas vezes e António demonstrava estar a espera de ser instruído mais diretamente, além de que a proximidade dos 3 integrantes era razoavelmente curta e, como observado, permitiu a comunicação durante todo o momento da atividade.

O António participou ativamente da atividade proposta, mas deixou claro que já não tem interesse para aprender ou mexer nestes novos dispositivos. Buscou o seu telemóvel para mostrar as meninas, numa tentativa de, convencê-las de que aquele telemóvel era suficiente para as suas necessidades, como mostra a imagem 15.



Imagem 15: António e o seu telemóvel

O Francisco foi auxiliado pela Ângela que não possui *smartphone*. Estes optaram por um *smartphone* disponível para o grupo com acesso à *Internet*. Acederam ao grupo através do perfil da Ângela e assistiram a todos os vídeos. Mas o momento de maior interação e divertimento foi durante a exploração das ferramentas audiovisuais, pois Francisco já dominava as ferramentas do seu telemóvel e mostrou à Ângela o que se pode fazer com o equipamento.

Mostrou-lhe os vídeos que fez no Centro-de-Dia, tiraram *selfies* juntos, e gravaram alguns relatos durante aquele momento. A imagem 16 ilustra o momento em que Ângela, surpresa e satisfeita, ao percebe as capacidades e conhecimentos tecnológicos do Francisco, comenta, com os outros integrantes.



Imagem 16: Ângela a descobrir Francisco

Neste encontro foi possível constatar outras situações de cuidado demonstrado pelos jovens em relação ao bem-estar dos seniores e à noção de trabalho em equipa, mediante as necessidades dos integrantes. Ângela, Bernardo e Salomé observam que o António, um dos responsáveis pela filmagem, através de um dos telemóveis, sente dificuldade em estabilizar e suportar o equipamento no enquadramento necessário, assim, em determinado momento, todos prestam ajuda para reenquadrar o plano que está a ser captado. Entretanto, depois de algum esforço sem resultados, Salomé auxilia António ao segurar-lhe o cotovelo para equilibrar o peso do braço suspenso no ar, como retrata a imagem 17.



Imagem 17: Salomé a auxiliar António

3º Encontro

Durante a primeira atividade proposta “Partilha Digital”, o grupo foi dividido em 3, portanto, para cada um dos integrantes seniores, havia uma dupla de jovens a orientá-los e interagir.

A Clara trouxe a sua *tablet* para o encontro, o que permitiu uma maior interação digital, uma vez que, demonstrou estar mais a vontade para mexer em seu equipamento comparativamente à sessão anterior, que esteve com uma *tablet* emprestada. Outra vantagem de ter trazido o seu próprio equipamento é que a senha do perfil do *Facebook* está salva em sua *tablet*.

Mariana e Raquel, que estavam a interagir com a Clara, aproveitaram para adicioná-la ao grupo do *Facebook* “Estrelas” e o desafio deste encontro para a Partilha Digital, foi cumprida com sucesso, uma vez que tiraram uma selfie e postaram no grupo para todos verem, como mostra a imagem 18. Ao fim do encontro, durante a Reflexão do Dia, a Clarinha disse que aprendeu algumas coisas novas em relação ao *Facebook* e ao envio de arquivos, mas que provavelmente não se lembraria futuramente devido a sua memória. As meninas jovens que orientaram a Clara estiveram sempre atentas e presentes. Com paciência auxiliaram as atividades permitindo que a Clara se apropriasse do equipamento para manuseá-lo.

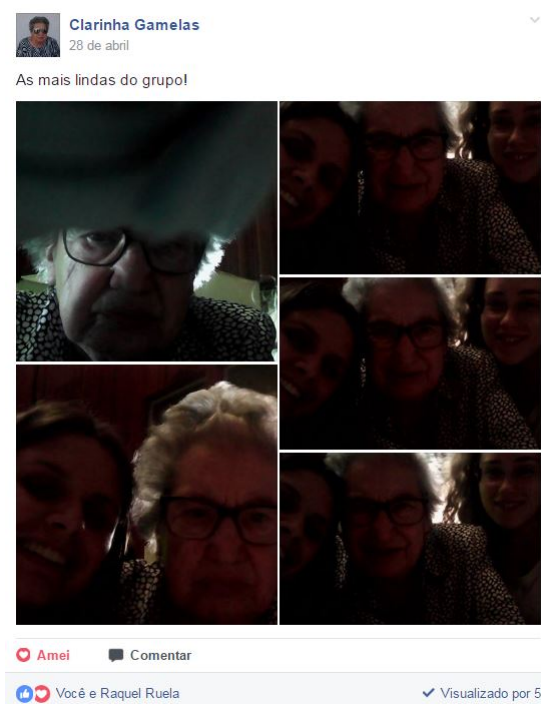


Imagem 18: *Selfie* Mariana, Clara e Raquel

O António foi orientado por Salomé e Bernardo. Os jovens perguntaram-lhe se tinha perfil no *Facebook* e António disse que não. Dessa vez utilizaram uma *tablet* disponível. António, mesmo quando não tinha o equipamento em mãos, demonstrava atenção aos procedimentos tomados por Bernardo ou Salomé. António, por muitas vezes afirmava a falta de interesse em aprender coisas novas, devidos aos longos anos que já viveu e por se sentir cansado. Entretanto, curiosamente, é sempre bastante atencioso à todas as atividades propostas. Bem-disposto, inclusive a executar suas funções em pé e não sentado. Os 3 fizeram uma *selfie* e, como o desafio do dia, enviaram para o grupo do *Facebook*, como evidencia a imagem 19. Neste momento, perguntaram ao António como deveria ser o título da fotografia. António, depois de muito tentar ouvir o que estavam a pedir, disse que não sabia e que já não servia para estas coisas, pois não sabia nada disso. Provavelmente não deve ter percebido ao certo do que se tratava o pedido da Salomé e do Bernardo. Entretanto, cumpriram, em equipa com o desafio da Partilha Digital.



Imagem 19: *Selfie* Bernardo, António e Salomé

O Francisco esteve novamente com a Ângela e com a Carolina que apareceu pela primeira vez no encontro. Ângela comentou com a Carolina sobre os conhecimentos do Francisco em fotografar e gravar. Perguntaram-lhe se tinha perfil no *Facebook* e ele respondeu que sim, mas que não se lembra da senha. Tiraram uma *selfie*, fizeram algumas gravações e enviaram para o grupo “Estrelas”, como mostra a imagem 20.



Imagem 20: *Selfie* Carolina, Francisco e Ângela

4º Encontro

Para a 1ª atividade organizaram-se em 4 grupos, como de costume, vídeo, áudio, iluminação, personagens.

O Francisco ficou responsável integralmente pela captação de áudio. O trabalho foi feito com um telemóvel através de uma app para gravações de som. Eu ensinei-lhe o caminho até o ícone da app. Ele fez alguns testes e durante a produção gravou a conversa. Não mostrou dificuldade em perceber o que deveria fazer, entretanto, antes de a produção iniciar, Bernardo percebeu que Francisco não estava na app da captação de áudio e sim na câmara de vídeo. Bernardo explicou que ele deveria efetuar as gravações com a app do som, pois facilitaria o trabalho de edição. Francisco voltou a app e pôs-se a gravar. Provavelmente deve ter saído da app do áudio e ao regressar para dar início a gravação, enganou-se no ícone. Foi interessante perceber a atenção do Bernardo ao Francisco, que era o único responsável pela função.

Madalena esteve na equipa de câmeras e como não tinha participado nas outras produções, Mariana e Ângela, que também ficaram nesta equipa esteve a explicar o que deveria e como fazer. Passaram noções básicas de manipulação de câmara, como o enquadramento e a necessidade de estabilizar o máximo possível o dispositivo que está a usar para gravar. Madalena ficou com a *tablet* da Clarinha e escolheu um plano aberto e central para captar a produção.

De fato a componente da iluminação é a mais complexa. No encontro de hoje agravou-se o fato de não termos tido as luzes fixas do *chroma-key*, o que dificultou a execução do esquema escolhido pela equipa da iluminação, Carolina, Clara e Salomé. Devido à complexidade da função, percebeu-se que Carolina e Salomé preocupadas em executar o esquema não conseguiram envolver imediatamente a Clara nesta situação. Elas pediram ajuda para outras pessoas de outras funções, como o Bernardo que serviu de modelo para o ajuste das luzes.

Em certo momento a Clara estava sozinha, parada no meio da sala. Madalena, responsável por uma das câmeras também encontrava-se sozinha a olhar para tudo e sem perceber o que estava a se passar. Neste momento, decidi chamar a atenção de todos para que permanecessem em suas funções e respetivas equipas, a fim, de estimular a conversa e a mobilização entre e de todos integrantes de cada equipa. Carolina e Salomé referiram a dificuldade que encontravam na montagem do esquema e que por isso estavam limitadas a como proceder para integrar a Clara. Percebeu-se então, que quando a tarefa extrapola o conhecimento adquirido, previamente, pelos jovens, a partilha imediata de opiniões e interação é reduzida aos colegas da mesma geração. Outras situações como esta foram evidenciadas em outros encontros, como será referido posteriormente.

António e Bernardo estiveram responsáveis pelos personagens, entretanto, a produção acabou por seguir o modelo anteriormente executado de entrevistador/entrevistado, sendo que António, empolgado por estar em frente às câmeras, não abriu espaço para o Bernardo entrar em ação.

5º Encontro

Durante a visualização coletiva das produções feitas pelo grupo ao longo dos outros encontros, todos demonstraram alegria ao assistir o trabalho efetuado. Brincaram uns com os outros durante a exibição das produções. Depois, foi pedido que conversassem sobre todos os elementos que as produções continham, como planos, ângulos, captação de áudio, estrutura narrativa, fotografia, estabilidade da imagem, etc.

O propósito era que definissem, de acordo com o que mais gostaram, todos os elementos que conteriam a produção final, ou seja, o guião. Mariana começou a conversa e depois dela, se manifestou a Carol, o Bernardo e outros jovens. Os seniores não palpitararam espontaneamente, mas, Ângela, Mariana e Carolina, pediram para que eles falassem um bocadinho sobre o

que gostaram. Francisco e Clara comentou sobre a fotografia da Universidade, Madalena e António, falaram sobre a estrutura narrativa da 1ª produção como a preferencial, em que haviam duas personagens e um entrevistador.

As produções do guião final começaram e o jogo de narrativas desenvolveu-se com certa fluidez. Me equivoquei novamente durante a performance do Bernardo e da Clara, interferindo verbalmente numa tentativa de corrigir a pergunta direcionada ao Bernardo. Madalena por sua vez, interrompeu algumas vezes devido ao tempo que se tornava escasso. A pressão feita por Madalena contribuiu na desordem da Reflexão do Dia do último encontro, onde nem o depoimento da Mariana nem o meu foram captados.

Vale sublinhar o equívoco cometido em relação ao material didático utilizado, obtido a partir das disciplinas do curso de Mestrado, nomeadamente ensinamentos sobre operação e captação de câmara (panos e ângulos) e esquemas de iluminação. Os conteúdos trazem ilustração de toda a informação técnica necessária, fator que contribui para a apropriação deste material na estratégia desenvolvida, entretanto, as terminologias em inglês, inibiram a conversação no momento de decisão dos elementos que comporiam o guião final. Assim, recomenda-se que estudos futuros, tomem atenção as terminologias utilizadas de forma a garantir e/ou facilitar o entendimento por parte de todos.

4.3 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo foi feita sobre o guião, nomeado Conversas Entre Gerações, produzido intergeracionalmente e colaborativamente, através da interação e suporte das TIC e, do documentário, nomeado Inter Gera Ação, que retrata o processo criativo do Conversas Entre Gerações.

A categoria a qual se encontra a presente análise, efetuada tanto sobre o conteúdo do guião, como do documentário, é qualitativa, ou seja, envolve a análise de poucas informações, porém complexas e detalhadas (Quivy & Campenhoudt, 1998).

4.3.1 O Guião – Conversas Entre Gerações

A análise de conteúdo debruçada sobre o guião trará à luz considerações sobre a estratégia colaborativa traçada, portanto, viabilizará a compreensão da eficiência da estratégia desenhada e executada. Assim, e apesar de ter sido definido que a estrutura do guião seria em formato digital, como de fato foi providenciado, segue todas as etapas, por escrito, que compõe o guião criado colaborativamente.

O guião foi produzido durante os 5 dias de encontros estipulados e foi desenvolvido, sobretudo, a partir de dispositivo da comunicação, como *smartphones* e *tablets* sob o auxílio de ferramentas audiovisual, como câmeras de filmar e gravadores de áudio.

Como todo os encontros, portanto, todas as fases e trabalhos voltados para a elaboração do guião, foram feitas recorrendo às tecnologias da comunicação e novos media, a produção final do guião, ou seja, o que transportaria todas as informações para uma espécie de *storyboard* digitalizado, foi feita através dos equipamentos de audiovisual semiprofissionais utilizados para a captação do documentário. Esta decisão foi tomada a partir de dois fatores, primeiro porque ao longo dos encontros, era evidente o entusiasmo e a curiosidade que os integrantes demonstraram em poder aprender e utilizar os equipamentos semiprofissionais, uma vez que com a visualização das pequenas edições feitas ao longo da prática, foram apercebendo-se da

qualidade de imagem que se consegue obter a partir das DSLR mediante as configurações necessárias.

Assim, e assumindo como o segundo fator que colaborou na decisão, a qualidade de imagem teve um peso significativo, pois pretendia-se concluir o trabalho coletivo de produção do guião com uma qualidade aceitável e que facilitasse a edição do conteúdo. Assim, segue a descrição das fases e dos elementos que compõe o guião.

Como mostra o capítulo 3 na descrição da estratégia colaborativa adotada, o guião foi produzido cíclica e gradualmente, a medida em que os encontros aconteciam. Também não seguiu a linearidade, comumente encontrada nos guiões para ficções, porém, pode ser observado todos os elementos sugeridos por (Soares, 2007). Dessa forma, a ideia foi estabelecida no 1º encontro e as outras componentes, portanto, tratamento e estrutura, guião literário e guião técnico, foram sendo trabalhadas ao longo dos outros encontros, nomeadamente 2º, 3º e 4º. No 5º encontro foi estudado qual, de todas as tentativas de guião elaboradas, seria a ideal para compor o *storyboard* do guião final “Conversas entre Gerações”.

Ideia

A ideia foi trabalhada no 1º encontro e foi feito uma espécie de levantamento e reconhecimento sobre o que cada um expectava em relação à atividade proposta e até então, pouco esclarecida. Assim, mediante os comentários sobre o que cada um esperava do projeto, os integrantes reuniram-se na Mesa Redonda e então começou o diálogo coletivo a fim de evidenciar pontos convergentes e divergentes das expectativas mencionadas. A conversa permitiu evidenciar que por um lado os jovens gostariam de retratar as relações intergeracionais através da recolha de histórias de vida, para eventualmente poderem analisar as diferentes épocas e a possível partilha de conhecimentos, uma vez que os jovens poderiam colaborar na partilha através do ensino digital e tecnológico.

Os seniores, por outro lado, enfatizaram a alteração no processo de educação quer ao nível institucional, quer ao nível familiar e, como dito por Madalena, “Maneira de se viver e conviver com as pessoas idosas” (Madalena, Mesa Redonda, - 1º encontro).

Ou como realçado por Clara,

“É o convívio com os jovens” (Clara, Mesa Redonda – 1º encontro).

Portanto, mediante as considerações obtidas neste 1º encontro pode-se observar que os integrantes do grupo demonstram interesse no projeto, quer realçado pelo aprendizado inerente à investigação, portanto, noções de guionismo e aparato fílmico, como também a possibilidade de partilhar conhecimentos sobre as TIC, além do próprio convívio e interação intergeracional.

De forma descontruída, vale ressaltar a observação feita a partir do comentário do António, que demonstrou ser adepto do documentário direto, com a afirmação

“pra mim o guião é a nossa própria cabeça (...) está na nossa mentalidade”.

Assim, ficou esclarecido a ideia geral, formulada com a contribuição de todas as intervenções: Promover o convívio intergeracional que possibilite a troca de conhecimento, a partir da coleta de histórias por parte dos jovens e através do aprendizado sobre as tecnologias da comunicação por parte dos seniores, afinal, como referido por Bjursell (2015), a aprendizagem intergeracional é um processo recíproco onde cada geração aprende umas com as outras e reconhecer as diferenças é o ponto de partida para a colaboração entre gerações.

Vale lembrar que foi feita uma edição sobre a compilação de ideias oriundas da atividade proposta e vídeo pode ser visto no canal do Vimeo, chamado Inter Gera Ação.

Tratamento e Estrutura

Esta etapa do guião foi sendo trabalhada nos encontros intermediários ao início e ao término das sessões. Assim, foram propostas 4 produções diferenciadas em relação ao tratamento e a estrutura final. Por exemplo, a Produção1 contou com um plano longo, primeiramente porque uma das câmeras não esteve a gravar os primeiros minutos e depois porque o formato da narrativa contava com uma entrevistador a fazer perguntas as duas personagens. Ainda na Produção1, quando a 2ª câmara entrou em ação, foi revelado elementos da produção, o que se enquadraria no moó reflexivo, sugerido por Bill Nichols.

Apesar de cada uma das Produções, das 4 efetivadas, terem algumas componentes diferenciadas, passaremos a descrição do Tratamento e Estrutura final estabelecida mediante a ideia lapidada e a análise das Produções, que permitiu compreender os elementos mais interessantes para figurar o guião final.

É nesta etapa do guionismo que se faz a decupagem da história em cenas dramáticas e prevê-se a estrutura em planos, cenas e sequência, ou seja, define o quê e como vai ser contada a história. (Almeida et al., 2015; Soares, 2007). O tratamento apresentou as personagens e seus movimentos em cena, bem como detalhes mais trabalhados relativamente à ideia. Assim, mostrou algumas considerações sobre a narrativa final que seria ilustrada mediante as curiosidades advindas do indivíduo de outra geração que estivesse em cena. Delimitou-se que 3 planos diferentes (abordados com mais detalhamento no guião técnico) para 12 cenas dramáticas comporiam a estrutura da sequência em questão.

1. Cena: Francisco entra e pergunta a Raquel – Raquel responde e sai de cena.
2. Cena: Bernardo entra e pergunta ao Francisco – Francisco responde e sai de cena.
3. Cena: Clara entra e pergunta ao Bernardo – Bernardo responde e sai de cena.
4. Cena: Mariana entra e pergunta à Clara – Clara responde e sai de cena.
5. Cena: António entra e pergunta à Mariana – Mariana responde e sai de cena.
6. Cena: Ângela entra e pergunta ao António – António responde e sai de cena.
7. Cena: Madalena entra e pergunta a Ângela – Ângela responde e sai de cena.
8. Cena: Carolina entra e pergunta à Madalena – Madalena responde e sai de cena.
9. Cena: Clara entra e pergunta a Carolina – Carolina responde e sai de cena.
10. Cena: Salomé entra e pergunta a Clara – Clara responde e sai de cena.
11. Cena: António entra e pergunta a Salomé – Salomé responde e sai de cena.
12. Cena: Raquel entra e pergunta ao António – António responde e sai de cena.

A seguir, a figura tal, trás uma imagem de cada cena para ilustrar esta etapa do guionismo.

Guião Literário e Guião Técnico

Optou-se por reunir estas duas etapas em uma única subsecção, de forma a facilitar e reduzir o espaço, para a apresentação descritivas destas componentes, caracterizando de forma clara e íntegra os elementos resultantes destas etapas.

O guião literário destina-se a definição das ações dos personagens, tempo e espaço em que ocorrem as cenas dramáticas, os diálogos gerados e os elementos visuais e sonoros que contemplam cada uma das cenas, é “o produto final que permite a transposição para mensagem audiovisual (Almeida et al., 2015).

Na atividade desenvolvida no 4º encontro, Partilha Digital, o grupo composto por Mariana, Clara e Madalena se responsabilizou por sugerir opções de nomes para o guião e encontrar tipos de letras para compor. Assim a lista de nomes sugeridos foi

1. Aprendizagem entre Gerações,
2. Conversas entre Amigos,
3. Convívio entre Gerações,
4. Miúdos e Graúdos.

Entretanto, a partir de uma pesquisa breve efetuada na *Internet*, percebeu-se que Miúdos e Graúdos já existia e estava associado a uma produção televisiva | cinematográfica. Assim, foi retirado da lista e por votação ganhou “Conversas entre Gerações”.

Quanto os tipos de letras, foram definidos

1. **Angelina** para os créditos finais,
2. **Bebas Neue** para os nomes das pessoas e dos elementos técnicos e literário, que compõe o *storyboard*.
3. **Vintage Punk** para o título inicial.

O 2º grupo composto por Ângela, Francisco e Carolina, definiram a trilha sonora e a sonoplastia através da biblioteca de áudio gratuita do *Youtube*.

Quanto ao local foram definidos 3 sítios distintos por António, Salomé e Bernardo que compuseram o 3º grupo. Todas as cenas decorrem no exterior (EXT.).

Mediante as fotografias retiradas da *Internet* estabeleceu-se o tempo em que as narrativas decorreriam. Assim, as 4 primeiras cenas acontecem a tarde, na Costa Nova, em um banco público localizado em frente as casinhas às riscas. O segundo local que envolve as 4 cenas intermediárias é a ria de Aveiro, portanto, as cenas acontecem no pôr-do-sol, no Rossio. Por fim, o 3º e último local definido foi a reitoria da Universidade de Aveiro. Ainda foram eles que definiram a paleta de cores do guião, como evidencia a imagem 21.



Imagem 21: Paleta de Cores - Conversas entre Gerações

O guião técnico é composto por todos os elementos técnicos que permitirá “a passagem do texto literário ao texto narrativo audiovisual” (Almeida et al., 2015).

Esta etapa do guionismo permite pensar na estrutura, anteriormente definida, e associar as partes da estrutura com o trabalho de câmara (Soares, 2007).

Como esta etapa pode ser usada para complementar o *storyboard* será apresentado questões gerais as técnicas utilizadas, porém a descrição ilustrada do trabalho de câmara por cena, será possível de analisar na etapa final do guião, o *storyboard*.

Com a visualização de todas as Produções efetuadas ao longo dos encontros foi possível perceber quais os planos e ângulos que melhor se enquadram na proposta definida. Assim, mediante a diversidade já explorada nas Produções, definiram que todas as cenas teriam essa relação de câmeras por planos e ângulos, iluminação e áudio, abaixo descrita:

☞ Câmera1 – plano médio, ângulo normal, centralizada.

☞ Câmera2 – plano *cut-in*, ângulo picado.

☞ Câmera3 – plano *close-up*, ângulo normal, diagonal.

☞ Esquema de iluminação – difusa.

☞ Áudio – posicionado no set de filmagens.

Assim, segue, por extenso, as informações que compõe o guião literário e as imagens que compõe o guião técnico.

1ª Cena: EXT. BANCO PÚBLICO, COSTA NOVA - TARDE

Raquel está sentada em um banco. FRANCISCO entra, senta e pergunta a Raquel:

O que preferes fazer, fotografia ou vídeo? Por quê?

Raquel responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 22: 1ª Cena

2ª Cena: EXT. BANCO PÚBLICO, COSTA NOVA - TARDE

Francisco está sentado em um banco. BERNARDO entra, senta e pergunta ao Francisco:

Fala sobre o seu envolvimento com a fotografia!

Francisco responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 23: 2ª Cena

3ª Cena: EXT. BANCO PÚBLICO, COSTA NOVA - TARDE

Bernardo está sentado em um banco. CLARA entra e pergunta ao Bernardo:

Explica-me o teu projeto no Youtube!

Bernardo responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 24: 3ª Cena

4ª Cena: EXT. BANCO PÚBLICO, COSTA NOVA - TARDE

Clara está sentada em um banco. MARIANA entra e pergunta à Clara:

O que mais gostava de ensinar para os miúdos quando dava aulas?

Clara responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 25: 4ª Cena

5ª Cena: EXT. ROSSIO, AVEIRO – PÔR-DO-SOL

Mariana está sentada em um banco. ANTÓNIO entra e pergunta à Mariana:

Qual tecnologia mais antiga que se lembra?

Mariana responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 26: 5ª Cena

6ª Cena: EXT. ROSSIO, AVEIRO – PÔR-DO-SOL

António está sentado em um banco. ÂNGELA entra e pergunta ao António:

Conta-me sobre o surgimento do cinema!

António responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 27: 6ª Cena

7ª Cena: EXT. ROSSIO, AVEIRO – PÔR-DO-SOL

Ângela está sentada em um banco. MADALENA entra e pergunta a Ângela:

Qual a motivação que tens para fazer voluntariado?

Ângela responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 28: 7ª Cena

8ª Cena: EXT. ROSSIO, AVEIRO – PÔR-DO-SOL

Madalena está sentada em um banco. CAROLINA entra e pergunta à Madalena:

O que você aprende na visitação de acamados?

Madalena responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 29: 8ª Cena

9ª Cena: EXT. REITORIA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO - NOITE

Carolina está sentada em um banco. CLARA entra e pergunta a Carolina:

O que mais gostas de fazer na Internet?

Carolina responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 30: 9ª Cena

10ª Cena: EXT. REITORIA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO - NOITE

Clara está sentada em um banco. SALOMÉ entra e pergunta a Clara:

Fala-me sobre os jogos que você tem na tablet e quais gosta de jogar!

Clara responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 31: 10ª Cena

11ª Cena: EXT. REITORIA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO - NOITE

Salomé está sentada em um banco. ANTÓNIO entra e pergunta a Salomé:

Que género de livro gostas mais de ler?

Salomé responde, levanta-se e sai de cena.



Imagem 32: 11ª Cena

12ª Cena: EXT. REITORIA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO - NOITE

António está sentado em um banco. RAQUEL entra e pergunta ao António:

O que você aprendeu com os livros que leu?

António responde, levanta-se e sai de cena.

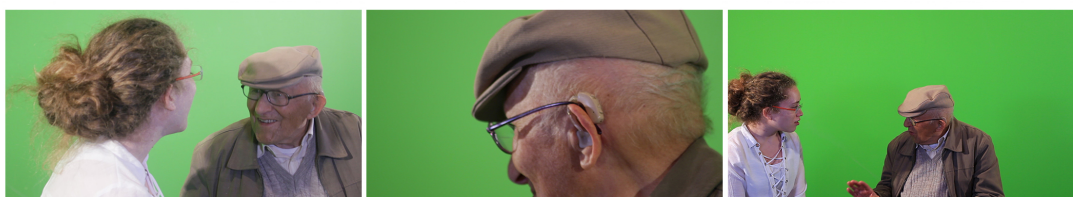


Imagem 33: 12ª Cena

Storyboard

O *storyboard*, como mencionado anteriormente, foi finalizado digitalmente, o conteúdo pode ser visualizado no canal Inter Gera Ação, na plataforma *Vimeo*. O *storyboard*, muitas vezes pode ser utilizada como alternativa ao guião por conter todos os elementos necessários para a realização do filme. Portanto, traz informações sobre movimento de câmera, iluminação, cenário ou local de gravação, diálogos, personagens em cena, entre outros. Vale destacar que a informação encontra-se na própria imagem, uma vez que o vídeo permite visualizar todos os elementos necessários, facilitando a compreensão de todos.

O guião, denominado pelo grupo, "Conversas entre Gerações" têm aproximadamente 15 minutos, retirados de um total de 50 Gigas de material audiovisual. Foi editado no software *Premiere Pro CS6* e levou-se em consideração a ordem das cenas (estrutura) e todos os outros elementos frutos das decisões coletivas. Extraíu-se o *chroma-key* e fez-se sobreposições com os diferentes planos captados para cada cena, além das fotografias das paisagens da cidade, utilizada para cenário.

4.3.2 O Documentário

O material produzido durante os encontros possibilitou o entendimento totalizador das questões impostas para esta investigação. O tratamento do material após cada encontro, portanto, o trabalho de sincronização entre áudio e imagem e as pequenas edições que foram feitas

ao longo do processo empírico, proporcionaram a apresentação de dados e, conseqüentemente a análise dos resultados, descritos a seguir.

A partir da análise de conteúdo feita sobre o documentário foi possível obter respostas, substancialmente, à segunda pergunta de investigação, portanto, a partir da análise foi possível consolidar a compreensão sobre o comportamento dos dois grupos etários, em questão, diante da interação entre si e com as tecnologias da comunicação em um processo de criação colaborativo.

Inicialmente, sublinha-se o interesse por parte de todos em interagir uns com os outros no cenário proposto, considerando, dessa forma, o aparato fílmico e as TIC. António, sempre que possível, mencionou a falta de interesse pelo aprendizado dos novos dispositivos tecnológicos, no entanto, interagiu e observou com atenção e curiosidade os ensinamentos que os mais jovens o transmitiram. Como pode ser observado com as afirmações a seguir.

“Foi muito giro, porque eles estão muito abertos a aprender coisas novas e nós estamos muito abertos a ensinar-lhes coisas novas” (Ângela, Reflexão do Dia - 2º encontro).

“Foi muito gratificante termos aqui todos juntos a partilhar as nossas experiências” (Bernardo, Reflexão do Dia - 5º encontro).

Percebeu-se que os jovens satisfaziam-se com a possibilidade de poder ensinar os integrantes mais velhos com questões voltadas a tecnologia.

“Também gostei de ensinar, a mexer, ensinar a mexer no telemóvel e a gravar, tirar fotografias e nas redes sociais também” (Marina, Reflexão do Dia - 2º encontro).

“É bom saber também que os jovens tem alguma coisa a ensinar aos mais velhos, não só ao contrário, e é bom perceber que o que pra nós já faz parte do dia-a-dia, os telemóveis, as câmeras (...) pra outras pessoas ainda é muito confuso e é bom saber que dalguma maneira nós ajudamos os outro a acompanhar os tempos” (Carolina, Reflexão do Dia - 4º encontro).

Salomé comenta, com deleite, a missão cumprida de terem encontrado o perfil da Clara no *Facebook* e tê-la integrado no grupo “Estrelas”, além de ter ensinado como fazer fotografias e vídeos.

Ângela referiu no 2º e 3º encontro o conhecimento que o Francisco tinha a respeito, principalmente da ferramenta de câmara dos telemóveis. Como Francisco possui um telemóvel suportado por sistema operativo, portanto, com câmara para fotografar e filmar e como sempre demonstrou interesse pela fotografia, recorre ao telemóvel para explorar o seu olhar fotográfico, além de fazer vídeos em eventos e de situações específicas. Ângela, que em contra partida não possui um telemóvel suportado por sistema operativo, comenta que aprende com o Francisco, como mostram as transcrições a seguir.

“Foi muito giro ver que ele sabia mexer mais no telemóvel do que eu na realidade” (Ângela, Reflexão do Dia – 2º encontro).

“Eu fiquei com o senhor Francisco mais uma vez e aquele homem tem mais inteligência do que eu, ele que me ensina a mim e não eu a ele, o que é uma coisa muito estranha” (Ângela, Reflexão do Dia – 3º encontro).

As afirmações feitas por Ângela, especialmente a do 3º encontro, mencionada acima, relaciona-se aos resultados obtidos por Pereira (2011) apesar de ser direcionado as relações familiares, ao ressaltar o sentimento dos jovens de “mais” saber sobre às tecnologias relativamente aos pais e/ou avós.

O sentimento de satisfação foi também presenciado mediante a avaliação, feita pelos próprios jovens, sobre o conhecimento que tinham transmitido para os seniores. Tal avaliação foi mediante a citação de funcionalidades que conseguiam executar, como referido sobre a Patilha Digital.

“Achei giro que o senhor António no final já conseguia mexer mais ou menos no telemóvel sozinho, conseguia ver os vídeos sozinho e por a filmar também, acho que foi produtivo” - (Raquel, Reflexão do Dia – 2º encontro).

No momento em que Raquel fez tal declaração, Mariana, a outra integrante que os acompanhou nesta atividade, ressaltou, direcionando-se ao António, que este aprendia depressa. Imediatamente António referiu que já não têm interesse por estas coisas. Entretanto, Mariana insistiu, perguntando:

“Diga lá se já não conseguiu tirar fotografias” - (Mariana, Reflexão do Dia – 2º encontro).

E António confirmou:

“Eu consegui, mas é uma coisa que já não me interessa” - (António, Reflexão do Dia – 2º encontro).

Além destas declarações outras, durante diversos encontros permitem corroborar o sentimento de satisfação, por parte dos jovens, mediante aos ensinamentos adquiridos pelos integrantes seniores, relativamente às tecnologias, como mostram as transcrições a seguir.

“Ainda se lembravam de certas coisas que nós falamos da última vez e isso foi bom, quer dizer que o que nós estamos a fazer não é em vão e que o que eles estão a fazer também não é em vão” - (Bernardo, Reflexão do Dia – 3º encontro).

“Notei que havia coisas que eles já conseguiam fazer sozinhos (...) eu estive com a Clara a última vez (...) espero continuar reparando nos progressos dela” (Raquel, Reflexão do Dia – 3º encontro).

“Eles vieram com um certo conhecimento, já sabiam o que é que vinham práqui fazer, já estavam assim um bocadinho mais animados e um bocadinho mais dinâmicos (...)” - (Bernardo, Reflexão do Dia – 4º encontro)

Os jovens mostram-se diversas vezes entusiasmados em poder explorar o estúdio audiovisual, bem como os equipamentos disponíveis, as funções exercidas durante as atividades de Produção e na própria construção do guião como um todo.

“Foi bom, experimentamos um cenário novo e materiais diferentes” - (Mariana, Reflexão do Dia - 3º encontro).

“A última parte foi interessante, porque é uma coisa diferente tarmos nós a tentarmos fazer o nosso próprio a nossa própria imagem (...) o fundo, os tipos de letras, as músicas. Estarmos a ser nós próprios os criadores” - (Bernardo, Reflexão do Dia - 4º encontro).

“Eu gostei bastante dessa sessão, é muito bom trabalhar com as várias componentes, como a luz, como o som, as câmeras, é bom aprender as diferentes coisas técnicas (...) é bom sair da nossa zona de conforto” - (Salomé, Reflexão do Dia - 4º encontro).

Destacou-se o contentamento por parte dos seniores em estar envolvidos com os integrantes jovens e, de certa forma, em poder interagir e aprender com o equipamento audiovisual e da comunicação, como pode ser visto nas transcrições a seguir:

“Gostei muito. Principalmente estar no meio da mocidade, faz lembrar me outros tempos outros eras” - (António, Reflexão do Dia – 2º encontro).

“O encontro de hoje foi agradável, tar aqui junto com vocês, não é, e aprender-aprender estas coisas que nunca tinha-nunca tinha passado por elas” - (Francisco, Reflexão do Dia – 3º encontro).

“Eu achei que foi uma reunião de estudo, não é? Onde se aprende aqui muita coisa (...) isso é como uma família que teve aqui reunida e agente compreendemos nos todos uns com os outros” - (Francisco, Reflexão do Dia – 4º encontro).

“O que mais me apraz é estar metido no meio da mocidade, no meio da mocidade parece que me dá outra alegria, faz me lembrar os meus tempos, meus tempos de quando era menino, quando era rapaz, faz me lembrar esses tempos” - (António, Reflexão do Dia – 3º encontro).

“Acho que a conversa foi interessante em todas as direções” - (Clara, Reflexão do Dia – 4º encontro).

“Eu gostei muito dessa reunião entre os jovens e os velhos, porque antigamente eram os velhos que ensinavam os novos, agora são os novos que ensinam os velhos, porque apareceu coisas que naquele tempo não existiam (...) agora tira-se fotografias com um simples telemóvel (...) os novos agora é que tem que ensinar a nós” - (António, Reflexão do Dia – 4º encontro).

Acentua-se que durante a entrevista semiestruturada, António, ao ser questionado se gostaria de adquirir literacia digital, comentou que na idade dele, portanto, 99 anos, ele deveria ensinar aos mais jovens e não o contrário. Entretanto, durante todos os encontros e atividades ele esteve sempre envolvido e ativo. Esta declaração, acima, revela a alteração de pensamento do António, sobre a transmissão de conhecimento entre jovens e seniores.

“Eu gostei muito (...) foi uma coisa que me entusiasmou, gostei imenso” - (Madalena, Reflexão do Dia – 4º encontro).

“Eu achei isso formidável, só esse prazer que nós tivemos de conhecer essa tecnologia moderna e a nossa convivência com a juventude, para mim foi formidável” - (António, Reflexão do Dia – 5º encontro).

“Gostei de tudo (...) mas principalmente de conviver com os jovens, foi formidável” - (Madalena, Reflexão do Dia – 5º encontro)

Foi possível compreender a fragilidade da estratégia quanto à transmissão de conhecimentos teóricos, principalmente para os seniores, mediante as afirmações seguintes.

“Gostei muito de estar aqui, mas não compreendi muitas coisas” - (Clara, Reflexão do Dia – 3º encontro).

“Achei uma coisa muito interessante-interessante, mas a minha cabeça, já quase com um centenário, não pode compreender essas-essas modernizações que vocês usam, não é?” - (António, Reflexão do Dia – 3º encontro).

Também percebeu-se o sentido de coletividade e de colaboração em diversos momentos, quer nas atividades de Partilha Digital, como nas atividades de Produção, que conduziram o entendimento sobre os elementos literário e técnicos que um guião deve conter. Os jovens mostram-se bastante solícitos, essencialmente no que diz respeito às TIC. Os seniores mostraram-se abertos e recetivos à proposta como um todo e aos momentos de partilha digital, mas não deixaram de dar opiniões, contar piadas e relembrar os mecanismos das épocas anteriores. Como ressaltados nas transcrições a seguir:

“Eu a Clarinha e a dona Madalena conseguimos chegar num consenso, elas ajudaram, ajudamo-nos entre as três e gostei desse trabalho entre ajuda para um fim” - (Mariana, Reflexão do Dia – 4º encontro).

“Eu gostei bastante, gostei de conhecer um bocadinho mais da história do senhor António (...) e depois gostei de trabalhar nos grupinhos pequenos com o Bernardo e com o senhor António, sobre decidir parte da produção final” - (Salomé, Reflexão do Dia – 4º encontro).

4.4 Considerações Finais sobre os Resultados Obtidos

Após apresentação de todos os elementos do guião, elaborado coletivamente entre os integrantes jovens e seniores do grupo de estudo desta investigação, mediante as atividades planeadas e através das tecnologias da comunicação e novos media, como *smartphones*, *tablets*, aplicativos para gravação de filme e de áudio, o estúdio audiovisual e, tendo como um local para o acervo do conteúdo, o grupo no *Facebook*, “Estrelas”, conclui-se que a estratégia planificada e executada: 1-) mobilizou a interação intergeracional e as tecnologias, 2-) promoveu o estado de produção colaborativa, 3-) suscitou a curiosidade, por parte dos integrantes, pelas tecnologias da comunicação e dispositivos semiprofissionais utilizados para a captação audiovisual, 4-) possibilitou igualmente a partilha de conhecimentos digitais, de jovens para seniores, e a partilha de experiências de vida, dos seniores para jovens, 5-) viabilizou a produção de um guião integralmente construído, 6-) possibilitou a transmissão de noções sobre guionismo e produção audiovisual para os integrantes do projeto.

Foi possível, através da estratégia adotada, exponenciar o elemento de metalinguagem assente na proposta presente, por exemplo, com a utilização do *chroma-key* e a possibilidades de sobreposição de imagens, mas, sobretudo, mediante as “Produções”, que decorreram no 2º, 3º e 4º encontro (incluindo o “Teste de Produção”), pois, cada uma destas atividades representa, não somente o caminho para a construção do guião, e sim, o próprio guião.

Pode-se verificar que algumas considerações, sugeridas por outros autores relativamente à desenvoltura da estratégia, anteriormente referidas na secção em que se dá a descrição da estratégia colaborativa, precisamente no capítulo 3, foram cumpridas, nomeadamente: (a) igualdade de status no grupo, portanto, cada participante desempenhou as mesmas funções e atividades; (b) todos tiveram metas em comum, o que incentivou a diversão, o esforço e o trabalho em equipa; (c) houve cooperação entre os elementos do grupo; (d) foram presenciados momentos que ressaltaram o sentido de familiaridade; (e) contou com o apoio institucional, tanto da Universidade de Aveiro como do PNSF (Lou & Dai, 2017).

Também, como alertado por Roberto et al. (2014), a estratégia foi desenhada de forma a fortalecer os valores associados à cooperação e o respeito mútuo

Apesar de os conhecimentos sobre guionismo terem sido fragilmente abordados, uma vez que o objetivo não era a introdução de conhecimentos sobre guionismo e sim a construção de um guião, mediante os conhecimentos da investigadora, dos integrantes do grupo e, bem como, através do suporte das tecnologias da comunicação, pode-se concluir que a estratégia colaborativa adotada teve êxito em sua planificação, viabilizando a obtenção de resultados esperados, tanto para esta pergunta quanto para a segunda pergunta de investigação.

Entretanto, vale salientar que se houvesse mais tempo predefinido para os encontros, provavelmente as noções de guionismo seriam melhor trabalhadas de forma a contribuir para o conhecimento sobre a área, além de diante de tal conhecimento, ter uma melhor aplicação das ferramentas e etapas do guião como um todo.

Se por um lado a análise de conteúdos efetuada ao guião permitiu compreender a eficiência da estratégia adotada para a proposta de investigação, por outro, os instrumentos de diário de campo e análise de conteúdo relativamente ao documentário, permitiram modelar algumas conclusões que responde a segunda pergunta de investigação deste estudo: como se relacionam jovens e seniores, através da mediação das TIC e novos media, em um processo de criação colaborativa para o desenvolvimento de um guião?

Durante a construção do modelo de análises, que orientou a conceptualização da investigação, foram estabelecidas algumas hipóteses formuladas relativamente à segunda pergunta. Lembrando que as “hipóteses consiste precisamente em precipitar-se sobre a recolha dos dados” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 3). Assim segue algumas considerações sobre as repostas hipotéticas e as respostas obtidas através das técnicas e instrumentos para recolha de dados.

H1: O relacionamento intergeracional acontece com respeito, auxílio e dinâmica, uma vez que os integrantes demonstram interesse pela proposta.

Pode-se observar situações de auxílio advindas sobretudo dos jovens para os seniores, quanto ao manuseio dos equipamentos e a orientação sobre os novos media. Ainda foi possível ressaltar o interesse na interação, explanação e produção coletiva, tanto por parte dos jovens como por parte dos seniores. Não foram presenciadas situações de *bullying* ou de desprezo e sim, situações de divertimento mediante as divergências de entendimento e vivência.

É preciso relevar o fato de que os jovens participantes do estudo já estavam inseridos em um programa de voluntariado que visa a socialização e interação intergeracional e, logo, já predispunham de interesse e vontade na ação colaborativa em prol de um bem maior.

H2: Os jovens comportam-se de forma mais ativa, uma vez que envolve a mediação de dispositivos da comunicação, bem como o acesso aos novos media. Os seniores, demonstram-se interessados e curiosos, colaborando de forma ativa na partilha de conhecimento e reflexão coletiva, porém, mais cautelosos em relação às tecnologias.

Em certa medida, a H2 pode ser validada ao passo que verificou-se mais dinâmica por parte dos jovens em relação aos seniores na atividade de Patilha Digital e Produção. Entretanto, apesar de os seniores terem sido mais cautelosos, principalmente quanto ao manuseio dos dispositivos tecnológicos e acessibilidade ao grupo “Estrelas”, notou-se que a cada encontro, sentiam mais liberdade, comportando-se, de forma mais ousada ao passar dos encontros.

Aliás, um dos motivos, não considerado em nenhuma das hipóteses previamente elaboradas, relativamente à manipulação das tecnologias, mas que foi consistentemente percebida, tem a ver com a fragilidade física dos participantes. Se em algum momento houve hesitação por parte dos integrantes seniores em cumprir com suas funções ou em se pré dispor no auxílio aos outros integrantes, tal fator deve-se as capacidades fisiológicas apresentadas pelos integrantes.

H3: Tanto os jovens que possuem ligação afetiva e contacto com os avós, bem como os seniores que possuem ligação afetiva e contacto com os netos, apresentam maior entusiasmo em estabelecer relação mútua e recíproca com os indivíduos das gerações “opostas”, bem como no manuseio e na interação das novas tecnologias.

Todos os integrantes seniores que fizeram parte do grupo de estudo, com exceção da Clara, possuem netos e todos os integrantes jovens, sem exceção possuem avós e mantém uma relação de proximidade e amizade com os seus. A Clara, portanto, seria a única integrante que poderia validar tal hipótese, entretanto, é uma das integrantes que mais se mostrou entusiasmada e aberta a novos conhecimentos, nomeadamente sobre as tecnologias da comunicação e novos media.

Durante as entrevistas semiestruturadas, os seniores quando referiam a utilização da *Internet*, alegavam que não precisavam se preocupar com o aprendizado das tecnologias, uma vez que poderiam recorrer, a qualquer momento aos netos e pedir-lhes ajuda. Ora bem, estando a Clara numa situação diferenciada na medida em que não tem netos e vive no lar residencial PNSF, e apesar de ter sobrinhos próximos que lhe dão auxílio, acredita-se que estes são fatores que contribuem para a motivação em aprender e procurar saber mais em relação às novas tecnologias, como uma forma de minimização da solidão e entretenimento.

Sendo assim, encontra-se similaridade com estudos da área, ao passo que diz respeito a importância do uso das tecnologias da comunicação por parte, principalmente, dos seniores, a cima dos 85 anos e que vivem em instituições de cuidados prolongados(caraterísticas equivalentes a da Clara), na superação de barreiras físicas que reduzem a rede social e, consequentemente ampliam o sentimento de solidão (Neves et al., 2015).

H4: As tecnologias da comunicação e consequentemente os novos media viabilizam um caminho de interação e partilha entre as gerações, promovendo a criação colaborativa e a minimização de estereótipos tanto a nível etário quanto tecnológico.

A H4 pode ser assumida mediante algumas constatações efetuadas. Primeiramente relacionada às circunstâncias necessárias para que os jovens possam, com naturalidade, envolver os integrantes seniores. Normalmente, quando o assunto posto em causa já é de conhecimento prévio dos jovens estes, acionam o estado de partilha e de colaboração orientando e estimulando os integrantes seniores na interação, como por exemplo quando a atividade proposta era a Partilha Digital.

Entretanto, quando a atividade proposta sai do campo de entendimento dos integrantes jovens, como esquemas de iluminação, estes procuram, primeiramente, perceber o que e como deve ser executado a sua colaboração para depois, se houver tempo, incluir e partilhar a atividade com os integrantes seniores. Assim, a execução da estratégia colaborativa deve, em um estudo futuro, considerar mais tempo destinado aos encontros de forma a possibilitar a compreensão do comportamento de partilha entre jovens e seniores mediante a um conhecimento novo para ambas gerações.

Outro fator que permite considerar válida a H4, está relacionado ao guião produzido efetivamente a partir da colaboração entre jovens e seniores, através de dispositivos da comunicação. Mesmo tratando-se de um guião elaborado simplificadamente, comporta todos os elementos que orientam a etapa de produção.

Sendo assim, as TIC e conseqüentemente os novos media, configuram-se como um caminho possível na interação e partilha entre as gerações, promovendo a criação colaborativa e a minimização de estereótipos tanto a nível etário quanto tecnológico.

Destaca-se que o grupo "Estrelas", além de ter sido uma das plataformas para o acervo do conteúdo produzido, também se comportou como a rede social digital a qual o integrantes recorriam para a armazenar os seus conteúdos feitos ao longo dos encontros, nomeadamente no âmbito das atividades Partilha Digital e Produções. A ideia de incluir na estratégia desenvolvida o grupo no *Facebook*, deu-se por diversos motivos, (a) incluir uma rede social uma vez que, as tecnologias da comunicação e novos media configuram-se em um dos conceitos/orientadores da dissertação; (b) perceber qual a relação de usabilidade e apropriação coletiva dos integrantes em relação ao *Facebook* e/ou aos dispositivos da comunicação; (c) perceber se haveria evolução relativamente ao acesso e adesão ao grupo fora dos momentos previstos nos encontros.

Assim, pode-se perceber que em relação a alínea a, o grupo proporcionou um espaço para o armazenamento do conteúdo produzido paulatinamente, além de que configurou-se como o suporte para a delimitação de objetivos nas atividades de Partilha Digital, além da compilação do material captado pelos integrantes, sobretudo jovens, com os seus próprios dispositivos da comunicação, no âmbito das Produções. Quanto a alínea b, foi possível observar a forma como acediam a plataforma coletivamente, sempre com instruções dos jovens para os seniores, incluindo as novidades da rede que iam evidenciando, como por exemplo as diversas opções de reação às publicações. Relativamente a alínea c, salienta-se que os jovens ao longo dos encontros estiveram sempre ativos e presentes no grupo, entretanto, os seniores, durante o período em que decorreram as sessões, este não estiveram no grupo através dos seus dispositivos, até porque, quem o poderia fazer seria exclusivamente a Clara, que além de ter uma *tablet*, tem também um perfil na plataforma e uma certa tendência a aceder o *Facebook*, como relatado anteriormente neste capítulo.

Porém, após o encerramento dos encontros, exatamente 3 dias depois, portanto dia 22.05.2017, foi detetado que a Clara, pela primeira vez, acedeu ao grupo através do seu dispositivo e, percorreu todas as publicações anteriormente efetuadas. A imagem 34 mostra a publicação e as respetivas visualizações. O fato de a Clara ter acedido ao grupo indica uma absorção de conhecimento digital, já que a Clara, durante os encontros, mostrava dificuldade em encontrar o caminho do grupo "Estrelas".

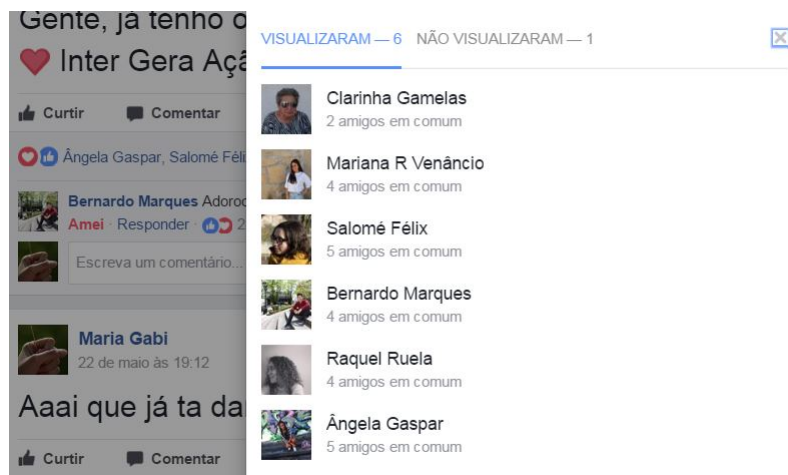


Imagem 34: Visita da Clara ao grupo Estrelas

Capítulo 5

Inter Gera Ação – Etapas de Produção do Documentário

O documentário resulta de um processo criativo do documentarista que envolve diversas escolhas, desde a formulação da ideia até a edição final do material “que marcam a apropriação do real por um discurso” (Puccini, 2009, p. 177). Dessa forma, este capítulo está dividido em 3 sessões que contemplam todo o desenvolvimento do Inter Gera Ação, desde os primeiros esboços feitos na pré-produção, passando pela captação do material, até a decupagem na etapa de edição.

Deve-se salientar, que apesar de o presente documento, à primeira vista, parecer conter repetição de conteúdos e procedimentos, isto sucede mediante o elemento de metalinguagem predominante quer na problemática teórica em questão, portanto, as relações intergeracionais e a mediação das tecnologias da comunicação, quer seja na parte empírica da investigação, ou seja, a produção de um documentário sobre o processo criativo de um guião.

Assim, chama-se a atenção para o conteúdo associado ao capítulo presente, que destina-se à descrever o procedimento percorrido para a realização do documentário intitulado Inter Gera Ação, produzido pela investigadora da presente dissertação.

5.1 Pré Produção

De acordo com Puccini (2009), o domínio exercido pelo cinema direto durante algum tempo na época clássica, ou seja, o cinema feito sem nenhum planeamento pré concebido, praticamente decidido na mesa de montagem ou edição, provocou um equívoco em relação as etapas de produção quando se refere a documentários, principalmente a etapa de pré-produção.

O autor sugere que tal fator pode ser corroborado mediante uma pesquisa sobre os guiões disponíveis na *Internet* de filmes de ficção e de filmes de documentário, uma vez que para as narrativas ficcionais, encontram-se com facilidade numerosos exemplos e para narrativas de documentários quase não se encontra material disponível (Puccini, 2009).

Apesar do equívoco generalizado ou a negligência quanto à etapa de pré produção para filmes documentários, a construção do guião, destinada a um documentário, é, sobretudo, uma tentativa de controlo dos fatores externos que configuram a realidade de uma produção. Assim, “roteirizar significa recortar, seleccionar, e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará o seu começo e seu fim” (Soares, 2007).

Sublinha-se que nem todos os guiões para documentário assumem a mesma forma ou totalidade daqueles destinados à ficção. Ora, esta afirmação está presente em qualquer realidade de produção, uma vez que cada filme trás consigo um acervo de circunstâncias que delimitam o caminho do desenvolvimento do conteúdo. Por exemplo, nem todos os documentários asseguram o argumento, apresentação detalhada do filme, pois, apesar de ser uma parte necessária não é obrigatória.

Inicia-se assim, a descrição pormenorizada da etapa de pré-produção para o documentário em questão: a proposta, composta por apresentação da ideia e objetivos; a pesquisa, subdividida em literatura, filmografia, seleção dos entrevistados e locação; e, por fim, o guião ou argumento, subdividido em ideia, *sinopse*, tratamento, guião literário e guião técnico (Soares, 2007).

Vale lembrar que procurou-se transmitir os elementos essenciais de compreensão de todas as etapas previstas na constituição do guião, mas, que como previsto por Soares (2007), nem todos os guiões de documentários surgem na etapa de pré-produção, portanto a elaboração deste guião, foi parcialmente elaborada no ato da produção e na pós-produção, como descrito a seguir.

5.2 Diretrizes Iniciais

5.2.1 A Proposta

A proposta é definida pela ideia do projeto e os objetivos a serem efetivados. Portanto, a proposta para o documentário foi elaborada durante a fase inicial do projeto, em que diante da temática estabelecida, “tecnologias e relações intergeracionais”, procurou-se modelar a ideia e os objetivos. Assim, definiu-se a ideia: registar o processo criativo, de construção colaborativa, de um guião através da interação intergeracional mediada pelas tecnologias da comunicação.

Logo, os objetivos a serem concretizados relacionavam-se a exploração da temática, posteriormente definida, a produção de um conteúdo direcionado para os novos media, que fomentasse, de forma reflexiva e assente na metalinguagem, a problemática das relações intergeracionais não familiares e a intermediação das novas tecnologias, contribuindo para a minimização de estereótipos e conseqüentemente, para a proliferação de conceitos relacionados a partilha digital, construção colaborativa, ao respeito mútuo, aceitação das diferenças e a naturalidade frente às fases da vida.

5.2.2 Pesquisa Literária

A pesquisa literária foi realizada na revisão de literatura a fim de estruturar sistematicamente os conceitos orientadores da proposta de dissertação presente. Assim, durante os meses de novembro de 2016 a fevereiro de 2017, recorreu-se ao levantamento bibliográfico de trabalhos, maioritariamente académicos, indexados a bases de dados científicas credíveis, como *Scopus*, *SciELO* ou a *Web of Science*.

Esta etapa possibilitou a compreensão dos conceitos inerentes a investigação e, sobretudo, a faixa etária ideal para constituir o grupo de estudo. Uma vez que o grupo etário mais envolvido com as TIC são os jovens, entre os 15 e 30 anos, e em contra partida, o grupo com menor representatividade no contexto da sociedade da tecnologia e informação, são os seniores, a cima dos 65 anos, estipulou-se este escalão etário para levar o estudo a diante.

Também foi possível determinar o estilo e a abordagem que conduziriam a estética e a produção do filme como um todo. Assim, definiu-se que seria introduzido elementos do modo participativo, mas primordialmente, reflexivo e, conseqüentemente elementos de metalinguagem.

5.2.3 Filmografia

A filmografia, portanto a pesquisa de filmes, neste caso documentários, foi feita mediante algumas características já estabelecidas para a produção do documentário, sobretudo a colaborativa e metalinguagem. Vale lembrar, como definido no capítulo 2, que o documentário apresenta características tanto da categoria "The Participant Observers", ao propor a recolha de experiências individuais, através do vídeo, diante de uma construção coletiva da temática em questão, como características da categoria "The Community of Purpose" ao sugerir uma mudança social no que diz respeito as relações intergeracionais mediadas pelos novos media ("COLLABDOCS," 2011).

Para exploração e compreensão da forma de colaboração contemporânea evidenciada nos filmes de documentários, recorreu-se a diversos filmes, longas, médias e curtas-metragens, quer para cinema, quer para os novos media. Entretanto, decorreremos sobre 3 que influenciaram significativamente a pré-produção deste projeto.

Life in a Day, é um excelente exemplo de documentário colaborativo, incluído na segunda categoria descrita acima e, possibilitado pelas TIC, cujas imagens foram feitas ao decorrer de um único dia, 24 de julho de 2010, e contou com a produção executiva de Ridley Scott e Kevin Macdonald para a edição do material recolhido.

O documentário foi construído com a colaboração de 192 países, a partir da experiência diária de cada indivíduo com a captação e envio de imagens, através da plataforma de vídeos *Youtube*, que posteriormente serviu como o canal de distribuição do documentário. Foram mais de 80.000 colaboradores e os nomes daqueles que produziram as imagens que configuram o documentário final foram exibidos nos créditos como corealizadores (Lobo, 2013).

18 Days in Egypt é um projeto de documentário colaborativo que visa a recolha de situações vivenciadas pelos moradores e visitantes do país relacionados ao processo revolucionário sociopolítico do Egito. Desde 2011 pessoas relatam momentos presenciados e registados através, muitas vezes, de telemóveis e *tablets* e partilham o conteúdo que fica online no site do projeto ("18 Days in Egypt," 2011).

Outro projeto bastante interessante e que apresenta-se como colaborativo, através de um web documentário online intitulado *Bixiga Existe* e retrata o bairro do Bixiga, na cidade de São Paulo, memórias, histórias, comportamentos. É resultado de seis dias de produção com 16 participantes selecionados que produziram oficinas criativas e práticas, que guiaram o processo multidisciplinar para produção do web documentário.

Para verificar como utilizam elementos de metalinguagem, primeiramente no audiovisual, recorreu-se a *When Paris it Sizzles*, uma comédia romântica, produzida em 1964, executado por Richard Quiné, o filme "oferece uma visão interessante das engrenagens da indústria cinematográfica, além de ser uma brincadeira metalinguística encantadora, cheia de bom humor e charme" (Carreiro, 2006).

Também foi feito um estudo aprofundado sobre Moscou de 2009, produzido por Eduardo Coutinho, que registra o processo criativo da peça "As três irmãs", de Anton Tchecov, escrita em 1900 e tida como um das grandes obras teatrais da modernidade (da Silva, 2010, p.88). O desenrolar da narrativa se dá a partir de uma série de regras, ditadas pelo diretor no início do

documentário e por meio de um dispositivo que substitui o roteiro inexistente. Entretanto é a linha tênue de separação entre as personagens da peça e as atrizes que interpretam a peça, o elemento enigmático do documentário (da Silva, 2010, p.91).

É também a partir deste limiar que fica claro o deslocamento da vida real e fictícia, bem como o processo de tomada de consciência quando o plano se expande e a observação é concretizada à distância. Silva conclui a análise diante da ideia de que estar em cena “talvez seja a única maneira de dar conta do mundo, dos outros que nos cercam e da nossa própria vida” (da Silva, 2010, p.93).

5.2.4 Seleção dos Indivíduos e Entrevistas

A seleção dos indivíduos, descrita detalhadamente no capítulo 6, foi feita através da indicação de um grupo de jovens que se voluntariou para visitar os indivíduos seniores que constituíram o grupo deste projeto. Um dos instrumentos de recolha de dados foi assegurado pela entrevista semiestruturada, realizada pela própria investigadora a nível individual, feita com cada um dos integrantes do projeto, a fim de levantar conhecimento prévio sobre características sociais e tecnológica destas pessoas.

5.2.5 Locação e Equipamentos

O local a ser realizado os encontros foi o estúdio audiovisual disponível no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro. Desde o princípio, portanto, na elaboração da ideia, apresentada na proposta acima, cogitou-se a possibilidade de trabalharmos em um espaço que por um lado, disponibilizava instalações básicas como instalações sanitárias para proporcionar liberdade e facilidade para o grupo de estudo, além de estar situado no rés de chão, o que não implicaria problemas de locomoção, uma vez que os participantes seniores apresentam uma idade elevada e certa dificuldade ao nível motor.

Outro fator decisivo para a escolha do local foi a disposição de todo o equipamento necessário para a produção, bem como a contextualização do espaço com o universo que se abriria diante da proposta sugerida de criação de um guião colaborativo portanto o estúdio cinematográfico. Seria de extrema importância situa-los, mesmo que minimamente num espaço de produção, como forma de estimular o envolvimento com o projeto que começava.

Os Equipamentos utilizados foram primordialmente cedidos pelo DeCA. Todo o equipamento de iluminação, parte do equipamento do áudio, especificamente microfones e *perches*, tripés, duas câmeras, com objetivas, cartões de memória e baterias (escassa), além da *tablet* que foi utilizada pelos indivíduos nas atividades executadas. Se “Em volta de uma Conversa” deu-se sob linhas tortas em diversos aspetos, uma contribuição bastante valiosa soma-se às consequências do estudo piloto: prevenir situações de insuficiência energética. Infelizmente metade do equipamento de filmagem conseguido, como referido, era equipamento do departamento, portanto, disponível somente uma hora antes dos encontros efetivarem, assim, sabendo que não poderia correr o risco de ficar sem bateria antes da finalização do dia, foi providenciado, um grip, extensão do corpo da câmera que leva duas baterias, aumentando a autonomia do equipamento. Assim, era garantido que, ao menos uma das máquinas, a da investigadora, estaria preparada para as 3 horas de sessão. Assim, segue a descrição dos equipamentos utilizados com indicação de qual dia se recorreu a estes equipamentos:

☞ Canon 1200d + cartão 64 GB + grip (todos os encontros)

- ☞ Canon 700d + cartão 32 GB + bateria (1º e 5º)
- ☞ Canon 7d + cartão 16 GB + grip (todos os encontros) ¹
- ☞ Canon 7d + cartão 32 GB + grip (todos os encontros) ¹
- ☞ Objetiva 35mm (todos os encontros)
- ☞ Objetiva 50mm (todos os encontros)
- ☞ Objetiva 18 – 105mm (1º e 5º)
- ☞ Objetiva 70 – 300mm (5º)
- ☞ Tripés (todos os encontros)
- ☞ H4N Zoom + cartão 8 GB + pilhas (todos os encontros)
- ☞ *Perche* (todos os encontros)
- ☞ Microfone (todos os encontros)
- ☞ Fones (todos os encontros)
- ☞ Aparato de iluminação (todos os encontros) ²

5.3 O Guião

Ideia

De acordo com Soares, “a idéia, ou story line, estabelece o interesse principal do filme, seu conflito matriz” (2007, p. 90). Assim, a ideia configura-se da seguinte forma: Abordar as relações intergeracionais com suporte das tecnologias da comunicação e novos media, através do processo criativo e colaborativo de um guião entre jovens, seniores e TIC, apelando à metalinguagem do processo de documentário.

Sinopse

É durante a redação da *sinopse* que estabelece-se “personagens principais, ação dramática, tempo e lugar dessa ação e os eventos principais que irão compor essa história” (Soares, 2007, p. 91). De acordo com o autor, serve como uma orientação sinalizando os caminhos da narrativa até o seu desfecho (Soares, 2007). Assim, segue a *sinopse* formulada: *Inter Gera Ação* retrata o processo de criação colaborativo de um guião, elaborado digitalmente, entre 6 indivíduos jovens e 5 seniores, através de dispositivos da comunicação, como *smartphones* e *tablets*. A criação do guião é possibilitada, por atividades que promovem a interação, partilha de conhecimento e trabalho em equipa.

¹As câmeras assinaladas pertencem ao DeCA e apesar de serem suportadas por um grip, normalmente estavam quase descarregadas, com duração, por vezes de 30 minutos.

²O aparato de iluminação esteve sempre disponível no estúdio, porém em um dos dias, as luzes da parte superior do *chroma-key* não estiveram acesas, comprometendo a qualidade das cenas dali retiradas.

Tratamento e Estrutura

É durante o tratamento que organizamos a história em cenas dramáticas, herança advinda da dramaturgia. Assim esta etapa dedica-se a descrever as cenas que vão compor o filme e a ordem em que elas são apresentadas (Soares, 2007). A estrutura permite a divisão do filme em sequência, sendo a maior parte, cena, a parte intermediária, e plano, a menor parte da estrutura de um filme.

Portanto a estrutura do *Inter Gera Ação* se desenvolve a medida em que a estratégia colaborativa, desenhada a fim de se atingir os objetivos traçados, é posta em prática, por meio de atividades previstas para cada um dos objetivos.

As cenas dramáticas deste documentário foram retiradas de cada uma das ações propostas para a construção do guião e, inicialmente seguiriam a ordem cronológica dos acontecimentos, entretanto, a decisão foi alterada na fase de pós produção, como descrita posteriormente. Os planos não foram descritos, mas ponderou-se a execução de alguns mentalmente.

5.3.1 Guião literário

No guião literário, procura-se trabalhar as decisões evidenciadas na etapa anterior, o tratamento. Assim, descreve com mais detalhes o conteúdo das cenas, trazendo personagens em cena, movimentos destes indivíduos e diálogos (Soares, 2007).

Por conseguinte, as cenas foram previstas mediante a elaboração da estratégia adotada no desenvolvimento do guião, assim, a descrição da estratégia colaborativa, inserida no capítulo 3, permite perceber, mediante as atividades e os objetivos estipuladas para cada um dos encontros, a idealização do guião literário.

Logo, optou-se por não descrever as cenas, uma vez que a performance dos indivíduos e a eficiência da atividade não são previsíveis na sua totalidade, e a definição das cenas detalhadamente, poderiam limitar a dinâmica de grupo.

5.3.2 Guião técnico

Nesta etapa elabora-se os detalhes técnicos descritos no guião literário, portanto define-se os planos, ângulos, enquadramentos, movimentos de câmara, sonoplastia, captação de áudio, enfim, todos os elementos que se referem ao equipamento audiovisual e o que este possibilita. Como na etapa anterior, esta fase, apesar de ter sido prevista não foi reportada minuciosamente, uma vez que não se poderia contar com a linearidade das ações.

Entretanto, de uma forma geral, segue algumas orientações técnicas que se teve em consideração durante todos os encontros efetuados:

- ☞ Planos: geral, médio, aproximado, *close-up*, *insert*.
- ☞ Ângulos: normal, picado e contra-picado.
- ☞ Movimentos de Câmera: estável em tripé, panorâmica vertical e panorâmica horizontal.
- ☞ Iluminação: difusa

5.4 Produção

A etapa de Produção será descrita a seguir a partir de considerações generalizadas, que envolvem decisões durante a etapa, e, a partir do esquema de gravações concretizado em cada encontro efetivado.

A produção aconteceu nos dias dos encontros, entre os meses de abril e maio, foram 5 encontros, o que gerou, aproximadamente, 11 horas de arquivo audiovisual em 355 GB. O espaço era ocupado cerca de uma hora antes dos indivíduos chegarem, assim, organizava-se a mesa do lanche, com frutas, pães e água, e o resto do estúdio mediante as atividades definidas para o dia.

Como boa parte das ações aconteceriam no *chroma-key*, e a ocupação deste espaço deve ser feita com os pés descalços e, como não poderia induzir esse risco, principalmente aos indivíduos seniores, que tem dificuldades de locomoção, levou-se, para todos os encontros, um tapete que permitisse ocupar o *chroma-key* sem danificá-lo sem precisar descalçar os sapatos. Ainda foi pedido que evitassem vestuário da cor verde para não interferir na extração, na etapa de pós-produção.

O local escolhido facilitou na consignação dos equipamentos e na disposição dos mesmos, assim, a ideia inicial para o esquema de gravações era ter 3 câmeras a filmar, de modo a conseguir captar diversas perspectivas de cada momento vivenciado. Como descrito mais detalhadamente no esquema de gravações, este ideal não foi superado devido a suficiência autónoma dos equipamentos.

Apesar de ter recorrido a outras opções, por necessidade, as configurações predominantes, utilizadas na captação dos vídeos, foram:

- ☞ Balanço de branco: tungstênio
- ☞ Velocidade: 50
- ☞ Diafragma: f 1.5 – f 4.0
- ☞ ISO: 100 - 400
- ☞ Foco: manual

A seguir será descrito o esquema de gravações para cada encontro estabelecido:

1º Encontro

- ☞ Data: 07.04.2017
- ☞ Duração: 2h30min
- ☞ Participantes: Raquel, Mariana, Bernardo, Clara, Madalena, Maria, Francisco, António.

1º Momento: Mesa Redonda

- ☞ Câmeras: a 1ª atividade foi filmada com a 1200d, 50mm, posicionada em mãos. Esta câmera, denominada câmera 1, estava responsável por fazer os planos mais aproximados e eventuais *cut-in* ou *close-up*. A 700 d e a 7d estavam mais afastadas de forma apanhar um plano geral. Localizadas de forma a registar todos os indivíduos da roda.

- ☞ Áudio: o H4N estava posicionado no meio dos indivíduos e o microfone, estabilizado em *perche* ao alto.
- ☞ Iluminação: foi feita com 3 focos de luzes, mas devido ao incômodo causado, principalmente nos seniores, minimizou-se a exposição.

2º Momento: Púlpito

- ☞ Câmeras: a ida ao púlpito, ou seja, ao *chroma-key* foi registada com a 1200d, portanto a câmera 1, e com uma das câmeras secundárias. A câmera 1 assumiu a posição central, ângulo normal e plano médio, voltada para o discurso dos indivíduos no púlpito, estável em um dos tripés. A 700d esteve na diagonal, captando os momentos de espera e de intercalação entre os indivíduos que iam para o púlpito e os que fiscalizaram os equipamentos, como pedido pela produção.
- ☞ Áudio: o H4N manteve-se na posição do momento anterior, portanto no meio do estúdio, mas o microfone foi aproximado ao *chroma-key*. Infelizmente, as configurações do H4N estavam para captação em stereo e a falha não foi detetada a tempo. Por isso, boa parte dos discursos deste momento, tiveram que ser reforçados pelo áudio da câmera, que apesar de inúmeras desvantagens, comportou-se de forma aceitável, uma vez que estávamos em um ambiente interno, onde os fatores extremos são minimizados.
- ☞ Iluminação: os focos superiores do *chroma-key* estavam acesos, o que facilitou a iluminação além de atribuir qualidade à imagem. Ainda assim, foram posicionados mais 3 focos de luzes brancas autônomos.

2º Encontro

- ☞ Data: 21.04.2017
- ☞ Data: 21.04.2017
- ☞ Participantes: Antônio, Francisco, Clara, Salomé, Raquel, Mariana, Ângela e Bernardo.

1º Momento: Partilha Digital

- ☞ Câmeras: a câmera 1 esteve em movimento, procurando *close-up* e *cut-in*, de forma a evidenciar as emoções e reações mediante a atividade proposta. Como não se dispunha de um *steadycam* a câmera 1 manteve-se em mãos, o que compromete parcialmente a qualidade da imagem, por se tratar de uma DSLR, entretanto, a facilidade em buscar planos mais aproximados sem interferir na concentração dos indivíduos, mediante a partilha digital, sobrepôs-se ao fator anterior, não comprometendo a experiência final. As câmeras secundárias estavam estabilizadas em tripés, uma delas afastadas do círculo de forma a captar o cenário todo e a outra mais próxima, a enquadrar um plano médio e por vezes era deslocada para outras posições.
- ☞ Áudio: o H4N esteve posicionado próximo ao círculo de mesas. O microfone esteve amparado pela *perche* no plano superior, centralizado em meio aos indivíduos.

- ☞ Iluminação: a iluminação foi preparada como no momento da Mesa Redonda, portanto com 3 focos de luz à incidir sobre os integrantes. Foi necessário ajustes para não interferir nos olhos dos indivíduos, que se incomodaram com a instalação inicial.

2º Momento: Teste de Produção

- ☞ Câmeras: a câmera 1 continuou em mãos, procurando inicialmente planos mais fechados e, posteriormente, no ato do Teste de Produção, planos mais gerais, de toda a equipa em ação. As câmeras secundárias já não tinham bateria, portanto o 2º e 3º momento deste encontro, foram feitos exclusivamente com a câmera 1 sem apoio estável.
- ☞ Áudio: o áudio, mais uma vez falhou, dessa vez por ter a opção de phantom power desativada. Como este momento foi feito no *chroma-key* e somente o microfone foi posicionado próximo ao cenário, o áudio ficou precário, entretanto, como no Teste de Produção previa-se a gravação da narrativa através de um *smartphone Huawei P8 Lite*, recorreu-se ao arquivo de áudio obtido pelos integrantes do grupo durante a atividade.
- ☞ Iluminação: a iluminação foi favorecida pelos focos superiores na instalação do *chroma-key*, além dos focos de luz posicionados aleatoriamente de forma dispersa.

3º Momento: Reflexão do Dia

- ☞ Esta atividade sucedeu com as mesmas condições câmera, áudio e iluminação do momento anterior.

3º Encontro

- ☞ Data: 28.04.2017
- ☞ Duração: 2h
- ☞ Participantes: Antônio, Francisco, Clara, Salomé, Raquel, Carolina, Mariana, Ângela e Bernardo.

1º Momento: Partilha Digital

- ☞ Câmeras: a câmera 1 esteve em movimento, procurando *close-up* e *cut-in*, de forma a evidenciar as emoções e reações mediante a atividade proposta. As câmeras secundárias estiveram estabilizadas em tripés, uma delas afastadas do círculo de forma a captar o cenário todo e a outra mais próxima, a enquadrar um plano médio, e por vezes era deslocada para outras posições.
- ☞ Áudio: o H4N esteve posicionado próximo ao círculo de mesas. O microfone esteve amparado pela peche no plano superior, centralizado em meio aos indivíduos.
- ☞ Iluminação: foram utilizados 3 focos de luz à incidir sobre os integrantes. Mais uma vez foi necessário ajustes no esquema de iluminação para não magoar os olhos dos indivíduos, que se incomodaram inicialmente. 2º Momento: Produções

- ☞ Câmeras: a câmera 1 esteve em constante deslocamento, ora procurando planos gerais, que revelasse toda a produção em andamento, ora que enquadrasse mais pormenorizadamente os indivíduos. Apenas uma das câmeras estava operacional neste momento, então esteve fixa a captar o plano geral.
- ☞ Áudio: o H4N esteve próximo ao 1º cenário utilizado pelos integrantes para a produção, portanto, o áudio, finalmente foi captado com as devidas condições.
- ☞ Iluminação: a iluminação esteve suficientemente bem esquematizada, com as luzes do estúdio todas acesas, sobretudo quando passou à 2ª produção, feita no *chroma-key*.

3º Momento: Reflexão do Dia

- ☞ Câmeras: a câmera 1 era a única em atividade, portanto foi centralizada, em um ângulo normal amparada por um monopé, destinada a captação de um plano médio.
- ☞ Áudio: o H4N esteve próximo ao cenário em questão.
- ☞ Iluminação: as luzes estiveram bem esquematizadas, proporcionando qualidade à imagem.

Foi no 3º encontro que a paleta de cores foi associada às cores das bolinhas que representavam as funções nas atividades de Produção. Assim, segue a paleta na imagem 35.



Imagem 35: Paleta de Cores - Inter Gera Ação

4º Encontro

- ☞ Data 05.05.2017
- ☞ Duração: 2h30min
- ☞ Participantes: António, Francisco, Clara, Madalena, Salomé, Carolina, Mariana, Ângela e Bernardo.

Obs.: As condições técnicas não foram cumpridas conforme o programado. Devido ao meu atraso na recepção do estúdio, o equipamento não foi fornecido e portanto, estive a trabalhar exclusivamente com a 1200d e com o H4N. Faltou as duas outras câmeras da Universidade e as luzes fixas do estúdio, o que comprometeu a qualidade e a diversidade de imagens. Assim, segue a descrição da manipulação da câmera e do áudio e a instalação de iluminação utilizada. Como não havia maneira de introduzir ou variar os recursos disponíveis, não faz sentido apresentar as características de produção por cada momento, assim, segue a descrição geral.

- ☞ Câmeras: a câmera 1 esteve em constante deslocamento, procurando ressaltar os momentos de interação, nomeadamente a organização das equipas de produção, os momentos de decisão e ainda as divergências evidenciadas. Procurou-se, para tanto, planos gerais e médios nos momentos de preparação entre um momento e outro e planos mais próximos quando as atividades estavam a ser realizadas.
- ☞ Áudio: o H4N esteve posicionado próximo aos cenários que serviriam de palco. Assim, o gravador e o
- ☞ Iluminação: como referido anteriormente a iluminação esteve precária, uma vez que não havia as luzes centrais e superiores do estúdio. Como os focos autónomos são bastante incisivos e, normalmente, interfere no bem-estar dos seniores, as luzes superiores representavam boa parte da iluminação disponível. Sem estas luzes a qualidade esteve severamente comprometida.

5º Encontro

- ☞ Data: 19.05.2017
- ☞ Duração: 3h
- ☞ Participantes: António, Francisco, Clara, Madalena, Salomé, Carolina, Mariana, Ângela e Bernardo.

1º Momento: Análise do Material

- ☞ Câmeras: todas as câmeras, com exceção da câmara1 foram reservadas para serem utilizadas no último momento proposto para a última atividade. Portanto, a Análise do Material foi registada com planos aproximados e médios, a fim de ressaltar a reação dos indivíduos a assistirem um conteúdo criado por eles.
- ☞ Áudio: o H4N esteve posicionado próximo ao círculo estabelecido para a sessão de Análise.
- ☞ Iluminação: as luzes superiores e centrais estavam ativadas e foram montados mais 3 focos de luzes para potencializar a iluminação, já que ocupávamos uma parte do estúdio distante do polo mais iluminado.

2º Momento: Produção Final – O Guião

Vale ressaltar que foi a Produção Final responsável por viabilizar o guião final, com todas as informações e elementos definidos ao longo de todos os encontros. Assim, e por ser o resultado final, que deveria, portanto, ser apresentado e analisado mediante as diretrizes científicas traçadas para esta investigação, optou-se por fazer a Produção Final com o equipamento semiprofissional disponível para a produção.

- ☞ Câmeras: a câmera 1 esteve centralizada, sobreposta em um tripé, e enquadrava em plano médio dos indivíduos no *chroma-key*, através da 35mm. A câmera 2 esteve em uma das diagonais, responsável por captar *cut-in* primordialmente, mas eventualmente *close-up*, através da teleobjetiva 70-300mm. A câmera 3 esteve na outra diagonal, responsável, exclusivamente por captar *close-up*, através da 18-105mm.
- ☞ Áudio: o H4N foi reposicionado próximo ao *chroma-key*.
- ☞ Iluminação: a iluminação apresentava boas condições, com todos os recursos disponíveis em funcionamento.

3º Momento: Reflexão do Dia – Bolinhas

- ☞ Câmeras: as câmeras 1 e 2 permaneceram nas mesmas posições do momento anterior. A câmera 3 já não tinha suficiência para gravar o último momento de toda a produção.
- ☞ Áudio: o H4N manteve-se na mesma posição, próximo ao *chroma-key*
- ☞ Iluminação: a iluminação apresentava boas condições, com todos os recursos disponíveis em funcionamento.

5.5 Pós Produção

A etapa de pós produção será apresentada em duas partes, as edições pontuais, realizadas ao longo do decorrer dos encontros e a edição final, que contempla parcialmente todo o material produzido para o projeto.

5.5.1 Edições Pontuais

Foram realizadas 8 edições entre os dias de produção, com o intuito, primordial, de motivar os integrantes do projeto com o andamento do trabalho, além de produzir conteúdo para inserir nas próximas atividades como na Partilha Digital. Também, com o objetivo de produzir conteúdo didático com o material feito pelos integrantes do grupo para que eles próprios pudessem analisar o trabalho, executado colaborativamente, foram produzidos mais 4 edições, nomeadas de Produções, que vai da edição 1 até a 4. Assim, segue a descrição de todas as edições realizadas.

As edições revelaram-se significativamente, já que promoveu a evolução dos elementos estéticos e da banda sonora do documentário, elaborada por Vitor Soares e, a construção de um canal, alojado na plataforma *Vimeo*, intitulado Inter Gera Ação onde pode ser visualizado a trajetória da estratégia colaborativa, tanto da parte técnica quanto teórica, através de todas as edições dispostas.

Foram produzidos 8 vídeos, com o material gravado nos primeiros três encontros, dos quais 6 foram partilhados no grupo “Estrelas”, no *Facebook*, e durante os momentos de Partilha Digital, especificamente no 2º e 3º encontro. Estas edições, descritas a seguir, foram feitas, através do material captado para o documentário, portanto, através das filmagens da investigadora do estudo em questão.

O primeiro vídeo chama-se Participantes e tem duração de 25 segundos. Como o nome sugere, é a apresentação breve dos indivíduos, com duração de 3 segundos por pessoa. Os nomes dos respetivos entram na lateral do ecrã durante o tempo previsto, o que confere uma certa dinâmica. Fez-se a extração do *chroma-key* e pôs-se um fundo branco para poder ilustrar a funcionalidade do pano verde. Infelizmente, nem todos os integrantes puderam comparecer no 1º encontro, assim, essa edição não conta com a presença de todos, além do que, aparece Maria, que participou somente neste encontro.

Vale ressaltar que foram desenvolvidos 3 quadros como forma de organização do conteúdo e, conseqüentemente dos objetivos relacionados. Assim, alguns vídeos enquadravam-se no que se chamou de “Episódio”, outros ocupavam o quadro chamado “Guião” e por fim, alguns enquadravam-se na “Reflexão do Dia”. O 1º tinha o objetivo de compilar situações de excitação, diálogo, ou partilha, já o 2º pretendia reunir o conteúdo elementar do processo de criação do guião. O 3º era uma compilação das reflexões partilhadas após as atividades previstas.

O segundo vídeo, nomeado “Episódio: A Internet”, cuja duração é de 1’21” mostra o ápice do encontro, onde o grupo debate a perspectiva da Dona Maria sobre a *Internet*. O vídeo retrata o acontecimento de forma contínua e ininterrupta, portanto, sem cortes de edição entre o princípio e o fim.

O terceiro vídeo “Guião: A Ideia” tem duração de 2’5” e mostra as ideias relatadas durante o 1º encontro. Diferentemente do anterior, esta edição conta com cortes frequentes em um indivíduo e outro, entretanto, como os cortes foram usados exclusivamente com o objetivo de minimizar a edição, manteve-se a ordem dos indivíduos por vez de participação. A 4ª edição, cuja duração é de 42”, chama-se “Episódio: Por Outros Olhos” e consiste em breves momentos, ocorridos durante a partilha digital, onde os integrantes do grupo fazem imagens fotográficas, vídeos e time-lapse através de *smartphones* e *tablets*.

O 5º vídeo “Guião: Teste de Produção”, cuja duração é de 2’10”, foi resultado do 2º encontro, e conta com cortes para poder contemplar as 3 etapas da atividade, o momento em que organizam-se e constroem o set de filmagens, o momento em que começam as gravações e por fim, o momento em que descontraem e falam sobre os equívocos cometidos.

A 6ª edição, “Reflexão do Dia 2”, cuja duração é de 2’ 25”, mostra a primeira vez em que procurou-se, através de relatos curtos, ilustrar o sentimento e as considerações de cada indivíduo mediante o dia de trabalho. A edição conta com cortes ligeiros em que a investigadora faz a intermediação entre um relato e outro. A Câmera1, utilizada para este momento, esteve em mãos, o que comprometeu a qualidade da imagem, mas não lhe retirou a essência das reflexões, eu foram feitas pela primeira vez, de forma inesperada.

O 7º vídeo foi a compilação dos relatos dados no término do 3º encontro, "Reflexão do Dia 3". Como desde o encontro anterior se estabelecera um momento de desfecho em que os participantes falariam das suas considerações relativamente as atividades propostas e desempenhadas. A 7ª edição têm duração de 3’7” e pode ser reconhecida como a transição dos elementos estéticos do documentário, em relação a paleta de cores e a introdução.

A 8ª e última edição efetuada durante os dias que envolveram os encontros foi o “Episódio: Festa no Estúdio”, com duração de 23”, contempla a homenagem feita à Salomé, uma das in-

tegrantes do grupo, com a canção de parabéns à você. Foi feito com o objetivo de descontração e para ilustrar a gentileza entre os participantes.

As 4 edições, chamadas de Produção, cujo o material foi captado através de dispositivos *smartphones* e *tablets*, durante as atividades propostas pela estratégia, foram feitos pelos próprios integrantes do grupo de estudo. Com intenção de mostrar ao grupo os resultados dos trabalhos que haviam feito, bem como facilitar visualmente, os conceitos aplicados por eles, quer na captação de vídeo, como a de áudio, ou ainda a iluminação.

Assim, foram feitas edições completas do material gravado, onde, informações teóricas sobre o manuseio e a disposição dos elementos de filmagem entravam em cena com algumas indicações e chamadas de atenção para o que estava sendo revelado. A imagem 36 ilustra o esquema do material editado com as informações em tela, referente à primeira Produção, realizada na atividade nomeada "Teste de Produção", no 2º encontro.

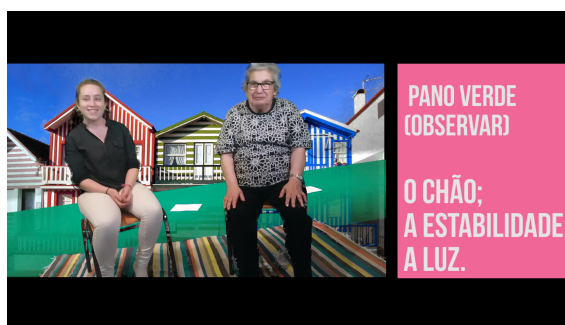


Imagem 36: Edição Pontual - Produção 1

Assim, temos a edição Produção 1 como consequência da atividade "Teste de Produção", realizada no 2º encontro, onde Clara e Raquel são as personagens, como mostra a imagem 36; a Produção 2, como resultado da atividade "Produção", realizada no 3º encontro, onde Mariana é a única personagem, como ilustra a imagem 37; a Produção 3, realizada também no 3º encontro, na atividade "Produção", onde Ângela é a personagem e a Mariana a entrevistadora, como mostra a imagem 38; e, por fim, a Produção 4, consequência da atividade "Produção" do 4º encontro, como ilustra a imagem 39.



Imagem 37: Edição Pontual - Produção 2



Imagem 38: Edição Pontual - Produção 3

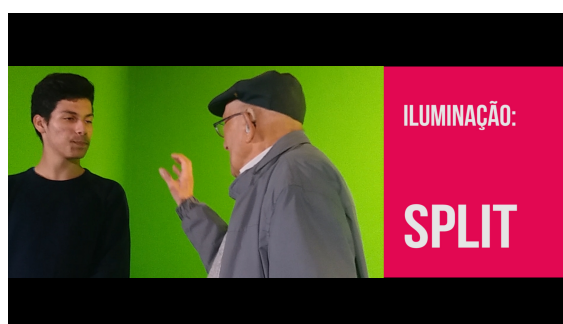


Imagem 39: Edição Pontual - Produção 4

As 4 edições nomeadas de "Produção" foram feitas com todos os fragmentos estéticos, sonoro e textual, escolhidos pelos integrantes do estudo no 4º encontro. Assim, poderiam, antes de passarmos ao guião final, perceber as decisões tomadas por eles e como estes elementos escolhidos por 3 grupos distintos, se comportariam em uma edição final. Destaca-se que o formato dos vídeos, como pode se visto nas imagens acima, não segue o mesmo padrão, uma vez que as filmagens foram feitas com dispositivos distintos e com posições direcionais alteradas entre uma produção e outra.

5.5.2 Edição Final

A edição final do Inter Gera Ação, foi feita no *Premiere Pro* e iniciou-se a partir das edições pontuais mencionadas acima. O trabalho de edição dos vídeos ao longo da componente prática do projeto e, aliado à análise do material, permitiu, de forma gradual, compor o guião de montagem (Soares, 2007). Sublinha-se que o guião de montagem não é apresentado neste documento, uma vez que consiste na organização do conteúdo recolhido em função da estrutura dramática apresentada pelo documentário e, que pode ser compreendido mediante a visualização do documentário final, uma vez que este, se desenvolve integralmente sob os planos e cenas definidos no guião de montagem.

Destaca-se que a investigadora desta dissertação foi também a diretora do documentário e a responsável pela edição do filme. Se por um lado evita potenciais problemas a nível de entendimento entre profissionais (Rosenthal, 2002), em outra medida, o volume de trabalho foi uma desvantagem que ao passo em que sobrecarregou, não somente a capacidade de memória do computador utilizada para a edição, mas também a performance da diretora ao preparar

o ambiente de trabalho (o estúdio audiovisual) e ao montar o documentário final.

De acordo com Rosenthal (2002), o processo de edição é geralmente dividido em três etapas, o *assembly cut*, o *rough cut* e o *fine cut*. Na prática, os estágios misturam-se um ao outro, e então permite-nos avaliar qual a posição em que se encontra a edição. Portanto, não são feitas divisões de trabalho absolutas. A etapa de *assembly cut* deste documentário, tal qual o trabalho de sincronização, feito de forma sucessiva, foi obtida ao longo dos encontros, na preparação do material recolhido, tanto para a análise de conteúdo do documentário (um dos instrumentos de recolha de dados utilizado nesta dissertação), como para as edições pontuais.

"Todo o processo de montagem se inicia com a análise do material filmado, tanto as imagens como os sons captados"(Soares, 2007, p.187). A sincronização do vídeo e do áudio, foram feitas gradualmente, a medida em que os encontros iam acontecendo, uma vez que, as edições pontuais, referidas a cima, foram feitas a partir deste material sincronizado.

De uma forma geral, recorreu-se à correção de cor pontualmente, somente em cenas de sub-exposição ou em extrações forçadas do *chroma-key*. A imagem 40 ilustra a sutileza dos ajustes de cor efetuados ao longo do documentário.



Imagem 40: Correção de Cor

Explorou-se as possibilidades advindas com o *chroma-key*, fazendo sobreposição de cenas anteriores à cena em destaque ou destacando o cenário com cores diferentes de acordo com a paleta de cores. A existência do *chroma-key* no estúdio onde os encontros decorreram, foi fundamental para a escolha do local pois, previa-se que com a extração do pano verde, poderia-se apelar à metalinguagem com maior veracidade.

No processo de edição de qualquer documentário pode-se encontrar três sequências diferenciadas: sequências de entrevista, ação ou material de arquivo; ainda pode-se acrescentar a estas sequências animações gráficas, "o peso de cada uma dessas sequências, ou mesmo a presença delas, irá depender do estilo do filme e da forma de tratamento do assunto"(Soares, 2007, p.188). Inter Gera Ação, apresenta fundamentalmente, as sequências de ação e sequências de entrevistas.

A sonoplastia, realizada por Vitor Soares, inclui a sonoridade de um baixo acústico e de um sequenciador de bateria. A música foi utilizada sobretudo nos momentos de introdução e desfecho do filme. Assegurou-se momentos de silêncio, entre algumas cenas, para criar momentos de tensão e de reflexão sobre a imagem transmitida.

O conteúdo totalizador do documentário, é uma compilação de todos os encontros, cuja proporção é definida de acordo com a qualidade da imagem e do conteúdo. Decidiu-se manter a ordem dos dias para efetuar a montagem final do documentário, assim, apesar de haver recortes sistemáticos entre uma atividade e outra, a cronologia dos dias e portanto, da estratégia efetuada, mantém-se em ordem. A divisão dos dias é feita com a introdução de

imagens das bolinhas utilizadas para a "batata-quente" e que representam a paleta de cores deste documentário.

Conclusões

O presente capítulo tem por finalidade a apresentação das conclusões obtidas a partir do desenvolvimento geral da investigação sobre a produção de um documentário, assente na metalinguagem, sobre o processo criativo e colaborativo de um guião, entre jovens e seniores, facilitado pelas tecnologias da comunicação.

A investigação é composta por duas partes. A primeira, inserida na metodologia exploratória, permitiu o desenvolvimento dos dois primeiros capítulos, voltados para conceptualização da investigação, bem como a elaboração do capítulo 3 que conta com todos os parâmetros adotados na metodologia da pesquisa. Os primeiros capítulos, que decorrem sobre os conceitos orientadores da pesquisa e, apesar de ter sido utilizada de forma sistemática no início do desenvolvimento da investigação, recorreu-se a revisão bibliográfica e audiovisual diversas vezes ao longo do estudo.

Assim, apresenta-se uma síntese de todo o procedimento de composição desta dissertação.

Nos capítulos 1 e 2 procurou-se estabelecer o desenvolvimento, introdução e acessibilidade dos novos media na sociedade portuguesa contemporânea, bem como as alterações subjetivas paradigmáticas, sentidas há nível individual e coletivo, dando ênfase ao cenário intergeracional não familiar e, por fim, sobre o documentário. Assim, evidenciou-se a evolução, os modos de produção, a dicotomia inerente ao conceito, bem como as características de produção atual, associadas as tecnologias e por fim, as etapas de produção. Nos três últimos capítulos estabeleceu-se os parâmetros metodológicos da investigação, bem como o estudo piloto, a componente empírica da investigação, apresentação e análise dos resultados e, por fim, as etapas de produção do Inter Gera Ação.

O processo de investigação assegurou o alcance dos objetivos propostos e, por conseguinte, viabilizou as respostas para as perguntas de investigação estabelecidas. Assim, a primeira pergunta relacionava-se a qual estratégia colaborativa deveria ser adotada para o desenvolvimento de um guião, em um processo colaborativo, entre jovens, seniores e as tecnologias da comunicação.

Portanto, seguem listadas, de forma generalizada, as características que compuseram a estratégia desenhada e, que contribuíram para a eficiência do projeto:

- ☞ Escolha do estúdio audiovisual como o local para os encontros.
- ☞ Apresentação do trabalho e a importância da temática na área científica.
- ☞ Exploração intuitiva do estúdio e dos equipamentos audiovisual.
- ☞ Introdução gradativa e orientada dos dispositivos tecnológicos.
- ☞ Momentos de interação digital com finalidades estipuladas, como tirar uma fotografia e fazer upload para o grupo no *Facebook*.

- ☞ Momentos de reflexão individual.
- ☞ Momentos de reflexão e decisão coletiva.
- ☞ Atividades estruturadas de acordo com os objetivos parciais da construção do guião.
- ☞ Atividades que permitam a compreensão dos elementos totalizadores necessários para a criação de um guião.
- ☞ Possibilitar a execução de todas as funções por todos os integrantes.
- ☞ Envolver os integrantes nas decisões gerais sobre o guião, guião literário e técnico, incluindo grafismos, sonoplastia, fotografia, nome.
- ☞ Igualdade de direitos e deveres entre os integrantes.

Mediante a segunda pergunta, como se relacionam jovens e seniores, através da mediação das tecnologias da comunicação e novos media, em um processo de criação colaborativo para o desenvolvimento de um guião, seguem listados os fatores que evidenciam o relacionamento intergeracional, mediante a proposta apresentada. Vale lembrar que os resultados não são generalizáveis à população.

- ☞ O relacionamento intergeracional acontece com respeito, auxílio e dinâmica, o diálogo acontece de forma natural.
- ☞ Os jovens mostram-se bastante solícitos e satisfeitos, essencialmente no que diz respeito às TIC e à transferência de conhecimentos.
- ☞ Os seniores mostraram-se abertos e recetivos e demonstram satisfação em aprender os mecanismos da tecnologia da comunicação, mas, principalmente, devido à interação com os jovens.

Limitações do Estudo

Durante as diversas etapas da investigação foram encontradas situações que limitaram o desenvolvimento do estudo em sua totalidade.

Inicialmente, a calendarização da componente empírica foi uma das principais limitações da investigação, devido aos consecutivos feriados assinalados às sextas-feiras dos meses de abril e maio, o que prejudicou parcialmente a dinâmica de grupo, no que diz respeito à memorização das atividades anteriores, bem como a consistência do conhecimento transmitido sobre guionismo, mas, sobretudo, mediante a ausência dos participantes devido as férias familiares.

Apesar da requisição dos equipamentos necessários para a realização do documentário proposto, mediante as condições idealizadas, estes não apresentavam autonomia de bateria suficiente para a captação íntegra dos encontros, o que restringiu as perspectivas exibidas no documentário.

A quantidade de conteúdo produzido configurou-se como um problema, já que a sobrecarga de conteúdo minimizou a potencialidade tanto do servidor que armazenou o material como do software de edição.

Os conteúdos feitos pelos integrantes do grupo, a partir dos seus próprios dispositivos de comunicação, foi de difícil gestão, uma vez que a transferência, quer seja feita por cabo ou *wireless*, exige determinado tempo que não foi previsto para as atividades.

Outra limitação esteve relacionada, por um lado, a inexperiência didática da investigadora, e por outro, ao desafio inerente a transmissão de conhecimento para dois grupos etários distantes entre si, cuja limitação é potencializada mediante as dificuldades sensoriais assinaladas pelos seniores. Ainda a esta limitação soma-se a utilização de material teórico sobre elementos audiovisuais com terminologias em inglês, o que constrangeu e distanciou a participação dos integrantes, fundamentalmente os mais velhos, quanto a apropriação das palavras e seus respetivos significados.

Por fim, acentua-se que a própria abordagem metodológica e, conseqüentemente, a seleção do grupo de estudo, se comportam como limitadores da investigação, já que se trata de um enfoque em investigação-ação e seleção não probabilística, portanto, não extrapolável à população.

Contributo científico do Estudo

O estudo em questão permitiu, sobretudo, o desenvolvimento e a validação de uma estratégia colaborativa destinada ao desenvolvimento de um guião, a partir da interação entre indivíduos de duas gerações e as tecnologias da comunicação.

Assim, através da estratégia desenhada e aplicada, foi possível compreender, como aqueles indivíduos, diante do cenário e das atividades propostas, bem como mediante a caracterização do próprio grupo, se relacionam entre si e entre as TIC.

Não menos importante, foi o desenvolvimento do Inter Gera Ação, um documentário, assente na metalinguagem, que explora, mediante as características do modo reflexivo, a intergeracionalidade mediatizada, colaborando, enquanto conteúdo para os novos media, essencialmente para a minimização de estereótipos.

O canal, alojado no *Vimeo* que submergiu mediante as necessidades de gestão de conteúdos e produção de conteúdo prevista pela estratégia colaborativa aplicada, também se faz significativo, uma vez que, além da problemática social e tecnológica ser posta em causa, as instruções da estratégia e portanto, os ensinamentos sobre guionismo são evidenciados em uma plataforma aberta, democratizando o acesso ao conteúdo.

Por fim, vale referir a participação no 4º Congresso de Literacia, Media e Cidadania, com a apresentação de uma comunicação intitulada "Relações intergeracionais e novas tecnologias: documentário colaborativo com jovens e seniores". Esta comunicação foi aceita para a publicação na ata do congresso, pelo que será publicada em 30.11.2017. Também foi aceita, pela Conferência Internacional de Cinema - Arte, Tecnologia, Comunicação de Avanca, a comunicação intitulada "Inter Gera Ação: etapas de produção do documentário sobre relações intergeracionais e novas tecnologias da comunicação". Esta, será apresentada na conferência entre os dias 26 a 30 de julho de 2017 e será publicada na ata em finais de dezembro de 2017.

Perspetivas Futuras de Investigação

Para trabalhos futuros que recorram ao documentário como o suporte audiovisual da investigação, bem como para aqueles que abordam as relações intergeracionais e as tecnologias recomenda-se a utilização de plataformas cujo conteúdo pode assumir diferentes formatos e

tempos de duração, investindo na disseminação do artefacto através de diferentes experiências de visualização. O *Instagram* (mencionado por todos os integrantes jovens desta investigação, como a rede social de preferência), por exemplo, permite o envio de vídeos com duração máxima de um minuto, além da interatividade que pode ser associada aos vídeos.

Uma das possibilidades para trabalhos futuros seria o desenvolvimento do documentário interativo, uma vez que o trabalho recorre à captação de arquivos feitos a partir de dispositivos das novas tecnologias, captados pelo grupo de estudo, e arquivos feitos a partir de equipamentos semi-profissionais, destinados à composição do documentário final, seria tangível interligar o arquivo captado para o documentário ao arquivo captado para a execução do guião, permitindo uma experiência mais dinâmica e totalizadora, além de fortalecer os aspetos meta-linguísticos assentes no documentário.

Apêndice A

Transcrição das Entrevistas Semiestruturadas

As perguntas com asterisco foram improvisadas mediante ao desenrolar da entrevista.

A.1 António Ferreira Costa – 99 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Agora, quando eu era casado, vivia na minha casa aqui em Santiago. Agora, depois que minha mulher faleceu vivo na casa dos meus filhos, aqui na Gafanha e em Santiago”.

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Tenho 10 netos e 7 bisnetos”

Você tem contato com eles?*

“Tenho, tenho boas amizades com eles, todos eles são meus amigos, não tenho absolutamente nada nada nada a dizer, eles é que coitados aturam a minha rabugice de velho risos e aturam com paciência”.

3. Como são suas relações de amizade? Com quem estabelece relações de amizade?

“Eu não sou de cá de Aveiro, sou de Santa Maria da Feira. Lá eu tinha muitos amigos (...)

E pessoas de outras gerações?*

“Tinha amizade com pessoas mais novas e mais velhas. Sempre tive”.

Mesmo hoje em dia?*

“Tenho, tenho, amigos de muitos anos. Acho que não ninguém meu inimigo”

Onde o senhor costuma encontrar esses amigos mais novos?*

“Ah quando encontro até fico muito satisfeito, e as pessoas mais novas do que eu, quando me vêm ... algumas já nem conheço bem”.

E aqui no centro senhor António?*

“Aqui no centro, ói, tem pessoas que gostam de mim (...) há outras que não gostam risos. Mas mesmo essas pessoas que não gostam nunca mostraram inimizade”

4. Você têm telemóvel? E para que o utiliza?

“Tenho sim. Olha eu tenho telemóvel desde o princípio em que eles apareceram. Pra falar com os meus filhos, pra falar com pessoas amigas”.

Com que frequência?*

“ O meu telemóvel é muito velho, é dos primeiros, não é daqueles que tem, tira fotografias e tal, é a bem dizer é só pra falar”.

5. Considera o telemóvel importante?

“Oh, o, o, aquele, o telemóvel serve muito bem pra mim, eu tenho a televisão dos meus filhos”.

6. O que você acha dessa evolução tecnológica?

“Eu acho que hoje o mundo é muito muito muito muito melhor. Antigamente havia muita miséria. Hoje há miséria, mas antigamente era fantástico, era uma coisa doida. Andava os pobres a pedir, a rezar pela alma das pessoas que davam esmola (...) Olha, antigamente havia muito mais mão-de-obra pra pessoa trabalhar, também havia muito mais gente, a nossa população no meu tempo, havia 6 milhões, Portugal tinha 6 milhões. Quando eu vim pra Aveiro já tinha 10 milhões”.

7. Você já acedeu à internet?

“Olha, é uma coisa que eu não tenho, que eu nem mexo. Porque meus filhos têm, meus netos têm, se eu precisar de alguma coisa eles vão ver. Não preciso estar a mexer naquilo pra nada e aquilo é um bocado complicado pra idade que eu tenho, de forma que eu ahmm, até tenho lá um portátil, nem mexo. Se eu precisar de alguma coisa eu vou ao meu neto, ohh Gustavo vê isso, ou vou na Gafanha e peço à minha neta, pronto. Não vou andar a prender agora, já sou muito velho pra aprender. O que eu sei já chega, eu li muito muito, já chega”.

8. Você tem curiosidade de mexer na Internet?

“As vezes tenho curiosidade de saber como é que tá o tempo, mas eu pergunto aos meus netos e eles vêm tudo, num instante vêm logo tudo. Nem sei mexer, não estou preocupado agora com isso, já não estou em idade de aprender. Na minha idade eu devia ensinar risos”.

9. Quando o senhor pede ajuda aos netos eles dão de boa vontade?

“Dão, dão, de boa vontade, eles são todos muito meus amigos, todos”

10. O senhor acha que as tecnologias da comunicação interfere nas relações pessoais?

“É agora é muito melhor, eu acho que sim. Uma pessoa agora em qualquer parte está”.

A.2 Ângela Gaspar Carvalho – 16 anos

1. Cidade de origem e de criação?

Nasceu em Aveiro e viveu toda a vida aqui em Aveiro.

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Então, eu vivo Os meus pais estão separados, eu vivo com a minha mãe e com a minha avó e pronto, basicamente é isto”

Desde quando você vive com elas?*

“Desde sempre Os meus pais separaram-se quando eu era muito nova por isso eu não me lembro deles juntos”

Tem uma relação de amizade com a sua avó?*

“Sim, especialmente com a minha mãe”

3. Fale sobre suas relações de amizade.

“Então, eu não sou uma pessoa de ter muitos amigos, porque eu acho que os amigos amigos são difíceis de encontrar. Eu conheço muita gente, mas amigos amigos tenho poucos. Dou me muito bem com a Carolina que faz parte do nosso grupo de voluntariado e dou-me com outras pessoas fora da escola que é a Soraia a Cordeiro e a Rita que são as pessoas mais

próximas de mim nesse momento. Pronto, são todas da minha idade. Também me dou com pessoas, eu dou-me muito bem ... é uma coisa engraçada porque dou-me muito bem com as amigas da minha mãe, apesar delas serem mais velhas eu consigo ter uma conversa muito boa com elas e gosto muito delas”

Qual é a idade aproximada das amigas da sua mãe?*

“Ahh, 20, 30 e tais, não são assim muito velhas porque minha mãe tem quase 40 anos mais ela é uma pessoa muito virada pra frente, muito vida louca e eu dou-me muito bem com ela nesse aspeto, porque ela é muito, não é ... Não vive a vida à moda antiga, apanha, acompanha o dia a dia de hoje em dia, eu acho que ...”

Me fala pelo menos um aspeto pelo qual considera sua mãe pra “frente”*

“Ahh, a minha mãe é muito, sai fora, vai jantar, não tem aquela coisa do ai não podes sair, não podes ... Não, ela vive a vida dela livremente. É uma pessoa que não tem uma relação há muito tempo, por isso ela vive a vida dela muito solteirona mesmo. E é muito ... ninguém diz que ela tem 40 anos, mesmo de aparência física como psicológica, a minha mãe é uma pessoa muito divertida, muito espreitada, muito ... Conseguir ter uma conversa séria, mas consegue ser engraçada ao mesmo tempo e é isso que eu gosto mesmo dela é que ela consegue ouvir mas ao mesmo tempo consegue animar se eu precisar”

Com exceção das amigas da sua mãe, existem pessoas de outras gerações em sua vida?*

“Na minha vida os meus amigos são basicamente da minha idade, não têm assim pessoas mais velhas, mas tenho membros familiares que me dou muito bem e que são mais velhos do que eu, inclusive a minha avó, eu falo muito com a minha avó e a minha avó já tem 60 e tais ... mas é, eu gosto desta interação entre pessoas mais velhas e mais novas, porque eu acho que nós podemos aprender com eles e eles conosco também um bocadinho”

Você encontra pessoas de outras gerações no seu dia-a-dia?*

“Sim sim. Eu tenho ... Eu gosto bastante de falar com pessoas de outras gerações porque eu acho que elas são muito queridas realmente. Eu gosto muito de velhinhos e tudo o que envolve essa área e acho que também capto muito a atenção deles, porque acabo por me deixar levar e ser aquilo que sou e eu acho que eles gostam de pessoas assim dinâmicas e então, acabo por me dar bem com eles”

4. Em uma escala mais geral, qual a importância das relações intergeracionais?

“Ahmm, é assim, não é a primeira vez que eu faço voluntariado, já fiz voluntariado com crianças e eu acho que o objetivo central do voluntariado é mudar, tipo, não mudar o mundo, porque isso é um bocadinho impossível sendo que somos só uma pessoa, mas se calhar mudar o mundo de alguém, fazer diferença. E eu penso um bocadinho nisso, se calhar se eu tiver ... daqui uns anos na altura deles eu gostava de ter alguém como eu que estivesse lá e que me fizesse sorrir por pouco que seja. Porque às vezes as pessoas têm esta ideia errada do voluntariado, para ser voluntário ou para ajudar temos que dar dinheiro. Não é, porque eu nunca dei dinheiro e sempre fiz voluntariado e gosto de tar com as pessoas e aprender com as pessoas e falar com elas, porque eu acho que é assim que eu me torno uma maior pessoa e também posso trazer alguma coisa de bom para eles. E é isso que me faz fazer voluntariado”

5. Tens telemóvel?

“Sim”

6. Me fala sobre sua relação com o seu telemóvel.

“Então, hoje em dia estamos todos dependentes do telemóvel né? Na realidade. Ahmm, eu utilizo com muita frequência, sei que é uma coisa má, mas, eu não consigo evitar, porque eu acho que nós nos deixamos levar um bocadinho com essa coisa da sociedade e a sociedade tá

habituada a usar muito o telemóvel e . . . Então sim, eu sou um bocado viciada no telemóvel, sei que é uma coisa má e as vezes perdemos coisas por causa disso, mas, fazer o que não é?

Falaste duas vezes que é uma coisa má, fala pra mim o porquê?*

“É uma coisa má porque nos priva de certas coisas, apesar de nós, ok, nós podemos nos aproximar de pessoas por causa do telemóvel e falar com elas mais frequentemente ahm . . . É uma coisa que nos acaba também por afastar das pessoas do mundo real, por exemplo, eu tar aqui com alguém com um amigo meu e tar no telemóvel acaba por me afastar dele e não ter se calhar uma conversa tão real, tão séria e tão atenta com essa pessoa. E eu acho que acaba por influenciar toda a nossa vida. Claro que tem a sua parte boa de ser um instrumento que é muito rápido, dá pra ir à net, têm várias utilidades, mas também têm a sua parte má e de facto tira-nos um bocado do mundo real”

7. O quê mais utilizas no telemóvel, quais funções?

“Aplicativos! *Instagram*, *Wattpad*, que é pra ler livros, e principalmente o coiso de músicas, porque ahmm né? É só isso!”

8. Quais são as redes sociais das quais fazes parte?

“*Instagram*, *Facebook*, *Snapchat*, *Tumblr*, e acho que é só”

9. Consegues fazer uma análise rápida relativamente aos seus amigos da rede social e os seus amigos da vida real?

“Sim, ahmm, então, nós nas redes sociais temos muitos amigos na realidade, nós adicionamos pessoas que se calhar falamos uma vez na vida, vimos uma vez na rua e que não são propriamente nossos amigos. Eu não considero essas pessoas meus amigos, se calhar são pessoas que me seguem e que eu sigo a eles, porque lá está, eu não consigo lidar com um grande núcleo de amigos, porque eu acho que isso é impossível. Tenho as pessoas que estão mais ligadas de mim e tão comigo diariamente e podem ver o meu crescimento, assim como podem ver as fases más da minha vida. Em questão de idade são mais jovens que eu tenho adicionado, como é óbvio, mas também tenho alguns parentes e pessoas de idade que sigo e tenho interesse em saber da vida e coisa assim”

10. Qual a importância do telemóvel e do acesso à internet em sua vida?

“Neste momento, infelizmente, o telemóvel e a internet tem uma grande importância na minha vida, porque eu acho que nós já não sabemos viver sem um telemóvel ou seu internet, por muito estranho que pareça. Ahm, eu acho que nós acabamos por fazer um bocado, estar mais na internet e no telemóvel para nos bloquear do mundo exterior, eu acho que é essa a função, porque nós estamos ali e estamos no nosso campo seguro, não precisamos nos expor à outras pessoas. Eu acho que é essa, um bocado a função e . . . eu sei que é mal, lá está, mas, eu também acho que é normal, nós também somos jovens e, agora as redes sociais tão na moda e toda gente têm e pronto, se calhar daqui uns anos não vai ser. Mas entre estar no telemóvel e ter conversas sérias eu prefiro ter conversas sérias”

11. Seu acesso à internet se resume ao telemóvel ou tens acesso por outros dispositivos?

“Não, utilizo só o telemóvel, sim, porque é mais fácil, hoje em dia um telemóvel faz tudo e nós já nem precisamos de gastar dinheiro nem tempo a ligar computadores e coisas assim. Eu acho que o telemóvel já é tão avançado que já não precisamos de mais nada. Aliás, eu tenho amigas minhas que me dizem que já nem têm computador em casa porque não precisam, vêm filmes no telemóvel e tudo o que precisa tá no telemóvel”

12. Existe a cultura da tecnologia da comunicação digital em sua casa, com sua mãe e sua avó?

“Até a minha avó tem *Instagram*. A minha avó é uma pessoa bastante ligada as redes sociais, não é aquela avó old fashion, que aí, só lê livros e não. A minha avó é *Facebook*, *Instagram*, tudo o que der pra ela tá tudo bem. A minha mãe também têm *Facebook*, mas não usa relativamente muito. A minha avó também não. Claro que eu noto grande diferença delas pra mim, por exemplo, eu, meu deus, tenho que ir todos os dias ao *Instagram*, porque senão é uma tragédia, elas não, elas já é, ok, vou hoje, mas amanhã já não vou e tá tudo bem, tudo na paz e noto que elas não têm tanta dependência como os jovens de hoje em dia”.

13. Mas as tecnologias da comunicação digital são motivos de conversa em sua casa?

“Sim, às vezes a minha avó diz meteste aquela foto, então onde é que tiraste aquilo? Ai, tirei ali na estrada e ela: ah tá giro e não sei o quê. Coisas assim normais que acabam por ser motivo de conversa sim”.

14. Qual sua visão/ consideração sobre os que não utilizam telemóvel ou Internet?

“A minha consideração é força nisso, porque eu não era capaz de viver sem telemóvel hoje em dia. Não, eu acho que essas pessoas fazem muito bem e eu se calhar, não agora mais daqui uns tempos se eu conseguir também gostava, porque eu acho que nós precisamos nos afastar um bocado dessa coisa da internet e das redes sociais, por isso, acaba por mostrar uma pessoa que não somos e as pessoas cingem-se aquilo que vêm e nós podemos parecer felizes ou tristes ou ... mas não há nada como eu ta a falar com um amigo meu e dizer, olha eu sinto-me assim. Não é por eu ter 30 likes ou 14 ou 20 ou 60 ou seja o que for que vou ser mais feliz, eu sei isso. Mas eu acho que a sociedade hoje em dia vive muito à volta dos likes e muito à volta do vamos partilhar e muito à volta do vou te adicionar. E se calhar eu acho que falam pouco daquilo que deve ser falado. É minha opinião.

A.3 Bernardo Salgado Marques - 16 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Nasci e fui criado cá em Aveiro em Oliveirinha”.

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Ahmm, então, risos. Eu moro quase com a minha família toda materna, moro com os meus avós, com os meus tios com os meus primos, com os meus pais e com meu irmão algumas vezes porque ele namora e já têm a sua própria casa”

Conheces os outros avós?*

“Sim, mas já morreram”

E tens amizade com estes avós com quem vives?*

“Sim, muita, porque são os meus avós, sempre que os meus pais iam trabalhar eu ficava com eles e como nossa casa é um bocado grande tem um quintal grande, agente brincava, brincavam os avós, brincavam os primos, brincávamos alí todos com os meus avós”.

3. Me fala sobre seus amigos e suas relações de amizade.

“Ok risos. Então, uma das pessoas com quem eu desenvolvo um bocado mais de amizade é com a Carolina e com a Ângela, porque, criamos este grupo de amigos depois que começamos o voluntariado lá na escola, de resto é com uma colega minha que também é da minha turma, têm 18 anos, também com outra colega que têm 16. Assim, a minha turma dá-se toda bem, por isso nós temos assim uma amizade assim, muito no geral de amigos, somos assim, entre 16 e 17 anos”.

4. Existem pessoas de outras gerações, especificamente mais velhas, que fazem, ou fizeram, parte da sua vida?

“Assim, pessoas mais adultas só mesmo nos escoteiros, porque eu também ando nos escoteiros e já to lá desde os 8 anos e sempre fui habituado a tratar as pessoas mais velhas um bocado melhor, porque são os meus chefes, são eles que mandavam em nós, por isso sim, com essas pessoas sim, de quarentas anos, por aí”.

5. Numa escala mais geral, qual é a importância das relações intergeracionais em sua opinião? “Assim, eu acho que devia ser uma coisa mais falada e um bocado mais publicitada, porque são coisas fundamentais, tanto como nós nos respeitamos entre amigos também devemos respeitar os mais velhos e devemos saber que somos parte Eles são parte de nós, nós somos parte deles, porque nesse caso foram os meus avós que criaram os meus pais, foram os meus pais que criaram-nos a nós. . . . Eu acho que merecem sempre um certo respeito, eu acho que os mais velhos devem ser sempre mais respeitados e é bom ter essa ligação entre mais velhos e mais novos pra passar conhecimento pra passar lições de vida”.

6. Qual é a sua visão sobre a velhice?

“É assim, é uma coisa normal da vida, porque vamos todos passar por lá né? Esperemos! Ahmm, eu não sei o que dizer sobre isso porque é uma coisa normal, porque não há muito a dizer, é uma coisa normal é uma fase da vida, merecem sempre mais respeito, acho que não tenho mesmo mais que dizer sobre isto”.

7. Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade?

“Ok. A partir do momento em que se criou o telemóvel foi muito mais fácil comunicarmos entre os amigos entre os familiares. Não há tanto aquela parte de, nesse caso, de nós sairmos e os pais estarem preocupados connosco, qualquer coisa podem nos ligar a perguntar onde é que estamos, se estamos bem, o que é que se passa. . . . Acho que a partir do momento em que se criou o telemóvel há mais uma certa liberdade que não acontecia na altura dos nossos avós, também eram outros tempos, mas eram mais protetores e andavam sempre perto da família e agora com o telemóvel há aquela saída a mais sem tanto aquele problema de risco porque temos sempre o telemóvel há quem podemos ligar”.

Com que frequência utiliza-o?*

“Risos, eu utilizo quase sempre, todos os dias. Por acaso é uma coisa é uma das poucas coisas que eu não saio de casa sem, eu trago sempre comigo, mesmo que esteja com pouca bateria. . . . Sinto-me assim mais um bocado protegido porque alguma coisa eu posso ligar a alguém uhmm, aquele símbolo da proteção que não vai acontecer nada”.

Além da função básica de fazer e receber chamadas, o que procuras no telemóvel?*

“Coisas breves, por exemplo como é que está o tempo! Tive a ver hoje de manhã como é que estava o tempo por causa da reunião e algumas coisas que sejam breves de procurar sem ser preciso ligar o computador, algumas Trabalhos breves tipo filosofia, quando utilizamos algumas coisas também em história, então é mais breve tá a utilizar o telemóvel do que tá a ligar o computador, facilita um bocado o processo”.

8. E acedes à internet por outros dispositivos?

“Sim, por computador, em casa”.

9. Tens redes sociais, mencione algumas das quais fazes parte.

“Tenho, então, *Facebook*, *Instagram*, o *Twitter* e acho que mais nenhuma porque São aquelas redes sociais de adolescentes que nós gostamos mais de utilizar, acho que sim. . . .”

Acho que eu sou adolescente também.

“Risos, mas é aquela que . . . como estamos sempre no telemóvel estamos sempre lá, tamos sempre a ver o que é que se passa, com mais frequência”.

10. Faça uma análise breve sobre a diferenciação entre os seus amigos da vida real e os amigos das redes sociais.

“Nem metade dos meus amigos da rede social eu conheço pessoalmente assim . . . Conhecer conheço, mas não é aquela amizade que eu tenho por exemplo com a Angela e com a Carolina ou com a Magda e com a Raquel, assim, uma amizade mais de conhecidos, eu conheço-os de vista, nunca foi aquela coisa de falarmos, sinto assim, meio que é uma idade dispersa, porque são amigos da minha idade ou são amigos da idade da Magda ou até familiares longe fora do país, por isso, assim, uma idade mais dispersa.

11. Quais as possibilidades que as redes sociais te abrem?

“Risos. É assim, as redes sociais servem sempre pra conhecer pessoas, mas acho que num relacionamento é preciso mesmo conhecer essa pessoa primeiro e conhecer fora das redes sociais, porque as pessoas tanto dizem que são uma coisa nas redes sociais e depois são outra na realidade. Por isso eu acho que mesmo num relacionamento é preciso conhecer mesmo a pessoa verdadeiramente só depois se a pessoa for pra longe ou coisa assim é falarmos pelas redes sociais e pronto. Mas eu acho que num relacionamento é preciso conhecer mesmo as pessoas fora das redes sociais”.

12. Como é para os membros familiares a questão das tecnologias da comunicação, é uma realidade para os teus familiares?

“Sim, ahm, mais em minha casa, porque nossa casa tá dividida em 3, mas da minha casa quem utiliza mais internet sou eu o meu irmão, ahm a namorada do meu irmão e a minha mãe. Nos meus avós, como meu avô já tá com aquela ideia de começar novamente a aprender a utilizar o computador, pra sair mais da sua zona de conforto e pra aprender mais. Na casa dos meus tios, os meus tios utilizam sim, tem os telemóveis já com a cesso à internet, a minha prima também e os meus dois primeiros primos não a internet mas sim a tecnologia. De resto acho que mais ninguém, não”.

13. As tecnologias da comunicação são motivos de conversa em sua casa?

“Sim, há uma certa parte que vira conversa, não conversa de falar mais, ai larga o telemóvel, para com isso, tá um bocado atento as notícias . . . mas, em certa parte sim, porque na televisão árias vezes passam tecnologias, passam telemóveis, computadores, câmeras, e temos sempre a tentação de falar olha este e bom, aquele não. Temos sempre aquela tentação de falar sobre as tecnologias e já o ensino tá todo ligado às tecnologias, por isso falamos sobre alguma matéria também estamos a falar sobre a tecnologia”.

14. Qual a importância do contexto tecnológico atual numa escala global?

“Acho que se enquadra muito na publicidade e nas notícias, é, espalhar notícias e coisas importantes, o que é que está acontecer em partes do país e noutras partes. Eu acho que é mais esse valor de publicitar e anunciar tragédias que é o que se está mais a falar nesta altura. Globalmente acho que é isto”.

15. Qual sua visão/ consideração sobre os que não utilizam Internet?

“É assim, risos, já não é muito normal ver pessoas que já não estejam ligadas à internet, já quase todos estão ligados à internet. Mas por exemplo, temos partes do mundo em que isto está fora de questão, isso não existe por exemplo em certos países da África, aqueles países mais pobres e em desenvolvimento isto está fora de questão, porque ou não sabem o que é, ou não há possibilidades nestas partes, devido a estarem em desenvolvimento ou devido ao grau de pobreza de isso não acontecer, mais mesmo tando ligado à tecnologia ou não estando, são pessoas normais não há que ter uma certa consideração são pessoas . . . ou

não tem possibilidades ou até não gostam, porque há pessoas que não gostam de tar ligados à tecnologia, por isso, acho uma coisa normal, não ligo tanto à isso”.

A.4 Carolina Casqueira Carvalhosa - 16 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Eu nasci aqui em Aveiro, mas vivo na Gafanha da Nazaré com os meus pais. É assim, é uma cidade mas é assim, mais pequenina, é ao pé do rio, da ria neste caso, vivo muito perto da Barra e as pessoas conhecem-se todas e é muito bom”

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Ahmm, vivo com meu pai com minha mãe e com minha irmã, tenho uma meia irmã e, mas que vive com a minha avó, ahmm, somos uma família muito muito unida. O meu pai é muito parecido comigo em muitas coisas, acho que saio mais ao meu pai, muito brincalhão, brincamos muito com a minha mãe que é assim mais preocupada. Somos muito equilibrados porque balançamos uns aos outros. Uns são muito preocupados outros mais descontraídos, somos muito unidos”.

Me fala um pouquinho sobre a relação com suas avós.*

“Eu vejo as minhas avós ... a minha cá em Aveiro eu vejo quase todos os dias, porque como estudo cá, passo sempre lá depois das aulas. A minha outra avó que mora na Gafanha, vou tar com ela todos os sábados e é muito estranho porque elas são as duas muito diferentes. A minha avó cá de Aveiro é assim mais doce, gosta mais assim de fazer uns mimosinhos e a minha avó da Gafanha é mais assim austera, é mais: eu gosto muito de vocês, mas vocês não podem fazer tudo o que querem! Ahmm, o meu avô faleceu há pouco tempo da minha avó de cá de Aveiro e a minha avó ta assim, mais, mais sozinha, por isso eu tenho tado mais com ela, mas, gosto muito e eu acho que eu aprendo sempre muito com elas. Não em termos assim de cozinhar porque eu não percebo nada, mas lições de vida e eu acho que é muito bom. Por isso é que somos uma família muito unida”

3. Me fala sobre seus amigos e suas relações de amizade.

“Ahmm, eu considero-me muito sortuda porque eu tenho os amigos cá em Aveiro e tenho os amigos na Gafanha, porque eu estudei na Gafanha até o meu 7º ano. Ahmm, são duas realidades completamente diferentes. Aqui em Aveiro é a Ângela e assim, ahmm, é, com ... eu acho que somos todas muito parecidas, eu e os meus amigos. Temos todos a mesma idade 16, 17, nunca muita mais que isso, compreendemo-nos muito e acho que passamos pelos mesmos problemas. Ajudamos uns aos outros e em termos até na escola e assim, somos muito amigos, mas é sempre complicado, é sempre ... as amizades são uma coisa que dá muito trabalho, manter e contruir ahm, mas o pá, a melhor coisa que se tem no mundo são os amigos e a família. E as da Gafanha são assim, mais ingênuas, mais ... é diferente o ambiente, mas gosto tanto delas, são aquelas amigas que desde que eu me lembro de andar e de falar que tão lá e que eu to com ela todos os fins de semana e às vezes até deixo de ir estudar pra estar com elas e parece que nunca nos afastamos ... ahm, tenho uma amiga que tá a viver em Madrid já há algum tempo, só to com ela no verão, mas sempre que ela vêm cá é muito bom. Considero-me sortuda porque to rodeada de amigos que realmente são meus amigos e to muito feliz”

4. Existem pessoas de outras gerações, especificamente mais velhas, que fazem parte da sua vida?

“Ahmm ... eu ando num movimento que é o movimento cristão que é Juventude Feminina

de Schoenstatt, e eu tenho uma chamada dirigente eu é uma rapariga mais ou menos da tua idade, acho eu, que todos os sábados têm uma reunião connosco e com as minhas amigas a falar-nos da Maria e histórias de Jesus e assim e foi uma pessoa que me influenciou muito, ela têm 26? E influencia muito porque às vezes eu venho preocupada com a semana daulas e chego lá e depois parece que os problemas desaparecem e ela influenciou-me muito em dizer-me que há coisas que eu não tenho que me preocupar e há coisas que não vale a pena nos chatearmos porque, oh pá há problemas tão mais graves e, foi ela”.

5. E nos encontros casuais, menos íntimos, com pessoas de outras gerações no dia-a-dia, sentes facilidade de comunicação, vontade ou motivação para abordar estas pessoas?

“Eu sou muito extrovertida por natureza, assim quando vou ao supermercado ou vou à padaria, gosto sempre de falar porque, acho que é a falar que as pessoas se conhecem e conversam umas com as outras. E por exemplo, se vou ao supermercado com os meus pais gosto sempre de falar com a senhora da caixa, se for, gosto de falar com o senhor da padaria ... às vezes é só aquelas conversas básicas de como é que está hoje e assim, mas sem dúvida que as pessoas à volta molda-nos e acho que, ou sabemos que temos que tratar os outros assim bem, como gostaríamos de ser tratados, é o passar na rua e dizer bom dia, que é cá em Aveiro não se faz muito que é passar por alguém mesmo que não conheces e dizer bom dia, desculpa, quer que lhe abra a porta. É eu, eu tento reter toda gente um bocadinho e acho que essas conversas assim, de sítios onde eu vou, acho que é muito bom”

6. Numa escala mais geral, qual é a importância das relações intergeracionais em sua opinião?

“Ai, eu acho que é fundamental, tanto ... com os pais é assim mais próximos mais com os avós, com um amigo do avô com os senhores do lar no nosso caso. Acho que não nos apercebemos e muita gente parece que têm medo de falar com os mais velhos. Eu acho que é uma coisa maravilhosa, alguém que já passou por tudo isto dizer-nos o que devemos ou não fazer e se calhar encaminhar-nos para seguirmos um caminho que se calhar nunca achávamos que devíamos de seguir. E acho que é uma coisa fundamental nós sentirmos à vontade para falar com pessoas de outras idades, porque que outra maneira poderíamos aprender, quer sejam os professores na escola, o que for. Acho que há sempre algo que podemos dar tanto nós aos mais velhos como os mais velhos a nós. Acho que isso ... ter uma vida sem contato com alguém mais velho, acho que não é possível, porque não vai haver aprendizagem do tipo algum”.

7. Qual é a sua visão sobre a velhice?

“ Eu, eu penso que é um bocado olhada como um bicho um bicho de sete cabeças, mas eu acho que é uma coisa natural a pessoa enquanto espírito, enquanto pessoa personalidade, eu acho que mantêm-se a mesma. Agora o corpo fica mais frágil, eu encaro como uma coisa natural. Não deve ser um estigma, não deve ser assim algo que uma pessoa receie, oh pá, é a lei da vida. E acho que é uma coisa importante nós encararmos como a lei da vida, mas continuarmos a olhar para as pessoas como se fossem nos seus tempo áureos, nos seus 20 anos, acho que se calhar os deve fazer sentir melhor é falar pra eles como se o tempo nunca tivesse passado por eles, porque eu acho que a velhice pra mim é uma coisa física, não é uma coisa que se note na personalidade, pelo menos eu espero”.

8. Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade?

“Eu considero-me um bocadinho assim ... viciada no telemóvel, eu, pronto. Ahmm o telemóvel tá sempre comigo, quer seja redes sociais, *Facebook*, *Instagram*, quer seja falar com as minhas amigas, gosto de estar sempre em contato com alguém, não sei, parece um

bocadinho assim solitário, mas gosto de estar sempre a falar com alguém. E ver coisas nas redes sociais pode ser, pode prejudicar, mas também há coisas tão boas nas redes sociais, há coisas tão boas nos telemóveis e na internet. Claro que às vezes nos torna um bocadinho antissociais, isso é, é óbvio, mas eu acho que é uma ferramenta muito poderosa”.

9. E acedes à internet por outros dispositivos?

“Eu também tenho em casa computador e assim, mas eu há muito tempo que eu já não vou ao computador, só porque é mais fácil o telemóvel tá sempre connosco é uma coisas assim é só pegar e levar, agora o computador é mais quando tenho trabalhos de pesquisa para fazer ou assim, mas quase já não uso”.

10. Mencione as redes sociais das quais fazes parte.

“*Instagram, Snapchat, Twitter, Facebook* e acho que só”.

11. Faça uma análise breve sobre a diferenciação entre os seus amigos da vida real e os amigos das redes sociais.

“Ahm, eu costume dizer que os amigos das redes sociais não são amigos, são assim, conhecidos que concordam com alguma coisa. Eu penso que os amigos são aqueles que nós estamos sem ser nas redes sociais, àqueles que nós falamos quando vimos, ou, porque há muita gente que eu conheço das redes sociais mas que se calhar se eu os vir, não tenho à vontade de ir conversar, portanto, eu nem sequer chamo amigos das redes sociais, chamo alguém que conheci nas redes sociais”.

12. Achas que as redes sociais permitem uma conexão com outras gerações?

“Sim, ahmm, no verão, eu fui às Jornadas Mundiais da Juventude na Polónia e conheci muita gente mais velha e mais nova, e, ainda hoje através das redes sociais to em contato com elas o que é muito bom porque nunca se perde o contato”

13. Como é para os membros familiares a questão das tecnologias da comunicação, como, lidam diante do contexto tecnológico digital?

“Ahmm, os meus avós, ahmm, à minha avó nós demos um telemóvel há pouco tempo e ela ainda hoje não sabe funcionar muito bem, portanto os meus avós nem tanto, mas o meu pai e a minha mãe já estão assim mais ambientados. A minha mãe trabalha numa receção, portanto já sabe mexer com os sistemas do computador e assim . . . o meu pai ahm, ele até é por acaso muito bom no computador, eu nunca diria, ele é muito bom no excel e já sabe ir à internet, nem precisa lhe ensinar, enquanto que a minha mãe às vezes é preciso ir lá dar um jeitinho. Mas eles por acaso até conhecem assim bem o modo internet”.

14. Qual a importância do telemóvel e da internet em sua vida?

“Eu acho que já não conseguia ter uma vida em que já não tivesse esse acesso, porque, pra tudo, se eu tenho uma dúvida sobre alguma coisa eu vou pesquisar, se eu tenho, se eu precisar falar com alguém eu falo com a pessoa pelo telemóvel ou pela internet ou pelas mensagens, se e precisar de, se eu tiver muito gira hoje e quiser por uma foto eu ponho uma foto . . . ai, eu não conseguia viver sem ela. Tanto pra coisas mais sérias, como às vezes, pesquisar mesmo coisas assim, que seja fundamental, como pra coisas levianas, falar com amigos ou assim”.

15. Qual sua visão/ consideração sobre os que não utilizam Internet?

“Eu acho que não tanto de dependerem ou de sentir que não são nada se não tiverem a internet, mas acho que era bom toda a gente ter um mínimo de conhecimento da internet, porque acho que é uma coisa que enriquece as pessoas, o saber aceder o computador, ir a browser, ou se tiverem uma dúvida sobre alguma coisa ir pesquisar à internet . . . eu acho que era bom pelo menos as pessoas todas terem a informação básica, eu acho que é importante ter a informação básica, não se calhar, 24 horas tar com o telemóvel porque isso já prejudica um bocadinho, mas pelo menos o básico eu acho que é muito importante”.

A.5 Maria Clara Gamelo Silva – 85 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Vilar, Aveiro”

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Agora? Ahh durante a minha vida. Eram os meus pais, já morreram e somos cinco irmãos. Já 3 morreram, só estou eu e um 10 anos mais novo do que eu”

A senhora se casou?*

“Não, sou solteira”

Não tem filhos?*

“Não tenho filhos, quando há alguma coisa é os sobrinhos. São muito amigos. É como se fossem filhos”

3. Tens relações de amizade atualmente?

“Com raparigas. É mais ou menos aqui, não ando lá fora a perguntar nada”

Com as pessoas aqui do Patronato?*

“Sim, é daqui do Centro de Dia”

E são pessoas de outras gerações?*

“Não, mais ou menos da minha idade. Sabe que as novas agora, a mocidade não têm nada conosco, não quer nada conosco”

A senhora sente isto?*

“Sinto. Eu também, não ando aí pra fora né? É aqui, é com os meus sobrinhos e mais nada”

Desde quando a senhora vive aqui no Patronato de Vilar?*

“Desde o início. Eu fui a fundadora do Patronato. Eu e o senhor Padre Almeida e a minha tia Luzia. Risos. Portanto desde o início. Vivi sempre com crianças eduquei crianças. Tive crianças, uma criança ... ensinava não é? Isso começou assim, começou num serreiro ... o que isto é e o que isto foi. Comecei no serreiro com uns tijolos e umas tábuas para as crianças se sentarem e as ensinava assim. Ensinei um, por acaso até é o meu sobrinho, mas já nem foi pra primeira classe, foi pra segunda classe já, foi, foi. Lá em baixo tem um solar, que tem uns quadros que até indicam tudo. Um salão com as carteiras, as crianças nas carteiras e eu a ensinar no quadro a apontar, assim tá, e no outro as crianças na catequese. Eu vivi a minha vida toda na igreja, com coisas da igreja, até, era tudo, catequista, é tudo”.

Então a senhora teve uma relação com crianças, com pessoas bem mais novas do que você!*

“Sim, tenho, tenho. Por exemplo, eu era Maria Clara, não é? Tudo tratava. E a noite, os pais vinham buscar as crianças, viam tanta amizade que começaram a me chamar Clarinha e foi desde aí que eu fiquei a ser, até hoje aqui em Vilar já é tudo Clarinha. Mas foi o pai das crianças que começaram a me chamar. Às vezes até digo assim: Clarinha soa que é uma criança e é uma velha”.

Clarinha, você acha importante a relação que você teve com estas crianças, em sua vida?*

“Tenho que Há pais de crianças que me reconhecem, que não me esqueceram, e eu não os conheço. Ficou tão enraizado aquilo que e assim. Tenho aqui bisnetos de crianças que andaram aqui. Crianças que andaram aqui que estão casados ou já são bisavós e tudo. Tem aqui uma que todos os filhos, todos os netos, todos os bisnetos, é isso é! É a vida.

Clarinha e qual é a idade aproximada dos seus sobrinhos? *

“Oi. Um tem 60 anos e outra tem 62”

Têm filhos?*

“Têm. Esse aqui que mora em frente a mim, tem 2 que tão no Brasil”

E a senhora teve contato próximo com os filhos dos teus sobrinhos?*

“Sim”.

Qual é a importância das relações entre as gerações?*

“Como é que eu hei de dizer. Eu com os meus sobrinhos, sobre os filhos do meu sobrinho não é, que estão no Brasil. Quando cá vêm é uma festa. Também não vêm sempre, vêm às vezes, no verão, ou passar o Natal, mesmo assim, é uma festa muito grande”.

4. Você têm telemóvel?

“Tenho”.

E utiliza quando?*

“Olha, infelizmente não vejo. Das vezes que quero telefonar, peço a alguém para me telefonar, porque eu tive um AVC, já tive 4 e este último deu cabo de mim. Choro. Fiquei paralisada por todo o lado direito. É por isso que eu não utilizo, porque não vejo”

Pede ajuda para alguém, não é?*

“É sim, para empregadas. Estou aqui ou no lar (centro de dia ou lar), portanto, tanto aqui como lá elas é que me ajudam”

E ajudam de boa vontade?*

“Sim, boa vontade, são muito minhas amigas”

E quando a senhora fala ao telemóvel, geralmente é com quem, com familiares?*

“Sim, com familiares e com uma rapariga, rapariga não já tem 60 ou 70 anos, não sei bem, esteve comigo 20 anos, depois, na minha casa. Amiga, amiga de verdade, nunca me deixou. Eu até digo, a minha Madalena. E é que digo a minha Madalena esteve aqui, assim, ela de vez em quando a aparece, vêm cá, pronto. Vinte anos não brincadeira não é? Como eu estava na minha casa, sozinha, ai os meus sobrinhos pra virem pra cá de noite e de dia, não era sempre, só iam de vez em quando, tinha o marido, os filhos já estão casados e assim, mais depois deu uma trombose no marido e ela teve de ir pra casa, deixou-me. Por isso que eu vim pro Lar, eu é que qui ir”.

A senhora é que quis vir?*

“Pois, ao menos gozar aquilo que fiz.”

Eu percebo que você têm muitas atividade aqui e nestas atividades vocês têm contatos com pessoas mais novas? Por exemplo, esse grupo de jovens que têm vindo?*

“Sim, temos, eles têm vindo todas as sextas-feiras, para tirar o mestrado. E é uma alegria com eles connosco, é tudo jogo, jogamos as cartas, jogamos o jogo das cadeiras, jogamos o bingo. Tudo e tudo, pronto”

Se divertem?*

“É verdade”

E pra senhora faz bem tê-los por perto?*

“Sim, gosto muito. A gente ajuda os a eles, mas com isso também recebemos, não é?”

E recebem o quê?*

“Na . . . recebemos, quer dizer, amizade, não é receber dinheiro.” Risos.

Recebem carinho!*

“Pois, pois, claro”!

5. Já acedeu à internet alguma vez?

“Sim, a gente também já teve uma atividade, temos os computadores lá em cima e tivemos aqui uma rapariga que esteve a estagiar e depois ensinou. Ainda aprendi umas coisitas, depois esqueceu, pronto. Depois veio outra brasileira, não deu nada, não ensinou nada. Mas tive pena. Andávamos lá à ginástica neste salão onde estão os computadores e eu, apetecia-me ir para os computadores e todas as minhas colegas também, eram poucas eram só 5, mas gostava. Mas ela foi pra Misericórdia trabalhar, entretanto, pra outro lar porque aqui não ganhava nada, era estagiária”.

6. Criou um perfil em alguma rede social, como o *Facebook*?

“Tinha um *Facebook*. Agora tenho até, os meus sobrinhos deram uma Tablet e eu lá também vou, também jogo, também vou ao *Facebook*. Vou me entretendo assim, sabe?”

Então a Clarinha tem um Tablet e gosta dele?*

“Gosto, muito”

7. E usa com que frequência?

“Uso, todos os dias, mas ele aqui há dias dava não dava nada e eu assim: ai que pena. Fui à casa do meu sobrinho, tava lá, ele veio pra me ver aquilo, olha, tiveram a ver e não dava nada. Então, olha põe no lixo que é pra eu não tornar a ver. E no outro dia disseram-me assim: olha, já trabalha. Fiquei toda contente, já me deram”. Risos.

Então a Clarinha consegue enxergar melhor no Tablet?*

“Sim, e jogo, jogo sopa de letras e fazer aquele das, das . . . Frutas, a água, também gosto muito de ver esse”

A Clarinha tira fotografias com o Tablet?*

“Não, isso é que eu ainda não sei, não sei não”.

E gostava de aprender outras funcionalidades do Tablet?*

“Gostava, mas eles também andam a trabalhar”

8. Qual a sua opinião sobre o meio tecnológico? Os telemóveis, as tabletes os computadores?

“Eu acho que isso é bom, tá muito . . . é tão, ahm . . . é, o telemóvel, se quer falar com uma pessoa, pronto, liga-se e já estamos a falar. Bem eu acho que isso tem, tem bom procedimento para o futuro. Conhecimentos não é? Tem evoluído. Uma evolução

9. A Clarinha gostava de fazer parte do *Facebook*?

“Então não gostava? Tinha até muito amigos”

10. A sim? Fale um bocadinho destes amigos!

“Falava quer dizer, tinha muitas vezes também me ligavam, também apareciam. Apareciam no Facebook e falávamos assim: então, tá bom? Falávamos um bocadito de cada coisa, não era muito, porque não sou praí uma gênica muito grande. Risos. Sou pequenita como Clarinha. Sei pouco, gostava de saber mais. Pois é.”

A.6 Filipa Salomé Félix- 15 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Nasci e cresci em Coimbra”

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Então, os meus pais são separados. Eu vivo com a minha mãe e com a minha irmã mais nova”

Tens contato com os seus avós?*

“Sim. Eu cresci mais com a minha avó materna, mas também mantenho contato sempre com os meus avós paternos”.

Vêm-se frequentemente?*

“Sim”.

3. Me fala sobre seus amigos e suas relações de amizade.

“Acho que são boas. Tento ser mais legal com os meus amigos... acho eu... e acho que é isso, tentar ser um para o outro. O meu grupo de amigos, os mais chegados são todos da mesma idade, são pessoas da mesma idade basicamente. Mas, sim, normalmente eu dou me mais com pessoas da minha idade”.

Em algum momento da sua vida teve relação de amizade com alguém mais velho?*

“Sim, eu tenho amigos, que estão por exemplo no 12º ou por exemplo no grupo de voluntariados, eles são todos mais velhos do que eu. Eu acho que, mantendo-se o repeito assim, acho que se consegue ter uma boa relação independentemente da idade, sendo mesmo pessoas mais velhas ou pessoas mais novas, acho que tirando algumas coisas que as pessoas mais novas ou as mais velhas podem não perceber, mas acho que é possível ter uma relação entre pessoas mais velhas e mais novas”.

4. Numa escala mais geral, qual é a importância das relações intergeracionais em sua opinião?

“É importante, porque não, acho que não vale a pena ver grupos separados, acho que é importante tá toda gente ligada, nem que seja, por exemplo, relações avós/netos ou mãe/filho ou pai/filho, mas acho que é importante não estarem totalmente separados. Ok, tudo bem eu podem ter os seus grupos, mas no fim estarem sempre juntos”

5. Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade?

“Eu uso meu telemóvel todos os dias, acho que São raras as exceções em que eu não preciso dele. Mas no meu tempo livre eu posso usá-lo para esta entretida Pras redes sociais ou assim ou posso usar mais pra escola, posso pesquisar ou procurar alguma coisa para um trabalho ou assim”.

6. E acedes à internet por outros dispositivos?

“Também uso através do computador ou da tablete se tiver esta oportunidade”

E tens oportunidade em casa ou na escola?*

“Sim, sim”

7. Mencione as redes sociais das quais fazes parte.

“Eu tenho o *Facebook* e o *Instagram*. Eu não gosto muito de publicar mas, mais pra ver o que os outros publicam”.

8. Faça uma análise breve sobre a diferenciação entre os seus amigos da vida real e os amigos das redes sociais.

“Não se pode dizer bem amizades, por vezes nem se conhece muito bem as pessoas, só se vê de cara ou algo do gênero e é uma relação mais superficial, não existe tanto contato, são raras as exceções.”

Tens pessoas de outras gerações em suas redes sociais?*

“Não, acho que não.”

9. Qual a importância dos avanços das tecnologias da comunicação em uma escala geral?

“É importante para nos mantermos em contato, se bem de eu são mais as pessoas jovens que usam, mas mantermos-mos em contato com as outras pessoas para além do nosso país ou da nossa cidade. Acho que isso é importante”.

10. Qual sua consideração sobre as pessoas menos conectadas às tecnologias da comunicação?

“Acho que não tem nenhum problema, mas podem ou não ficar fora de algum assunto! Estarem dentro de um assunto mais do que nós, porque estão menos tempo dentro da internet, digamos assim, e se apercebem mais das coisas que acontecem à nossa volta. Não digo à nossa volta no mundo, mas à nossa volta”.

11. Como é para os membros familiares a questão das tecnologias da comunicação, como, lidam diante do contexto tecnológico digital?

“Sim, portanto, a minha mãe trabalha com esta área e tanto eu como minha irmã que somos mais novas, usamos internet todos os dias”.

E os seus avós?*

“Não”

Telemóvel?*

“Não”

A.7 Francisco Martins e Silva – 84 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Meu local de residência é aqui em Aveiro, na freguesia de Santa Joana e vivo com a filha que tá aqui emparelhada”.

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Sou eu mais a filha só, agora (...) já fui casado 3 vezes risos. Essa é a primeira filha, nasceu em Angola”.

3. Como são suas relações de amizade? Com quem estabelece relações de amizade?

“Amizade agora é só mais com a filha e com o filho. Assim, tinha muitas amizades, muitos amigos. Agora foi tudo ao ar. Mas tinha muita gente, aqui em Aveiro conhecia muita gente. Agora chapéu. Tive amigos que estão no Porto em Coimbra, em diversos lados, ou eles vinham aqui ou eu ia até lá. Agora não, também não se pode ... porque aqueles convívios que a gente tinha era sempre beber um copinho e comer um petisquinho, agora acabou”.

E os amigos aqui do centro o senhor considera-os seus amigos?*

“ Ahh amigos, são pessoas que a gente convive, agora os amigos é a nossa pensão, não é? Amigos são inimigos risoso.

4. O senhor tem amigos d outra idades, pessoas de outras gerações eu fazem parte da sua vida?

“ Ai contato mais assim de..? E tenho tido contato, é pouco contato, quase já não saio a não ser com a filha ou com o filho! Mas eu encontro, às vezes encontro pessoas que fazem uma grande festa. Acabou-se aquela rotina que a gente tem de ... eu as vezes ia almoçar ao Porto e a Braga e à Coimbra e à Lisboa, porque eu não pago nada de comboio, porque eu era do caminho de ferro. Ia com uns amigos íamos pra todo lado, íamos pra qualquer lado, pra Braga, às vezes íamos pra Braga no Alpha, chegávamos lá, comíamos uma patanisczinha e um coisinho de vinho verde. Volta outra vez pro Alpha. Era assim. E almoçava por muitos lados. Agora, só com a filha e com o filho”.

O senhor tem netos?*

“Tenho dois netos”

Qual a idade? Tens proximidade a eles?*

“24 e 25 (...) Tenho, volta e meia a filha vai lá, mais é eles tão ali pra Póvoa de Varzim, lá pro Lado de Lisboa, Póvoa de Santeiria, tão ali praquelas zonas. O meu filho mais novo é da idade quase dos sobrinhos risos. Este filho é da terceira mulher que era mais nova que eu 20 anos. É verdade e é assim a vida”.

Costuma encontrar os amigos dos netos?*

“Não, não, tão longe”

5. Você têm telemóvel? E para que o utiliza?

“Tenho, há muitos anos. Utilizo pra falar com a família e com os amigos. Tenho amigos que já não os vejo há muito, mas tenho o número de telefone e falo com eles”.

6. Qual a importância do telemóvel na sua vida?

“Ohh é isso é pra divertir, com o telemóvel eu tiro fotografias, gravo é muita coisa. Faço muita coisa com o telemóvel. Pode ser uma chamada de urgência alguma coisa e com o telemóvel é muito mais fácil, chamr um táxi ou qualquer coisa. E acabei com o telefone fixo, e é assim olha? Risos”.

7. O que mais gosta de fazer com o telemóvel?

“Gosto assim de tirar as fotografias e filmar. Eu filmo também, tenho aqui gravações. Tenho aqui um, foi daqui ahm, agora quando foi o . . . casamos, os casamentos. Foi uma festa que fizeram aí. Então filmei assim umas coisinhas”.

8. Como é que o senhor aprendeu a fazer fotografias e vídeos?

“Ahh isso é, aprendi, quer dizer, aos poucos, o filho também ensinou assim umas coisitas, mas quase tudo fui eu que gastava tempo a fazer essas coisas. Eu já tive os 4 canais aqui, de televisão”.

9. Senhor Francisco, o senhor já entrou na internet?

“Na internet Tenho tirado, quer dizer, tenho visto coisas pela internet pelo gps essas coisas todas”.

10. O senhor entra na internet pelo telemóvel?

“Tem internet, tem GPS, tudo”.

11. E costuma entrar com frequência?

“Não é assim uma coisa, é de leve. Porque isso também tem muita coisa que eu não sei fazer, quer dizer, não sei mexer! O filho é que ou a filha é que quando há aí qualquer coisa é que vai e endireita a coisa. Mas faço muita coisa. Jogos também. Jogava muito nesse telemóvel. Há muita coisa que tinha aqui que o meu filho tirou”.

12. Gostava de aprender outras coisas na internet?

“Eu gostava de aprender mais coisas, mas também faz mal tá a volta do aparelho, o telemóvel também dá conta dos olhos e eu to a espera de ser operado aos olhos”.

13. Já utilizou computador?

“Já, já, computador já utilizei na estação. Eu é que estreie os computadores aqui na estação dos comboios. É verdade. Há uns anos. Ainda íamos trabalhar 12 horas por dia nos computadores (...) e era à preto e branco, ainda pior. É verdade”.

14. E faz tempo que não usa computador?

“Até tem computador lá em casa mas eu não, não uso. Só o filho ou a filha é que usam o computador eu já nem quero mexer naquilo”.

15. Qual sua opinião sobre as alterações tecnológicas?

“Acho isso tudo muito diferente, acho isso tudo muito diferente dos meus tempos, pronto. Quer dizer, acho isso mais evoluído, mais . . . a medicina tá agora mais evoluída do que antigamente não é? Morria muita gente com doenças, doenças que não eram assim muito graves, agora já, há umas que são fáceis de curar. E sobre a vida cá fora é tudo diferente de

antigamente, mesmo essa coisa dos namoros agora, e os passeios, e as raparigas terem mais liberdade de sair de casa. É muito diferente”.

O senhor gosta da mudança?*

“Eu acompanho a coisa com natural, naturalmente. O meu pai morreu com 100 anos(...)”

A.8 Maria Madalena Maia Duarte - 85 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Nasci e cresci em Vilar”

2. Como é constituído o núcleo familiar?

“Meu núcleo familiar ... eu era ... eu estava casada meu marido faleceu, tivemos 3 filhas, as filhas estão todas casadas e tenho 7 netos. E é uma vida familiar muito boa quando nos juntamos, juntamos várias vezes todos, agora eu costumo ... as minhas filhas me chamam pra comer na casa delas, hora uma hora outra, às vezes as duas ao mesmo dia, mas, antigamente no tempo do meu marido iam todos os domingos comer à minha casa. Era uma festa de família. Sempre, muitos anos que nós fizemos isso, até o meu marido falecer. Depois que ele faleceu é que comecei a ir à casa deles”.

3. Vives sozinho? Com quem vives atualmente?

“Agora eu vivo sozinha. Há 17 anos”

4. Tens relações de amizade com pessoas que não sejam seus familiares?

5. Os amigos são de diferentes idades? Fale sobre a variação de idades dos amigos.

“Sim, tenho muita relação com pessoas idosas acamadas, que estão em casa e não podem andar. Eu gosto muito de visitar doentes. É uma coisa que tenho cá dentro, gosto. E tenho relação com pessoas novas, porque passaram por mim ... eu estive no Patronato com crianças desde os 3 meses aos 2 anos. De maneira que, tive lá 2º e tal anos. De maneira que eu me familiarizei, eu vivi a minha vida com crianças. Depois elas começaram a ser adolescentes e depois eu trabalhei muito com adolescentes, nas catequese e vivi muito a adolescência das pessoas, muito. Gostei imenso da minha vida”.

Já faz parte da sua vida esse contato com outras gerações?*

“Exatamente faz parte da minha vida”.

6. Qual a importância destas relações em sua vida?

“Ohh é muito importante. Estas relações são magníficas, são relações que eu não posso esquecer e sinto me muito feliz com estas relações que eu tenho. Mesmo com pessoas que às vezes, pronto, custa-nos a aceitar certas coisas, mas eu procuro abafá-las, custa um bocadinho às vezes, é difícil e depois sou sempre amiga de toda gente. Percebe?”

É uma característica da senhora?*

“É, é! E dou graças à Deus por ele ter me dado isso, essa maneira de ser que já cresceu comigo”.

7. Quais os sítios onde acontecem os encontros? (auto carros, padarias, associações, instituições). “No Patronato e nas casas deles”.

E com as pessoas mais novas?*

“E com pessoas mais novas, são, pronto, netos, netas, e amigos de netas, que vêm com... com eles e... também aqui no Patronato as educadoras as pessoas que trabalham aqui, também temos muitas relações com elas eu brinco muito com elas, percebe? Assim, as pessoas novas que eu gosto e tenho boas relações com elas, tenho, tenho. Eu às vezes chego à casa

daqui e começo assim, ai meu Deus eu não gosto, não quero estar em casa mas aonde é que hei de ir? Quem é que eu hei de ir visitar? ... pra sair, pra ir! Risos.” Eu não gosto muito de estar em casa depois que meu velho ... Pronto! E então comecei com esta atividade assim, andar e fazer. Eu também já ia muito, meu marido não se ... olha, eu já com as minhas filhas pequeninas eu falava pro meu o Arménio, fica com as meninas e ele, vai, vai, que eu fico. Eu já ia, ele não me prendia de ir a nenhures. Não me prendia. E há muita recordações, eu isso tenho, às vezes vêm na ideia coisas de antigamente que são tão boas de recordar. Tenho, tenho. Não tenho assim coisas más. Durante a minha vida passada que me faça sofrer, só as mortes não é? Meu marido, minha mãe, meu pai, coisas que ficam né? De resto as coisas são todas muito boas graças à Deus.”

Dona Madalena disse-me que tem netos não é?*

“Tenho 7 netos”.

Me fala um bocadinho da importância dos netos na sua vida e de como eles transformam a sua vida, qual a transformação mais real que a senhora consegue perceber?* “Pois, os meus netos, eu tenho a certeza, certeza quase que eles gostam muito de mim, mas eu também faço tudo pra eles gostarem de mim, faço de tudo! Só que há coisas que hoje, pronto ... ahmm, a religião! Eu às mães não as eduquei como agora elas estão a proceder, porque eles começaram a deixar um bocadinho a igreja e eu fui criada na igreja e estou ainda na igreja e tenho muita pena de eles não seguirem ... Ahh, mas eu não me zango com eles. Falo a brincar com eles sobre estas coisas, a brincar, quando tenho oportunidade. Aceito com as coisas deles, aceito, às vezes nem podia ser assim, mas olha fazem assim... mas não errar ... amhh, às vezes eu ouço pessoas dizendo coisas ... ahmmmm, isso não, por isso é que temos uma boa relação”

A relação com os seus netos, facilitaram o seu contato com outras pessoas de outras gerações?*

“Pronto! Eu tenho facilidade de me adaptar à todas as idades. Porque uns te uma idade outros tem uma maneira de ser e a gente tem que os ouvir e estar e de vez em quando dizer uma palavrinha só, pra que eles não ... percebe? É preciso muita técnica pra essas coisas, sabe? Isso é, claro que com a experiência nós vamos ver, percebe? Nós, não é de repente que vamos fazer uma visita à uma pessoa acamada que já está muito tempo acamada, não tm ninguém, não vamos começar a desatar os conselhos, vamos ouvi-los, que é o importante, percebe? Ouvi-los, eu às vezes ouço, ouço, ouço, no fim já nem sei o que eles disseram, mas, eles ficam felizes, porque não tem ninguém eu os escute, às vezes uns a ralar, e eeeihh, percebe? E tem alguns idosos coitadinhos que alguns passaram tantos martírios para criar os filhos e hoje os filhos ...”

A senhora acha que a juventude de hoje em dia, ela tem essa consciência de quão importante é ouvir?*

Eu nunca sai de noite mas os meus irmãos saíam e o meu pai dizia a tantas horas tens que estar em casa e eles estavam, percebe? Hoje não há isso. Eles vão pra onde querem e depois vão para os copos e vão não sei o que, são já, eu digo que é de casa, já vai do familiar, da famí ... dos pais de saber encaminhar para divertimentos mas são, não é”?

8. Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade?

“ Sim. Olha só pra falar com as pessoas amigas e receber mensagens ... receber mensagens nem por isso, mas receber eehhh, também coisas de pessoas amigas e também muitas pessoas que me telefonam pra eu ir lá, olha no sábado foram 3 vezes que uma senhora que está acamda me telefonou pra eu lá ir. Mas chovia tanto tanto tanto que eu não consegui lá ir. Falamos um bocadinho, ouvi-a a falar e te te te te te te. E as vezes coisitas que tenho que resolver para

pessoas que faço parte de certas organizações, para combinarmos coisas, é mais ou menos pra isso, não é porque eu preciso... Preciso! As minhas filhas saem e telefonam-me, os netos telefonam-me, tenho dois em Vila Real também vão sempre me telefonando. É assim, é pra isso”.

Consideras importante o telemóvel?*

“Sim, sim, ai importantíssimo”.

A senhora têm internet no seu telemóvel?*

“Não, tenho muita pena mas já não consigo, minha cabeça já não dá. Mas tenho amigos no *Facebook*! Eu vou ao meu neto e ele vai me escrevendo”.

Como a senhora acessa ao *Facebook*?*

“É ele! É o meu neto, olha vai ao *Facebook* ver o que é que e tenho. Olha tenho aqui amigas e pedidos mas eu não quero tantos que eu já tenho muitas amigas. Tens isso e tens aquilo então olha escreve isto, isto e aquilo, percebe?”

Ele é que gere então. Mas foi eles que criou a página no *Facebook*?*

“Olha eu eu acho que foram aqui no Patronato que criaram ... foi aqui, que me criaram o *Facebook*. Andaram por aqui umas meninas a ensinar-nos e nessa altura eu entusiasmei-me toda. Elas foram se embora e eu fiquei sem ... pronto! Também quando quero não estou lá eu com aquilo que já não percebo nada que já não sei nem acender nem ligar nem apaga-lo e ...”

Tens vontade de aprender um bocadinho mais?*

“Eu gostava mas a minha cabeça se calhar já nem dá, percebe? Que eu já estou muito esquecida, to muito esquecida...”

Mas tudo é uma questão de prática não é Madalena?*

“Sim, é também acho que sim”.

Quem são os teus amigos no *Facebook*? *

“São pessoas que eu conheço, tem pessoas que estão ... os meus netos no Brasil que só comunicamos assim. Mas os meus netos nos comunicamos muitas vezes porque a mãe liga e nós falamos. E pronto, e tenho amigas que estão longe no Canadá, na América, em França. Tenho assim amigas e a gente de vez em quando fala. No Natal eu mando sempre mensagem pras minhas amigas e assim, estas coisas.”

9. Qual a importância da Internet pra você?

“Sim, considero muito importante. Eu gosto muito, gosto. Eu no outro dia fizemos aí uma festa de Carnaval aqui no Patronato, com todas. Não faz ideia as pessoas que me vieram, por *Facebook*, a dizer, esta e olha aquela, uma data de pessoas que conheceram-me e vinham-me dizer que estava bem. Risos. Eu fui vestida de padre não é, realçava naquilo e depois olha... foi uma brincadeira que fizemos. Gosto muito de brincar, sempre gostei, a minha vida foi a brincar com as crianças”.

10. Qual sua visão/ consideração sobre os que utilizam demasiadamente a Internet?

“Olha eu digo-lhe uma coisa, eu fui pedir para a Cáritas, fez no sábado oito dias, ali perto do Jumbo. Eu fiquei admirada, não havia pessoa nenhuma que não entrasse no Jumbo com o carrinho ao telemóvel. Eram velhos, eram novos, eram crianças. Tudo tudo com o seu telemóvel. Aquilo era impressionante. A gente vai no comboio e só se vê pessoas com a internet ou com o telemóvel, ou o que, não se vê pessoas a falar umas com as outras, é só com aquilo (dispositivos móveis). Não sei se faz bem ou se faz mal. Percebe? Risos.”

A.9 Mariana Reis Venâncio - 17 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Eu nasci em Coimbra, mas vivo desde sempre em Oliveira do Bairro. É uma cidade pacata não há assim muita movimentação. (...) Tenho lá toda minha família, menos da parte do meu pai, que vive na Guarda, de resto tenho a família perto de mim”.

2. Como e constituído o núcleo familiar?

“Eu vivo com os meus pais e a minha irmã mais velha que tem 22 anos e mesmo a minha frente vivem os meus avós por parte da minha mãe, por isso é udo mesmo próximo”.

Tens contatos com estes avós diariamente?*

“Sim, diariamente não, porque eu tenho a escola e apanho todos os dias o comboio, mas sim, todas as semanas estamos juntos”.

3. Me fala sobre seus amigos e suas relações de amizade.

“Os meus amigos são todos da minha idade, 17, 16 por aí. Hamm, amizade, tenho muitas amizades. Perdi algumas quando vim para cá, considero isso que não eram amizades. Mas sempre tive muitos amigos. Pronto amigos suficientes, nunca tive problemas de me relacionar com pessoas, sempre tive contacto com as pessoas, sempre tive amigos, sempre tive pessoas amigas mais próximas, que ainda são hoje as mesmas ... ham, mais de resto tenho assim um núcleo de amigos bom, agradável”.

4. Existem pessoas de outras gerações, especificamente mais velhas, que fazem parte da sua vida?

“Os meus avós, são as pessoas mais velhas que eu tenho relacionamento assim, desde sempre. Eu nem sequer estive na creche até entrar na escola primária, estive sempre na casa dos meus avós, então tenho um grande contacto com eles, com os avós maternos, pronto”.

Amigos mais velhos que não sejam familiares, consegues lembrar de alguém?*

“Não me lembro. Tive sempre contacto com pessoas mais velhas, amigos dos meus avós por exemplo, mas assim que tivesse bastante afetividade nunca”.

Então tiveste contacto com os amigos dos seus avós! Na casa deles?*

“Na casa dos meus avós. Meus avós tiveram muito tempo imigrados em França. Então todos os anos uns amigos dos meus avós vêm visitar. Porque eles são de cá, são da minha zona até, são de Portugal, são de Oliveira do Bairro, então eles vêm sempre todos os anos. E a noite juntamo-nos todos. São amigos antigos da nossa família, já os pais eram!”

E tens momentos agradáveis com eles?*

“Sim, porque eles contam várias histórias de França, eles tão em Tours, não sei se conhece, ahm, e então eles contam várias coisas e também falam da política portuguesa e de lá, comparam, e sim, tem momentos agradáveis. Eles são praticamente da família”.

5. Numa escala mais geral, qual é a importância das relações intergeracionais em sua opinião?

“A importância é o conhecimento, porque nós somos mais novos e ainda não conhecemos, ainda estamos a descoberta do mundo, ainda não temos ... já conhecemos algumas coisas, mas ainda falta nos passar por muitas coisas. Então os mais velhos como já viveram, são muito mais vivenciados é mais fácil ter esse contacto e é mais fácil pra nós ahmmm viver e aprender. Porque com eles aprendemos muito e assim temos uma, temos uma percepção do mundo diferente e que nos ajuda. Já sabemos que tem caminhos que não devemos seguir porque eles nos ensinaram, então é mais fácil ser jovem com a ajuda dos mais velhos”.

6. Me falaste sobre o conhecimento que eles podem transmitir pra vocês. E vocês, o que poderiam transmitir?

“Nós podemos contribuir com as novas tecnologias. Por exemplo, os meus avós não sabem muito bem como funciona o telemóvel, então é bom ensinarmos, porque eles não tiveram isso quando eram jovens e nós temos essa sorte de ter e portanto é mais sentido que nós os ajudamos, os mais velhos”.

7. Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade? “Utilizo o telemóvel para as redes sociais, como agora estão muito na moda. Até diariamente, sempre dou uma olhadela nas redes sociais, mas antes o telemóvel é essencial para os telefonemas porque eu ando de comboio e da estação até a minha casa ainda vai uma longa distância, então a minha mãe ainda tem que me ir buscar. Então utilizo muito pra ela saber que eu vou neste comboio por exemplo e ela vai me buscar e isso. É basicamente o uso do telemóvel”.

8. Mencione as redes sociais das quais fazes parte.

“O *Instagram* agora é o que eu utilizo mais e o *Facebook*, não tenho mais redes sociais. Tive o Snap, mas depois fartei-me então pronto. Tenho só estas duas”.

9. E acedes à internet por outros dispositivos?

“Tenho o computador em casa que utilizo também. Mais para trabalhos, quando tenho trabalhos da escola assim, utilizo o computador em vez do telemóvel”.

Quando queres ir às redes sociais?*

“É mais telemóvel, mais prático”.

10. Seus avós tem telemóveis? “Meu avô tem. A minha avó, nó compramos um mas ela não quis, então é o meu avô que tem e sim, ele muitas vezes pede ajuda, porque ele tem algumas dificuldades, mas sim agora já está muito melhor, já consegue telefonar sozinho e mandar mensagens ainda não, mas os telefonemas básicos ele consegue fazer”.

E quanto aos outros membros da família?*

“Sim, também já há esta relação, mas foi há pouco tempo, porque nós não tínhamos assim telemóveis, eu lembro-me quando era pequenina, o primeiro telemóvel que houve lá em casa foi o da minha irmã, nem sequer foram dos meus pais: mas agora, diariamente todos têm telemóvel e todos conseguem receber e chamar e então a minha mãe às vezes tem algumas dificuldades mas estão ultrapassadas já, já consegue, nós temos uma grande ligação com o telemóvel se precisarmos de alguma coisa uns dos outros ligamos e assim”.

11. Qual a importância do telemóvel e da internet em sua vida?

“São importantes porque temos mais informação, nós conseguimos ter acesso à praticamente tudo. Nas escola é mais fácil pra mim pesquisar na internet do que ir à um livro, por exemplo, ler é sempre mais fácil ir ao Google colocarmos lá o que queremos e aparece, é só escolher a informação, ahm e acho que isso pra mim é uma das maiores importâncias que têm (...) É bom, pelas redes sociais termos uma ligação entre todos, também tem as suas desvantagens mas têm muitas vantagens de estarmos ligados e conseguirmos falar com as pessoas que gostamos mesmo não estando próximos”.

12. Faça uma análise breve sobre a diferenciação entre os seus amigos da vida real e os amigos das redes sociais.

“Não sei! Quando eu criei o meu *Facebook* eu pus com uma idade superior porque acho que nem sequer tinha idade pra ter *Facebook*, então pus uma idade superior, agora já mudei. Mas às vezes sinto as pessoas mais arrogantes, mas, os meus amigos não, mas sinto noutras pessoas conhecidos que ficam mais arrogantes e criticam mais as pessoas nas redes sociais e na realidade se tivesse em contato com essa pessoa frente a frente não seria capaz de dizer isso, nas redes sociais sim porque têm uma tela sobre essa fronteira então, são, são mais maus e fazem coisas piões às pessoas”.

13. Qual sua visão/ consideração sobre os que não utilizam Internet?

“Eu tenho um amigo que ele recusa ter telemóvel. O que é interessante. Eu acho que se ele tivesse um telemóvel. . . . Eu sei que ele não quer estar, ele não quer ter telemóvel pra não ficar viciado e diz que perde muito tempo se tiver o telemóvel, mas acho que se ele tivesse um telemóvel era mais fácil pra comunicar no sentido de nós queremos mandar uma mensagem, queremos dizer alguma coisa e temos que ligar pra mãe dele pra fazer-lhe chegar, então ahm, acho que ter um telemóvel não faz mal, não é viciante, nós é que temos que ter cuidado para não nos agarrarmos a ele a esse objeto e não perdermos tempo de mais nele, mas ter um telemóvel eu acho que não há problema. E eu ter um telemóvel faz com que eu esteja mais comunicada do que ele. . . se calhar perco algum tempo nas redes sociais e ele não perde. Ele tá a ganhar nesse sentido, mas se ele tivesse, só mesmo para nós contactarmos com ele, acho que era bom”.

14. Qual sua visão/ consideração sobre os que são totalmente ligados à Internet?

“Às vezes é de mais porque, não aproveitam o mundo e a nossa natureza, não aproveitam se estão vivendo aquilo, não conseguem aproveitar o momento, porque, por exemplo, num almoço tiram fotografias ao almoço risos, acho que não vale à pena. Ahmm fazem, vivem muito às redes sociais e assim não aproveitam o que o nosso mundo tem de bom e a acho que isso é mal, prejudica a pessoa, pronto, e a sua relação com as pessoas”.

A.10 Raquel Ruela - 17 anos

1. Cidade de origem e de criação?

“Eu nasci e cresci aqui em Aveiro e gosto muito de Aveiro. É uma cidade que me trás muitas memórias de infância com os meus avós e com os meus pais e é uma cidade muito bonita”.

2. Como e constituído o núcleo familiar?

“Eu vivo com os meus pais e até pouco tempo o meu irmão, agora não porque ele foi trabalhar pra Inglaterra e somos até uma família bastante unidade, acho isso às vezes um bocado estranho por assim dizer, porque é parece que quando olho pra outras famílias não parecem tão próximas quanto a nossa, nós sempre tivemos fizemos questão de quebrar aquelas barreiras de não haver segredos, tipo, não há problemas em ter segredos, podemos partilhar as coisas uns com os outros, podemos ajudar uns aos outros. Até mesmo com as nossas tias. E também sou vizinha dos meus avós, risos”.

Tens uma relação de amizade com os seus avós?*

“Sim”.

3. Me fala sobre seus amigos e suas relações de amizade.

“Então, o meu núcleo de amigos costumam ser próximos à minha idade, 14, 18 anos e ... acho que também temos uma relação um bocado estranha porque às vezes fazemos coisas que dizem que são um bocado infantis mas acho que não são infantis, são . . . fazer aquela coisa no momento em que nos apetece, claro que com limites né? Sempre ter cuidado, há coisas que não se devem ultrapassar, mas somos também bastante unidos. Sou muito aquele tipo de pessoa que gosta de dar em termos afetivos, então to sempre querendo saber se tá toda gente bem e se há alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar a pessoa. Costumo dizer muitas vezes, podes não querer dizer o que passa mas estou aqui pra ouvir se quiseres e é isso”.

4. Existem pessoas de outras gerações, especificamente mais velhas, que fazem parte da sua vida?

“Não tenho assim propriamente relações com outras pessoas. Até há pouco tempo, quando começamos com o voluntariado no lar nunca tive relações com pessoas mais velhas fora da minha família. Tinha, tipo, amigos dos meus avós ou dos meus pais que são um bocado mais velhos, mas também nunca foi aquela relação muito próxima”.

5. E nos encontros casuais, menos íntimos, com pessoas de outras gerações no dia-a-dia, sentes facilidade de comunicação, vontade ou motivação para abordar estas pessoas?

“Não costumo ter muito tipo de abertura porque normalmente são estranhos e aquela coisa de não falar com estranhos, mas se a pessoa não me abordar eu também não faço propriamente questão de abordar as pessoas. Mas se abordarem eu tento sempre ser simpática e receber a pessoa de braços abertos por assim dizer, tentar ajudar se houver alguma coisa que eu possa ajudar, mas, lá está, nunca foi aquela relação propriamente muito próxima”.

6. Numa escala mais geral, qual é a importância das relações intergeracionais em sua opinião?

“Acho que são muito importantes, há sempre coisa que se transmitem entre as gerações que são muito importantes, tipo, histórias. Acho que há histórias que são tão ricas, às vezes não tem valor material ou assim, mas têm valor sentimental. A pessoa quando nos conta uma história normalmente é porque é algo que é importante pra elas e nós temos que tentar receber e perceber esse sentimento”.

7. Me falaste sobre o conhecimento que eles podem transmitir pra vocês. E vocês, o que poderiam transmitir?

“Acho que também contar histórias do nosso dia-a-dia, faz-lhes sentir mais próximos de nós e porque eles ficam sempre interessados em saber como é agora e no tempo deles eles sempre dizem, ai no meu tempo era diferente e eu acho que eles estão sempre interessados, ai mas e com os teus amigos como é que é, e como é que vocês fazem, o que vocês dizem. Tem sempre aquela coisa de dizer ai não faças isso, porque no meu tempo não se faz disso ou não se deve fazer. Mas eu, eu gosto sempre contar assim também, partilhar a minha vida um bocado”.

8. Qual sua visão sobre a velhice?

“Honestamente acho que é uma coisa que me assusta um bocado, porque eu tenho medo de chegar à velhice e não ter a oportunidade de viver a minha vida, sério, tipo, apetece-me sair agora, viajar, pra algum lado e ter aquelas condições de doenças e assim que já não permitem tanto fazer isso. Acho que é uma coisa que, talvez por ser nova não quero muito chegar nessa altura mas talvez quando chegar lá vou perceber que há coisas que aprendemos que fazem muita importância, talvez na nossa idade não pareça, porque não chegamos lá ainda, mas que sem dúvida que deve ser um processo interessante”.

9. Utilizas telemóvel? Com que frequência? Com qual finalidade?

“Ai eu uso tanto o meu telemóvel. Às vezes acho que uso de mais. Eu uso pra ver as minhas redes sociais, gosto muito de ver *Instagram*, gostava de me afastar um bocado, porque não acho que é uma coisa tão bom estar sempre agarrado, devemos conviver um bocado mais, sentir o momento, viver o momento, olhar para o pôr do sol, sentir o vento e o calor e às vezes eu acho, eu sinto que to com a cara enterrada no telemóvel alí e não devia. Às vezes ao pé dos meus amigos faço um bocado isso, fazemos todos um bocado isso e devíamos conviver um bocado mais. Eu acho que sem dúvida que vivia sem o meu telemóvel mas se pudesse não me importava de estar sempre com ele risos”.

10. Mencione as redes sociais das quais fazes parte.

“Eu gosto muito do Twitter também, Acho que há as vezes coisas tão engraçadas que as

peças comentam e acho que é uma coisa que também ajuda-nos a, principalmente o Twitter, a juntar e partilhar ideias (...). Tem o *Facebook* mas não uso muito. É uma rede social que já não me interessa tanto”.

11. Faça uma análise breve sobre a diferenciação entre os seus amigos da vida real e os amigos das redes sociais.

“Eu tenho amigos que fiz pela internet e acho que a amizade é completamente diferente dos que fazemos, porque, primeiro porque mesmo que vemos a pessoa por vídeos ou fotografias é sempre diferente quando estamos com a pessoa cara a cara, há um tipo de interação diferente e mesmo que a amizade seja boa e seja forte e olha tá ali vamos nos encontrar e não sei o que, mas é diferente porque a relação começou na internet, parece que há uma certa barreira por assim dizer. Acho que quando estamos com a pessoa é diferente, faz-se comentários de maneira diferente, fala-se de maneira diferente. Eu prefiro fazer relações cara a cara com a pessoa”.

Consegues se lembrar se há algum amigo nas redes sociais que seja mais velho do que você?*

“Mais velho não”.

12. Como é para os membros familiares a questão das tecnologias da comunicação, como, lidam diante do contexto tecnológico digital?

“Os meus pais nunca ligaram muito às redes sociais, minha mãe tem *Facebook* mas ela mal o usa. O meu pai também não acha muita piada a isso, sempre que eu digo o pai mas faz, conheces amigos que já nem lembrava que tinha do tempo da escola e não sei o que, ele diz que não quer, que não lhe interessa que é uma coisa que não gosta. Mas como é que é uma coisa que não gosta se nunca experimentaste. E até mostro as coisas ao meu pai mas ele não se interessa muito por isso. Prefere ver outras coisas na internet mesmo, tipo fazer pesquisa e assim o que propriamente estar nas redes sociais”.

E os seus avós?*

“Os meus avós nunca mexeram em computador”.

E telemóvel?*

“Telemóvel, o meu avô tem. Ele tem muitas dúvidas e uma dúvida frequente, ele pergunta-me sempre como se ler uma mensagem que ele nunca sabe abrir, mas coisas tipo internet não, até porque os meus avós, acho que eles têm, principalmente os avós paternos, acho que têm uma visão muito negativa sobre a internet. Há coisas muito boas e muito más, como é óbvio, mas eles só olham pras coisas negativas, focam-se muito nisso e não procuram saber as coisas boas. Assume logo que se têm coisas más então não vale a pena”.

13. E acedes à internet por outros dispositivos?

“Eu tenho um tablete e agora uso demasiado o tablete e o tablete já é diferente porque também posso ver filmes, então qualquer coisa eu estou sempre a ver um filme ou uma série, ou estou no Twitter ou *Instagram* ou mandar uma mensagem à alguém. E os meus pais estão sempre a dizer: larga isto, já chega, já passaste muito tempo aí, vai estudar. Uma coisa assim, coisas típicas. Quando estou em casa é mais o tablete quando estou fora de casa é o telemóvel”.

14. Qual a importância das tecnologias da comunicação em sua vida?

“Eu acho que isso é uma coisa muito importante, porque há muitos anos atrás era muito mais difícil contactar alguém. Pra falar com alguém era muito mais difícil até mesmo fazer uma viagem. Era muito mais difícil porque era logo uma complicação, tinha que se ir ao telefone de alguém porque nem toda gente tinha. Agora é num instante. O meu irmão está em Inglaterra e eu em 5 segundos, olha como é que estás (...), estamos sempre a falar, parece

que ele está cá quase, porque falamos todos os dias, acho que é uma coisa muito boa nesse sentido, porque aproxima muito as pessoas que já estão mais longe”.

15. Qual sua visão/ consideração sobre os que não utilizam Internet?

“Acho que são pessoas sortudas porque não tem aquele vício. São pessoas talvez que vivam um bocado mais no momento e como não se apegam tanto à isso prestam atenção à outras coisas que nem toda gente presta e acho que nós também ficamos muitas vezes agarrados as redes sociais, porque estamos sempre preocupados com os likes daquela fotografia ou assim e essas pessoas não são preocupadas com isso, não lhes interessa minimamente e eu acho que fazem bem, acho que toda gente devia ser assim um bocado”.

Bibliografia

- Almeida, P., Barbosa, N., and Caixinha, H. (2015). Estrutura, guião e storyboard: Da ideia à narrativa. Technical report, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Amaro, A. C., Oliveira, L., and Veloso, A. I. (2016). “Let’s build our family tree!”: Grandparents and grandchildren using tablets together. *Elsevier*, 5(7):0–5. Retrieved from: <https://doi.org/10.1016/j.procs.2016.09.203> Date accessed: 2016-06-15.
- Baltar, M. (2004). Autoridades eletivas: O lugar do documentário em meio ao universo audiovisual. *Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos*, VI(01):19. Retrieved from: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3086> Date accessed: 2016-12-27.
- Barbosa, A. C. M. M. (2000). O filme dentro do filme. *Revista de Antropologia*, 43(1):275–281. Retrieved from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Date accessed: 2016-12-27.
- Beltrán, A. J. and Gómez, A. R. (2013). La Intergeneracionalidad y multigeneracionalidad en el envejecimiento y la vejez. *Tábula Rasa*, (18):278–294. Retrieved from: <http://www.revistatabularasa.org/numero-18/14beltran.pdf> Date accessed: 2016-11-04.
- Bjursell, C. (2015). Organizing for intergenerational learning and knowledge sharing. *Journal of Intergenerational Relationships*, 13(4):285–301. Retrieved from: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15350770.2015.1108952> Date accessed: 2016-12-27.
- Borges, C. d. C. and Magalhães, A. S. (2011). Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, 16:171–177.
- Bourdon, J. (1997). *Introdução aos media*. Campo das Letras, Porto, 1st edition.
- Britto, A. and Motta, D. (2010). A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2):225–250. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200005> Date accessed: 2016-11-22.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. Oxford University Press Inc, New York, NY, 4th edition.
- Cadé, C. (2014). *Documentário colaborativo: modos de produção no ciberespaço*. PhD thesis, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB. Retrieved from: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4483> Date accessed: 2016-11-14.

- Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus (2017). Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus. Retrieved from: <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/time-lapse> Date accessed: 2017-27-06.
- Carr, N. (2012). *Os superficiais: O que a internet está a fazer aos nossos cérebros*. Gradiva, Lisboa, 1st edition.
- Carreiro, R. (2006). Cine Reporter: Quando Paris Alucina. Retrieved from: <http://www.cinereporter.com.br/criticas/quando-paris-alucina/> Date accessed: 2017-05-27.
- Castells, M., Majer, R., and Gerhardt, K. (2000). A sociedade em rede. In Campo das Letras, editor, *A sociedade em rede em Portugal*, page 342. Campo das Letras, Porto, 1st edition.
- Collabdocs (2011). Four categories of collaborative documentary. Retrieved from: <https://collabdocs.wordpress.com/2011/11/30/four-categories-of-collaborative-documentary/> Date accessed: 2017-01-11.
- da Silva, L. A. and Lira, B. (2011). Documentário e ficção: Uma análise sobre as divergências desses dois gêneros. *Revista Temática*, VII(04):13. Retrieved from: http://www.insite.pro.br/2011/abril/documentario_ficcao_lira.pdf Date accessed: 2016-12-27.
- da Silva, L. O. (1999). Globalização das redes de comunicação: Uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. In Centro Atlântico, editor, *O Futuro da Internet*, chapter 1 - Socied, pages 53–63. Centro Atlântico, Lisboa.
- da Silva, P. R. (2010). Política e ética no documentário brasileiro contemporâneo: o poder da palavra e a encenação do real - Moscou, de Eduardo Coutinho Patricia. In SOCINE, editor, *XI Estudos de Cinema e Audiovisual*, page 557. Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, São Paulo, 1st edition.
- Delello, J. A. and McWhorter, R. R. (2015). Reducing the digital divide: Connecting older adults to iPad technology. *Journal of Applied Gerontology*, (June):1–26.
- Dias, I. (2012). O uso das tecnologias digitais entre os seniores: Motivações e interesses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 68:51–77.
- Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*, pages 181–191. Retrieved from: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2045/0> Date accessed: 2016-11-04.
- Fernandes, A. A. (1997). *Velhice na sociedade. Demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Lda., Celta Editora, Oeiras, 1st edition.
- Ferreira, G. B. (2004). Novos Media, experiência e identidade. In *Estudos de Comunicação: Teorias da comunicação*, pages 211–251. Retrieved from: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34794479/20110826-santos_correia_teorias_comunicacao_1_2.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1498810421&Signature=qSrtqHkK4E7TjW2oWDvpaR1iLDE%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DElementos_para_uma_teorias_da_comunicacao.pdf Date accessed: 2016-11-04.

- França, L., Silva, A., and Barreto, M. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, pages 519–531. Retrieved from: https://www.researchgate.net/profile/Lucia_Franca3/publication/277776583_Intergenerational_programs_how_important_are_they_to_brazilian_society/links/5573b93a08aeacff1ffca4be.pdf Date accessed: 2017-05-30.
- Franco, C. F. M. (2010). *Temporalidades audiovisuais*. Livronovo, São Paulo.
- Frochtengarten, F. (2009). A entrevista como método: Uma conversa com Eduardo Coutinho. *Psicologia USP*, 20(1):125–138.
- Goldani, A. (2004). Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*, chapter 7, pages 211–250. Rio de Janeiro.
- Gustavo, C., Mendonça, S., and Paisana, M. (2015). *Anuário da Comunicação 2014-2015*. OberCom - Investigação e Saber em Comunicação, Lisboa. Retrieved from: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Anuario-da-Comunicacao-2014-2015.pdf> Date accessed: 2017-01-16.
- INE (2011). *Censos 2011 – Resultados Provisórios*. Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa.
- INE (2016a). População residente em risco de pobreza ou exclusão social, por sexo e grupo etário. Retrieved from: https://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&ind0corrCod=0006271&contexto=bd&selTab=tab2 Date accessed: 2016-01-01.
- INE (2016b). População residente, por sexo e grupo etário - Pirâmide etária. Retrieved from: https://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_p_etarias&menuBOUI=13707095&contexto=pe&selTab=tab4 https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE{&}xpgid=ine_indicadores&ind0corrCod=0001276&contexto=bd&selTab=tab2 Date accessed: 2016-11-28.
- INE (2016c). Sociedade da informação e do conhecimento. Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias. Retrieved from: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=250254698&DESTAQUESmodo=2 Date accessed: 2016-11-23.
- INE (2017). As Pessoas 2015. Technical report, Instituto Nacional de Estatística, I.P., Lisboa. Retrieved from: file:///C:/Users/Gabi/Downloads/AsPessoas_2015a.pdf Date accessed: 2017-01-26.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., and Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Instituto Piaget, Lisboa.
- Lima, C. (2007). *Programas intergeracionais: Um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Master's thesis, UNICAMP, Campinas - SP. Retrieved from: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252108> Date accessed: 2017-05-30.

- Lobo, J. (2013). *Do argumento à cena: Cinema em processo colaborativo no ciberespaço*. Master's thesis, Universidade de Aveiro, Aveiro. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10773/12363%0A> Date accessed: 2016-11-18.
- Lopes, C. B. (2015). *Como se apropriam diferentes gerações de portugueses dos meios de comunicação*. Master's thesis, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Lou, V. W. Q. and Dai, A. A. N. (2017). A review of nonfamilial intergenerational programs on changing age stereotypes and well-being in East Asia. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(2):143–158. Retrieved from: <http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=wjir20https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15350770.2017.1294427> Date accessed: 2017-06-06.
- Martins, J. M. (2016). *Estatística e Análise de Dados para as Ciências Sociais*. Technical report, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- McLuhan, M. (2011). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Editora Pensamento Cultrix, 20th edition. Retrieved from: <https://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=wFvBeU1jVwIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=mcluhan+marshall&ots=K1yOMWhen2&sig=2o5qvsX2d1FG3DLJ74-QS9Ao04o> Date accessed: 2017-01-19.
- Melro, A. and Oliveira, L. (2016). Os novos media como mediadores e potenciadores de relações intergeracionais. In *SOPCOM: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, pages 1190–1196.
- Neves, B. B. and Amaro, F. (2015). A utilização da internet pelas pessoas idosas: Uma perspectiva crítica. In Universidade de Passo Fundo, editor, *Tecnologias de informação no processo de envelhecimento humano*, page 21. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- Neves, B. B., Franz, R. L., Munteanu, C., Baecker, R., and Ngo, M. (2015). “My hand doesn't listen to me!": Adoption and evaluation of a communication technology for the ‘oldest old’. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1145/2702123.2702430> Date accessed: 2017-01-25.
- Nichols, B. (2010). *Introduction to Documentary*. Indiana University Press, Bloomington & Indianapolis, USA, 2nd edition.
- Odin, R. (2012). Filme documentário, leitura documentarizante. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 39(37):10–30. Retrieved from: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71238/0> Date accessed: 2017-01-25.
- Oliveira, C. (2011). *Relações intergeracionais: Um estudo na área de Lisboa*. Master's thesis, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Retrieved from: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3100> Date accessed: 2017-01-25.
- Oliveira, L. (2014a). Do óbvio ao paradoxal - a quebra de barreiras no acesso ao conhecimento por meio das tecnologias digitais. In Ideia, editor, *Mundo Digital: uma sociedade sem fronteiras?*, chapter 3. João Pessoa.

- Oliveira, M. C. P. (2014b). Linguagem audiovisual e antropologia: Paralelos entre o documentário e o texto etnográfico. *Revista Temática*, X(5):162–179. Retrieved from: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica> Date accessed: 2016-12-27.
- Pearson, R. E. and Simpson, P. (2001). *Critical dictionary of film and television theory*. Routledge Taylor & Francis Group, New York, NY, 1st edition.
- Penafria, M. (2005). *O documentarismo do cinema. Uma reflexão sobre o filme documentário*. Phd thesis, Universidade da Beira Interior.
- Pereira, F. R. (2011). *Novos media e relacionamentos inter-geracionais*. Master's thesis, Universidade de Aveiro, Aveiro. Retrieved from: http://www.academia.edu/2980015/Novos_media_e_relacionamentos_intergeracionais Date accessed: 2016-11-06.
- Petrella, S., Pinto, M., and Pereira, S. (2014). O idoso e a educação para os media. Novos desafios entre envelhecimento e exclusão social. In *8º SOPCOM - Comunicação Global, Cultura e Tecnologia*, pages 150–155. Retrieved from: <http://revistas.ua.pt/index.php/sopcom/article/viewFile/3825/3511http://hdl.handle.net/1822/29756> Date accessed: 2017-06-06.
- PORDATA (2016). Indicadores de envelhecimento e índice de dependência. Retrieved from: <http://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela> Date accessed:2016-12-01.
- Puccini, S. (2009). Introdução ao roteiro de documentário. *On-line: Revista Digital de Cinema Documentário*, 6. Retrieved from: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4006946.pdf> Date accessed: 2017-01-21.
- Quivy, R. and Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva, Lisboa, 2nd edition. Retrieved from: <http://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf> Date accessed: 22016-12-29.
- Ramos, F. P. (2010). A encenação documentária. In SOCINE, editor, *XI Estudos de Cinema e Audiovisual*, pages 75–85. Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, São Paulo, 1st edition.
- Rego, A. N. A. L. (2013). *Gerações de ecrã em meio rural: Estudo dos novos media no quotidiano rural português de três gerações*. Doctoral dissertation, Universidade de Aveiro, Aveiro. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10773/11365> Date accessed: 2016-11-19.
- Roberto, M. S., Fidalgo, A., and Buckingham, D. (2014). O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital. *Kairós Gerontologia. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde.*, 17(2):09–25. Retrieved from: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/publicacoes/201502101051-20831_53248_1_sm.pdf Date accessed: 2017-01-23.
- Rodrigues, A. D. (1990). *Estratégias da comunicação*.
- Rodrigues, A. D. (1999a). *As técnicas da comunicação e da informação*. Editorial Presença, Lisboa, 1st edition.

- Rodrigues, A. D. (1999b). Experiência, modernidade e campo dos media. *Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação*. Retrieved from: <http://chile.unisinos.br/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf> Date accessed: 2016-11-22.
- Rodrigues, A. D. (2001). A Natureza Pragmática da Comunicação e a Informação. Retrieved from: https://www.academia.edu/19540474/A_Atividade_Comunicacional_e_a_Informacao Date accessed: 2016-11-30.
- Rodrigues, A. D. (2016a). A natureza intersubjetiva da comunicação. *Intexto*, 37:76–88.
- Rodrigues, R. B. (2016b). *Novas tecnologias da informação e da comunicação*. Number 06. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Recife - PE. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/304540259_Novas_Tecnologias_da_Informacao_e_da_Comunicacao Date accessed: 2016-06-08.
- Rosenthal, A. (2002). *Writing, directing, and producing documentary films and videos*. Southern Illinois University Press, 3rd edition.
- Salles, J. (2004). A dificuldade do documentário. *O imaginário e o poético nas ciências sociais.*, page 14.
- Sekhar, P. C. (2016). Culture of new media. Retrieved from: <https://www.researchgate.net/publication/306073475> Date accessed: 2016-11-04.
- Serrão, C. (2008). A sexualidade na terceira idade: Olhar, mudar e agir. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia. Universidade Sênior Contemporânea*, 1(2):0–85. Retrieved from: <https://www.researchgate.net/publication/299400569> Date accessed: 2016-11-04.
- Soares, S. (2007). *Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção*. Doctoral dissertation, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Retrieved from: http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Roteiro_de_Documentario_SergioJosePuccini_Unicamp.pdf Date accessed:2017-01-21.
- Sontag, S. (1981). *Ensaios sobre fotografia*. Editora Arbor Ltda, 2nd edition.
- Spinelli, E. (2014). Os modos de representação do documentário na Internet. In Editora Unesp, editor, *A linguagem nas mídias na era da convergência*, pages 85–100. Cultura Acadêmica Editora, São Paulo. Retrieved from: http://culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Livro_Linguagem_Midias.pdf#page=87 Date accessed: 2017-01-11.
- Tavares, B. L. (2012). Método documentário e a análise das orientações geracionais da juventude. *Caderno CRH*, 25(66):587–600. Retrieved from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792012000300013&lng=pt&nrm=iso&tlng=en Date accessed: 2016-11-06.
- Vazão, A. (2015). *Produção de um documentário colaborativo com seniores sobre os desafios enfrentados nas tecnologias da informação e comunicação*. Master's thesis, Universidade de Aveiro, Aveiro. Retrieved from: <https://ria.ua.pt/handle/10773/15845> Date accessed: 2016-11-04.

- Villaverde, M. C., Ferreira, P. M., da Silva, P. A., Jerónimo, P., and Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa.
- Watts, J. (2017). Multi or intergenerational learning? Exploring some meanings. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(1):39–51. Retrieved from: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15350770.2017.1260367><http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=wjir20> Date accessed: 2017-02-16.
- Weller, W., Santos, G., da Silveira, R. L. L., Alves, A. F., and Kalsing, V. S. S. (2002). Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*, 17(2):375–396.
- Wolsky, T. (2005). *Video Production Workshop*. CMP Books, CMP Media LLC., San Francisco.
- Xiberras, M. (1993). *As teorias da exclusão. Para uma construção do imaginário do desvio*. Piaget, Instituto, Lisboa.
- Zandonade, V. and Fagundes, M. d. C. d. J. (2003). *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*. PhD thesis, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Assis. Retrieved from: <http://bocc.ufp.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf> Date accessed: 2017-02-16.

Estes anexos só estão disponíveis para consulta através do CD-ROM.
Queira por favor dirigir-se ao balcão de atendimento da Biblioteca.

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia
Universidade de Aveiro